

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Luiz Felipe Zago

Masculinidades disponíveis.com

Sobre como dizer-se homem gay na internet

Porto Alegre
2009

Luiz Felipe Zago

Masculinidades disponíveis.com

Sobre como dizer-se homem gay na internet

Dissertação a ser apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner.

Porto Alegre
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Aldo Boiten Lucion

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

Coordenador: Jorge Alberto Rosa Ribeiro

Zago, Luiz Felipe

Z18m Masculinidades disponíveis.com : sobre como dizer-se homem gay na internet / Luiz Felipe Zago; Fernando Seffner (orient.). – Porto Alegre: UFRGS, 2009.
227 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner.

1. Corpo 2. Gênero 3. Sexualidade 4. Internet 5. Pós-estruturalismo
I. Seffner, Fernando II. Título.

CDU 396:37

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU

Mestrado em Educação

Av. Paulo Gama s/n. Prédio 12201

CEP 90046-900

Bairro Farroupilha – Porto Alegre

Luiz Felipe Zago

Masculinidades disponíveis.com

Sobre como dizer-se homem gay na internet

Porto Alegre 2009

Jane Felipe de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luis Henrique Sacchi dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Veriano Terto Jr.
Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Fernando Seffner (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Agradecer é uma tarefa necessária, mas sempre injusta. Agradecer nominalmente, então, é uma verdadeira armadilha. Por isso, não vou citar nomes; farei apenas alusões gerais. Sintam-se agradecidos aqueles que se reconhecerem nas palavras a seguir.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de estudos no segundo ano do curso de Mestrado – aprendi a estudar e ser pago pra isto. Agradeço aos meus pais pela concessão de bolsa de estudos em todos os anos da minha formação, desde a pré-escola até hoje, e agradeço a compreensão que tiveram nos inúmeros finais de semana que não pude lhes fazer companhia – aprendi a sentir saudade. Agradeço aos colegas do Grupo SOMOS Comunicação, Saúde e Sexualidade pelas conversas e pelas discussões, pelas concordâncias e pelas discordâncias, pelas experiências profissionais e pessoais, pela tolerância frente às minhas implicâncias e pela fé no meu trabalho – aprendi a ter responsabilidade. Agradeço aos colegas de orientação pelas dicas, pelas críticas, pela paciência, pelo companheirismo, pelo coleguismo, pelo carinho – aprendi a ser gentil. Agradeço aos colegas de curso de Mestrado pelos cafés antes e depois das aulas, pelos textos emprestados, pelas cervejas, pelos vinhos, pelas festas, pelas jantadas – aprendi a relaxar. Agradeço aos professores pelas respostas às perguntas inconvenientes, pelas repostas às perguntas óbvias, pelas respostas às perguntas que ainda seriam feitas (e, quando foram, agradeço pelas segundas respostas), agradeço pelas perguntas que me formulam, pelas dúvidas que me sugerem, pelos cafés antes e depois das aulas, pelos textos emprestados, pelas cervejas, pelos vinhos, pelas festas, pelas jantadas – aprendi a aprender. Agradeço às amigas que construímos, às inimigas que desconstruímos, ao conhecimento que produzimos, aos caminhos que percorremos.

Sinto orgulho de tod@s.

Resumo

Esta pesquisa está situada no campo dos Estudos Culturais em Educação, desde uma perspectiva feminista e pós-estruturalista. Tomo como objeto de pesquisa o sítio de relacionamentos para homens gays www.disponivel.com. Através dele os internautas podem criar pequenas narrativas de si e apelidos para serem identificados *online*, bem como elaborar títulos para suas páginas pessoais, definir seus *hobbies*, selecionar fotografias e vídeos e publicá-los na internet. No estudo que faço, existe um conjunto de estranhamentos que me movem a pensar: por que aquelas páginas, por que motivo aqueles perfis – e não outros – são os “favoritos”? Como mapear as descrições de corpo e gênero mais “preferidas” do [disponivel.com](http://www.disponivel.com)? Quais são os traços marcantes dos modos de ser homem gay postos nos perfis favoritos? Como se produzem aí as representações de corpo? Quais são as tensões presentes nas afirmações sobre identidade sexual (gay) e identidade de gênero (masculinidade)? Nos perfis analisados, os internautas aderem a um projeto mostrar-sombrear de partes específicas de seus corpos, o que produz um adensamento de significado em algumas zonas corpóreas. O pênis torna-se o rosto do corpo, subscrevendo o pertencimento ao gênero masculino e criando um modo pornográfico de ver o corpo e de dizer da sua masculinidade e sexualidade.

Palavras-chave:

Corpo, gênero, sexualidade, internet, pós-estruturalismo.

Abstract

This research was made in the field of Cultural Studies in Education, in a feminist and post-structuralism perspective. I take as object for my research the www.disponivel.com, a website for gay men. On this website, its users can create short self-text and nicknames to be identified online, as well as create titles for their personal profiles, define their hobbies, select photographs and videos to be published on the internet. In this study there is a variety of questions I formulate: why do these profiles – and not other ones – are the favorites? How to describe the descriptions of body and gender published on the favorite profiles? What are the most impressive ways of being gay men shown on the favorite profiles? How does appear the representations of body? What are the tensions between sexual identities (gay) and gender identities (masculinities)? I take body as a cultural product of political and historical contexts. I also use a social, historical and political perspective of the gender concept, its ways of constructing among relations of power inside the culture, which institute subject-positions.

Key-words: body, gender, sexuality, internet, post-structuralism

Sumário

1	Produzindo o que estudo	10
1.1	Recortando e apresentando o objeto	11
1.2	Costurando e contextualizando os dados: como proceder?	25
1.3	Só vejo aquilo que posso ver: visibilidade e aspectos éticos em pesquisa	32
2	Por que eu, por que as masculinidades gays e por que a internet?.....	43
2.1	Mais um espaço de sociabilidade	51
3	‘Olá ao corpo’	66
3.1	Representações, identidades e diferenças: como se produz um corpo?	67
3.2	Materializando o sexo e generificando o corpo: uma ‘viagem’	73
3.3	Aquilo que sou é aquilo que tenho: o que pesa no corpo?	89
4	Homens, homens gays	102
4.1	Ativos, passivos, versáteis e o modelo de penetração: algo além do “prefiro não dizer”	106
4.2	Continuidades e discontinuidades nas significações das práticas sexuais entre homens	118
4.3	Da sodomia à homossexualidade: novos modos de interpretação dos corpos e o surgimento do homossexual	134
4.4	Ser macho é preciso: surgem as masculinidades	141
5	Notas pornográficas	165
5.1	Pornografando os perfis: mapeando relevos da pornografia, do erotismo e da obscenidade	166
5.2	Chamar para ver: só é pornográfico se alguém olhar!	180
5.3	O “lugar” da sexualidade: ordenando o caos?	185
5.4	Leia o texto, veja a foto e assista ao vídeo: o preço da visibilidade	192
5.5	‘Verdades disponíveis’: parodiando o gênero	198
5.6	‘Verdades indisponíveis’: muito além do que pode ser visto ou mostrado	201
6	O princípio da ruína: considerações finais	208
	Bibliografia	215
	Anexos	221

Lista de Figuras

(Todas as pastas e figuras da lista abaixo foram gravadas em um CD que veio anexo à versão da dissertação entregue para os professores componentes da banca)

FAVORITOS JUNHO 2008 (Pasta de figuras)
FAVORITOS MAIO DE 2008 (Pasta de figuras)
CAPA DO DISPONIVEL
FAVORITOS
FOTOS CENSURADAS
LISTAGEM DOS FAVORITOS
PESQUISADORPOA
PESQUISADORPOA 2

1 *Produzindo o que eu estudo*

Proponho-me a analisar um instantâneo – uma espécie de fotografia instantânea – dos modos de dizer de si em um ambiente específico. Um instantâneo supõe a apreensão de um momento, a captura de um estado, tal qual uma fotografia. Esse instantâneo, contudo, não se constitui exclusivamente por esse seu momento capturado. Procuro trazer à baila também as condições que o fizeram possível, as possibilidades por ele trazidas e os efeitos que sua existência hoje provoca.

É importante dizer que este é um trabalho de pesquisa que se ocupa em discutir de maneira central as masculinidades gays apresentadas através da internet. Esse recorte faz necessária uma discussão teórico-metodológica em que procuro esclarecer o que entendo por “masculinidade”¹, o que entendo por “ser gay” e como penso a internet. Desde já, ressalto que quando me referir aos corpos, ao gênero e às sexualidades estarei me referindo principalmente aos corpos *masculinos*², ao gênero *masculino* e às sexualidades *masculinas*, mas sempre tendo a clareza de que, na perspectiva teórica na qual me inscrevo, as masculinidades ou as formas de ser homem só podem ser pensadas em relação às feminilidades ou às formas de ser mulher; do mesmo modo, as várias formas de ser homem só podem ser entendidas quando se percebe o jogo entre elas, as negociações que acontecem entre elas. Por isso, para efeitos práticos na leitura e redação do texto e para estar coerente com meu referencial teórico, vou prescindir em alguns momentos da expressão “masculinidade” ao substituí-la por “gênero”, uma vez que a primeira está sob o guarda-chuva teórico conceitual da segunda para o referencial que adoto nesta pesquisa.

A problematização da rede mundial de computadores só se tornou possível depois que a internet surgiu como uma questão social relevante, sobretudo a partir de meados dos anos 1990 com sua popularização nos países ocidentais (LÉVY, 2005a), sendo um artefato cultural caracterizado pela fluidez e provisoriedade de seus usos. Por sua vez, a palavra “gay”, mais toda a luta política que tem sido travada nela e por ela, também tem data para existir. Isso quer dizer que não posso usá-la para qualificar experiências de sexualidade, muito menos para me referir a indivíduos, que tenham existido antes do seu surgimento, sempre lembrando que junto com esta expressão concorrem outras tantas que tentam dar conta da reconstrução de uma certa experiência de sexualidade entre homens. No mesmo sentido, as ideias de masculinidade com as quais hoje nossa cultura opera só foram inventadas em um determinado

¹ Uso aspas duplas em palavras e expressões para manter suas transcrições e seus sentidos literais.

² Uso o recurso *itálico* para palavras e expressões em Português cujos significados eu queira fazer sobressair.

período histórico, ou seja, os homens como os (re)conhecemos e como os produzimos atualmente são distintos de outros homens, de outros momentos, de outras culturas. Ora, os próprios corpos têm uma história de continuidades e de descontinuidades que os engendram da maneira como hoje os experimentamos e como hoje os investimos de sentido. Portanto, ao pesquisar os modos de dizer-se homem gay na internet, entre tantas histórias que concorrem, entre tantos processos de produção, entre tantos fluxos que os compõem, escolhi tirar um instantâneo deles, seu momento congelado.

Isso não significa, de maneira alguma, que escolho tirar um instantâneo para fixar ou fazer subsumir as histórias que compõem meu objeto de pesquisa. Ao contrário, procuro aqui ‘seguir os rastros’ das suas condições para explicar como é possível que os corpos, os homens, as sexualidades e a internet se apresentem desta forma, neste ambiente, neste momento, através e para estes indivíduos que vou apresentar a seguir. Neste instantâneo convergem histórias, e para analisá-lo quero trazer tais histórias não para fazer sua revisão, mas para cercar da melhor maneira o recorte que me propus fazer. O exercício aqui é exatamente este: vou cercando os corpos, as masculinidades, as sexualidades e a internet com as condições que os fizeram possíveis. Então, eu opto por começar apresentando o instantâneo que tirei.

1. 1. Recortando e apresentando o objeto

Tudo começa com um computador ligado à rede mundial, navegador aberto, digitando o endereço de um sítio³ chamado disponível.com⁴: <http://disponivel.com/relacionamento>. Na página que abre em instantes não há nenhum texto que a explique, não há nenhuma menção aos seus objetivos ou à sua proposta. O que faz com que este sítio seja oferecido? A quem é oferecido? Como é oferecido? Quem o oferece? Quem ou o que está *disponível* para quem e para o quê, em que condições? Apenas pela observação das imagens e de algumas palavras publicadas ali já há indicações de possíveis respostas a essas perguntas. Essa é uma primeira pista para podermos compreender o sítio: seu visual carrega sentidos explicativos tanto quanto carregam seus textos escritos. Para este sítio, o visual também é um texto. Eu mesmo fui explorando-o textual e visualmente para entender seus sentidos. É também a partir da minha história como usuário do disponível.com que posso descrevê-lo.

³ A palavra “sítio” será aqui usada como sinônimo de *site*.

⁴ Uso o recurso sublinhado para destacar o endereço do sítio ao longo do texto.

O disponivel.com é um sítio de relacionamentos onde os internautas⁵ podem, mediante pagamento ou gratuitamente, criar pequenas narrativas de si, criar um apelido ou ‘vinheta pessoal’⁶ para serem identificados *online*⁷, bem como elaborar títulos para suas páginas pessoais, definir seus *hobbies*, selecionar fotografias e vídeos e publicá-los na *web*⁸.

Os apelidos são nomes fictícios criados pelos internautas para serem identificados dentro do universo de perfis do disponivel.com. Devido à tecnologia usada pelo sítio, não é possível haver dois apelidos iguais, sendo necessária a utilização de quaisquer caracteres do teclado ABNT para sua diferenciação. Aqui chamo os apelidos *online* dos internautas de vinhetas pessoais: são expressões que combinam palavras escolhidas pelos próprios usuários para serem reconhecidos neste espaço, de modo que seus significados se articulam para produzir uma vinheta – uma mensagem prévia, uma introdução ou breve apresentação – das características e informações que cada sujeito escolhe para ser reconhecido ali. A vinheta pessoal de cada usuário do disponivel.com é, pois, um modo por ele criado para se apresentar e se representar dentro daquele ambiente, de modo a evocar significados culturalmente associados aos corpos, aos gêneros/masculinidades e às sexualidades para fazer sentido neste ambiente.

Qualifico o disponivel.com como um sítio de relacionamentos porque ele se constitui como um espaço onde seus usuários se utilizam de serviços, tecnologias, possibilidades técnicas e estratégias para conhecer uns aos outros; para criar vínculos entre si; para socialização de informações, para publicação de imagens e vídeos através de suas páginas pessoais. Nesse ambiente, a sociabilidade está fortemente associada às informações oferecidas pelos usuários sobre si mesmos e sobre o que procuram ali. É por isso que entendo que o conjunto de informações publicadas nas páginas pessoais criadas pelos usuários do disponivel.com (apelido, títulos das páginas pessoais, as pequenas narrativas de si, os dados de si, as figuras, as fotografias e os vídeos) produz um currículo sobre seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades, constituindo aquilo que chamo de perfil *online* do internauta.

Entendo currículo como uma grade de saberes, uma lista de conhecimentos que se devem ensinar e que se devem conhecer; sobretudo, o currículo é um mapa que diz até onde se pode conhecer. O currículo é o que contém dentro de seus limites aquilo que deve ser ensinado, de modo que responda minimamente à pergunta “o que se ensina?” (SILVA, 1999a;

⁵ A palavra “internauta” é aqui usada para se referir aos indivíduos usuários da internet.

⁶ Uso aspas simples em palavras e expressões para manter seus sentidos em suspenso.

⁷ Uso aqui a expressão “*online*” para me referir aos textos e imagens publicados na internet, de modo que a expressão adquira apenas sentido descritivo.

⁸ A palavra “*web*” será aqui usada como sinônimo de internet ou de rede mundial de computadores.

1999b). Chamo os perfis dos internautas de currículo para qualificar o conjunto de informações ali publicadas por eles sobre corpo, gênero e sexualidade. O que está publicado nos perfis dos usuários são informações prévia e intencionalmente selecionadas que os demais visitantes devem saber e que devem conhecer. Nesta perspectiva, é importante dizer que o conjunto de informações publicadas nos *curriculum* dos usuários do sítio também carrega suas próprias ignorâncias, isso se pensarmos “a ignorância não como uma falha ou falta de conhecimento, mas sim como um resíduo do conhecimento, como o efeito de um jeito de conhecer” (LOURO, 2004a, p. 68). Aquilo que é informado através das páginas pessoais apresenta conhecimentos relevantes, saberes importantes, significados pertinentes para a descrição, apresentação e produção daquilo que está ali descrito na mesma medida em que também indica que há outras informações que ali não estão publicadas, que não compõem esta grade de saberes, que ficaram no domínio da ignorância. Tudo aquilo que não é dito ou que não é mostrado nos perfis acaba, por isso mesmo, sendo pertinente para sua problematização. Assim, os perfis *online* dos usuários são seus *curriculum vitae* enquanto suas trajetórias de corpo, gênero e sexualidade. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, o currículo, enquanto prática de significação, é também prática de produção (*idem*, 1999a).

O currículo (...) também produz os sujeitos aos quais fala, os indivíduos que interpela. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades. [...] Também o currículo é um espaço, um campo de produção e de criação de significado. No currículo se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais, no currículo se trabalha sobre sentidos e significados recebidos, sobre materiais culturais existentes. (SILVA, 1999a, p. 21)

As informações que compõem os currículos dos usuários ficam publicadas e acessíveis a todos os demais internautas cadastrados do sítio. Também os internautas não cadastrados no disponivel.com têm acesso aos textos e a algumas fotos de cada página pessoal criada pelos usuários, mas não têm maneiras de ver certas fotografias previamente ‘censuradas’ pela administração do sítio. Essas fotografias ‘censuradas’ têm geralmente conteúdo explicitamente sexual ou pornográfico. Os internautas não cadastrados também não são autorizados a assistir aos vídeos postados na *web* pelos usuários do disponivel.com.

“O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades” (SILVA, 1999a, p. 12), e por isso se torna raso um estudo que isole os elementos que o compõem. Se eu assumo aqui que qualifico o conjunto de informações publicadas em cada perfil por mim

analisado como sendo constituinte de um *curriculum vitae* de cada internauta, preciso assumir também que esta grade de informações não é desinteressada. Isso significa que os elementos que compõem os perfis dependem mutuamente para adquirir sentido. Da tríplice narrativa que compõe os perfis (texto-foto-vídeo), escolho trazer para a análise os dois primeiros (texto-foto), de modo a deixar os vídeos como elementos a serem eventualmente referidos ao longo do exercício analítico em momentos em que eles possam oferecer problematizações relevantes à discussão sobre corpo, gênero e sexualidade posta aqui. Também se fez necessário esse recorte devido ao grande volume de vídeos publicados nos perfis, de modo que se eles fossem efetivamente integrados à análise, seria necessário transcrevê-los de maneira a produzir um *script* deles, o que exigiria outros métodos e outras metodologias de produção e análise desses dados⁹. É válido aqui dizer, entretanto, que os três elementos da tríplice ordem narrativa dos perfis se mantêm em estado de conexão ao produzir sentidos conjuntamente. E porque o “currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos” (*idem*, p. 27), texto-foto-vídeo se amarram e produzem significado quando pensados integralmente.

Duas das cláusulas postas nos Termos e Condições para Usuários (ver documento na íntegra no anexo A) explicitam o caráter público e de reprodutibilidade¹⁰ dos elementos imagéticos dos perfis. Mas através de uma mudança no sistema gerenciador do sítio feita em meados de 2008 essa reprodutibilidade das fotografias e dos textos foi suprimida, como mostra uma notícia veiculada pela administração do disponivel.com no *blog*:

Seguindo sugestão de usuários, os perfis pessoais estão com o botão direito do mouse inabilitados, além de também não exibir a barra de ferramentas da imagem que tem o botão salvar. A intenção é dificultar copias de imagens nos perfis. Vale lembrar que há alguns anos nós já gravamos em todas as fotos o apelido do usuário, assim é fácil constatar má fé na utilização das mesmas, pois se forem copiadas

⁹ Através de mudanças introduzidas na dinâmica do sítio pelos seus administradores, em agosto de 2008, os usuários *basic* (não pagantes dos serviços, como explicarei a seguir) terão o direito de assistir somente a 10 filmes publicados nas páginas de outros internautas por um período de 24 horas, como está publicado no *blog* do sítio do dia 15 de agosto de 2008: “Muitas novidades virão do sistema de vídeos nas próximas semanas, hoje houve uma alteração para usuários *basic*, existe agora uma limitação de 10 vídeos dentro do período de 24 horas. Apesar de ser uma limitação, saibam que esta é a primeira de diversas medidas que tornaram o serviço ainda mais exclusivo, pioneiro e inovador do que ele já é”. Isso, de certa forma, impõe limitações inclusive para a inserção dos vídeos como objeto de análise, uma vez que nem todos os usuários do ambiente do disponivel.com poderão assisti-los. Isso não acontece em relação às fotografias, cujos álbuns completos podem ser visualizados por qualquer usuário, inclusive por internautas não cadastrados no sítio – apenas no caso das fotos principais de cada perfil.

¹⁰ Possibilidade técnica de cópia.

estarão borradas ou cortadas na parte da escrita. (*blog*¹¹ disponivel.com, dia 18 de fevereiro de 2008)

Além disso, os Termos deixam claro que fica vedada a reprodução dos elementos visuais dos perfis por terceiros, sob a alegação de que o(s) usuário(s) do sítio:

8.2 Em caso algum pode, sem limitação, copiar, reproduzir, publicar, transferir, colocar, difundir, gravar, transmitir, explorar comercialmente, comunicar ao público ou utilizar de outra forma o conteúdo incluído ou disponibilizado no site, exceto para o seu uso pessoal e não comercial. Condicionado pelo supra dito, pode transferir partes não substanciais desse conteúdo para o disco rígido do seu computador com a finalidade da sua visualização, desde que não seja feita mais do que uma cópia dessa informação. (Termos e Condições para Usuários)

Muito embora a questão de reprodutibilidade das informações seja questionável, decidi descrever os elementos imagéticos postos nas páginas sem reproduzi-los aqui, respeitando a cláusula contratual com a qual eu consenti ao fazer parte do sítio. Não obstante, os instantâneos dos perfis que usei para desenvolver as análises aqui apresentadas estão no CD em anexo (ver contracapa deste volume). Discutirei sobre a decisão de não reproduzir as fotografias publicadas em cada perfil na seção sobre aspectos éticos em pesquisa, mais adiante.

A aparência e composição dos elementos da página inicial do sítio já indicam que os serviços são endereçados para o público homossexual, mais especificamente para os homens gays. Ao longo dos anos de 2006, 2007 e 2008 uma série de mudanças foi feita na estrutura do sítio: a estética foi alterada (cores, disposição das caixas de texto, vídeo e foto, *lay-out* das figuras), bem como surgiram parcerias comerciais importantes que projetaram o disponivel.com nacionalmente e marcaram seu interesse em trabalhar com as masculinidades homossexuais. Saunas, casas noturnas, publicações, outros sítios voltados para o público gay e organizações não-governamentais do movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) brasileiro se associaram ao sítio, o que o colocou em um lugar diferenciado em relação aos demais sítios de relacionamento existentes na internet. Atualmente, a página inicial do sítio se apresenta desta forma (ver figura CAPA DO DISPONÍVEL no CD).

¹¹ Para acessar o *blog* ver <http://blog.disponivel.com/>

Logo de início se vê uma ilustração em que aparecem cinco homens seminus juntos e se lê na parte inferior a frase “vamos fazer a festa?”. Anúncios de revistas gays, saunas, festas e vídeos pornográficos também sinalizam a que público se destina a página. Apesar de também aceitar cadastros de pessoas que se dizem heterossexuais, as notícias veiculadas na página de abertura também explicitam o público participante do sítio. Essas pequenas reportagens começaram a ser publicadas na página principal do disponivel.com desde agosto/setembro de 2007 e fizeram parte de um processo mais amplo de reformulação da página. As matérias publicadas são oriundas da versão *online* da Revista A Capa, sítio de notícias sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, com o qual o disponivel.com mantém parceria e pretende estreitá-las (ver entrevista com o administrador do sítio no anexo B). O que é publicado em parceria com A Capa¹² são pequenas clipagens e também matérias ou reportagens feitas pela redação da revista sobre assuntos de interesse da comunidade gay e lésbica, ou que a ela estejam relacionados. As manchetes das notícias quase sempre trazem a afirmação da identidade gay¹³.

Logo acima do espaço reservado para as informações necessárias para a entrada no sítio (espaços onde se lê “apelido” e “senha”), há cinco *links* onde se lê “*blog*”, que redireciona o internauta para o recém criado *blog* do disponivel.com; “anuncie”, que redireciona o internauta para um domínio onde ele pode entrar em contato com a equipe comercial do sítio para anunciar produtos, serviços, estabelecimentos comerciais e outros *websites*; “suporte”, que redireciona o internauta para um domínio onde há algumas perguntas freqüentes ou dúvidas dos usuários quanto aos usos dos serviços do sítio; e um último *link* que é o que apresenta a palavra “prevenção”. Ao clicar ali, o internauta é redirecionado para uma outra página¹⁴ onde se vê publicado um projeto de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS para a internet realizado pelo Estruturação – Grupo LGBT de Brasília, com financiamento do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde (ver texto de apresentação do projeto na íntegra no anexo C).

No campo onde aparece “o que você pode encontrar” são publicadas as fotos principais de alguns perfis de usuários do sítio que autorizam essa publicação já na página

¹² Para acessar a revista *online*, <http://www.acapa.com.br>. É interessante de observar como é apresentado o texto de assinatura da revista: “*Receba o melhor conteúdo gay em embalagem discreta sem sair de casa. São 6 edições da revista A Capa com total comodidade e segurança. Saiba tudo sobre beleza, consumo, festas, roteiros e as novidades do mundo GLS no conforto de seu sofá*”.

¹³ Anotação do diário de campo no dia 4 de dezembro de 2007: “*Na página de abertura do disponivel.com havia três manchetes da revista A Capa, e nas três manchetes a palavra ‘gay’ estava repetida: ‘Criciúma terá sua primeira Parada Gay no sábado’, ‘Direitos gays faziam parte do referendo rejeitado na Venezuela’, ‘Espanhóis fundam o primeiro partido político gay’*”.

¹⁴ Para acessar a página do projeto ver <http://metanasuacabeca.disponivel.com/>.

inicial do disponivel.com. Clicando sobre a foto, podemos visitar os perfis e ter acesso aos textos, na íntegra, que os usuários elaboram sobre si, bem como a maior parte das informações publicadas na página pessoal. Entretanto, algumas fotos e os vídeos eventualmente colocados podem sofrer algum tipo de ‘censura prévia’ por parte da equipe que administra o sítio, onde se lê a legenda “foto/vídeo de conteúdo adulto somente para usuários cadastrados”; ao clicar sobre a foto ou o vídeo ‘censurado’, o sítio redireciona o internauta para uma página em que ele deve inserir dados pessoais para, então, efetuar seu cadastro no disponivel.com para ter acesso às fotos e aos vídeos ‘censurados’ (ver figura FOTOS CENSURADAS do CD). Todavia, clicando no *link* “foto principal”, é possível visualizar a foto de abertura do perfil sem empecilho. Para acessar aquilo que veio a se tornar o *corpus* desta análise, eu precisei me cadastrar no disponivel.com.¹⁵

Para ser um usuário do disponivel.com, o campo onde consta “cadastre-se” deve ser preenchido com as informações requeridas (e-mail, “sou” e apelido), o que redireciona o internauta para uma página onde constam listas de informações sobre si que devem ser respondidas e que farão parte da sua página pessoal assim que ela for publicada.

Com os dados preenchidos, o perfil já é publicado gratuitamente. Dessa forma, escolhidos o apelido e a senha para ingressar no sítio, o usuário dos serviços do disponivel.com poderá alterar as informações ali colocadas se eventualmente quiser, bem como poderá optar pelo pagamento dos serviços. Ao optar pelo pagamento, o usuário chamado *basic* (não assinante, não pagante) passa a ser usuário *gold* (assinante, pagante). A possibilidade de pagamento dos serviços dá aos assinantes uma maior variedade de ferramentas de interação com os demais usuários, como mostra a lista abaixo publicada no sítio:

Veja todas as vantagens em ser Gold:

- | | |
|--|--|
| - Busca completa de usuários cadastrados por varias opções | - Todos poderão responder suas mensagens, mesmo que tenham excedido o limite basic |
| - Estar entre os primeiros no "quem esta online" e no resultado das buscas | - Ver foto pequena do usuário, interesses e idades diretamente nas salas do quem esta online |
| - Ilimitadas fotos em seu álbum de foto (para basic somente 3) | - Salvar até 500 mensagens enviadas |
| - Adicionar fotos ocultas em seu album para enviar nas mensagens | - Receber notificação de leitura para as mensagens enviadas |
| - Enviar ilimitadas mensagens por dia (para basic somente 3) | - Gravar autoresposta para mensagem |
| | - Receber todas as suas mensagens em seu email |

¹⁵ Para ver meu perfil completo, acessar <http://pesquisadorpoa.disponivel.com/>

- | | |
|--|---|
| - Receber mais informações do usuário junto com a mensagem | - Saber qual perfil abriu sua página |
| - Salvar até 500 mensagens sem tempo limite (basic somente 24 horas) | - Personalizar as salas online com suas preferências |
| - Favoritos Ilimitados (basic somente 10) | - Suporte com resposta em até 24 horas úteis |
| - Ver o total de opiniões e quem adicionou seu perfil como favorito | - Incluir arquivo de Áudio ou Vídeo em seu perfil |
| - Acesso irrestritos as salas, incluindo as Bear, Barbie, Maduros | - Suspender seu perfil por tempo indeterminado |
| | - Agendar suas viagens e aparecer como turista na cidade em que estiver |

A gratuidade ou o pagamento pelos serviços do sítio são informações importantes para entender as representações ali colocadas, uma vez que inserem um recorte fundamental entre os internautas do disponível.com: é possível de saber quais internautas pagam pelo uso do sítio observando o número de fotos de cada perfil ou ao ver que o usuário publicou algum vídeo em sua página pessoal, por exemplo. Também é indicação de que o usuário é *gold* ver publicadas em um certo perfil as datas de viagens que o internauta fará. A tabela de preços do sítio, até dia 24 de julho de 2008, oferecia os seguintes valores:

- Assinatura por 1 mês no valor de R\$18,20.
- Assinatura por 3 meses, ganhando 1 mês gratuitamente, no valor de R\$ 39,95.
- Assinatura por 6 meses, ganhando 2 meses gratuitamente, no valor de R\$ 75,95.
- Assinatura por 12 meses, ganhando 3 meses gratuitamente, no valor de R\$ 122,62.

As possibilidades de pagamento incluem quatro cartões de crédito, um cartão de débito em conta automático e a opção de emissão de um boleto bancário (as duas últimas somente para pagamento à vista). É importante descrever as condições e as formas de pagamento, pois elas indicam múltiplas possibilidades de aquisição do bem simbólico do sítio. Também apontam para marcações de classe, de renda e de autonomia (possuir cartão de crédito ou efetuação do pagamento pelo próprio usuário usando boleto em agência bancária) que os sujeitos têm ao assinar os serviços. Essas características serão retomadas nos capítulos subsequentes quando da análise dos perfis.

Vê-se até aqui, portanto, que o disponível.com está inserido numa rede de outros sítios, produtos e serviços voltados para o público homossexual, bem como se mostra

engajado nas manifestações políticas do movimento LGBT brasileiro. Além disso, o sítio conta com um número bastante considerável de usuários (cerca de quatrocentos e cinquenta mil até setembro de 2008¹⁶) e também de usuários pagantes pelo serviço, o que gera lucros para a administração. Nesse sentido, o [disponível.com](http://disponivel.com) se mostrou como um interessante ‘campo’ de pesquisa, dada sua inserção num complexo conjunto de artefatos culturais oferecidos para o público de homens gays.

Entretanto, devido a recentes mudanças na sua dinâmica, cada vez mais os usuários *basic* têm tido abreviadas suas possibilidades de comunicação através de limitações colocadas pela administração do [disponível.com](http://disponivel.com), como de ter o direito de assistir diariamente a três filmes publicados nos perfis de outros usuários e de mudar apenas uma vez por semana os dados de suas páginas pessoais. Tais mudanças apontam para um recorte econômico importante a ser levado em consideração, e elas vêm sendo cada vez mais presentes.

Dadas as informações necessárias para a compreensão das delimitações do meu objeto de estudo, é importante agora mostrar como se apresentam os perfis analisados nesta pesquisa (ver exemplo da disposição gráfica dos perfis nas figuras PESQUISADORPOA e PESQUISADORPOA 2 no CD). No campo “favoritos” se vêem fotos e apelidos (funcionando como *links* sobre os quais se pode clicar para ser redirecionado às páginas correspondentes) de perfis que o internauta seleciona como seus preferidos e que ali os publica (ver figura FAVORITOS no CD). O campo “favoritos”, então, torna-se uma zona dos perfis em que os internautas referenciam as páginas pessoais de outros usuários que mais lhes agradam: é possível ‘anexar’ um perfil a outro exatamente nesta zona de cada página pessoal, de maneira que os internautas criam vínculos dentro de seus perfis com outros perfis de outros usuários. A decisão de adicionar uma ou outra página pessoal como “favorita” é de livre escolha de cada usuário, e normalmente se dá como forma de atribuição de um julgamento positivo e de aprovação, de maneira geral, do perfil adicionado. Os perfis publicados no campo “favoritos” são, exatamente como diz a expressão, aqueles que o usuário mais gosta. Através de seus “favoritos”, os usuários do disponivel.com remetem-se uns aos outros. Como forma de reconhecimento da importância do perfil, como forma de existência de amizade entre aqueles internautas, como forma de propagandear uns as páginas dos outros, os “favoritos” surgem como uma zona em que as representações dos corpos, dos gêneros e das sexualidades postas nas páginas pessoais dos usuários se conectam. Portanto, os “favoritos”

¹⁶ Informação publicada no *blog* do [disponível.com](http://disponivel.com).

são simultaneamente porta de entrada e de saída dos perfis, região de conexão entre as páginas pessoais, possibilidade de navegação no disponível.com através dos “preferidos”.

Depois de feita a escolha do ‘campo’ em que eu fiz minha pesquisa, decidi delimitar como meu *corpus* de análise os vinte e dois perfis mais “preferidos” entre os usuários do sítio divulgados nos dias 31 de maio e 30 de junho de 2008. Como expliquei no início deste capítulo, essas duas observações compõem isso que chamo de um instantâneo do estado geral da listagem dos mais “favoritos”. O servidor do disponível.com gera diariamente uma lista dos vinte perfis mais referenciados como “favoritos” entre os internautas usuários (pagantes e também não-pagantes) do sítio (ver figura LISTAGEM DOS FAVORITOS no CD). Mas, então, por que motivo aqui constam vinte e dois perfis? Isso acontece porque, de um mês para outro, alguns usuários saíram da listagem dos *top* favoritos, ao passo que outros entraram em seu lugar. Por isso, da lista divulgada no dia 31 de maio, coincidem dezoito perfis com a lista divulgada no dia 30 de junho, o que significa que dois perfis saíram da listagem dos *top* favoritos do dia 31 de maio, e que outros dois perfis se inseriram nos seus lugares na listagem do dia 30 de junho. Ao fim, então, temos dezoito perfis que coincidem nas duas listas e mais quatro que ‘se revezam’.

O que me instigou a estudar os perfis mais referenciados como “favoritos” do disponível.com foi, sem dúvida, a hierarquização intrínseca da expressão *top 20*, como é chamada a lista gerada pelo sítio. Do Inglês, “os vinte mais”, os *top favoritos*¹⁷ do disponível.com são os vinte perfis mais “preferidos”, em números contabilizados a cada dia pelo próprio servidor do sítio. Vi que os usuários que se mantinham no *ranking* conseguiam condensar de maneira peculiar atributos relacionados ao corpo, masculinidade e sexualidade muito desejados. Os perfis mais “preferidos” eram também os mais dinâmicos, com muitas fotos e vídeos novos, que mudavam semanal ou diariamente. Manter-se com mais de cem mil acessos semanais, ou com mais de um milhão e setecentas mil visitas, em uma comunidade que agrega mais quatrocentos e cinquenta mil usuários, são números que podem servir de índice para o surgimento de atributos mais “preferidos” dentro deste ambiente. Também aponta para desníveis, por assim dizer, entre as várias formas de masculinidade postas nas mais diversas páginas: algumas delas são mais preferidas que outras, da mesma forma com que alguns corpos, dentro do ambiente do sítio, são mais “preferidos” que outros.

¹⁷ Vale apontar aqui outra tradução possível, na Língua Inglesa, para “*top*”: os sujeitos “*top*” são os ativos, os que penetram, os que não se deixam penetrar. Durante mais de dois anos de observação informal dos perfis mais acessados no disponível.com, apenas um internauta surgiu nas listas dos perfis mais visitados ou dos mais “preferidos” afirmando-se como passivo, ou seja, que sente prazer em ser penetrado. Os demais “*top*” eram *top* = ativos, ou, pelo menos, versáteis, como vou explicar no capítulo três.

A lista dos vinte perfis mais visitados cria, então, uma topografia das representações dentro deste espaço. Segundo o dicionário Houaiss, a palavra topografia é *“a descrição exata e minuciosa de uma localidade; arte de representar no papel a configuração de uma porção de terreno com todos os acidentes e objetos que se encontrem à sua superfície”* (grifo meu). Empenhar-me numa topografia das representações de corpo, gênero e sexualidade publicadas no sítio disponivel.com é exatamente isso: descrever os ‘acidentes’ das representações, falar sobre a ‘situação da área’ em que as representações se constroem nesse espaço. É localizar seu ‘perímetro’ – as fronteiras das masculinidades e dos corpos, por exemplo, seus limites e suas convenções – é falar da sua ‘orientação’ – em que sentido elas se constroem, afastando-se de que lugares sociais e aproximando-se de quais outros – é dizer de suas ‘medidas’ – quais as referências culturais usadas para poder se dizer homem gay na internet. ‘Descrever topograficamente’ é compreender as informações publicadas nos perfis “preferidos” como sendo as zonas em que as representações de corpo, gênero e sexualidade são construídas, é dissertar sobre como um homem gay pode se constituir, como pode se representar, e em relação a que ele se opõe ou em direção a que ele aponta. É fazer um esforço que, primeiramente, produz relevos sobre as várias formas de ser homem e de ser homem gay que estão publicadas nas páginas pessoais para, a seguir, desenhar um mapa a partir das marcações discursivas a respeito de corpo, gênero e sexualidade que os indivíduos donos dos perfis me oferecem. E o mais importante: o ‘exercício topográfico’ na descrição analítica dos corpos, das masculinidades e das sexualidades também tem o objetivo de problematizá-los. Ao fazer dos corpos e das masculinidades gays objeto de uma discussão de ‘cunho topográfico’, quero indicar que suas construções carregam rastros de outros modos de masculinidades que não apenas aquelas que estão ali publicadas.

No estudo que faço existe um conjunto de estranhamentos que me movem a pensar: como é dizer-se homem gay nos perfis mais “favoritos” do disponivel.com? Como os corpos estão representados nesses perfis? Quais são os traços marcantes dos modos de ser homem postos nas páginas mais “preferidas” em relação aos corpos, gêneros/masculinidades? Como as sexualidades são narradas pelos internautas? E, a pergunta mais importante, como são apresentadas as associações entre ser homem e ser gay? Nesse sentido, tais perguntas são norteadoras da discussão que aqui proponho, sendo que outras também serão lançadas a partir delas e que também vão me auxiliar na produção da análise.

Ao tentar mapear as informações que os internautas publicam sobre seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades através dos vinte e dois perfis mais “preferidos” do

disponivel.com, estarei apontando para uma suposta constituição de características mais desejadas, valorizadas e socialmente ‘aceitas’ naquele ambiente e para aqueles sujeitos. O que, ao mesmo tempo, sinaliza para processos sociais e culturais de transformação nas maneiras de compreender e explicar os corpos, as masculinidades e as sexualidades, cujas implicações políticas aparecem no movimento social, na academia, e na sociedade de modo geral. De maneira específica, acredito que ao analisar as masculinidades gays no disponivel.com faço um esforço no sentido de examinar como os elementos colocados nos perfis escolhidos podem acionar representações culturais positivamente valoradas sobre os modos de ser homem e de ser homem gay hoje para aqueles milhares de visitantes que elegem tais páginas como suas “favoritas”, bem como para aqueles que publicam tais informações. Faço o exercício de dissertar sobre como um homem gay pode se constituir, como pode se representar, tentando manter um ‘pano de fundo’ das diferentes maneiras de ser homem, pano sobre o qual as masculinidades postas no *corpus* desta pesquisa vão contrastar. Por outro lado, também podemos entender tais perfis como ‘locais’ e processos de produção de identidades e produção de pedagogias sobre corpos, gêneros e sexualidades.

Nos capítulos que seguem, faço a análise de vinte e dois perfis *online* que constaram na listagem dos mais “favoritos” do sítio disponivel.com nos dias 31 de maio e 30 de junho de 2008. Deixo claro, desde já, que essas análises estão distribuídas ao longo dos capítulos juntamente com a exposição e discussão do arcabouço teórico-metodológico que construo para produzir minha pesquisa. Isso acontece porque os perfis que escolhi mediante o já explicitado recorte têm caráter ‘caleidoscópico’: podem ser analisados sob vários aspectos, que nem sempre podem vir juntos; podem ser analisados em diferentes momentos, e nem sempre podem acontecer sincronicamente. Os elementos que compõem os perfis (texto-foto-vídeo), o ambiente em que eles são publicados (a internet) e os modos de construção das páginas pessoais (como sendo algo que reconhecemos como pornográfico) e os conteúdos ali postos pelos internautas (corpo, gênero e sexualidade) merecem ser discutidos no momento mesmo em que apresento os conceitos que procuro fazer trabalhar na minha análise. Por estes motivos, os perfis ‘vão-e-vêm’, trechos das páginas aparecem e reaparecem algumas vezes, ora analisados sob um aspecto em um capítulo, ora são reinseridos no texto para serem problematizados desde uma outra perspectiva num outro capítulo, como que num jogo de cena. Um mesmo excerto de um determinado perfil pode se repetir algumas vezes, mas sempre que isto ocorrer ele será analisado desde perspectivas conceituais diferentes. Essa foi a

maneira aqui adotada por parecer mais dinâmica e mais consoante à fluidez e multiplicidade características da rede mundial de computadores – campo desta pesquisa.

Abaixo elenco brevemente algumas informações fornecidas pelos internautas em seus perfis de modo a apresentá-los e também dar pistas que podem servir como caracterizações e marcações sócio-culturais desses sujeitos:

- **‘20cmmachoativo’**¹⁸, 35 anos, morador de São Paulo (capital), homossexual ativo, usuário *gold*, é o usuário com o perfil mais visitado do sítio com mais de dois milhões e cem mil acessos (até o fim de dezembro de 2008);
- **‘ctfrj’**¹⁹, 32 anos, morador do Rio de Janeiro (capital), homossexual passivo, aparentemente usuário *basic*;
- **‘AndreJr’**²⁰, 42 anos, morador do Rio de Janeiro (capital), homossexual ativo, usuário *gold*;
- **‘Morenodebh1972’**²¹, 35 anos, morador de Belo Horizonte, o usuário diz estar “namorando”, bissexual ativo, usuário *gold*;
- **‘turbinadof’**²², 31 anos, morador de Taguatinga (Distrito Federal), o usuário diz estar “namorando” e referencia seu companheiro nas pequenas narrativas de si, nos seus “favoritos”, nas suas fotos e nos seus vídeos, bissexual ativo, usuário *gold*;
- **‘parceirosvix’**²³, 27 anos, morador de Vitória (Espírito Santo), o perfil corresponde a um grupo de homens que mantêm encontros para sexo grupal, homossexual, usuário *gold*;
- **‘Sexboyzs’**²⁴, 28 anos, morador de São Paulo (capital), , homossexual ativo, usuário *gold*;
- **‘2rj’**²⁵, 31 anos, morador do Rio de Janeiro (capital), o usuário se diz “casado” e referencia seu relacionamento nas pequenas narrativas de si, homossexual passivo, usuário *gold*;

¹⁸ Para acessar o perfil completo <http://20cmmachoativo.disponivel.com/>

¹⁹ Para acessar o perfil completo <http://ctfrj.disponivel.com/>

²⁰ Para acessar o perfil completo <http://andrejr.disponivel.com/>

²¹ Para acessar o perfil completo <http://morenodebh1972.disponivel.com/>

²² Para acessar o perfil completo <http://turbinadof.disponivel.com/>

²³ Para acessar o perfil completo <http://parceirosvix.disponivel.com/>

²⁴ Para acessar o perfil completo <http://sexboyzs.disponivel.com/>

²⁵ Para acessar o perfil completo <http://2rj.disponivel.com/>

- **‘Somos2Safados’**²⁶, 33 anos, morador de São Paulo (capital), o usuário se diz “casado” e referencia seu relacionamento nas pequenas narrativas de si, nos seus vídeos e suas fotos homossexual, usuário *gold*;
- **‘GrisalhoSacana45’**²⁷, 48 anos, morador do Rio de Janeiro (capital), homossexual ativo, usuário *gold*;
- **‘MachoSaradoPraMachinhoMamador’**²⁸, 29 anos, morador do Rio de Janeiro (capital), bissexual versátil, usuário *gold*;
- **‘Flaric’**²⁹, 40 anos, morador de Canoas (Rio Grande do Sul), homossexual, usuário *gold*;
- **‘FelipeSafado’**³⁰, 25 anos, morador de Vitória (Espírito Santo), homossexual versátil, usuário *gold*;
- **‘Saradao25’**³¹, 25 anos, morador de São Paulo (capital), curioso versátil, aparentemente usuário *basic*;
- **‘Moreno1010’**³², 42 anos, morador de Belém do Pará, homossexual versátil, usuário *gold*;
- **‘Duplazzul’**³³, 28 anos, morador de São Paulo (capital), o usuário se diz “casado” e referencia seu relacionamento nas pequenas narrativas de si, nos seus vídeos e suas fotos, homossexual versátil, usuário *gold*;
- **‘Cachorraodoms’**³⁴, 31 anos, morador de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), bissexual ativo, usuário *gold*;
- **‘Canadense’**³⁵, 31 anos, morador de Toronto (Canadá), segundo informações que constam no perfil, ele é um turista que viaja pelo Brasil, homossexual, aparentemente usuário *basic*;
- **‘Discovery5’**³⁶, 41 anos, morador de Natal (Rio Grande do Norte), curioso versátil, aparentemente usuário *basic*;

²⁶ Para acessar o perfil completo <http://somos2safados.disponivel.com/>

²⁷ Para acessar o perfil completo <http://grisalhosacana45.disponivel.com/>

²⁸ Para acessar o perfil completo <http://MachoSaradoPraMachinhoMamador.disponivel.com/>

²⁹ Para acessar o perfil completo <http://Flaric.disponivel.com/>

³⁰ Para acessar o perfil completo <http://FelipeSafado.disponivel.com/>

³¹ Para acessar o perfil completo <http://Saradao25.disponivel.com/>

³² Para acessar o perfil completo <http://Moreno1010.disponivel.com/>

³³ Para acessar o perfil completo <http://Duplazzul.disponivel.com/>

³⁴ Para acessar o perfil completo <http://Cachorraodoms.disponivel.com/>

³⁵ Para acessar o perfil completo <http://Canadense.disponivel.com/>

³⁶ Para acessar o perfil completo <http://Discovery5.disponivel.com/>

- ‘Semlimites_es’³⁷, 36 anos, morador de Vitória (Espírito Santo), homossexual passivo, usuário *gold*.
- ‘versatilkcetudo’³⁸, 28 anos, morador de São Paulo (capital), homossexual versátil, usuário *gold*;
- ‘serjao2’³⁹, 32 anos, morador de Barbacena (Minas Gerais), bissexual versátil, aparentemente usuário *basic*.

1. 2. *Costurando e contextualizando os dados: como proceder?*

Esta pesquisa está situada nos campos dos Estudos Feministas, dos Estudos Culturais desde uma perspectiva pós-estruturalista de inspiração foucaultiana. Isso supõe, entre muitos marcadores, que as análises que nela se encontram são “dirigidas pelas demandas sociais e políticas do contexto histórico em que estão inseridas”, como nos diz Dagmar Estermann Meyer (MEYER, 2002a, p. 377), além de constituírem-se num exercício em que eu, como pesquisador, estou implicado naquilo que escolho ser meu objeto de pesquisa. Os estudos acadêmicos que se ancoram nestas perspectivas são

(...) estudos engajados, os quais, mais que buscar *a verdade*, preocupam-se com a produção de conhecimentos para compreender o mundo cotidiano e as relações de poder que o constituem e o atravessam. Eles compartilham, ainda, a aguda e persistente crítica interna, exercitada continuamente em torno de suas teorizações, metodologias e objeto de estudos e isso faz deles campos extremamente produtivos, ao mesmo tempo em que instáveis e contestados. (*idem*) [grifos da autora]

Assim, a metodologia que orienta desde o recorte do meu objeto, sua contextualização e a produção de conhecimento sobre e em torno dele se faz utilizando como instrumento a análise cultural. A análise cultural que condiz com a postura teórica por mim adotada possibilita, num primeiro momento, que se lancem perguntas para aquilo que pretendo pesquisar sem supor, contudo, que tais perguntas se esgotem em sua primeira formulação

³⁷ Para acessar o perfil completo http://Semlimites_es.disponivel.com/

³⁸ Para acessar o perfil completo <http://versatilkcetudo.disponivel.com/>

³⁹ Para acessar o perfil completo <http://serjao2.disponivel.com/>

enquanto ‘problema de pesquisa’. Por isso, ao lançar algumas perguntas norteadoras sobre os perfis mais “favoritos” do disponivel.com já opero em seu recorte, isso porque faço a eleição de algumas perguntas – que me são possíveis fazer num dado momento – ao passo que prescindo de outras. Porém, como Meyer aponta, os estudos baseados nos Estudos Feministas, nos Estudos Culturais e de inspiração pós-estruturalista têm como característica a contínua verificação de seus próprios limites e de seus próprios questionamentos, seja para mantê-los, seja para renová-los. É por isso que no início de cada capítulo que segue, procuro sempre abrir cada seção de análise formulando mais perguntas além daquelas previamente selecionadas e trazidas no início do trabalho. Assim, mostro que na mesma medida em que avanço na exposição do arcabouço teórico-conceitual junto com a produção das análises, também sou confrontado por mais perguntas, por mais questionamentos que outrora não foram possíveis por mim pensar. Na mesma direção, Guacira Lopes Louro sugere:

Quando apresentamos nossas ideias como “fatos”, também nos colocamos na posição de quem sabe o que está afirmando e, de algum modo, estamos oferecendo a quem lê a possibilidade de discordar ou concordar com o que estamos dizendo. Quando “recheamos” nossos textos de questões, provocamos um deslizamento na fonte de autoridade e instigamos ou convidamos o/a leitor/a a formular respostas às indagações feitas. (...) O “tom” de um texto pode encerrar uma discussão ou, em vez disso, provocar polêmica ou dissenso. (...) O modo como escrevemos tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas. (LOURO, 2004b, p. 2)

Para o exercício analítico em que se constitui este trabalho, é importante frisar desde já o tom de dissenso, de polêmica e de deslizamento presente nos dados aqui trazidos. Porque, num primeiro momento, uso os conceitos para inserir problematizações no meu objeto de estudo e não para explicá-los; uso os conceitos para pensar o objeto, e não para solucioná-lo nem para posicionar-me a favor ou contra aquilo que é trazido pelos meus informantes através de seus perfis. O modo como escrevo, e espero que isso fique claro para o/a leitor/a, traduz tanto minhas escolhas teóricas e minha postura política, como diz Louro, quanto minha própria postura ética em relação àquilo que estudo, como vou argumentar na próxima seção. Por exemplo, em vários momentos lanço mão ao longo do texto do uso de travessões no lugar de parênteses, isso porque acredito que os travessões – como o próprio nome diz – atravessam-se na frase, perpassam as ideias, racham os conceitos com que trabalho, sugerindo a ruptura da linearidade analítica e o aceno para múltiplas possibilidades interpretativas.

O modo de escrita, assim como as palavras que escolho para desenvolver a análise, assim como as perguntas que formulo e re-formulo ao longo dos capítulos, assim como a perspectiva teórica com a qual eu trabalho, tudo isso resulta numa metodologia de pesquisa que assume o primado da linguagem como sistema de atribuição de significado e de produção de sentido às ‘coisas do mundo’. “De maneira mais genérica”, nos diz Meyer, “podemos dizer que a linguagem é o meio privilegiado pelo qual nós atribuímos sentido ao mundo e a nós mesmos e que a linguagem é, pois, um elemento central da organização social e da cultura” (MEYER, 2002b, p. 59). Assim, o conceito de linguagem se faz pertinente para a análise cultural porque

(...) defende que o mundo concreto, onde as pessoas e as coisas existem, só adquire sentido nas (e por meio das) práticas e processos simbólicos pelos quais a linguagem opera. Nessa perspectiva, os sentidos das “coisas” são produzidos pelas linguagens que as representam como sendo *coisas determinadas*, o que significa entender que tais coisas não têm um sentido que lhes é inerente ou que possa ser fixado nelas, de forma unívoca e permanente, pelos seus usuários. A linguagem está organizada em torno de signos variados, que se relacionam de formas determinadas, ou seja, existem sistemas de códigos sociais que organizam os signos com os quais produzimos sentido que são compartilhados em diferentes culturas. (*idem*) [grifo da autora]

Dessa maneira, cabe assumir que por linguagem não se toma apenas a língua – aquilo que é dito ou escrito –, mas fundamentalmente todo e qualquer sistema de significação capaz de produzir sentido a algo ou alguém. O corpo pode ser uma linguagem, da mesma maneira com que a música, as cores ou as roupas podem se constituir enquanto linguagens. Para a análise cultural que pretendo empreender, esse conceito de linguagem permite ampliar meu recorte para não apenas aquilo que está escrito nos perfis do sítio, mas também para os corpos que ali estão mostrados; para a maneira com que estão representados; para as condições de suas representações e de suas publicações, por exemplo. Linguagem, entendida desta forma, também supõe que somente existe a produção de sentido sobre algo ou alguém dentro de uma certa cultura. Para Stuart Hall, cultura pode ser interpretada como os

muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados

em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. (HALL, 1997, p 16)

Cultura ainda pode ser entendida como “um conjunto de saberes e práticas implicados com a produção de determinados tipos de sujeito” (MEYER, 2002a, p. 377), que se apresenta como um espaço ou campo de luta e disputa pelos significados continuamente produzidos pelos indivíduos que dela fazem parte. Assim tomado, o conceito de cultura pretende “que os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo tempo, estão *objetivamente* presentes no mundo contemporâneo — em nossas ações, instituições, rituais e práticas” (HALL, 1997, p. 24), o que supõe o borramento, se não a dissolução, entre o dentro (a interioridade dos indivíduos) e o fora (o social, o cultural em que esses indivíduos estão imersos). “Isto relaciona-se à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social.” (*idem*). Alguém só se torna *alguém* dentro de uma cultura, a partir do momento em que alguma linguagem lhe atribui sentido, adquirindo, assim o *status* de sujeito. Cultura e linguagem, nesta perspectiva, são dois elementos que dão viabilidade para a inteligibilidade dos indivíduos.

Enquanto campo de disputas, a cultura e a linguagem dependem fortemente de relações de poder para produzirem sentido às coisas, ao mundo e aos indivíduos. “A compreensão de que a linguagem é um *locus* de produção de sentidos a serem compartilhados implica compreender”, escreve Meyer, “que esse é um processo ativo, conflitivo, instável, dinâmico, profundamente enredado em relações de poder” (MEYER, 2002b, p. 60). Tais relações são produzidas dentro de contexto de determinada cultura, que funciona como zona de compartilhamento das significações entre os indivíduos.

A linguagem é, pois, fruto de relações de poder, gera efeitos de poder e está intrinsecamente relacionada e implicada com a produção daquilo que reconhecemos como sendo nós e eles, certo e errado, igual e desigual, equivalente ou diferente; ou seja, a linguagem está implicada com a produção de hierarquizações e desigualdades dentro de e entre diferentes sociedades e/ou culturas. (*idem*)

Pensar no poder e nas relações que o fazem possível é tanto uma ideia teórico-conceitual quanto metodológica, uma vez que tais relações estarão subjacentes a todas as análises que empreendo sobre meu objeto ao longo deste texto. Assim, para a análise cultural que me proponho a levar a efeito nesta pesquisa, os termos linguagem, cultura e poder tornam-se mais que conceitos que servem como ‘pano de fundo’ do meu arcabouço teórico e

passam a compor, também, instrumentos metodológicos para a produção de conhecimento sobre meu objeto. Linguagem, cultura e poder, na análise cultural e na perspectiva pós-estruturalista, traduzem o lugar epistemológico do/a pesquisador/a, a região em que o/a pesquisador/a se coloca para lançar seu olhar para o objeto, zona a partir da qual o/a pesquisador/a vai se mover na construção deste objeto e do conhecimento sobre ele. Nesse sentido, esses três conceitos funcionam mais que concepções relevantes para as argumentações teóricas, pois quando adotados acabam por instituir um modo de produção de conhecimento que já é, por si só, um primeiro recorte do objeto. “Essa é, portanto, uma abordagem teórico-metodológica cuja ênfase está colocada na descrição e análise dos mecanismos pelos quais a cultura se articula com o conhecimento e o poder” (MEYER, 2002a, p. 377). Particularmente, por poder tomo a concepção de Michel Foucault que diz que “o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2003, p. 89-90).

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade das correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça e inverte; os apoios que tais relações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si (...) é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. (...) é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (*idem*, p. 88-89)

Vê-se, portanto, que é nas profundas relações entre linguagem – enquanto sistema de significação – cultura – enquanto campo de disputa política pela produção dos significados – e poder – enquanto relação móvel e polimorfa de desigualdade – que se faz possível pensar numa análise cultural que dê conta de sublinhar “a conexão de múltiplos marcadores sociais como sendo uma necessidade fundamental para estudos” que investem na compreensão de como são socialmente produzidos os modos de dizer de si e dos outros adotados estrategicamente pelos indivíduos que fazem parte de uma certa cultura (MEYER, 2002a, p. 377). E é por este motivo que tal metodologia “possibilita romper a linearidade e explorar os

conflitos que permeiam” (*idem*) as representações de corpo, gênero e sexualidade postas nos perfis mais “favoritos” do disponivel.com, uma vez que assumo que tais representações, ou tais modos de dizer de si e dizer dos outros, estão estreitamente enredados em relações de poder que acabam por produzir algumas maneiras específicas de representar os corpos, as masculinidades e as (homo)sexualidades no contexto do sítio. Nesse sentido, a análise cultural é uma metodologia que, num primeiro momento, me ajuda a recortar e delimitar meu objeto de pesquisa destacando-o do contexto geral em que ele está inserido. Num segundo momento, a análise cultural exige igualmente que se opere com um cuidadoso e profícuo exercício de re-costura ou de re-colocação deste objeto e em seus contextos com o intuito de “multiplicar os nexos entre os dados analisados, reconhecer a pluralidade de sentidos contidos em cada um deles, mapear as relações de poder e delimitar os discursos que neles se faz[em] presentes” (*idem*, p. 379). Se, por um lado, a análise cultural por mim empreendida me norteia no recorte do objeto, por outro ela me exige extrema atenção aos nexos, conexões e correlações que este objeto mantém com seu contexto histórico, político, social e cultural mais amplos. É por estes motivos, por exemplo, que no início de cada capítulo que segue trago trechos de músicas que acredito ter a ver com os assuntos discutidos em cada seção, pois que dessa forma consigo conectar diversas linguagens (poesia, música) com os temas que compõem esta pesquisa. Assim, procuro construir associações entre a produção de conhecimento que aqui me proponho a fazer com a arte produzida pela nossa cultura contemporânea.

Assim, a noção de articulação é bastante importante nesta re-costura do objeto, uma vez que pressupõe “ao mesmo tempo, sentidos como contingência, instabilidade e historicidade, que são fundamentais para este modo de conceber e analisar a cultura e os processos pelos quais ela é produzida e reformulada” (*idem*, p. 382). Ao me apoiar em noções de linguagem, cultura e poder recém trazidos, assumindo que qualquer ‘coisa do mundo’ – ou ‘indivíduo do mundo’ – só adquire sentido quando passa a ser significada por algum sistema de significação produzido por uma cultura em um período histórico e situação política determinados, imersas em intensas relações de poder, só posso olhar para meu objeto de pesquisa como sendo profundamente relacional, produto de uma história e condições culturais específicas. Assim, para levar a efeito uma análise cultural, não posso recortar tais articulações e tais condições que tornaram possível e viável isto que pesquiso hoje. Como expliquei no início deste capítulo, meu objeto enquanto um instantâneo – enquanto um momento congelado, supostamente estático e com aparente unidade – não pode desfazer-se das histórias que o compõem e que o produziram como tal: desse modo, preciso

(...) indicar que aquilo que tomamos como unidade é, de fato, o resultado sempre provisório de uma conexão, historicamente situada, de muitos e diferentes discursos ou de alguns de seus elementos, uma rede tecida por e a partir de múltiplas correspondências, relações de poder, incongruências e conflitos – permite, exatamente *colocar as unidades em questão*: que discursos ou que fragmentos deles, que conexões, que poderes e que conflitos teriam permitido produzi[-las] (...) Ou seja, entender que a unidade é o resultado ou o efeito de práticas articulatórias permite, por um lado, que se opere com a perspectiva de “desarticulá-la” (...) Por outro lado, ela é também uma estratégia de análise que permite recortar e conectar diferentes teorias, campos de estudo ou discursos que ampliam as possibilidades e os alcances da análise cultural (...). (*idem*, p. 382-389) [grifo da autora]

Desse modo, como expliquei no início deste capítulo, o instantâneo que se constitui meu objeto de pesquisa não supõe fazer subsumir a história e as conexões que o produziram. Pelo contrário, a partir dele vou procurar ‘seguir os rastros’ das articulações que se mantêm entre corpo, gênero, sexualidade e internet para poder fazer uma análise que leve em conta as condições que fizeram com que cada um desses se mostrasse da forma com que pude observar neste momento congelado dos perfis mais “favoritos” do disponível.com. Retomando minhas palavras iniciais, minha tentativa aqui é de analisar as articulações que convergem no meu objeto, cercando os temas que o compõem para explicitar as relações e os nexos que o constituíram dessa forma, neste momento, para estes indivíduos e para mim – enquanto pesquisador.

Com isso assumo, igualmente, que as análises por mim feitas dependem bastante das perguntas que me permito lançar sobre meu objeto, da mesma forma com que dependem daquilo que consigo *ver* e *enxergar* nele. Uma vez que os vinte e dois perfis mais “preferidos” do sítio trazem muitos elementos visuais, como fotografias, figuras e vídeos, um aspecto importante desta análise cultural é, também, a análise visual do que está publicado nas páginas pessoais dos usuários.

Muitos autores têm defendido a ideia de que estamos imersos numa cultura do visual, governada pela visão, pela visualidade, caracterizada pelo ocularcentrismo (ROSE, 2001). Nossa cultura seria aquela em “que o visual é central para a construção social da vida nas sociedades ocidentais contemporâneas” (ROSE, 2001, p.2). Estaríamos, então, na visualidade. De maneira mais incisiva, como sugere Nicholas Mirzoeff, “nos países industrializados a vida é presa a uma progressiva e constante vigilância visual: câmeras colocadas em ônibus, centros comerciais, auto-estradas, pontes e caixas automáticos” (MIRZOEFF, 2003, p. 17). O

autor afirma que a urgência pela visualidade pode ser expressa, por exemplo, na média do número de horas que os cidadãos norte-americanos passam em frente à televisão: cerca de quatro por dia. Para Mirzoeff, “nesta espiral de imagens, ver é mais importante que crer. Não é uma mera parte da vida cotidiana, mas sim a vida cotidiana em si mesma” (MIRZOEFF, 2003, p. 17).

Mas quando falamos em ver, estamos falando também em modos de ver. E esses modos de ver uma imagem, um objeto, uma situação ou um indivíduo, acabam por produzir aquilo que é visto. E isso acontece porque “o que há de importante acerca das imagens não é simplesmente a imagem em si, mas como ela é vista por determinados espectadores que a olham de determinada forma” (ROSE, 2001, p. 7). O que significa dizer que a visão e a visualidade não são apenas capacidades fisiológicas ou biológicas, mas que são mecanismos e estratégias que produzem posições-de-sujeito dentro de uma determinada cultura, mecanismos e estratégias igualmente produzidos pela cultura. Saber quem vê e quem é visto, ou como vê e como é visto, é algo a ser definido a partir do lugar que os indivíduos ocupam social, cultural, econômica e politicamente. O exercício do olhar depende da cultura que produz os modos de olhar, os modos de ver. Quando vemos, nunca vemos uma imagem, um objeto ou uma pessoa apenas, mas estabelecemos uma relação complexa entre aquilo que é mostrado com tudo aquilo que já foi visto por nós outrora. Isso também depende de onde estamos vendo isso que está a nossa frente, de que lugar – tanto físico quanto simbólico – estamos vendo aquilo, o que quer dizer que investimos de significado aquilo que é visto de forma absolutamente distinta de algum outro indivíduo: aquilo que se vê nunca é dado *a priori*, pois é constantemente produzido por quem o vê.

As imagens sociais são feitas, e podem ser movidas, exibidas, vendidas, censuradas, veneradas, descartadas, fitadas, ocultadas, recicladas, observadas, deturpadas, destruídas, tocadas, reformuladas. As imagens são feitas e usadas de toda a sorte de formas por diferentes pessoas por diferentes razões, e estes fazer e usar são cruciais para os significados carregados por uma imagem. Uma imagem pode ter seus próprios efeitos, mas estes sempre são mediados por muitos e variados usos aos quais aquela é anexada. [...] Mas este efeito sempre está incrustado em determinadas práticas culturais que são bem mais específicas do que “um modo de vida”. (ROSE, 2001, p. 8-9)

Rose vai além e propõe que as instâncias de produção das imagens são também importantes para pensarmos sobre como proceder metodologicamente para analisar uma imagem. Como por exemplo, se analisada uma fotografia do início do século passado, é

necessário levar em consideração as condições tecnológicas nas quais aquela fotografia chegou ser possível de ser tirada. Aí não caberia exatamente fazer um esforço de análise das cores que compõem tal fotografia, pelo simples fato de que naquele momento histórico os modos de produção daquela imagem (tipo de câmera, tipo de filme, química para a revelação do filme, base material para a fixação da imagem) só dariam chances de a imagem ser apresentada em matizes que vão do branco ao preto. Deslocando um pouco mais a questão da produção de uma imagem e continuando a usar como exemplo a fotografia, Rose assinala que as câmeras fotográficas e as imagens produzidas a partir delas foram historicamente tomadas como aparelhos e representações do ‘real’, do ‘verdadeiro’, do ‘verídico’. Uma fotografia é geralmente pensada como um recorte da realidade, como um dado da verdade contra o qual não haveria algo capaz de refutar a veracidade de tal imagem. Por outro lado, a autora sugere que

Este debate deveria nos alertar para o fato de que foram construídas as noções das representações fotográficas “verídicas”. Talvez vemos tal fotografia como um instantâneo da vida real por esperarmos que as fotos nos mostrem recortes da verdade. Mas esta foto pode ter sido feita com poses: o fotógrafo que fez esta foto certamente colocou as pessoas de acordo que, não obstante, têm a mesma aparência de “reais”. (ROSE, 2001, p.12)

O que Gillian Rose nos oferece é uma reflexão sobre as dimensões de produção de uma imagem, cujos efeitos fazem parte de um projeto ou de uma estratégia daquele que produz a imagem: no caso, o fotógrafo que ‘monta’ um cenário para fazer com que tal imagem seja interpretada como sendo ‘verdadeira’, tida como efeito da verdade. O que é importante de notar nessa passagem, e que acredito ser útil na análise dos perfis criados pelos internautas no sítio disponível.com, é que existe uma intencionalidade e um planejamento nas representações imagéticas, sejam elas fotográficas ou audiovisuais. Ou seja, as condições de registro de uma imagem, as condições tecnológicas que possibilitaram tal registro e sua publicação, fazem parte de uma estratégia de configuração das redes de sentido entre as informações publicadas pelos internautas nos seus perfis: a tríplice narrativa texto-foto-vídeo mantém relações estreitas na construção de significados para as páginas pessoais. Aqueles internautas criam intencionalmente tais imagens, usando câmeras digitais e de telefone celular em certos ângulos de enquadramento da fotografia, e essas imagens ganham sentido no regime de significado produzido no interior mesmo dos perfis, cujos demais fios (as vinhetas

personais, os títulos das páginas pessoais, as pequenas narrativas de si e os vídeos, por exemplo) costumam discursar sobre o que é ser homem gay naquele ambiente.

Entretanto, não quero aqui supor a ideia de que existe um autor racional por ‘detrás’ das imagens, que ele planeje seus efeitos, fazendo com que praticamente se ignore o público, a audiência, aquele(s) que vê(em) a imagem. Pensar numa autoria para as imagens significaria admitir que existe um algo ‘verdadeiro’ na imagem a ser analisada, dado pelo seu autor, e que tal análise teria de se ocupar em ‘descobrir’, ‘intuir’ ou ‘descrever’ essa verdade. Como já disse anteriormente, acredito que essas ‘verdades’ investidas nas imagens são construídas por aquele que produz a imagem, mas também por aquele(s) que as vê(em). Como diz Rose, “como a imagem sempre é feita e vista em relação a outras imagens, este contexto visual mais amplo é mais significativo para o que significa a imagem do que para a ideia que o artista tinha daquelas” (ROSE, 2001, p. 15). Desse ponto de vista, pensar na intencionalidade ou na autoria de alguma fotografia, como no caso dos perfis mais “preferidos” do disponivel.com, não seria algo mais importante que pensar nas condições tecnológicas nas quais tal registro foi feito e publicado, ou refletir sobre o contexto do sítio no qual a fotografia está publicada, ou observar os textos a que tal fotografia se articula. Para minha pesquisa, a análise visual das fotografias e as referências aos vídeos dos perfis escolhidos levam em conta uma certa perspectiva de análise que considera também aqueles internautas que vêem as imagens publicadas, a audiência de tais páginas. E esse público ‘espectador’ dos vídeos e das fotografias não é de menor importância, pois os perfis que compõem o *corpus* desta pesquisa são exatamente os vinte e dois mais “preferidos”, ou seja, a audiência de cada perfil e sua posterior valoração positiva como “preferido” é que definem a página que será estudada por mim. O que quero dizer é que as ‘verdades’ imagéticas dos sujeitos dos perfis do disponivel.com, que de todo modo dizem respeito aos seus corpos, gêneros e sexualidades, são construídas por aqueles que as registram e publicam, mas também por aqueles que as vêem. O público é de tal maneira importante para as imagens que ele “vem com o seu próprio modo de ver e com outros conhecimentos para cima da imagem” (*idem*), produzindo-a.

1. 3. Só vejo aquilo que posso ver: visibilidade e aspectos éticos em pesquisa

‘Visualidade’ supostamente se refere à capacidade de ver imagens fotográficas ou audiovisuais, quase à apreciação estética, estando associada àquilo que nossos olhos podem ‘fisiologicamente’ enxergar. Ou, em outras palavras:

A visualidade é uma relação de poder e essa relação se organiza de formas distintas, em diferentes épocas e locais, e é nesse contexto que tais experiências são constituídas e vivenciadas, permitindo que se veja algumas coisas em detrimento de outras que deixamos de ver. (MEYER, SOARES, 2005, p. 36)

Nesse sentido, a própria ‘fisiologia’ da visão está fortemente articulada com as condições que fazem com que algo ou alguém surja ou se faça visível. Porque dizer que existe, de um lado, uma capacidade natural e biológica para ‘ver’ e, de outro, possibilidades culturais de ser visto, reforça a dicotomia entre natureza e cultura. Entretanto, se pensarmos que só vemos – ‘fisiologicamente’ – aquilo que múltiplos discursos, experiências e relações de poder dão condições de visibilidade para que nós possamos efetivamente ver, isso significa conceber que nossa capacidade de visão, inclusive, é culturalmente construída.

Estamos, então, assumindo que o que nós vemos é o que aprendemos a ver no interior das linguagens e das representações que nos constituem. Aprendemos a ver e a interpretar o que vemos de muitas formas diferentes e os modos como olhamos e como traduzimos o que olhamos implicam, no mínimo, um duplo e concomitante aprendizado: aprendemos a olhar, conhecer e definir ‘coisas’ como sendo coisas determinadas e aprendemos a operar com elas, de determinados modos, com e a partir dessas aprendizagens. (*idem*)

Esta concepção construcionista relaciona visualidade – aquilo ou aquele que meus olhos podem ver – com visibilidade – aquilo ou aquele que condições culturais, históricas e políticas permitem serem vistos –, e aqui se insere um importante aspecto ético de pesquisa. Sobretudo porque neste estudo os internautas observados por mim publicam imagens fotográficas e audiovisuais de atos sexuais explícitos, além de redigirem textos em que constam informações pessoais sobre seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades, é interessante trazer algumas considerações sobre ética em pesquisa. Especialmente porque o ‘campo’ de estudo desta pesquisa é a internet, em torno da qual existem acalorados debates sobre seu caráter público ou privado, também porque o objeto deste estudo tem um apelo

bastante ‘visual’⁴⁰, penso ser válido dizer que só vejo o que posso: assumindo aqui minha trajetória acadêmica, profissional e militante (como vou explicar no capítulo seguinte), formado pelos discursos que em mim se atravessam, procuro dar visibilidade àquilo que consigo enxergar nos perfis por mim analisados. Mais que isso, o próprio recorte de pesquisa e eleição do ‘campo’ também dizem de um certo ‘modo de ver’ que me é particular.

Nessa direção, vamos nos dando conta de que nosso olhar é sempre delimitado e “guiado” por perspectivas que nos fazem buscar conhecimentos que tenham a ver com os aportes no interior dos quais nos movemos e que, algumas vezes, nos incitam, exatamente, a forçar os seus limites e até mesmo a sair de dentro deles. (*idem*, p. 39)

Esta é uma posição que pressupõe desde minha inserção profissional, como militante do movimento LGBT, minha inscrição teórico-metodológica, na perspectiva feminista e pós-estruturalista, minha escolha do objeto de pesquisa, a produção, análise, apresentação e eventual publicação dos dados; em tudo isso está imbricado algum aspecto ético em pesquisa. Pois, junto com Guacira Lopes Louro, acredito que “na perspectiva que privilegiamos, não se trata de dizer, simplesmente, que a linguagem que usamos reflete nosso modo de conhecer”. Pelo contrário, acredito que “ela faz muito mais do que isso, que ela institui um jeito de conhecer” (LOURO, 2004b, p. 2).

Portanto, a ética em pesquisa perpassa toda a formulação e produção do conhecimento aqui colocado, desde minha posição de pesquisador até a gramática que seleciono e que crio para analisar meu objeto. Inclusive nas perguntas que faço para meu objeto está colocado um aspecto ético de pesquisa, uma vez que pergunto *algumas* coisas e silêncio sobre outras, da mesma forma com que vejo e saliento algumas coisas e permaneço cego em relação a outras várias. “Dentro destas perspectivas teóricas, todo o conhecimento gerado é visto como uma produção social e política”, nos dizem Denise Gastaldo e Patrícia McKeever, “e os investigadores são chamados a refletir sobre o impacto de sua obra científica” (GASTALDO, McKEEVER, 2002, p. 477)⁴¹. As autoras continuam:

Existem importantes questões éticas em cada etapa do processo de investigação: a maneira como o problema é conceptualizado; a maneira como as perguntas de investigação são formuladas; a maneira como a amostra é selecionada; a maneira como coletamos e analisamos os dados; como são interpretados e representados como

⁴⁰ Por exemplo, o usuário ‘Andrejr’ contava, até dia 22 de agosto de 2008, com três mil, quatrocentas e quarenta e seis fotos em seu álbum.

⁴¹ O texto original é em Espanhol. Toda a tradução é de minha responsabilidade.

resultados, e a maneira como os dados são difundidos e utilizados.
(*idem*, p. 478)

Uma vez que esta pesquisa tem um caráter acentuadamente ‘contemplativo’, na medida em que me apóio na observação não-participante da dinâmica de vinte e dois perfis em dois meses; a partir do momento em que grande parte do conteúdo aqui trazido é possível de ser observado por qualquer pessoa com acesso à internet; lembrando que mesmo assim o sítio dispõe de assinatura gratuita que dá possibilidade de acesso aos álbuns completos de fotografia dos usuários; e tendo em vista que no ano de 2006 o Superior Tribunal de Justiça do Brasil decidiu pela quebra de sigilo em salas de bate-papo na internet alegando “o ambiente virtual é de acesso irrestrito e destinado a conversas informais” (STJ, 2006, ver notícia na íntegra no anexo D); cabe aqui ressaltar que no perfil que criei para poder observar a dinâmica do sítio deixo claro nos textos escritos por mim que ali estou para realizar uma pesquisa sobre como é dizer-se homem gay nas páginas pessoais do disponível.com. Esta foi uma escolha norteada pela crença de que, de algum modo, minha presença dentro deste ambiente fosse reconhecida como sendo de um pesquisador (o que, aliás, me serve como vinheta pessoal), de modo que me apresentasse como tal ao dizer sobre o que meu estudo diz respeito. Nesse sentido, considero que minha presença dentro do sítio, ao identificar-me como pesquisador e informando sobre os temas que ali estou pesquisando, é comunicada aos demais usuários do sítio. Lembro aqui que há recursos oferecidos pelo disponível.com para barrar visitas indesejáveis aos perfis. Aqueles que eventualmente se sentissem invadidos ou violados em sua privacidade pelas minhas visitas às suas páginas, poderiam lançar mão do recurso “bloquear usuário”, que consta em todos os perfis do sítio, de modo a impossibilitar sua visualização por mim.

Tendo em vista que a legislação brasileira sobre privacidade de dados pessoais publicados através da internet ainda é inexistente⁴², e que recentes decisões judiciais apontam para a quebra de sigilo de informações publicadas na *web*, a relação ética que aqui se coloca diz respeito muito mais ao tratamento e uso dos textos e das imagens postas nos perfis feitos por mim enquanto pesquisador do que propriamente ao pedido de licença para acesso ou não às informações de cada usuário, desde sempre disponíveis para acesso praticamente público. Desse modo, me comprometo a não divulgar imagens dos rostos dos usuários, isso se

⁴² No dia 9 de julho de 2008, o Senado brasileiro aprovou uma proposta substitutiva ao projeto de lei da Câmara dos Deputados (PCL 89/2003) que cria um estatuto de leis para regular as práticas e o tratamento de dados através da internet no país, incluindo questões de privacidade na *web*. Entretanto, a proposta voltou à Câmara, sua Casa de origem, para ser novamente votada pelos deputados, uma vez que seu texto original foi modificado. Até dezembro de 2008, a Câmara ainda não tinha votado tal proposta.

eventualmente essas imagens aparecerem, nem quaisquer informações que possam fazer identificar os indivíduos donos dos perfis. Também me comprometo a refletir sobre os termos e expressões usados na análise que faço, bem como na maneira de produzir conhecimento a partir do objeto que escolhi.

Entretanto, para retomar a discussão sobre visibilidade, é importante de ressaltar que se hoje em dia existe a possibilidade de que indivíduos usem artefatos culturais como a internet como meio de divulgação e propaganda de seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades, ainda mais em se tratando de homens que fazem sexo com outros homens – cuja prática é estigmatizada dentro da nossa cultura – vale a pena assinalar que há condições históricas e políticas para que os internautas donos dos perfis aqui analisados lancem mão do caráter tão ‘explícito’ como eles se apresentam no sítio disponivel.com. Existe uma visibilidade, conquistada a partir de um contexto de luta política, que possibilitou o uso da internet como ele tem sido feito no caso dos usuários deste sítio. A ‘visualidade’ das páginas pessoais, tão recorrente, é também produto de uma época histórica bem marcada, em que tecnologias (câmeras digitais, celulares com câmera, internet de velocidade rápida, barateamento dos custos de computadores e serviços, entre outros) se articulam a condições culturais para gerar a visibilidade de alguns sujeitos. Se hoje os internautas donos dos perfis analisados se apresentam da forma com que se apresentam e se usam a internet da maneira com que usam, é porque houve um caminho político previamente percorrido, que lhes precede, que criou as condições de tal visibilidade. É também a partir desta pressuposição que lanço meu olhar para as análises que aqui faço, que permeia todo meu estudo.

Para aqueles que objetam que tais registros postos nos perfis são da ordem da privacidade dos indivíduos por se tratarem de imagens, vídeos e textos de ordem explicitamente sexual, cabe a pergunta: para quem fotografa, filma e narra práticas sexuais, as edita ou as trata graficamente e depois as publica na internet, chamando e interpelando outros usuários para assisti-las, o que vem a ser, exatamente, privacidade? Mais ainda, se pensarmos junto com Michel Foucault quando ele diz que a sexualidade “é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico” que funciona como sendo uma “grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências” que, de modo sincronizado, opera por associação destes elementos “segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 2003, p. 100), e se ainda pensarmos com o mesmo autor que a sexualidade pode ser entendida como uma experiência, esta tida como “a correlação, numa cultura, entre

campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2006a, p. 10), a experiência da sexualidade se aproxima da experiência religiosa, por exemplo. Pois na experiência religiosa também estão em jogo saberes, normatividades e subjetividades; a experiência religiosa também opera segundo estratégias de saber e de poder, produzindo regras, estimulando os discursos, gerando corpos, formando resistências. Muito embora a experiência religiosa dos indivíduos possa ser perfeitamente considerada da esfera privada de cada um, proliferam estudos em várias áreas do conhecimento a respeito de cultos e celebrações das mais diversas religiões, sem que recaia sobre eles nenhuma consideração de cuidado, muito menos de censura na escolha do tema pelo pesquisador. Há formas de pensar tal experiência como sendo próxima à experiência da sexualidade, e esta formulação teórica redimensiona a proposição de que aqui se coloca uma questão ética em pesquisa. Então, fica explícito o caráter estritamente moral – e não ético – dos cuidados supostamente necessários em analisar registros de atos sexuais de indivíduos, no meu caso dos registros publicados na internet. Temer pesquisar o sexo seria colocá-lo novamente no lugar de “sexo-rei”.

Mesmo assim, algumas ressalvas ou precauções são necessárias de serem feitas a esta altura para o/a leitor/a. Em primeiro lugar, se coloca uma questão relevante: dada a maneira com que os corpos aqui se apresentam, ora narrados, ora fotografados, ora filmados, posso eu, enquanto pesquisador, reproduzir as fotografias e operar na sua análise visual, tendo em vista de que se tratam quase que em sua totalidade de registros pornográficos e explícitos? Para responder a esta questão, recorro aos Termos e Condições para Usuários do sítio, Termo esse que eu, enquanto usuário assinante dos serviços, afirmei concordar e subscrever suas cláusulas no momento em que efetuei meu cadastro e minha assinatura. Nestes Termos e Condições, no parágrafo oito, item dois, diz o seguinte:

8. Direitos de autor e outros direitos de propriedade intelectual
8.2 Em caso algum pode, sem limitação, copiar, reproduzir, publicar, transferir, colocar, difundir, gravar, transmitir, explorar comercialmente, comunicar ao público ou utilizar de outra forma o conteúdo incluído ou disponibilizado no site, exceto para o seu uso pessoal e não comercial. Condicionado pelo supra dito, pode transferir partes não substanciais desse conteúdo para o disco rígido do seu computador com a finalidade da sua visualização, desde que não seja feita mais do que uma cópia dessa informação.

Admitindo, contudo, a difícil fiscalização do cumprimento desta condição, acredito que se impõe um limite ético de pesquisa a partir do momento em que concordei com tais Termos ao cadastrar-me no sítio. Muito embora haja possibilidades técnicas de reprodução

das fotografias ao longo deste texto, escolho mantê-las para minha consulta pessoal ao deixá-las reservadas em meus arquivos, de maneira que não vou publicar nenhum registro, nem imagético nem audiovisual, dos perfis nesta pesquisa. Apesar de essa decisão criar um paradoxo metodológico – pois afirmo que vou empreender uma análise visual sem, todavia, publicar nenhuma imagem – aposto que este é um caminho ético que deve ser escolhido, uma vez que a discussão em torno da publicação de arquivos pessoais na internet ainda é bastante incerta, sobretudo no Brasil, onde ainda não há uma legislação específica que regule ou tipifique as práticas sociais na *web*, como expus há pouco. Além disso, os próprios Termos e Condições dos Usuários do sítio são profundamente contraditórios, ora trazendo parágrafos como o recém citado, que impedem claramente a reprodução pública ou cópia dos arquivos dos perfis, ora trazendo outros como o parágrafo cinco, item três, em que se lê:

5. As suas garantias

5.3 Alertamos que não existe recurso que impeça copia de imagem na internet. Por tal razão, o associado deve estar ciente de que, uma vez inserida na rede virtual qualquer imagem, seja fotografia, figura ou reprodução, é possível sua copia, reprodução ou impressão por terceiros que acessem o site, para inibir imprimiremos o endereço de seu website neste site em seu foto. [sic]

Daí depreende-se que, uma vez que a cópia das fotografias e dos textos é possível, mas que sua divulgação pública é vetada – muito embora essa fiscalização seja difícil de ser implementada –, recai no pesquisador, na sua relação ética com os sujeitos de sua pesquisa e com o conhecimento produzido por suas análises, a decisão de como tratar o material que compõe seu recorte e seu *corpus*. Então, aqui escolho prescindir da publicação dos elementos imagéticos dos perfis. Por isso, nos dois momentos em que fiz as observações das páginas pessoais, fiz anotações sobre como se apresentavam as fotografias e os vídeos naqueles instantes. Tais anotações me servem como referência para a discussão sobre a forma e o conteúdo das fotografias, assim como me serve de parâmetro para referenciar os vídeos ao longo deste texto. Os trechos das pequenas narrativas foram arquivados por mim mediante a técnica *print screen*, que possibilita o ‘retrato’ da tela do computador no momento em que os perfis estavam sendo exibidos. Ao digitar a tecla *print screen*, presente em todos os teclados ABNT, foi possível armazenar as pequenas narrativas de todos os perfis que seguem em anexo gravadas no CD que acompanha esta dissertação (ver pastas FAVORITOS MAIO 2008 e FAVORITOS JUNHO 2008 no CD).

Sobretudo porque assumo, enquanto postura teórico-metodológico-política, o papel central da linguagem enquanto produtora de significados, penso ser indispensável discorrer também sobre os aspectos éticos de pesquisar isso que pesquise: representações de corpo, gênero e sexualidade publicadas em perfis na internet. Como já se pode entrever pelos apelidos criados pelos usuários, a linguagem usada por eles – tanto na escrita das suas pequenas narrativas quanto na linguagem de seus corpos – se apresenta de maneira explícita, até mesmo ‘chula’. As palavras usadas para referir-se ao pênis, ao ânus, aos atos sexuais são o que poderíamos chamar de ‘palavrões’: não porque palavras grandes, mas porque palavras que, na nossa cultura e na nossa sociedade, carregam significados ‘pesados’. Assim, algumas palavras e expressões usadas pelos internautas donos dos perfis podem parecer demasiadamente ‘pesadas’, inclusive contrastando com o uso padrão e ‘culto’ da Língua Portuguesa necessária aos trabalhos acadêmicos. Podemos dizer que o linguajar usado pelos internautas não tem compromisso com o “politicamente correto”, usando e abusando de expressões que podem carregar sentidos altamente ofensivos e depreciativos. Vale ressaltar que tais expressões também acabam por configurar uma certa estética do ambiente e das narrativas de si; sobre isso discorrerei ao longo dos capítulos que seguem.

Se parto do princípio que a linguagem é produtora de significados, talvez também se incluísse numa certa dimensão ética a minha postura frente aos modos com que ela é usada pelos meus sujeitos de pesquisa. “Longe de se limitar a registrar as realidades”, escreve Andrea Semprini, “a linguagem contribui para sua produção, modelando a percepção que uma sociedade tem de si mesma e dos grupos que a compõem” (SEMPRINI, 1999, p. 67). Para isso que chamamos de politicamente correto, então, o uso desta ou daquela palavra faz toda a diferença quando usada para designar indivíduos, grupos sociais, ideias ou conceitos. Para a proposta do politicamente correto, seria necessário achar expressões que não contribuíssem para a estigmatização, para o preconceito ou para o ‘peso’ negativo que certas palavras carregam. Para o politicamente correto, seria imprescindível achar palavras ‘adequadas’.

Se estas palavras são difíceis de serem encontradas é porque a linguagem nunca é neutra por definição e não pode deixar de exprimir relações de força, os valores e as crenças de uma sociedade. (...) A rápida circulação da informação e a mistura dos discursos sociais e dos estilos de vida favorecidos pela mídia passam a situar todo discurso em praça pública – ou mais precisamente num *espaço de recepção* – sempre mais vasta. (...) Se todos ficam sabendo de tudo que é dito, como encontrar expressões consensuais, que sejam precisas e não controversas ao mesmo tempo? (*idem*, p. 69) [grifo da autora]

Assim, procuro manter as palavras usadas pelos meus sujeitos de pesquisa tais quais elas estavam publicadas em seus perfis nos momentos das minhas observações. Mesmo que alguma objeção se levante, no sentido de (des)qualificar as expressões aqui publicadas como sendo ‘impróprias’ para o texto acadêmico, assumo o risco de tensionar esse caráter ‘impróprio’. A linguagem usada pelos meus sujeitos de pesquisa não é, de fato, politicamente correta; assumo essa ‘incorreção política’ exatamente porque a linguagem que usamos sempre vaza e desliza, em qualquer condição possível. O vazamento e o deslize, aqui, vão ser figuras importantes para o compromisso com as análises, e o ‘peso’ de algumas palavras e expressões é, ele próprio, algo a ser analisado. Não quero tentar ‘aliviar’ o ‘peso’ das expressões, nem camuflar ou dissimular as palavras que encontrei nas minhas observações dos perfis. Quero pensar, isso sim, como este modo de expressar-se através destas palavras constitui-se como algo relevante no meu objeto de pesquisa.

Essas são algumas posições éticas, teóricas e metodológicas importantes para a compreensão de onde, como e em que direção este texto aponta. Estão dadas previamente aos capítulos que virão porque tais posições os atravessam, norteiam o modo de produção do conhecimento aqui empregada. A seguir, inicio a construção das análises em conjunto com a exposição conceitual que me permite fazê-las. Uma última questão ética, que diz respeito a uma pergunta enviada por um dos usuários do disponível.com enquanto eu realizava minhas observações, dá conta de responder o seguinte: por que pesquisar, por que lançar o olhar, por que visibilizar este espaço e estes sujeitos? Ou, literalmente, como escreveu o internauta: “por que tu vens pesquisar aqui, não tem mais nada pra fazer?” No próximo capítulo ensaio uma possível resposta a essa pergunta, apostando que minha trajetória pessoal pode ajudar em responder, ao menos em parte, a essa questão e também sempre acreditando que vale a pena discorrer sobre os modos com que se apresentam as masculinidades gays na internet.

2 Por que eu, por que as masculinidades gays e por que a internet?

*Viver ou morrer é o de menos
A vida inteira pode ser qualquer momento
Ser feliz ou não, questão de talento
Leve a semente vai onde o vento leva
A gente pesa
Por mais que invente, só vai onde pisa*
(Iara Rennó, Alice Ruiz)

É lugar comum hoje falar sobre o ‘impacto das tecnologias digitais na sociedade contemporânea’. Quando se ouve essa frase, logo lembramos da internet, esse novo espaço de informação, comunicação e sociabilidade *online*. A popularização dos seus usos tornou-se um imperativo dos anos 2000: os Estados já prevêm em suas plataformas de ações políticas a chamada ‘inclusão digital’, com o objetivo de oferecer acesso à rede mundial de computadores ao maior número de pessoas possível⁴³. Quais os usos feitos pelos usuários da internet, enquanto espaço de sociabilidade? De que sociabilidade estamos falando? Como o meu percurso me levou a estudar a internet, os corpos, os gêneros e as sexualidades?

O uso da internet no Brasil está bem mais difundido que alguns anos atrás, como mostram recentes dados estatísticos de referência nacional. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴⁴, o número de domicílios com computador ligados à internet nas grandes regiões metropolitanas foi mais de 7 milhões e 200 mil só no ano de 2005. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) divulgada em março de 2007⁴⁵, o Brasil conta com 27,5 milhões de pessoas conectadas à rede em suas casas, enquanto o número de usuários da *web* em qualquer ambiente – casa, trabalho, escolas, universidades, *lan houses* e cibercafés – passa de 33,15 milhões. Esse número, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE divulgada em setembro de 2007⁴⁶, está em franco crescimento devido ao aumento progressivo na compra de computadores e ao difundido acesso à internet nas casas brasileiras. De acordo com esta

⁴³ Segundo Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), divulgado pelo governo brasileiro em janeiro de 2007, os impostos cobrados sobre os computadores à venda deveriam cair ao longo do ano reduzindo o custo dos aparelhos para o consumidor final. Além disso, o governo previu também a compra de computadores com acesso à internet para escolas da rede pública de ensino.

⁴⁴ O IBGE incluiu na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) o tópico “acesso à internet” a partir do ano de 2005. Ver <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/internet.pdf>

⁴⁵ Ver <http://www.ibope.com.br>. Esse número já foi atualizado em nova pesquisa divulgada em março de 2008, cujos dados eu ainda não tive acesso.

⁴⁶ Os dados da PNAD divulgados em setembro de 2007 referem-se ao ano de 2006. Ver <http://www.ibge.gov.br>

pesquisa, mais de 22% dos domicílios têm *personal computer* com acesso à rede mundial, sendo que no ano de 2001 esse percentual era de 12%.

Argumentar sobre a crescente importância dos atuais usos da internet parece redundante, mas é imprescindível trazer esses números para exemplificar quantitativamente em que contexto se insere esta pesquisa. Entretanto, deixo-os de lado de agora em diante, pois “os números são anônimos, eles podem se referir a qualquer um... Os números são um jeito de transformar as coisas e pessoas em pontos numa curva, em um gráfico, em um projeto...” (SANTOS, 2007, p. 3). Prefiro, então, descrever o percurso de como cheguei até aqui.

Quatorze anos atrás, ainda com onze anos de idade, tive o primeiro contato com a internet, que era incipiente no Brasil. Num primeiro momento, o som agudo e o chiado clássicos da conexão discada usando modem⁴⁷ de linha telefônica ao mesmo tempo me assustavam e me fascinavam, assim como os sítios de notícias e os programas de envio e recebimento de e-mail eram uma novidade sem igual. Minhas primeiras incursões pela internet aconteceram no laboratório de informática do colégio privado onde eu estudava, uma instituição evangélica, que tinha lugar numa sala remota do grande conjunto de prédios que formavam a escola. Foi nesse espaço onde aprendi a primeira lição sobre aquilo que eu poderia encontrar na *web*, lição que veio da professora responsável pela coordenação do laboratório. Quando acessei o sítio de busca *Yahoo* e digitei a palavra “Madonna”, ela imediatamente disse “Luiz Felipe, fecha agora este programa”, “mas por quê, profe?” eu perguntei. Ela respondeu “porque nunca sabemos o que vamos encontrar nestas páginas, e aqui funciona uma escola. Se queres ver *este tipo* de sítio, acesse da tua casa”. Aprendi, então, que há lugares específicos de onde podemos acessar *alguns tipos* de sítios, e que há *alguns tipos* de sítios que devem ser vistos com discriminação. Definitivamente, a escola não era um ambiente para *aquele tipo* de sítio, muito embora no diálogo entre mim e a professora não tenhamos definido o *tipo* sobre o qual falávamos. Mas nós dois sabíamos do que se tratava, sempre lembrando o histórico polêmico da cantora estadunidense em relação aos corpos e às sexualidades.

Para mim o ‘impacto’ da nova tecnologia foi grande naquele momento, mas só foi superado por um outro: o ‘impacto’ de descobrir que uma vida social efervescente existia para além do som agudo e do chiado da conexão. As salas de bate-papo em que centenas de pessoas trocavam mensagens instantâneas se constituíam em importantes espaços de sociabilidade, havia programas de conversa *online*, havia câmeras digitais capazes de

⁴⁷ Aparelho específico para a tecnologia de acesso à internet comum a todos os computadores.

transmitir e receber imagens através da rede mundial. O mais delicioso de tudo era que eu conseguira ‘despistar’ minha professora: apesar de eu ser proibido de acessar *alguns tipos* de sítios de dentro das dependências da escola, descobri que havia salas de bate-papo endereçadas aos ‘gays’, ‘homossexuais’ ou apenas ‘eles & eles’, salas que os grandes portais da época⁴⁸ disponibilizavam. E foi no ambiente das salas de bate-papo da internet voltadas para homens homossexuais que comecei a construir minha masculinidade gay, por assim dizer, à medida que utilizava o serviço destinado para esse público específico.

Mas, sobretudo, à medida que comecei a me relacionar com outros usuários que se diziam também homens gays, fui aprendendo a sê-lo: aprendi a usar palavras e expressões em seus contextos específicos (quem ou o que era uma ‘bicha’?), aprendi sobre os modos de se apresentar mais apropriados em uma sala de bate-papo *online* ao assimilar as regras tacitamente estabelecidas entre os usuários de como comportar-se naquele ambiente (DORNELLES, 2004; ZAGO, 2006), aprendi sobre as características tributárias da heteronormatividade (BUTLER, 2003, 2004, 2007; JACKSON, 2005; LOURO, 2004a, 2007a, 2007b; SANTOS, 2007b) que um homem deveria ostentar e cultivar para ser desejado e desejável, aprendi que tudo aquilo que se fazia e tudo aquilo que se dizia no ‘mundo virtual’ acabava quando eu clicava em ‘desconectar’ e se perdia irremediavelmente quando o computador se desligava. Comecei, através dos usos que atribuí à rede mundial de computadores, a entrar em contato com processos pedagógicos que me ensinavam sobre as masculinidades (CONNELL, 1995, 2003; KIMMEL, 1997, 1998). Aprendi sobre como a obscenidade, o erotismo e a pornografia (ABREU, 1996) voltada para homens gays pode ser central nas maneiras de representar os corpos, constituindo-se como um dos temas mais relevantes na internet⁴⁹. Por isso, as salas de bate-papo funcionaram para mim como espaço de experimentação, de aprendizagem e de construção da sexualidade e da masculinidade (LOURO, 2003, 2004a, 2005, 2007a, 2007b) a partir da comunicação com outros internautas.

A impressão de que as identidades gays poderiam ser ‘deletadas’, sem deixar pistas, e que desapareceriam quando o computador estivesse *offline*⁵⁰ ou desligado, me intrigava por causa do pretenso anonimato que a internet proporciona. A impressão de que as homossexualidades poderiam ser interpeladas ou desligadas com um clique no *mouse* desde

⁴⁸ Alguns deles: Zaz.com (mais tarde Terra Lycos Brasil), Universo Online (UOL) e mIRC.

⁴⁹ Segundo a Corporação da Internet para Nomes e Números Designados (Icann, dos Estados Unidos), as palavras “sex” e “pornography” estão entre as cinco palavras mais procuradas em sites de busca como Google e Yahoo.

⁵⁰ A palavra “offline” será aqui usada para se referir a todas as práticas que não aconteçam na e através da internet, de modo que a expressão adquira apenas sentido descritivo.

então me causou um profundo estranhamento. Tudo me parecia altamente revolucionário – e subversivo. Falo aqui em subversão porque foi aos treze anos, usando um computador e a internet, dentro do espaço institucionalizado da escola, que fui homem gay pela primeira vez. Primeiro na internet, acreditando no seu suposto anonimato e só mais tarde para minha família e meu círculo de amigos.

Aos dezesseis anos participei pela primeira vez da Parada Livre, no ano 2000, e nessa oportunidade pude experimentar uma sensação mais política, ou coletiva, da vivência da minha sexualidade – e de todos os outros que estavam comigo. A partir daquele momento, o movimento social pela livre orientação sexual me pareceu atraente pelas oportunidades de produção de conhecimento. Depois de fazer a caminhada junto com outras pessoas lésbicas, gays, transgêneros em torno do Parque Farroupilha, pus em contraste as práticas sociais *online*, que até então eu experimentava, com esta outra prática social *offline*, a caminhada em torno do parque no dia do ‘orgulho gay’: se na internet as palavras de ordem eram “quero sexo real agora”, na Parada Livre elas eram substituídas por “queremos direitos iguais agora”. *Online* os internautas gays falavam de si e conjugavam o verbo no singular; *offline* os cidadãos gays falavam do coletivo e conjugavam o verbo no plural. Para mim isso significou a descoberta de uma coletividade mais ampla que o ambiente das salas de bate-papo proporcionavam. Significou pôr em movimento um processo de identificação com um ideal coletivo de afirmação e construção das masculinidades gays. Será que isso quer dizer que estamos agora submetidos a mais uma oposição binária e não-complementar, o *online* e o *offline*, de modo que dela não se possa mais escapar? Será que essa oposição tomará ares tão fundantes na nossa sociedade como o binômio masculino/feminino? Entre o ‘mundo virtual’ e o ‘mundo real’⁵¹ a relação é de contrariedade de tal maneira que entre os dois nada mais pode surgir?

O ingresso no ensino superior na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para cursar Jornalismo foi um passo importante que mais tarde me ajudaria a entender os fenômenos dos *media*⁵² inseridos na sociedade contemporânea. Ao estudar as Teorias da Comunicação, pude examinar com mais cautela e com mais crítica a função dos meios de comunicação na sociedade e na cultura. Entrei em contato com os paradigmas teóricos dos estudos culturais, e foi então que surgiram as minhas

⁵¹ Mantenho suspensos os significados dessas expressões porque sigo as teorizações de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Pierre Lévy que sustentam que “o real não se opõe ao virtual, mas sim ao atual”, já que o “o virtual é o que existe em potência e não em ato” (LÉVY, p. 15-16, 2005b). Aqui, ‘real’ e ‘virtual’ são usados no sentido lato, do lugar comum, sempre entre aspas simples.

⁵² Meios de comunicação de massa.

primeiras teorizações, mesmo que sem caráter científico, através das quais eu tentava compreender a internet e suas significações dentro da cultura contemporânea. Num primeiro momento, eu insistia em entender ‘os impactos da internet na sociedade’, enxergando as tecnologias digitais como forças originalmente externas à cultura, que a constituíam de forma voluntária – e voluntariosa.

Todavia, ao passo que estudava de modo mais profundo a história do desenvolvimento da rede mundial de computadores e que me inteirava mais das ideias dos pensadores dos estudos culturais, entendi que onde tudo ganha sentido é dentro da cultura. Os processos pelos quais as significações são produzidas dentro de uma sociedade são dinâmicos, de forma que nada é externo à cultura porque somente dentro dela é que algo – ou alguém – é representado e significado (HALL, 2005). Dessa forma, me questioneei sobre a metáfora do ‘impacto da internet na sociedade contemporânea’, procurando inverter a lógica, tal como faz Pierre Lévy (2005a): não seria a sociedade contemporânea que causa um impacto na internet?

Podemos dizer, sim, que é a sociedade contemporânea, os próprios usuários da internet, que vêm ‘causando impactos’ nos usos desta tecnologia; são os internautas que movimentam as informações dentro da rede, criam novos sítios a cada dia sobre os mais variados assuntos, acessam sítios de relacionamento, salas de bate-papo; são os usuários que se apoderam das possibilidades técnicas da internet e mudam suas culturas (MILLE, SLATER, 2004; DE LARGY HEALY, 2004). Em outras palavras, são os usuários da *web* que a produzem como hoje nós a conhecemos, que a investem de sentido, que a constroem e a ressignificam. A técnica pode oferecer uma nova forma de estar em sociedade, a ‘forma virtual’, pois é comum que cada um de nós tenha hoje seu e-mail profissional e outro pessoal, pois talvez cada um tenha sua página pessoal neste ou naquele sítio de relacionamento. Mas é a intensa negociação entre cultura, técnica e sujeitos que vai produzir os significados da internet na sociedade contemporânea. Por isso é importante ter uma *apreensão ecológica* da internet ao pensar a rede mundial de computadores como mais um meio-ambiente entre os vários outros espaços de sociabilidade já existentes, e não como um espaço existente *per se* que exigiria um esforço epistemológico em explicar sua ontologia. Numa opção ecológica, analisaremos a internet como um meio-ambiente (tal qual os clubes de sexo, saunas gays, bares e boates); numa opção ontológica, veremos a internet como uma nova natureza dotada de uma nova cultura de especificidades e idiosincrasias que pediriam por métodos particulares para sua compreensão. Aqui faço a opção pela ‘ecologia cultural’, ou seja, a perspectiva na qual vou trabalhar neste texto a internet deixa de ser um campo à parte,

separado da cultura e privilegiado por uma epistemologia própria, para se inserir no processo mais amplo de produção de múltiplos artefatos culturais e para tornar-se mais um dentro os vários ambientes de sociabilidade atualmente existentes; e a distinção entre *online* e *offline* deixa de ser explicativa para tornar-se meramente descritiva⁵³. Isso quer dizer que não me apóio em tal distinção para empreender minhas análises, pois essa separação reforçaria a ideia de que tudo que é feito e dito na internet (*online*) estaria em oposição àquilo que que é dito e feito fora dela (*offline*). Sobre isto vou discorrer mais aprofundadamente no capítulo cinco.

Assim, aquilo que é dito e feito *online* não surge ali como uma criação ‘nova’, ‘inaugural’ e ‘inédita’. Dizer de si, ou seja, narrar a si mesmo e dar informações sobre si como parte de estratégias na busca de parceiros sexuais, como é o caso do objeto desta pesquisa, são práticas que já existiam antes da internet, como nos diários pessoais, nas cartas, nas biografias e até mesmo em anúncios classificados de jornais e revistas. “As postagens na internet não são muito diferentes dos anúncios de procura por contatos sexuais colocados em jornais e revistas provavelmente por tanto tempo quanto essas mídias existem”, escrevem Rietmeijer, Bull e McFarlane (RIETMEIJER *et al*, 2001, p. 1433), “entretanto, o potencial de interação instantânea com muitas pessoas semelhantes de uma maneira relativamente anônima aumenta o uso da internet para propostas de busca por sexo” (*idem*)⁵⁴.

A relativa privacidade ao iniciar contatos sexuais também coloca a internet separada dos bares, saunas e outros ambientes públicos, onde a atmosfera pode ser desencorajadora para aqueles menos abertos sobre suas intenções sexuais. (...) O imediatismo da internet permite que um encontro virtual seja rapidamente seguido de um encontro físico, e a partir do momento em que há mais parceiros a escolher e menos tempo em receber uma resposta (como era o caso dos antigos anúncios de jornal), a internet aumenta a eficiência na procura por sexo da mesma forma com que aumenta a eficiência do trabalho, *shopping* e atividades de lazer. (*idem*).

As ‘novidades’ da internet, portanto, estão no domínio e no aproveitamento dos recursos tecnológicos que ela proporciona, na rapidez e instantaneidade do começo – e do fim – das comunicações, na maneira como os sujeitos se apresentam, nas possibilidades dos ângulos fotográficos e na linguagem dos vídeos; sobretudo, a ‘novidade’ da *web* está investida nos usos e nos significados atribuídos pelos internautas a ela. As falas dos internautas em salas de bate-papo, por exemplo, ou ainda os significados usados para a construção de perfis,

⁵³ Devo o desenvolvimento deste raciocínio ao professor Bernardo Lewgoy, que me sugeriu trabalhar com esta perspectiva teórico-metodológica na ocasião da banca de exame do texto do projeto desta dissertação.

⁵⁴ O texto original está em Inglês. Toda a tradução é de minha responsabilidade.

apelidos, publicação de imagens, sítios e páginas pessoais *online* são re-elaborados na internet, ali são postos em ação, ali são ressignificados e negociados com a mediação intensa entre os usuários da rede mundial de computadores, nos usos de novas ferramentas e novas possibilidades tecnológicas. Ao utilizarem as possibilidades técnicas da *web*, os usuários da rede acionam discursos que põem em fluxo representações existentes fora do ‘mundo virtual’ e que não existem apenas aí. É internet, por isso, é mais um – entre vários – ambientes de sociabilidade produzidos pela nossa cultura.

Quando participei da Parada Gay da cidade do Rio de Janeiro em julho de 2006 o céu estava nublado e surpreendentemente esta cidade não estava linda: estava cinza, cheia de matizes do preto para branco. Entre a paisagem monocromática e as praias desertas por causa da chuva fina que caía, vi surgir um grande carro de som ocupado majoritariamente por homens seminus e seguido por um grupo de diversos homens também descamisados. O carro era o mais bem produzido do contingente presente para guiar a caminhada planejada pelos grupos do movimento brasileiro de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (LGBT) do Rio, com som de alta qualidade, equipado com aparelhos de luz e decorado com cores fortes que contrastavam gritantemente com a monotonia geral das cores de Copacabana e com a apatia do público, frustrado com o tempo ruim. Naquele ano, a Parada do Orgulho reuniu cerca de duzentas mil pessoas na Avenida Atlântica. Havia uma variedade de modos de ser gay entre o público presente naquele momento, e dentro dessa variedade se destacava o carro acima mostrado com seus homens sem camisa e de sunga. O carro de som que eu vi na Parada Gay do Rio de Janeiro era patrocinado pela equipe do sítio de relacionamentos disponivel.com, voltado para o público homossexual. Fiquei bastante impressionado pela opulência, tanto material (decoreação, aparelhagem de som e luz, tamanho do veículo) quanto simbólica (os sujeitos que ocupavam o carro e que o seguiam eram em grande número e faziam parte de uma ‘tribo’ específica entre o público gay) do carro. Mais tarde, conversando com amigos e colegas de trabalho, descobri que o sítio de relacionamentos disponivel.com patrocina carros de som em várias paradas em todo o Brasil, o que investe de caráter político o próprio sítio e as ações que sua equipe promove. Eu já fora usuário dos serviços da página outrora, mas com as novas informações que eu obtivera procurei observar com mais apuro sua proposta *online*: foi quando decidi que o disponivel.com seria meu objeto de estudo em futuras pesquisas acadêmicas.

Então, já no fim da minha graduação em Jornalismo, buscando os referenciais teóricos dos estudos culturais e dos estudos feministas a partir de uma perspectiva pós-estruturalista,

decidi investigar a dinâmica social da internet tomando como objeto de problematização algo que me constituía como homem gay: as salas de bate-papo voltadas para o público gay. Redigi minha monografia de final de curso baseado nos estudos de gênero e articulando-os com os conceitos que estudei ao longo da graduação em Comunicação, resultando num texto onde procuro me situar enquanto pesquisador, enquanto jornalista e enquanto homem gay ao observar a dinâmica das comunidades virtuais na internet e analisar as construções e representações de masculinidades gays nas salas de bate-papo (ZAGO, 2006). Não coincidentemente, os dois últimos semestres da faculdade de Jornalismo foram aqueles em que participei do movimento LGBT brasileiro, desempenhando funções como jornalista ‘politicamente engajado’ em uma organização não-governamental gay de Porto Alegre. Coordenei projetos de criação de campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, compus grupos de discussão com professores da rede pública estadual de ensino sobre gênero, corpo e sexualidade e desenvolvi pesquisas de resgate e registro históricos dos primeiros lugares de sociabilidade para homens homossexuais na cidade de Porto Alegre.

Hoje sou voluntário em um projeto de prevenção ao HIV/AIDS entre jovens gays. Pela minha inserção profissional, enquanto militante do movimento LGBT, entendo que o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas na área de educação, relações de gênero, corpo e sexualidades também é uma forma de engajamento político. Como pesquisador, penso que a produção de conhecimento sobre essas temáticas é imprescindível para a problematização das condições históricas que, por exemplo, me levaram a questionar as dimensões políticas da construção da minha própria masculinidade. Da mesma forma, procuro compreender a adesão em massa da internet como um novo espaço de sociabilidade e os significados que as possibilidades tecnológicas oferecidas pela internet podem ter na produção e representação *online* dos corpos, das masculinidades e das sexualidades. O questionamento, a dúvida, o estranhamento me levaram a pesquisar isso que pesquiso hoje – a internet, os corpos, as masculinidades gays – da maneira com que pesquiso hoje – a partir de uma perspectiva cultural, feminista e pós-estruturalista. Ao ampliar o conceito de educação, enquanto área produtora de identidades, de modos de ser e de posições-de-sujeito (LOURO, 2003, 2004a; SILVA, 1999a, 1999b), minha pesquisa se desenvolve num Programa de Pós-Graduação em Educação exatamente porque entendo que a internet pode ser analisada como sendo uma instância provedora de pedagogias, provedora de condições de experiências que acabam por produzir, modificar e re-elaborar as maneiras com que os sujeitos se reconhecem e se colocam

socialmente. Exatamente por estes motivos e a partir de experiências pessoais percebo que pesquisar os modos pelos quais os internautas se dizem homens gays na internet pode representar um esforço acadêmico no sentido de estudar as práticas sociais ligadas à experiência contemporânea das diferentes formas de ser homem, bem como pode dar pistas sobre os usos que os internautas brasileiros têm feito da *web*.

É uma escolha pessoal e política, portanto, trabalhar com conceitos de educação, corpo, gênero/masculinidades, sexualidade. São estes conceitos que serão articulados com outros mais para dar força às ideias que quero desenvolver, ideias que serão apresentadas ao longo do texto para que eu possa desenvolver uma discussão em torno das masculinidades gays. A própria expressão “masculinidades gays” significa um deslocamento conceitual para esta pesquisa a partir do momento em que coloco a experiência da (homo)sexualidade como um adjetivo das masculinidades, como um acento do gênero masculino, ou ainda como uma declinação da experiência de ser homem, mas sempre tendo a noção de que a sexualidade e os gêneros são inseparáveis, indissociáveis, implicando-se mutuamente⁵⁵. Com isso quero problematizar a construção de gênero entre homens que mantêm práticas sexuais com outros homens e sua publicação através da internet. Não acredito, todavia, que a sexualidade seja um assunto ‘menor’ ou ‘menos importante’, tampouco assumo que aqui eu esteja ‘rebaixando’ o estatuto da sexualidade. Antes, pelo contrário, penso que os conceitos de gênero/masculinidade e de sexualidade mantêm um estado de interdependência tão forte quanto o próprio conceito de gênero (uma vez que entendo as masculinidades como dependentes das feminilidades), sendo que eles dão condições um ao outro para a reconstrução de experiências, como vou discutir mais aprofundadamente no capítulo quatro. O que quero defender ao longo deste texto é que para meu objeto de pesquisa a experiência da homossexualidade é um elemento importante nos modos de ser homem, e que também ser homem é uma experiência importante para a representação das sexualidades.

2. 1. Mais um espaço de sociabilidade

“A internet tem se tornado um espaço de mercado sexual que de algumas maneiras é o equivalente aos bares gays e aos lugares de flerte [entre homens]”, dizem Ross, Tikkanen e

⁵⁵ Outras pesquisas também vão no mesmo sentido, como é o caso de Anselmo Peres Alós na sua tese de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFRGS, intitulada “A letra, o corpo e o desejo – uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly” (Porto Alegre: UFRGS, 2007).

Mansson, “como uma entrada para um ‘oasis erótico’, assim como a realidade virtual de ‘oasis erótico’ em si mesma, ela contém muitas características dos espaços tradicionais para contatos homosociais e homossexuais enquanto agrega algumas outras mais” (ROSS *et al*, 2000, p. 750)⁵⁶. É importante frisar que este espaço que escolhi como campo de pesquisa tem uma finalidade bastante precisa: criar condições para que seus usuários possam interagir; como a própria expressão diz, este é um ‘sítio de relacionamentos’. Esses relacionamentos podem ser ou não de ordem sexual, mas de todo modo as informações criadas e publicadas pelos usuários têm como temática principal os corpos e os discursos que os produzem, que os tornam legíveis ou capazes de ‘serem lidos’ por outros sujeitos dentro daquele contexto. Portanto, partindo de uma apreensão ecológica da internet, ou seja, entendendo-a como mais um ambiente, e entre outros que já existem, de sociabilidade entre homens que fazem sexo com outros homens ou homens gays, o sítio de relacionamentos [disponível.com](http://disponivel.com) se constitui como um espaço de criação de redes de contato em que as práticas sexuais, os corpos, os gêneros/masculinidades e as sexualidades adquirem centralidade na construção de vínculos entre os sujeitos.

Por outro lado, pensar a internet como mais um lugar de sociabilidade também significa estar atento aos novos modos de comunicação que ela proporciona, também significa entender as possibilidades engendradas pelas tecnologias que a constituem no sentido de que a construção e a representação dos sujeitos – de seus corpos, suas masculinidades e suas sexualidades – serão em boa medida ressignificadas na e através da *web*. Nessa perspectiva, coloco o sítio [disponível.com](http://disponivel.com) a par de outros lugares de sociabilidade que existem atualmente. Mas entendo também que os modos de sociabilidade, de estabelecimento de vínculos, de produção e representação de si através de formas que façam sentido dentro deste lugar específico, apresentam diferenciações. Estar sentado num cinema pornô gay pede por comportamentos diferenciados do estar sentado num bar gay com mesas ao ar livre, que por sua vez pede por modos de sociabilidade diferenciados do estar dançando numa boate gay de madrugada: esses três espaços exemplificam “regiões morais” (RIOS, 2008; PERLONGHER, 1986) distintas nas quais os sujeitos têm comportamentos diferentes porque lhes são dadas condições e possibilidades também diferentes nos modos de estar.

É importante descrever as novas características que a internet oferece além da facilidade em estender velhas funções. Da mesma forma que a internet pode prover oportunidades de conhecer outros homens

⁵⁶ O texto original está em Inglês. Toda a tradução é de minha responsabilidade.

homossexuais num leque (e num horizonte de tempo) maior, ela também pode prover a possibilidade do ‘sexo virtual’, assim como a oportunidade de disfarce ou mudança das características sexuais. (...) Como a tecnologia mudou, também mudaram as salas e avenidas em que se facilitava o contato sexual entre homens. A internet pode simplesmente ser a mais recente oportunidade de aparecer. Entretanto, como lugares públicos podem estar sujeitos a restrições legais e os sujeitos podem correr o risco de detenção ou exposição, ambientes virtuais no presente podem oferecer a proteção adicional de um maior anonimato, inexistência de ilegalidade e proteção contra o estigma. (ROSS, *et al.* 2000, p. 750-751)

Existe, por isso, uma história prévia de espaços e modos de sociabilidade que criaram possibilidades para que hoje a *web* seja usada da maneira com que é usada pelos homens gays na procura de parceiros afetivo/sexuais, como é o caso do [disponível.com](http://disponivel.com). Há contextos políticos, econômicos e culturais, contingentes na perspectiva histórica, que produzem esses espaços de sociabilidade e as maneiras de os sujeitos se colocarem neles. Quais foram as condições que fazem com que tantos homens gays hoje recorram à rede mundial de computadores como mais um espaço de sociabilidade?

“Apesar dos propalados efeitos libertadores da revolução sexual no Ocidente”, escreve Veriano Terto Júnior, “no que diz respeito ao sexo, os homens que fazem sexo com homens⁵⁷ no Brasil, ao menos nas grandes cidades, nunca se ressentiram da falta de lugares para encontros (homo)sexuais” (TERTO JR., 1996, p. 93). O autor, junto com outros (TREVISAN, 2000; TRINDADE, 2004; RIOS, 2008), diz que nas metrópoles brasileiras há e sempre houve a possibilidade de lugares de encontro entre homens que buscavam conhecer outros homens a fim de manter contatos sexuais. Os modos e os espaços de sociabilidade, entretanto, estão em constante processo de construção e de ressignificação, sendo sempre produzidos por circunstâncias sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas. Richard Parker diz que o processo de urbanização que aconteceu no Brasil, sobretudo na segunda metade do século XX, foi bastante responsável pela emergência de possibilidades mais favoráveis à criação e à estabilização desses espaços:

(...) a impessoalidade relativa da vida urbana – bem como o retrocesso do significado da família, da moralidade tradicional e da autoridade religiosa que acompanhou os processos de urbanização – abriu novos espaços na textura da sociedade para reorganização dos valores sexuais e a reconstrução de suas práticas. (PARKER, 1991, p. 135)

⁵⁷ A expressão “homens que fazem sexo com homens” (HSH) surge para englobar os homens que mantêm práticas homossexuais, mas que não se identificam como sendo homossexuais ou gays.

Ainda segundo Parker, “foi apenas no passado mais recente que alguma coisa remotamente similar a uma ‘comunidade gay’ foi encontrada nas áreas mais modernas de algumas cidades brasileiras”. O autor reconhece, todavia, que “uma subcultura enfocada em torno de desejos e práticas entre pessoas do mesmo sexo parece ter existido nos centros urbanos maiores desde o final do século XIX” (*idem*, p. 136). De fato, João Silvério Trevisan relata que “já na primeira metade do século XIX, era comum e escandalosa, numa cidade como o Rio de Janeiro, a prática homossexual – sobretudo no baixo comércio” (TREVISAN, 2000, p. 238), e cita como exemplo do flerte entre homens o caso do chapeleiro Traviata que “buscava clientes nos teatros e no Passeio Público, à noite” já naqueles anos (*idem*, p. 239). Para Trevisan, aliás, e cena artística desempenhou uma função sobremaneira importante neste período histórico no que diz respeito à sociabilidade de homens que faziam sexo com outros homens. Usando relatos do médico higienista Pires de Almeida, estudioso do então chamado ‘homossexualismo’ na época, ele escreve:

Curioso notar como os próprios edifícios teatrais acabaram entrando na cena homossexual do Rio, em meados do século XIX. Entre cafés, restaurantes, bilhares, portas dos conventos, escadarias de igrejas, arvoredos do campo de Sant’Anna e casas de banho freqüentadas por “pederastas e uranistas de todas as classes, categorias e condições”, Pires de Almeida incluía aí também as entradas e os porões dos teatros. Afinados com seu tempo, os próprios textos teatrais já refletiam essa realidade: certas comédias de Martins Penna, passadas no Rio de Janeiro, faziam referência à moda da infalível gravatinha vermelha no traje dos “invertidos” e ao largo do Rossio (atual praça Tiradentes) como “local predileto dos pederastas do tempo”. (TREVISAN, 2000, p. 240)

Trevisan traz as anotações dos diários pessoais (pequenas narrativas de si, vale aqui ressaltar) de Túlio Carella, um argentino que se muda para a cidade de Recife no fim de 1961 como professor da Escola de Teatro da Universidade local. Ele freqüentemente ia “às ruas, ao cais do porto, aos banheiros dos bares, para ouvir declarações de amor sussurradas e sentir-se deliciosamente objeto de desejo de tantos homens” (TREVISAN, 2000, p. 78), pois eram nesses espaços em que havia possibilidades de estabelecimento de vínculos e de contatos sexuais entre homens que faziam sexo com outros homens no Recife àquela época. Interessante de perceber o modo peculiar de apresentar a si próprio com o qual Carella se defronta ao conhecer um rapaz de vinte e dois anos conhecido como King-Kong “devido ao seu porte hercúleo e corpo de centauro”: “Quase à queima-roupa, King-Kong comunica-lhe que tem ‘23 centímetros por 4 de diâmetro’, fato que costuma deixar as mulheres loucas,

segundo ele” (*idem*). Segundo nos relata o autor, as possibilidades de flerte e de estabelecimento de vínculos entre os homens tinham certas ‘regiões’ ou ‘zonas’ marcadas na geografia das cidades (como é o caso do cais do porto, em Recife, ou mesmo dos prédios teatrais e largos, como no Rio de Janeiro). No entanto, essas ‘regiões’ ou ‘zonas’ não podem ser entendidas como ‘pontos fixos’ de sociabilidade. Elas aconteciam, à sua época, misturadas ao ritmo de vida das cidades; elas estavam em boa medida incorporadas ao cotidiano dessas metrópoles. Além disso, o modo de dizer de si usado por King-Kong, tal qual nos apresenta Trevisan, é próprio de narrativas em que é em torno do corpo – sua descrição, sua valoração e exaltação de partes específicas – o contexto no qual as representações culturais orbitam. Bastante proximamente, na internet da primeira década do século XXI alguns homens lançam mão do mesmo modo de apresentar-se de King-Kong, como vou mostrar mais adiante.

Já em outra cidade brasileira e em outro período histórico, José Ronaldo Trindade aponta que, no final dos anos 70 em São Paulo, “as vias públicas eram apropriadas para encontros casuais e consumação do sexo em espaços privados” (TRINDADE, 2004, p. 176). Ele continua:

Ouvi algumas vezes, em conversas informais com alguns interlocutores, que no início da década de 80 era tão intensa a vida sexual nas ruas que era possível fazer sexo com alguém desconhecido mais de uma vez, fosse dia ou noite, qualquer que fosse a intenção do percurso. (*idem*, p. 177)

Trevisan, por sua vez, localiza na década de 1970 o que ele chama a “eclosão do desbum guei [sic]”. O autor ainda diz que “Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada a partir de 1964, imprimiu um impulso peculiar em certas áreas da vida nacional, nos anos 70” (TREVISAN, 2000, p. 283). O processo de modernização do Brasil nessa época ‘importou’ dos Estados Unidos e da Europa muitas discussões sobre gênero e sexualidade das vertentes feministas, sobretudo no âmbito acadêmico, o que desempenhou “um papel importante ao questionar as noções tradicionais de gênero e de sexualidade e contribuiu assim para um importante repensamento do universo sexual brasileiro” (PARKER, 1991, p. 135).

A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí porque uma das palavras-chave do período foi “desbunde” ou “desbum”. Alguém *desbundava* justamente quando mandava às favas – sob aparência freqüente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda

militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade (então recatadamente denominada “androginia”) (...) A partir de meados da década de 1970, o amor homossexual começou a furar a barreira da censura ditatorial e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional (...). Os anúncios comerciais também não ficavam atrás. (TREVISAN, 2000, p. 284-294)

“Em filmes, rádio e televisão, tanto nas revistas e jornais da elite como nas populares, nos livros mais vendidos”, escreve Parker, “na verdade, em quase todas as áreas da moderna indústria da comunicação, o sexo tornou-se um dos tópicos favoritos de discussão no Brasil” (PARKER, 1991, p. 136-137). Denílson Lopes coloca que “a partir dos anos 70, diante da abertura política, o movimento gay se desenvolve no Brasil, tendo um papel decisivo na quebra de preconceitos contra a homossexualidade” (LOPES, 2002, p. 25). Essa é uma época em que se convivia, no Brasil, com uma visibilidade crescente das políticas e discussões de gênero e de sexualidade ao mesmo tempo em que o Estado era comandado por uma ditadura militar. Não obstante, como lembra Lopes, aí surgiram as condições de criação do então chamado movimento pela liberação homossexual com a criação do grupo Somos de São Paulo (TREVISAN, 2000, p. 345). Neste contexto de certa liberalidade das possibilidades de estabelecimento de vínculos entre homens gays, Trindade relata o seguinte:

Embora os gostos de determinados homossexuais os conduzissem a lugares específicos na cidade quando saíam em busca de sexo rápido, isso não quer dizer que a procura por lugares especificamente homossexuais por esses homens também não ocorresse. Para encontrar amigos e trocar informações sobre suas experiências, os diversos bares e boates gays também podiam servir de interessantes pontos de encontro. Mesmo os que não freqüentavam tais espaços não eram ignorantes de sua existência. Portanto, longe de funcionarem como determinantes nos trajetos, esses espaços ampliavam o leque de possibilidades, os campos de ação para os homens que se entregavam a relações sexuais e/ou afetivas com outros homens na metrópole paulista. (TRINDADE, 2004, p. 179-180)

Entretanto, Trindade afirma que “o consumo das ruas pelos homossexuais sofreu um impacto sensível com o surgimento da AIDS” (TRINDADE, 2004, p. 180). Para ele, devido aos múltiplos discursos que então culpabilizavam os homens gays, classificando os homossexuais como ‘grupo de risco’ para o contágio pelo HIV e, sobretudo, pela pouca informação que a epidemiologia da época oferecia para explicar a síndrome, os encontros casuais e bastante freqüentes nesses espaços públicos de sociabilidade escassearam

sobremaneira. A rua, antes narrada com tantas alegorias de liberdade, como espaço de experimentação relativamente livre da sexualidade, a partir de então começa a ser associada ao risco (de contágio pelo vírus), ao estranho e ao desconhecido. “Logo, em vez de priorizar as ruas como espaço de conquistas, os espaços privados como bares e boates se tornaram os locais de sociabilidade por excelência” (TRINDADE, 2004, p. 181). Terto Jr. também aponta o surgimento da epidemia como fator importante nessa diminuição de encontros em “locais clandestinos como banheiros públicos, cinemas, parques” (TERTO JR., 1996, p. 93), mas ele diz que a AIDS e a nova onda de preconceitos por ela agitada não foram as únicas responsáveis.

O reforço do circuito comercial, com locais mais institucionalizados, a repressão policial nas ruas, as mudanças no espaço urbano com a iluminação e as reformas das praças, ruas e jardins, a violência crescente de assaltos, a crise econômica que fomentou a mendicância e o número de pessoas vivendo na rua são alguns dos fatores que contribuíram para dismantelar grande parte deste circuito do sexo mais orgiástico, anônimo e clandestino que caracterizava grande parte do comportamento e prática sexuais de milhares de homens. (*idem*)

Se, por um lado, a emergência da epidemia de AIDS pode ter feito diminuir a frequência dos homens gays nos seus espaços de socialização, por outro ela articulou fortemente uma organização política que impulsionou a visibilidade da homossexualidade através da criação de redes de solidariedade e de apoio aos soropositivos (SEFFNER, 1995) e instituições não governamentais de planejamento e implementação de ações de prevenção entre homens homossexuais (TERTO JR., 1996; 1999; 2002). “No Brasil e em diversos países, os homossexuais estiveram na vanguarda do movimento social de resposta à epidemia”, escreve Terto Jr., “e, se de alguma forma a AIDS atingiu fortemente suas vidas, eles próprios, suas histórias sociais e suas movimentações políticas também influenciaram os destinos da epidemia no país” (TERTO JR., 1999, p. 101). As lutas pelo reconhecimento dos direitos dos soropositivos e pela formulação de políticas públicas de prevenção organizaram grupos sociais em torno das respostas à AIDS, e a reboque vieram intensas discussões que deram visibilidade às (homo)sexualidades.

O período de medo e de estranhamento dos locais públicos como espaços possíveis de estabelecimento de contatos sexuais entre homens, segundo José Ronaldo Trindade, durou apenas até quando a síndrome tornou-se banal, cotidiana e crônica⁵⁸. “Como se voltasse à

⁵⁸ Ver KNAUTH, 1998.

cena com força total [nos anos 1990], estatísticas apontam que a certeza de que a AIDS havia se tornado uma doença crônica e a feminização da síndrome abrandaram os medos em relação ao sexo” (TRINDADE, 2004, p. 184). O autor aponta, então, o aumento considerável no número de saunas, cinemas pornôs, boates com *dark rooms*⁵⁹, videolocadoras de filmes pornográficos, sobretudo a partir da década de 90 nas grandes cidades do Brasil. Entretanto, isso não significa que a associação entre AIDS e homossexualidade foi totalmente apagada ou extinta dos significados culturais⁶⁰.

Dessa forma, as novas possibilidades de criação e de adesão do público aos novos espaços de sociabilidade para homens gays podem ser consideradas como o próprio efeito da visibilidade da homossexualidade experimentada na década de 80 pela mobilização política engendrada pelos movimentos sociais. Também pode ser entendida como produto deste período a transformação, por assim dizer, das ‘regiões’ ou ‘zonas’ de sociabilidade em ‘pontos fixos’ de socialização, tais quais bares, boates, saunas e outros mais. Se num momento histórico os espaços de sociabilidade dos homens gays estavam de alguma maneira espalhados geograficamente, incorporados e mimetizados à tessitura da vida das grandes cidades, como relatam Trevisan e Trindade, logo em seguida esses espaços se vêem inseridos em um mercado de sociabilidade, fixados e institucionalizados, endereçados para um público específico. Nesse processo é importante sinalizar que os novos espaços de socialização surgidos principalmente e em maior número a partir dos anos de 1980 são fundamentalmente diferentes daqueles narrados até meados da década de 1970. Enquanto que estes aconteciam em lugares públicos, ruas dos centros das grandes cidades, avenidas, “passeios públicos” e parques, aqueles passaram a ser lugares em que se paga para entrar e se paga para consumir, cujos serviços e cujas propostas são especialmente endereçados aos homens gays. São aquilo que Terto Jr. chama de “circuito comercial, mais institucionalizado”. Portanto, existem modos de endereçamento dos locais de socialização para homens que fazem sexo com homens e homens gays que são algo fundamental para entendermos suas dinâmicas sociais e a constituição de suas zonas morais. Pois estes são locais que são feitos para um público específico, de maneira que interpelam os seus frequentadores pelas suas práticas/identidades sexuais, e para isso se fixam geograficamente e tornam a sociabilidade um produto à venda. A

⁵⁹ Espaços oferecidos em muitas boates e videolocadoras de filmes pornográficos que são salas ou corredores totalmente escuros, sem iluminação, em que muitos homens entram e iniciam contatos sexuais com outros homens.

⁶⁰ Em recente pesquisa entre jovens gays de quatorze a vinte e quatro anos da cidade de Porto Alegre, constatou-se que 41% deles acreditavam haver ligações diretas entre a infecção pelo HIV e a homossexualidade (SOMOS, 2008).

grande virada, no que diz respeito às formas e aos espaços de sociabilidade entre homens gays ao longo da história recente do Brasil, está exatamente no endereçamento que é feito aos sujeitos: se num período os próprios indivíduos que buscavam conhecer pessoas do mesmo sexo criavam suas ‘regiões’ de socialização nos interstícios da vida urbana, atualmente os homens gays são chamados por esses espaços de sociabilidade, são interpelados como público-alvo dos estabelecimentos comerciais, locais ‘legítimos’ para conhecer outros sujeitos. Da mesma forma, o sítio de relacionamentos disponível.com também se coloca aí como mais um desses locais que fazem parte de um circuito de sociabilidade de mercado para homens gays. Os próprios perfis dos internautas, como discutirei mais adiante, são criados e funcionam através de modos de endereçamento que chamam, convocam, interpellam outros sujeitos com o objetivo de formação de vínculos e contatos entre eles.

Por isso, é importante de entender que a chegada da internet comercial no Brasil acontece exatamente no momento de proliferação, nas grandes cidades brasileiras, de lugares especificamente voltados para a socialização entre homens homossexuais: os anos 90⁶¹. Essa proliferação, como nos mostram Trindade e Terto Jr., é marcada pela mercantilização dos espaços, pelo endereçamento dos espaços e pela sua fixação geográfica. Para Trevisan, isso é uma ‘guetização’ da sociabilidade entre homens gays, que é característica do início do século XXI ou, em palavras mais irônicas do autor, são “campos de concentração com ar-condicionado”, em que os homens gays têm lugares bem marcados e bem localizáveis geograficamente para serem supostamente controlados pela sociedade. “Por mais que proliferem os bares, as danceterias, as saunas, os desfiles de moda, as peças/filmes/exposições e até mesmo os espaços na mídia, estaremos sempre sob vigilância estrita” (TREVISAN, 2000, p. 511). Mesmo que essa visão pareça pessimista, a ideia de ‘guetização’ trazida por Trevisan serve para pensarmos alguns efeitos da visibilidade e da multiplicação de locais de socialização entre homens gays, como vou procurar discutir no capítulo cinco.

Alguns espaços criados na internet, e também em outras tecnologias⁶², se encaixam nesse contexto de fixação dos espaços de sociabilidade entre homens gays. A comunicação mediada por computador acontece no trabalho, nas universidades, nas escolas, em *lan houses*, em cibercafés e, sobretudo, dentro de casa: espaços ‘seguros’, institucionalizados, pontos de fixidez em que os usuários podem ser localizados. Isso não significa, por outro lado, que a

⁶¹ No Brasil, o acesso à rede foi oferecido pela primeira vez no ano de 1994, quando a Empresa Brasileira de Telefonia (Embratel) inicia o serviço de conexão à internet comercial. Ver <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/10anosdeinternet/>

⁶² Também existem linhas telefônicas disponibilizadas pelas empresas de telefonia que oferecem serviços específicos para homens que fazem sexo com outros homens.

frequência e o uso de locais públicos por parte dos homens homossexuais como lugar de criação de vínculos com outros sujeitos tenha desaparecido. Entretanto, pelas condições expostas por Trindade, Terto Jr. e Trevisan, também pela emergência e popularização das tecnologias digitais, os modos e os espaços de sociabilidade foram significativamente transformados nas últimas décadas. O sítio disponivel.com, então, torna-se mais um destes espaços, entre outros que aí estão, para homens gays ou homens que fazem sexo com outros homens ao engendrar numa mesma estratégia o endereçamento de seus serviços e seus produtos, ao fixar um local ‘virtual’ como (ciber)espaço de criação de vínculos e ao se valer da sociabilidade como produto vendável.

Alguns trechos dos textos dos perfis mostram que a internet é usada como rede: rede de contatos e rede de ‘pesca’, meio para conhecer outras pessoas. A internet é meio de sociabilidade, suporte de comunicação, canal de interação, mas não algo que termine em si próprio, que negue um ‘mundo real’ e desconectado. Os perfis são usados para convocar a sociabilidade e dizer de suas condições. Em relação ao espaço de sociabilidade em que se dá a publicação dos perfis – a internet – existem frases presentes nas pequenas narrativas de si dos internautas que são importantes para sua caracterização como local de socialização, de estabelecimento de vínculos entre os sujeitos, como escrevem os usuários ‘20cmmachoaativo’, este no título de sua página pessoal no mês de maio: “NÃO USO MSN [Messenger do Windows]”⁶³, e no mesmo sentido escreve ‘Sexboyzs’: “Procurro por: NÃO USO MSN!! MARCAR ENCONTROS NA HORA, ON-LINE, MELHOR!”. E ‘GrisalhoSacana45’ no campo “sobre mim”:

Descomplicado, objetivo e direto, avesso a conversas virtuais, inclusive. Procurro por: Caras semelhantes que estejam dispostos a compartilhar dos prazeres do sexo entre machos, fora da virtualidade

Já para ‘2rj’, o que aparece é um requisito de utilização de outras ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias digitais através da rede mundial de computadores, como se lê no texto “procurro por”:

⁶³ Reproduzo aqui os textos dos perfis do modo com que eles aparecem publicados, usando as mesmas expressões e o mesmo formato de letra (maiúsculas e minúsculas). O “MSN”, ou Windows Live Messenger, é um programa de conversa instantânea pela internet.

SE VC⁶⁴ CURTIU OS DOIS, ENTRE EM CONTATO. ANTES DE MARCARMOS QQ⁶⁵ COISA VAMOS NOS VER PELA WEB CAM⁶⁶. SE VC CURTIR FOTOGRAFAR E FILMAR A TREPADA, MELHOR AINDA.

Os internautas, como vemos aqui, interpelam os demais a “entrarem em contato”, a utilizarem os serviços e a tecnologia de comunicação do sítio para criarem entre si vínculos que sejam possíveis de acontecer *offline*. Para isso, os usuários lançam mão de uma linguagem telegráfica, codificada de tal modo a dar ênfase a informações pertinentes para este espaço usando os recursos possíveis das técnicas ligadas aos computadores: o uso de letras maiúsculas em alguns momentos, e em outros momentos de letras minúsculas, é uma estratégia de sublinhar o significado daquelas palavras ou expressões. Num ambiente como o da internet, em que a comunicação se dá basicamente pela escrita *digitada* no teclado ligado ao computador, os usuários lançam mão de formas *digitáveis* e *visíveis* aos leitores de ênfase naquilo que querem fazer ressaltar. Da mesma forma, tal condição de construção textual faz com que apareçam abreviações como as expressões “vc” e “qq”. É interessante de perceber que, em primeiro lugar, as palavras abreviadas seguem um certo padrão de escrita coloquial da comunicação mediada por computador que se vê disseminada por outros espaços da rede mundial de computadores além deste sítio de relacionamentos. Desta perspectiva, os usuários lançam mão de um modo de escrita particular, mas cuja adoção não impossibilita os demais a compreender os sentidos dos textos que estão publicados nos perfis sob risco de não fazer-se claro e objetivo. Entretanto, tal modo de escrita somente abrevia palavras que, para este contexto, não são fundamentais para a construção de significado nos textos. A abreviação de algumas palavras – e não de outras – confere uma objetividade aos textos, uma certa rapidez na leitura e na escrita deles, mas sempre de maneira a não comprometer inteiramente seus sentidos. No caso de ‘2rj’, há a abreviação da palavra “qualquer”, que neste contexto importa menos que os verbos “fotografar” e “filmar” ou que o substantivo “trepada”, esses fundamentais para dizer das intenções dos usuários no disponível.com. Ao longo dos próximos capítulos, vou procurar dar mais exemplos da maneira com que os textos são redigidos nos perfis.

⁶⁴ A expressão “vc”, nesse contexto, significa “você”.

⁶⁵ A expressão “qq”, nesse contexto, significa “qualquer”.

⁶⁶ Câmera digital que permite gravação e envio de imagens em tempo real através de um computador conectado à internet.

Os sentidos que os internautas atribuem à rede mundial de computadores e suas ferramentas são tais que acabam por influenciar o modo com que estabelecem relações com outros usuários através da internet. É usando o computador conectado à rede que eles criam vínculos com outros usuários; é usando as ferramentas disponibilizadas para uso na internet que eles produzem seus registros audiovisuais (*web cam*, câmeras digitais, telefones celulares com câmera). O computador é o meio através do qual lhes são oferecidos espaços e técnicas para socializar informações, desejos, narrativas sobre masculinidades, corpos e sexualidades. Dessa maneira, esses internautas acabam por produzir novas formas de entender a internet ao investir de diferentes significados os usos que fazem dela. A internet serve, nestes casos, como espaço de sociabilidade *online* em que se pode conhecer parceiros para prática sexuais.

Outros usuários, como são os casos de ‘20cmmachoativo’ e de ‘Sexboyzs’, afirmam que não usam *MSN Messenger*, programa de bate-papo *online* da Microsoft, bastante popular entre os internautas. Isso significa que os contatos originados na e através da internet não podem ou não devem ficar contidos nela, que sejam trazidos deste ambiente *online* para o ambiente *offline*, sacando-os do ‘mundo virtual’. Essa ‘desvirtualização’ das relações é entendida, tal qual no texto de ‘GrisalhoSacana45’, como sendo uma objetividade e rapidez em conhecer pessoalmente os parceiros: a instantaneidade é uma qualidade. Manter relações ‘fora da virtualidade’ significa usar a *web* como meio de conhecer outros internautas, mas não como um fim em si mesmo. Ali é o meio que os internautas têm para conseguir ‘o que querem’, é a forma talvez mais rápida e mais clara possível para dizer de si e para procurar o que buscam, talvez por isso o uso de abreviações ou de frases curtas, telegráficas, às vezes panfletárias sobre si mesmo, como vou mostrar mais adiante. Mas isso não significa que os contatos oportunizados pela *web* ficarão contidos nela, antes pelo contrário. A superexposição dos corpos, a grande quantidade de registros audiovisuais e as informações sobre corpo, gênero e sexualidade postas nos perfis são tão explícitas e objetivas quanto a rapidez e ‘descomplicação’ com que esses internautas buscam pelo sexo *offline*. Tirar as relações da internet significa pô-las em prática pessoalmente, significa *fazer* sexo efetivamente.

Aquilo que chamo de ‘desvirtualização’ das relações também aparece no perfil de ‘Canadense’ no mês de maio. O usuário, como sua própria vinheta pessoal indica, mora no Canadá. Este é o único usuário dos vinte e dois perfis que se utiliza de sua identidade nacional para dizer de si, justamente porque é o único entre os mais “preferidos” que não é brasileiro. Acompanhando seu perfil há vários meses, pude perceber que este internauta vem com frequência ao Brasil, e essa distância geográfica se impõe como um fator limitante na

formação de redes de vínculo entre os demais usuários do sítio, que são, em maioria, brasileiros. O internauta diz o seguinte no campo “Procuo por”:

NÃO PROCURO POR NADA, APENAS DEIXO ACONTECER, PORÉM SE TAMBÉM MORAR AQUI NO CANADÁ JÁ GANHA PELA PROXIMIDADE

Nesta passagem, percebemos que os usos da internet podem acontecer não apenas para conhecer o ‘distante’ e o ‘diferente’, como nos diz o senso comum, mas sobretudo para conhecer o ‘próximo’ e o ‘familiar’. Ao publicar em sua pequena narrativa de si que se algum outro internauta “também morar aqui no Canadá já ganha pela proximidade”, ‘canadense’ está, de alguma forma, indicando algo que também aparece nos perfis recém mostrados: uma certa recusa em manter as relações que porventura surjam no ambiente do disponivel.com somente no âmbito *online*, de modo que esse usuário deixa claro que privilegia os contatos que possam ser estabelecidos no país onde reside. A proximidade geográfica, então, se coloca como imprescindível para o deslocamento dos vínculos do *online* para o *offline*. Uma característica da internet, de dar condições de aproximação de internautas que estão geograficamente distantes, é percebida nesse perfil, uma vez que o usuário ‘canadense’ publica no título de sua página pessoal no mês de maio: “ESTAREI CHEGANDO EM SP XIV⁶⁷/JUNHO, FORTALEZA EM XXII DE JUNHO”, e no mês de junho: “JÁ ESTOU EM FORTALEZA”, o que nos indica que a página é usada por ele como forma de informar aos demais usuários sobre seu trânsito. Simultaneamente, é uma forma de agenciar contatos de usuários que estejam geograficamente próximos dos locais citados.

O usuário ‘Duplazzsul’ mostra em sua vinheta pessoal, em primeiro lugar, que na verdade se trata de um ‘dupla’ ou um casal de homens. Além disso, indicam com a partícula ‘zsul’, ou “zona sul”, a região da cidade em que moram, o que explicita mais uma vez a importância de dar informações rapidamente compreensíveis aos demais sobre sua localização geográfica de modo a tornar ágeis os contatos feitos neste ambiente, sempre tendo em mente

⁶⁷ O usuário lança mão de ‘truques’ de escrita, ao escrever os números das datas utilizando algarismos romanos. Isso é feito para burlar regra do sítio de relacionamentos que proíbe a redação de números cardinais nas pequenas narrativas de si, apagando o texto automaticamente. O controle sobre os dados publicados nos perfis aparece na seguinte notícia veiculada no *blog* do sítio no dia 3 de setembro de 2008: “*Por questão de responsabilidade legal todos os nossos mais de 450.000 perfis são verificados pessoalmente pela nossa auditoria sempre que são alterados. Através desta verificação, nós nos certificamos que nosso site não é utilizado para ilegalidades e também que não é incluído e-mail ou outras formas de contato no perfil, que conforme contrato não é permitido. Houveram [sic] diversas modificações neste sentido nas ultimas semanas e hoje foi implantado uma limitação de alteração, usuários gratuitos podem alterar o perfil somente uma vez em uma semana, e usuários Gold continuam podendo alterar o perfil sem nenhuma limitação*”.

que trazer as relações do *online* para o *offline*, para estes internautas, parece ser importante. ‘Duplazz’ escreve na sua pequena narrativa de si no mês de maio: “Procuro por: SE ESTÁ A FIM DE FODA, NOS ESCREVA”, interpelando os demais usuários a comunicarem-se usando os serviços do sítio, tal qual faz ‘2rj’, usando como referência ou como modo de interpelação a prática sexual ‘real’, fora do ‘mundo virtual’. Mas há mais indícios neste trecho do perfil que nos indicam que a internet e o disponivel.com funcionam como espaço de sociabilidade para a criação de vínculos instantâneos entre os internautas, como aparece no campo “Procuro por” de ‘Duplazz’:

PROCURAMOS CARAS QUE CURTAM FODA SEM ENROLAÇÃO... ESTAMOS LIVRES SOMENTE APÓS AS V. I. NT. E D. UA. S HS⁶⁸. SE NÃO ESTÁ LIVRE NESTE HORÁRIO NÃO NOS ESCREVA... FORA DO ESTADO NOS ESCREVA QUANDO ESTIVER AQUI

Nesta passagem fica bastante evidente, em primeiro lugar, que os usos feitos por este internauta do espaço de sociabilidade oferecido pelo disponível.com funciona como ambiente de criação de redes de contatos com outros internautas para prática sexual, para conhecer potenciais parceiros sexuais. Isso aparece na expressão “sem enrolação”, que neste contexto significa objetividade, rapidez. A “enrolação” está associada à indecisão e à perda de tempo em conversas subjetivas, o que atrapalharia a consecução efetiva dos propósitos as quais se colocam os usuários. Um desses propósitos está colocado exatamente nesta primeira frase: “foda”. O sexo, a prática sexual conseguida através de contatos feitos de maneira imediata através da internet é uma condição e um objetivo neste contexto. Qualquer outra atividade que pudesse trazer empecilhos ao usuário para conseguir o que quer é taxada como “enrolação”, como indecisão.

Portanto, o tempo é algo importante para a construção de sentido dos perfis; a rapidez é uma qualidade. Nesse sentido, a expressão *online*, que em Inglês significa literalmente “na linha”⁶⁹, pode ser substituída por *on time*, ou “em tempo”. As relações que surgem “na linha” precisam ser aproveitadas “em tempo” e, de preferência, *offline*, que significa “fora da linha”. Mais que isso, os vínculos surgidos com o objetivo específico de realizar práticas sexuais

⁶⁸ “Vinte e duas horas”. Aqui, tal qual em ‘canadense’, o usuário divide o numeral escrito por extenso para burlar a regra do sítio e, dessa forma, não ter o texto apagado.

⁶⁹ Vale lembrar que as primeiras conexões da internet eram feitas através de linhas telefônicas, por isso, “na linha”.

precisa ser vivido *full time*, “o tempo todo”. *Online, on time, full time*: vínculos criados “na linha” precisam desencaminhar-se, precisam “sair da linha” para, “em tempo”, serem vividos “o tempo todo”. O tempo, além de uma qualidade, é uma exigência de instantaneidade característicos da *web*.

Em segundo lugar, existe de modo bem marcado a intencionalidade de tirar essas relações do ambiente virtual, de modo que o espaço de socialização não seja um fim em si mesmo, mas antes seja o meio pelo qual os outros parceiros serão conhecidos. A proximidade geográfica é um elemento importante que também se insere nesse movimento de ‘desvirtualização’ das relações surgidas ali, movimento de tal modo importante que os internautas inclusive oferecem uma marcação prévia de horários para que os possíveis encontros *offline* aconteçam. Esses possíveis encontros são aqui descritos como “fodas sem enrolação”, sem perda de tempo com “conversas virtuais”, como escreve ‘GrisalhoSacana45’, encontros instantâneos ao “marcar encontros on-line, na hora, melhor!”, como escreve ‘Sexboyz’. A “enrolação”, nesses casos, protelaria ou até mesmo cancelaria a atividade que esses usuários dizem buscar neste sítio de relacionamentos: “prazeres do sexo entre machos fora da virtualidade”, para ‘GrisalhoSacana45’ ou “foda sem enrolação”, para ‘duplazsul’. É a prática sexual, levada a cabo, que aqui está sendo negociada.

Por isso, a ideia de que o disponível.com é mais um lugar de socialização entre homens que fazem sexo com homens ganha um atravessamento bastante importante: o corpo surge como ferramenta e para a sociabilidade dos internautas. A objetividade e rapidez com que os textos recém mostrados são apresentados nos perfis ora contrastam com o inflacionado número de fotografias e vídeos dos perfis, ora servem como legenda concisa das mesmas fotos e vídeos. Serão o corpo e seus elementos constituintes (gênero e sexualidade, por exemplo) os protagonistas desta sociabilidade fortemente ancorada nas representações corpóreas construídas pelos internautas através da tríplice narrativa (foto-texto-vídeo) de seus perfis. Como vou mostrar, há usuários que inclusive prescindem de textos escritos para dizer de si, de modo que as fotografias publicadas em suas páginas pessoais serão suficientes para oferecer informações relevantes sobre si mesmos. Os corpos aparecem como um saber importante nos currículos do disponível.com, mas também carregam suas ignorâncias. Para isso, eles lançam mão da decupagem corporal, cujo efeito é a genitalização das representações, num esforço de produzir seus corpos, suas masculinidades e suas sexualidades como legendas de si próprios para outros internautas. É o corpo que adquire a centralidade dos perfis. Sobre isso discorrerei no próximo capítulo.

3 *Olá ao corpo*⁷⁰

*Em pleno movimento
Meu corpo é um instrumento
Eu sopro aos sete ventos
Pra você me escutar
Pra você me ver
Pra me ouvir falar
Disso tudo*

(Lee Marucci, Luiz Sérgio, Rita Lee)

Que condições fazem com que o corpo se torne ferramenta de sociabilidade entre os usuários donos dos perfis do disponivel.com? Uma vez tomado como figura central dos perfis, como se produzem suas representações?

Para começar a pensar em possíveis percursos na investigação dessas duas questões, é importante dizer, junto com Denise Bernuzzi de Sant’Anna, que “sempre tivemos ou fomos um corpo; por conseguinte, ele nos parece familiar, registro mais fiel daquilo que consideramos ‘a nossa identidade’” (SANT’ANNA, 2000, p. 50). Somos um corpo porque temos um corpo, portanto. E dele supostamente emanam, como se em seu interior ele guardasse nossas verdades, as características pelas quais podemos nos afirmar como sendo ou homens ou mulheres, ou velhos ou jovens, ou gordos ou magros, ou negros ou brancos: pretensamente todos humanos, todos portadores de um rosto particular. O corpo, então, é tomado como se fosse lugar primeiro e irredutível daquilo que somos. Para Kathryn Woodward “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento de fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, a identidade sexual” (WOODWARD, 2007, p. 15).

Porém, os binarismos construídos em torno das nossas características corpóreas não se reduzem a si mesmos, como se eles fossem dados naturais ou como se entre eles não houvesse relações de dependência, tampouco são eficientes o bastante para dar conta do que sejam os corpos. “Um corpo não é apenas um corpo”, escreve Silvana Vilodre Goellner, “é também seu entorno (...). Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2005, p. 28).

⁷⁰ O título deste capítulo é inspirado no artigo “Adeus ao corpo”, de David Le Breton, que consta no livro “O Homem-Máquina” (Cia. das Letras, 2003). Neste artigo o autor defende a ideia de que, com a emergência dos usos e das possibilidades técnicas das tecnologias digitais, em breve o corpo será prescindível para as relações sexuais, por exemplo. Aqui, entretanto, como indico no próprio título, me proponho a mostrar que, para meu objeto de estudo, o que acontece é exatamente o contrário.

3. 1. *Representações, identidades e diferenças: como se produz o corpo?*

Antes de dizer que os corpos são construções históricas, que são regulados por práticas discursivas, constituídos pela linguagem e (con)formados por significados culturais, é necessária uma tentativa de inscrevê-los num contexto político e perspectiva histórica de sua produção, inclusive supondo que um corpo se produz mediante a adesão a um projeto de sua construção, como vou discutir em seguida. Sua materialidade, mesmo não sendo negada, passa a ser entendida como uma ‘realidade’ produzida culturalmente na qual se articulam, tais quais dobradiças, *representações* criadas no âmbito da linguagem, da cultura e das relações de poder para caracterizar os corpos. Representar, portanto, é também conhecer (SILVA, 1999a). Justamente por isso, um indivíduo encerrado num corpo sexuado e generificado, como vou discutir nas próximas seções, precisa de marcações simbólicas, parâmetros culturais – ambos contingentes – para se reconhecer e ser reconhecido como homem e para que seu corpo seja compatível com as ideias históricas de masculino, por exemplo. Por outro lado, a necessidade de tais marcações e parâmetros ganha sentido exatamente quando existe uma adesão do indivíduo ao projeto de construção de um corpo sexuado e generificado. Em ambos os casos, existem *representações* de gênero que nos servem como referência.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos. (...) A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas nos quais ela se baseia nos fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2007, p. 17).

O conceito de representação, como expõe Woodward, é antes de mais nada um processo. E é um processo porque depende de sistemas de significações históricas, políticas e culturais que estão sempre em intensas negociações sociais; que estão sempre em trânsito; que são sempre contingentes e submetidos a relações de poder. Um sistema cultural de produção de significados cria representações de gênero que constituem modos diferenciados de ser mulher ou de ser homem em uma sociedade e vão também constituir essas próprias representações que construímos sobre “homem” e sobre “mulher”. Por exemplo, os indivíduos são chamados a se identificar com um horizonte normativo de modos de ser homem, ou com

essa moldura de representações de masculinidades produzidos dentro de uma determinada cultura: são as masculinidades disponíveis que interpelam os corpos nomeadamente de “homens”. A construção de uma identidade de gênero, portanto, tem caráter tão processual quanto tem a produção das representações, uma vez que a manutenção ou o investimento em uma determinada identidade supõem a intermitente atividade de identificação com as representações que as norteiam. Por sua vez, uma identidade não é uma característica fixa ou um dado estável de algum indivíduo. Stuart Hall utiliza o termo “identidade”⁷¹

para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (...) Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja “convocado”, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma *articulação* e não como um processo unilateral. (HALL, 2007, p.112) [grifos do autor]

“Suturados” ou articulados às representações de “masculino” e “feminino”, os sujeitos investem no processo de identificação constante com os modos de ser homem ou de ser mulher numa determinada cultura e num determinado período histórico. E os gêneros, enquanto representações que fazem parte de estratégias para se constituir sujeitos “masculinos” e “homens”, são posições-de-sujeito possíveis e necessárias aos indivíduos para que eles, num processo de identificação, assumam suas identidades “masculinas” e produzam seus corpos de “homem”. Representações de masculinidades não porque sinais essenciais ou naturais, mas porque materializadas em atitudes, gestos, movimentos, aquilo que Judith Butler chama de “atos sedimentados”. Ou seja, identidades de gênero são tidas como naturais porque são compreendidas como reais ao serem repetidas e reiteradas muitas vezes ao longo da história individual e coletiva dos sujeitos, de modo a sedimentarem-se e darem a ilusão de essência (BUTLER, 2004).

⁷¹ É importante lembrar que o autor coloca o conceito de identidade ‘sob rasura’. Ele diz que a rasura sobre conceitos “*indica que eles não servem mais – não são mais bons para pensar – em sua forma original, não-reconstruída*” (HALL, 2007, p. 104). O autor ressalta: “*Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a se pensar com eles – embora agora em suas formas destotalizadas e desconstruídas (...)*”. (*idem*). Aqui, portanto, junto com Hall, assumo o conceito de identidade na sua forma ‘rasurada’.

As afirmações de identidade, entretanto, estão ligadas ao reconhecimento e marcação de diferenças entre as representações que as constituem. Por exemplo, dizer-se homem significa basicamente dizer que se sustém uma identidade com o regime das representações de masculinidades existentes numa cultura. Por outro lado, também significa dizer-se não-mulher, ou dizer que se mantém uma diferença em relação ao regime das representações de feminilidades. Dizer-se heterossexual significa manter identidade com a ideia de heterossexualidade, mas também significa dizer que se mantém diferenças importantes das representações de bissexualidade e homossexualidade. As afirmações e os investimentos identitários, além de falar sobre identidade, falam, sobretudo, de diferenças:

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis (SILVA, 2007, p. 75).

Tomaz Tadeu da Silva vai além ao dizer que “a identidade e a diferença são construídas na e pela representação: não existem fora dela” (SILVA, 1999a, p. 47). Desse modo, o autor articula os conceitos de representação e de identidade para sublinhar exatamente que “a identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo” (*idem*). Se há relações de poder na constituição de sistemas de representação e produção de identidades, isso significa que existem representações e identidades ‘marcadas’, em cujas relações de poder elas aparecem caracterizadas como o ‘outro’, como o ‘diferente’, como o ‘estranho’. Diferenças que importam são traduzidas em desigualdades, e nessa tradução há relações de poder em jogo que produzem o ‘outro’, o ‘diferente’ e o ‘estranho’ como o ‘desigual’ – aqueles que não são ‘iguais’, que não mantêm identidade com a ‘norma’. “Ironicamente, entretanto, no regime dominante de representação, a identidade dominante é a norma invisível que regula todas as identidades”, nos diz Silva (*idem*, p. 49). Daí compreende-se que existem referências, ‘padrões’ ou ‘normalidades’ que dão condições para que o ‘ex-cêntrico’ (tomado como o ‘fora do centro’), para que o ‘anormal’ seja nomeado e marcado. A produção de identidades através dos regimes de representação produz domínios diferenciados de posições-de-sujeito.

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo,

assombra-o com a instabilidade. (...) A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu (LOURO, 2004a, p. 45-46-48)

Representação, identidade e diferença: conceitos importantes para que possamos entender como os corpos se fazem possíveis, como os corpos se materializam na nossa cultura. Materialização essa que só é possível mediante a produção, inscrição e reconhecimento de marcas culturais – e de poder – nos corpos. Se constituído por marcas culturais, se construído a partir de representações, se suas identidades e suas diferenças são atribuições culturais, um corpo precisa fazer sentido em um certo contexto para existir. E é exatamente aqui que se coloca aquilo que Butler chamou de “princípio de inteligibilidade dos corpos” (BUTLER, 2007): para ser reconhecido como humano, um corpo precisa ser inscrito na díade semântica “homem-mulher”; seu ‘sexo biológico’, ou de ‘macho’ ou de ‘fêmea’, precisa ser identificado, definido e – supostamente – fixo; seu sexo precisa ser visto como algo que lhe é intrínseco, que lhe é imanente, algo que lhe faz parte e que é dado pela natureza. Sobretudo, um sexo precisa excluir o outro sexo, negar o outro sexo (pelo menos no modelo binário “homem”-“mulher”), no momento mesmo da formação de sua identidade⁷².

Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda a força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla. (...) Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através da uma reiteração forçada destas normas. (BUTLER, 2007, p. 154)

⁷² Michel Foucault diz que essa maneira de conferir viabilidade cultural aos corpos é tipicamente Ocidental quando assinala que as culturas orientais, de modo geral, investem mais naquilo que ele chamou de *ars erotica*: “Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui ars erotica. Em compensação, é a única, sem dúvida, a praticar uma scientia sexualis. Ou melhor, só a nossa desenvolveu no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão” (FOUCAULT, 2003, p. 57). Guacira Lopes Louro também chama a atenção para a relativização da compreensão ‘essencialmente’ sexual do corpo nas culturas ocidentais: “É um engano, contudo, supor que o modo com que pensamos o corpo e a forma como, a partir de sua materialidade, ‘deduzimos’ identidades de gênero e sexuais seja generalizável para qualquer cultura, para qualquer tempo, e lugar. (...) precisamos nos dar conta que os corpos vêm sendo ‘lidos’ ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas, de que o modo como a distinção masculino/feminino vem sendo entendida diverge e se modifica histórica e culturalmente” (LOURO, 2004a, p. 76).

Guacira Lopes Louro coloca em outras palavras essa postura conceitual de Butler da seguinte forma: “As normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam”, ressaltando que o corpo se produz também – e principalmente – pela linguagem usada para referi-lo, linguagem essa que “não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia”. Louro, junto com Butler, sugere que a linguagem “produz os corpos e os sujeitos” (LOURO, 2004a, p. 44). Michel Foucault, autor no qual Butler e Louro se apóiam para fazer essa teorização, usa a figura do então hermafrodita como exemplo emblemático da dificuldade produzida por um embaralho dos sexos no corpo dentro de uma cultura. Ele localiza entre a Idade Média e o século XVIII momentos em que os corpos que não podiam ser lidos – corpos ilegíveis e, por isso, ilegítimos –, corpos nos quais os significados culturais não podiam ser facilmente inscritos ou nos quais eram misturados, e que por isso eram interpretados como sendo “monstros” ou “corpos monstruosos”. Segundo Foucault:

O monstro, da Idade Média ao século XVIII, de que nos ocupamos é essencialmente o misto. É o misto de dois reinos, o reino animal e o reino humano. (...) É a mistura de duas espécies, é o misto de duas espécies: porco com cabeça de carneiro é um monstro. É o misto de dois indivíduos: o que tem duas cabeças e um corpo, que tem dois corpos e uma cabeça é um monstro. *É o misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro.* (FOUCAULT, 2002, p. 79) [grifo meu]

Vemos aí que a condição primeira de compreensão dos corpos como pertencendo, ou melhor, como *tendo* um sexo determinado, capaz de ser identificável, se faz imprescindível para seu reconhecimento como sendo humano, propriamente. É preciso nomeá-lo e descrevê-lo como, simultaneamente, pertencente a um sexo e pertencendo um sexo para que o corpo seja compreendido no domínio do humano. É nesse sentido que “o corpo é também o que dele se diz (...) o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe”, diz Goellner. “Ela própria [a linguagem] cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades” (GOELLNER, 2005, p. 29).

Para Judith Butler, a categoria primeira de “sexo” já é, por si mesma, normativa. “As normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo” propõe

Butler, “para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2007, p. 154). Não há, para Judith Butler e também para Linda Nicholson (2000), um corpo ou um “sexo” passivos, à espera de um construto cultural que vai dar significado às diferenças anatômicas e sexuais; essas próprias diferenças são construídas no momento mesmo da nomeação dos corpos. “O ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna ‘viável’, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (*idem*, p. 155). A identificação do sexo dos corpos funciona aí como um convencimento, uma prova de que o corpo existe; a identificação do sexo permite que o corpo encerre em si um sujeito inteligível. “Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados; é a sua própria humanidade que se vê questionada” (*idem*, p. 161). Guacira Louro, na mesma direção, diz que:

Então, ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo. Afinal, o sujeito é masculino *ou* feminino? É branco *ou* negro? O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações. Pretendemos reconhecer a identidade – aquilo que o sujeito é – e, ao mesmo tempo, estabelecer aquilo que ele não é – a diferença (LOURO, 2000, p. 62) [grifos da autora]

Portanto, é através da produção do corpo que os indivíduos se tornam possíveis: o corpo, em vez de ser o lugar de onde as representações vêm, é gerado por elas. É pelas e nas representações que as identidades surgem, sempre balizadas pelas diferenças que as constituem. Se representar é conhecer, identificar-se e marcar a diferença é, propriamente, existir. Para existir, os corpos identificam-se com as representações e, ao mesmo tempo, marcam as diferenças que lhe são imprescindíveis para a existência. É nesse contexto em que os corpos, como figura central nos vinte e dois perfis mais “preferidos” do disponível.com, se fazem presentes naquilo que chamo de tríplice ordem narrativa das páginas: texto-foto-vídeo. Esses três elementos que constituem os perfis têm como personagem convergente o corpo; suas descrições, suas representações, identidades e significados que neles se alojam, que os habitam e que o fazem possíveis de serem lidos dentro deste ambiente. É difícil, senão inapropriado, separar referências aos corpos dos usuários de outras características a eles associadas, como por exemplo, suas condutas. Como Butler, Nicholson e Louro dizem, a

linguagem que a princípio descreve os ‘apenas’ corpos também produzem e constituem seus sujeitos. Dessa forma, não são só características físicas que estão ali publicadas pelos internautas; na apresentação dos corpos também estão fortemente presentes amarras indissociáveis entre aquilo que o corpo é e aquilo que o sujeito encerrado nele é; descrições subjetivas, que dizem respeito ao gênero, à sexualidade e às masculinidades, que serão trazidas e discutidas nas seções e capítulos subseqüentes.

3. 2. *Materializando o sexo e generificando o corpo: uma ‘viagem’*

A produção e inscrição do sexo em um corpo se tornam fundamentais para que possamos compreendê-lo, para que ele passe a fazer sentido e, em última instância, para que ele exista. A nomeação de um corpo como sendo “homem” ou “mulher” não é desinteressada, ou seja, ela está inserida num processo mais amplo de construção performativa da ‘viagem’ deste corpo: “a declaração ‘é uma menina!’ ou ‘é um menino!’ também começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um rumo ou direção”, escreve Louro (LOURO, 2004a, p. 15). A inscrição do sexo em um corpo não é toda dada a partir da sua nomeação como “homem”, por exemplo, mas é reiteradamente produzida ao longo da trajetória social, histórica e política deste corpo, exatamente como supõe a metáfora da viagem. Há um projeto de construção cultural do corpo no que diz respeito à produção de seu sexo. Pois “é possível pensar que esse sujeito também se lança numa viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importante é o andar e não o chegar”, propõe Louro. Ela continua dizendo que a metáfora da viagem pode ser entendida como um “processo que, ao invés de cumulativo e linear, caracteriza-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante” (*idem*, p. 13). Usar a ‘viagem’ como metáfora útil na compreensão do corpo sexuado como construto histórico e político só é possível a partir do momento em que tomamos tanto o corpo quanto seu sexo como inacabados, como construções recorrentemente ‘em obras’. Corpo “sempre redescoberto”, para Sant’Anna, mas “nunca completamente revelado” (SANT’ANNA, 2000, p. 52). Como também sugere Goellner, o corpo “é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas”, pois é materializado segundo representações que “são sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2005, p. 29).

O processo de fazer e de construir o sexo é “um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais”, nos diz Louro, sugerindo que “o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2004a, p. 15). A materialidade corpórea serviria, então, como ‘base’ ou como ‘origem’ da interpretação das características e, simultaneamente, produção das diferenças sociais, sexuais e de gênero. Nesse sentido Dagmar Estermann Meyer ressalta que

(...) é importante registrar que enfatizar o caráter fundamentalmente histórico, social, cultural e lingüístico do gênero não significa negar que ele se constrói com – e através de – corpos que passam a ser reconhecidos e nomeados como corpos sexuados. Não se está, portanto, negando a materialidade do corpo ou dizendo que ela não importa, mas mudando o foco dessas análises: do “corpo em si” para os processos e relações que possibilitam que sua biologia passe a funcionar com causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais. (MEYER, 2005, p.19)

Portanto, na ‘viagem’ em tornar-se inteligível, a nomeação do sexo dos corpos não está separada da produção do gênero a que seu sexo se vincula, e o gênero é produzido mediante processos e relações de poder – é, portanto, feito a partir e dentro de políticas e culturas. Um corpo nomeado como sendo “homem” precisa fazer-se “masculino”, pois “supostamente não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete” (LOURO, 2005, p. 15). E aqui mais uma vez se esboça o que eu chamo de projeto no qual o corpo se engaja, ou no qual é impelido a se inserir, que acaba por produzir constantemente seu sexo e, por conseguinte, seu gênero. Segundo Butler, o gênero pode ser pensado como “como uma identidade instituída através da repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2004, p. 154). As construções das feminilidades e das masculinidades, sempre levadas a feito a partir da nomeação do corpo *ou* como “mulher” *ou* como “homem” (nunca como “mulher” e “homem”), seriam um conjunto de atitudes, ações, comportamentos que se repetem ao longo de um determinado período histórico obedecendo a orientações construídas e sancionadas culturalmente que dizem como um corpo deve (com)portar-se para ser considerado homem – masculino – ou mulher – feminina. Para Butler, o gênero também pode ser compreendido como a própria estilização do corpo, como uma

forma cotidiana de constituição corpórea através de gestos, movimentos e ‘encenações’ cujo efeito é a ilusão de uma essência feminina ou masculina (BUTLER, 2004).

Louro, na mesma direção, defende uma perspectiva social, histórica e política para a constituição daquilo que entendemos como os modos de ser homem e os modos de ser mulher, sujeitos estes que serão criados dentro de um contexto cultural que institui posições-de-sujeito aos indivíduos. Louro diz que “o conceito [de gênero] pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas” (LOURO, 2003, p. 22), o que também supõe que as próprias características sexuais corpóreas são descritas e produzidas dentro de uma determinada cultura. “O conceito passa a ser usado com um forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (*ibidem*). A autora sugere:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, classe ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 2003, p. 25) [grifos da autora]

Constituindo e também produzindo esse sujeito. Pois pensar o gênero como constructo cultural significa dizer que as formas de reconhecer-se e reivindicar pertencimento a este ou aquele gênero são eminentemente políticas. Essas tensões se dão num campo de relações de poder e estão sempre mudando, sempre sendo negociadas, mediadas, articuladas por forças contingentes.

[...] eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 2003, p. 41) [grifos da autora]

Meyer ressalta o gênero como “construto social e linguístico, produto e efeito de relações de poder” (MEYER, 2005, p. 16), sublinhando o enfoque pós-estruturalista na abordagem e uso teórico-metodológico do conceito. Mais ainda, ele não se limita a explicar tão-somente os papéis, as funções ou os significados dados à experiência social de ser homem e de ser mulher. O conceito de gênero redimensiona a própria construção dos corpos reconhecidos culturalmente como sendo de homens e de mulheres.

Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. (MEYER, 2005, p. 16)

Vemos, então, que os corpos são investidos de significados dentro da cultura na qual emergem e, como diz Butler, os discursos que ao mesmo tempo explicam os corpos também os habitam e se acomodam neles (BUTLER, 2007). Corpos descritos, reconhecidos e nomeados usando uma linguagem culturalmente construída, a partir de campos de saber que lutam politicamente para reivindicar o direito do dizer verdadeiro sobre os corpos. Por quê? Louro diz que “o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (LOURO, 2004a, p. 80). O que está em jogo, portanto, é a produção dos próprios sujeitos encerrados nos corpos e possuidores de um certo sexo, pertencendo a um certo gênero.

Analiso as representações de corpo e gênero publicadas nos perfis mais “preferidos” do disponivel.com entendendo-as como as maneiras com que cada sujeito se posiciona em relação aos acordos culturais sobre os modos de ser homem e ser mulher. Para tanto, uso a ideia de que os corpos, os sexos e os gêneros são construídos socialmente mediante intensas negociações, dentro e pelas relações de poder que se estabelecem em uma cultura. Sobretudo, assumo e acentuo o caráter cultural e político da produção dos corpos e o enfoque relacional das construções de gênero. Esta postura não supõe a ideia de que as masculinidades e as feminilidades se constituam uma em *oposição* à outra, mas que uma se constitui *em dependência* da outra. Em um investimento analítico que parta desse pressuposto, “a desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos” (LOURO, 2004a, p. 43), nesse caso os pólos feminino-masculino.

Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural. (*idem*)

A materialização do sexo no corpo e a produção do seu gênero, então, estão fortemente ligadas à própria viabilidade cultural e política dos sujeitos para a vida em sociedade. Para alguém *ser* algo seu sexo e seu gênero precisam ser imediatamente

reconhecidos. Sexo-gênero, dessa forma, são duas instâncias de produção dos sujeitos e de seus corpos ao mesmo tempo em que propiciam sua inteligibilidade. Todavia, é importante ressaltar que, na nossa cultura, o reconhecimento de existência de apenas dois sexos (“homem” ou “mulher”) e apenas dois gêneros (“masculino” ou “feminino”) impõe como divisão aos termos desse binarismo não um muro intransponível, mas uma membrana permeável: tudo que um é o outro não é, ou *não pode* ser, pois estão em forte dependência. Assim como toda identidade carrega suas diferenças, só é possível para alguém afirmar-se como sendo um “homem másculo” se existem “mulheres femininas” para lhe servir como limite, por exemplo. Um “homem másculo”, cujos sexo e gênero estão conformes com certas sanções culturais ditas hegemônicas, precisa inscrever para si as fronteiras de uma “zona de inabitabilidade”, de uma região que ele próprio, enquanto “homem másculo”, *não pode* habitar. E essa zona, por sua vez, será habitada por “mulheres femininas” – e também por outros homens, como vou mostrar nas seções e capítulos a seguir – que lhe será imprescindível para sua constituição ao ser formada a partir de representações criadas no âmbito da cultura com as quais ele *não pode* se identificar, com as quais ele precisa manter-se em constante e compulsório processo de manutenção de diferenças. “Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito”, nos diz Judith Butler, “ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida” (BUTLER, 2007, p. 155). Se um depende do outro para existir, como acontece nos casos flagrantes de binarismo, então esse “exterior constitutivo” do “homem másculo” não está fora dele: está *dentro* dele, fazendo parte dele, porque senão ele próprio não existiria.

Para efeitos de análise, estas proposições são importantes para pensar as narrativas de si que compõem os perfis dos usuários do disponivel.com. Aqui escolho trazer nesse primeiro momento trechos dos textos escritos e descrições de imagens dos perfis, em que aparecem os álbuns de foto e vídeo colocados nas páginas pessoais, de modo a mostrar que é em torno do corpo sexuado e generificado que orbitam as significações postas nas páginas pessoais, que é pelo corpo que os usuários ali estão, é no corpo que se inscrevem marcas relevantes neste ambiente. Os usuários se mostram como “empresários de seus corpos”, pois “governar a si mesmo e pilotar o corpo em busca de quantidades crescentes de energia e de informação sobre si mesmo” (SANT’ANNA, 2000, p. 54) faz os internautas gerenciarem seus corpos de modo que o máximo de informação sobre si próprios esteja oferecida e bem visível na superfície

mesma dos corpos. Nesse gerenciamento, a produção de sexo e gênero está imbricada na própria legibilidade e legitimidade conferida aos corpos.

Empresários de seus corpos, os usuários já os constroem mediante a criação de suas vinhetas pessoais, como referi no primeiro capítulo. ‘20cmmachoativo’, por exemplo, é a vinheta pessoal de um dos usuários do sítio. Como seu próprio apelido nos mostra, ele faz referência ao seu pênis, dando informações sobre sua ‘extensão material’, por assim dizer, acionando uma representação cultural fortemente associada à constituição do corpo de um homem na nossa cultura. Sem dúvida, essa informação não aparece aí como algo neutro, mas associa-se diretamente à expressão ‘ativo’, que também figura em sua vinheta pessoal. Essa expressão indica sua preferência – ou exclusividade, como vou mostrar no próximo capítulo – pela prática sexual anal penetrativa, ou seja, esse usuário se refere a uma parte específica de seu corpo que faz sentido para a descrição de sua preferência sexual em penetrar os seus parceiros sexuais. Sua preferência pela prática anal penetrativa aqui nos é importante para reconhecermos de quem se trata, afinal, o usuário ‘20cmmachoativo’ no contexto de seus registros imagéticos: ele aparece, então, penetrando seus parceiros sexuais. Como ele próprio escreve em sua página: “MEU PERFIL É ESSE AÍ, AS FOTOS FORAM TIRADAS DAS TREPADAS [sic]”. Também o que interessa neste momento da análise é a centralidade das descrições corpóreas da qual o usuário lança mão para construir seu perfil *online*.

O corpo sexuado está aqui produzido, tanto pela sua vinheta pessoal quanto pelas suas fotos, de modo a não deixar dúvidas sobre sua ‘viabilidade’ neste contexto. A nudez do corpo diz do corpo; a nudez do corpo está a serviço de um convencimento de que existe, de fato, um sexo ali encerrado capaz de tornar este sujeito inteligível dentro deste ambiente. Não pode haver dúvidas sobre a inscrição de ‘sexo’ no corpo publicado nas fotografias, em que se vêem dois indivíduos praticando um ato sexual. Esse é o primeiro apontamento importante: estes só são corpos possíveis porque facilmente se inscrevem no princípio de inteligibilidade do sexo, nesse caso, sexo masculino. Não pode haver dúvidas sobre sua viabilidade como sendo corpos de ‘homens’ neste contexto. Em segundo lugar, aqui o corpo aparece em relação a outro corpo, e nesta relação com outro corpo ele ganha sentido: um homem ativo que penetra outro, um corpo que está sobre outro, um corpo que se acopla a outro – por cima. Aqui também é importante pontuar que há pelo menos três pessoas no cenário da foto. Isso porque ela foi tirada por uma terceira pessoa, além dos dois fotografados, presente na cena: os corpos, mais que em relação, estão inseridos em uma situação, em um cenário, estão num coletivo, num contexto que os possibilita serem lidos de uma maneira própria.

O usuário ‘20cmmachoativo’ ainda escreve em sua pequena narrativa de si, no campo “sobre mim”, o seguinte texto:

SOU CARA MÁSCULO/ATIVO/ SOU MORENO/ MALHO UM POUCO/
CAVANHAQUE/ CABELO MÁQUINA.

Descrições de suas características físicas se fazem necessárias não apenas para o usuário dizer de si; sobretudo, são necessárias porque tais descrições se aliam às imagens e aos vídeos efetivamente produzindo o corpo que está ali nomeado e ali exposto. Tais descrições referem-se aos registros audiovisuais, tanto como forma de explicar o corpo, como no caso da expressão “MALHO UM POUCO”, mas também como estratégia de fazê-lo central na construção do perfil *online* do usuário. Nessa perspectiva, os registros visuais também se referem aos textos, de modo que as pequenas narrativas de si comportam tanto registros textuais como também imagéticos, num movimento circular feito em torno do corpo – para o corpo, pelo corpo. Dizer-se “UM CARA MÁSCULO/ATIVO”, além de informar àqueles outros usuários que visitam sua página pessoal sobre sua preferência pela atividade anal penetrativa, também é uma forma de narrar a si próprio como um sujeito que tem um corpo sexuado e generificado: trata-se este de um homem “ másculo”. O corpo sexuado e generificado (co)ordena a tríplice narrativa deste perfil, de modo que o usuário lança mão de estratégias textuais e audiovisuais para comprovar – para produzir e construir neste ambiente – o sexo em seu corpo.

No campo “procuro por”, o usuário escreve:

QUERO MACHO MÁSCULO COM CORPO LEGAL/ QUE CURTA BEIJAR... BEIJAR/
AMAR E FODER/ (...) SE O CARA CURTIR MIJO ESTAREI PRONTO PARA ESQUINCHAR
[sic] UMA FARTA MIJADA E ESPORRADA NA CARA E NO CORPO DO MACHO/ SE CURTI
BEIJO ESTAREI PRONTO PARA BEIJAR E CUSPI NA CARA [SIC]

Esse longo texto traz várias e sucessivas informações que colocam o corpo como personagem central da pequena narrativa. O texto funciona mesmo como uma pequena narrativa corpórea, na qual as características físicas desejadas são narradas, contadas como histórias e imediatamente associadas a possíveis práticas sexuais, como é o caso do trecho “SE O CARA CURTIR MIJO ESTAREI PRONTO PARA ESQUINCHAR UMA FARTA

MIJADA E ESPORRADA NA CARA E NO CORPO DO MACHO/ SE CURTI BEIJO ESTAREI PRONTO PARA BEIJAR E CUSPI NA CARA”. Aqui se vê que a centralidade dos corpos, tanto do próprio usuário dono do perfil quanto do(s) seu(s) possível(eis) parceiro(s), se constitui na medida em que são propostas atividades *nos* corpos: “ESQUINCHAR UMA FARTA MIJADA *NA CARA E NO CORPO*, CUSPI *NA CARA*”; e *pelos* corpos: “QUE CURTA *BEIJAR... BEIJAR/ AMAR E FODER*”. Os personagens destes trechos da pequena narrativa são os corpos, e não apenas os sujeitos ‘encerrados’ neles. Aqui quem faz a ação é exatamente o seu corpo: ele *mija, esporra, beija e cospe*, o corpo é o lugar de onde emanam fluidos corpóreos; as ações na qual se engaja esse corpo, por sua vez, são feitas por e em um outro corpo: *na cara e no corpo* do “macho”, corpo que absorve os fluidos do outro. Esse corpo agente está também retratado nos elementos imagéticos publicados pelo usuário em seu perfil; suas atividades pressupõem a existência de outro(s) corpo(s) para fazerem sentido neste contexto. Dessa forma, as ações publicadas nas fotos são narradas no texto, (con)fundindo-se, remetendo-se mutuamente, e têm como personagem central o corpo e suas atividades, tudo aquilo que um corpo pode fazer em outro.

Logo a primeira frase que compõe essa pequena narrativa de si – ou essa pequena narrativa corpórea – estabelece que o corpo desejado pelo usuário não é um qualquer, pois existe uma condição primeira de qualificação deste corpo. Como o internauta escreve, “QUERO MACHO MÁSCULO COM CORPO LEGAL”, e logo depois ele diz “(...) NO CORPO DO MACHO”. O corpo de um “macho másculo” é aquele que está inscrito no domínio do corpo sexuado, compreendido como sendo corpo de um ‘homem’. Os acréscimos semânticos “macho” e “másculo”, usados aqui para adjetivarem-se mutuamente, já nos indicam uma forte articulação entre o sexo de um corpo e o gênero deste corpo, articulação essa que assume relevância para a viabilidade cultural e política não apenas dos corpos, mas também de seus sujeitos. Daí, lembrando das palavras de Butler e de Louro, o corpo e sujeito produzidos pelo usuário e, ao mesmo tempo, viáveis e inteligíveis para ele, em primeiro lugar, precisam ser de ‘homem’. Esta condição primeira está associada a características mais complexas, uma vez que este corpo sexuado de ‘homem’, como escreve o internauta, precisará ainda ser declinado em “macho” e/ou “másculo”, ou em ambos, como é o caso do usuário ‘20cmmachoaativo’. Já de início notamos que o corpo sexuado precisa, imediatamente, ser pertencente de e ter seu gênero definido. O usuário narra a si próprio e ao seu corpo não como sendo qualquer homem, mas como sendo “másculo” a procura de outros homens “machos”. Isso explicita o importante peso da significação de gênero que pode ser inscrita nos

corpos, de modo que esses acréscimos adjetivos da ordem do gênero tornam o corpo sexuado mais “potente” neste contexto.

No entanto, essas passagens nos mostram de forma bastante clara o quanto é necessário um alto investimento numa determinada identidade para que algum sujeito chegue a fazer sentido neste ambiente, nunca esquecendo que seu exterior constitutivo está, da mesma forma, ali presente de alguma maneira. Ao investir na afirmação “QUERO MACHO MÁSCULO”, reiterativa do ponto de vista do gênero, o usuário também expõe seu exterior constitutivo, que aqui não são apenas as “mulher femininas”, mas sobretudo são os “homens afeminados”, como vou discutir mais aprofundadamente no próximo capítulo. Neste texto também fica claro o “princípio de inteligibilidade” dos corpos no que diz respeito à inscrição de seu sexo e o quão relevante essa inteligibilidade se impõe aos internautas do disponível.com, isso porque trechos semelhantes vão aparecer também em outros perfis mais adiante.

Já a expressão “CORPO LEGAL”, por mais vaga que possa parecer, pode nos sugerir uma ideia de conformação corpórea que é ‘mediana’, que não foge aos ‘padrões’ de corpo, que não tensiona os limites de altura, peso, circunferências: um “corpo legal” pode ser entendido como apenas um “corpo normal”, e sua difícil visualização pode se dever ao fato de que toda normalidade é, de certa forma, ‘invisível’. De qualquer maneira, podemos pensar que o “corpo legal” pode ser tudo aquilo que não são os “corpos não-legais” produzidos pela nossa cultura: façamos uma relação dos “corpos hiperpotentes e totalmente produtivos, lucrativos e comercializáveis” (SANT’ANNA, 2000, p. 55) com os corpos cheios de gordura, corpos flácidos, corpos apáticos, corpos pálidos, e aí talvez tenhamos um vestígio do que seja o “corpo legal” a que se refere o internauta. Lembremos: a norma é invisível, e talvez a ‘falta’ de palavras para descrever o “corpo legal” seja porque ele é simplesmente um “corpo normal”.

Outro usuário que, tal qual ‘20cmmachoativo’, investe na descrição mais extensa de seu corpo é ‘Sexboyzs’. Sua vinheta pessoal provavelmente signifique, em Inglês, algo como “garoto do sexo”, enquanto que as letras ‘zs’ possam indicar “zona sul”, uma vez que a região que consta em seu perfil é a da zona sul da cidade de São Paulo (tal qual o usuário ‘Duplazzsul’, já analisado no capítulo anterior).

Aqui também percebemos que os corpos publicados nas fotos aparecem em relação ou em contexto. Sabemos quem é ‘Sexboyzs’ porque esse usuário também explica em sua pequena narrativa de si o seguinte: “SOU O ATIVO QUE APARECE NA MAIORIA DAS

FOTOS E O CARA DAS ÚLTIMAS FOTOS SOLO⁷³”. Mais que retratados em cenas, os corpos aparecem em ação, fazendo alguma atividade que lhes dá sentido. Assim como em ‘20cmmachoativo’, ‘sexboyzs’ também se diz “ativo”, ou seja, tem preferência pela atividade anal penetrativa. A ação de penetrar, portanto, no caso dos perfis destes dois usuários, é retratada no momento mesmo da atividade sexual que está publicada no álbum de fotos dos dois internautas. Portanto: corpos em cena, corpos em relação a outros corpos, e corpos descritos tanto pelos textos das pequenas narrativas de si quanto pelos elementos imagéticos dos perfis nas próprias situações que lhes dão sentido. O usuário descreve-se no campo “sobre mim”: “SOU UM CARA COM UHM E SETHENTA E SETHE⁷⁴ DE ALTURA, BRANCO (...)”. Nesses dois trechos, percebemos que há uma multiplicidade de referências entre os textos e as fotos publicadas nos perfis na medida em que as fotos referenciam os textos (descrever-se como “ativo” e mostrar-se nas fotos penetrando os parceiros), e os textos legendam as fotos (dar dados sobre a altura e cor da pele do corpo retratado nas fotos). Este também é um recurso usado por ‘20cmmachoativo’, ou seja, ambos os usuários lançam mão da dupla produção de significado ao corpo em que se comprometem tanto os textos escritos das pequenas narrativas de si quanto os elementos imagéticos das cenas publicadas nos álbuns de fotos.

Entretanto, ao contrário de ‘20cmmachoativo’, ‘Sexboyzs’ não investe tão fortemente na adjetivação ou acréscimo semântico do seu corpo sexuado: se no perfil daquele as palavras “macho” ou “ másculo” aparecem sete vezes, neste elas não aparecem nenhuma vez. Aqui, o sexo e o gênero do corpo não são tão explicados, referenciados ou afirmados, de modo que as fotografias sejam tais que dêem conta de mostrá-los. Nessa ‘discrição’ ao se referir ao sexo e ao gênero, ‘Sexboyzs’ não dá voz às marcações identitárias de “macho”, não qualifica a si próprio como “ másculo”, o que faz com que a função performativa de produzir seu corpo como “homem” seja desempenhada pelos elementos imagéticos de seu perfil.

No campo “procuro por”, o internauta escreve:

UM CARA QUE EU CONSIDERE GOSTOSO, QUE SEJA PASSIVO, QUE CURTA CHUPAR, QUE CURTA LEVAR (...) DE PREFERÊNCIA DE DEZOITHO A

⁷³ Fotos solo: fotos em que aparece apenas uma pessoa retratada.

⁷⁴ O usuário lança mão de ‘truques’ de escrita, ao escrever os números de sua altura por extenso e ao inserir nessas palavras a letra ‘h’. Isso é feito para burlar regra do sítio de relacionamentos que proíbe a redação de números cardinais nas pequenas narrativas de si, apagando o texto automaticamente.

TRINTHA E CHINCO ANOS, QUE TENHA UMA BUNDA BONITA E SAIBA ENGOLIR
UMA ROLA INTEIRA. TEM QUE BEIJAR TAMBÉM

Mais uma vez, o corpo descrito é um corpo que *faz* ações: é um corpo que *curta chupar*, que *saiba engolir* uma rola inteira, que *beije*. Também é um corpo que *sofre* ações: é um corpo que *curta levar*, que seja *passivo*. É um corpo, enfim, que *tem* algo: *uma bunda bonita*. ‘Sexboyzs’ diz claramente que procura por “UM CARA QUE EU CONSIDERE GOSTOSO”, ou seja, ele próprio é o detentor dos critérios de julgamento da qualidade dos corpos, é o próprio usuário que detém o poder de dizer sobre quem está apto a se relacionar com ele. Indivíduos que, de toda forma, precisam estar numa faixa etária bastante bem definida: entre 18 e 35 anos. Esta faixa etária, no contexto em que ela se insere, diz de uma ideia de condição dos corpos que nela se enquadram, de maneira que o fator geracional serve aí para também delimitar o ‘estado’ dos corpos de cada indivíduo.

Esta também é, tal qual no perfil do usuário anterior, mais uma pequena narrativa corpórea que propriamente uma pequena narrativa de si. Fala-se do corpo, de suas condições, de suas atividades e de suas qualidades. Narram-se os corpos possíveis e salientam-se marcas que os tornem relevantes: produz-se um corpo desejado e desejável, um corpo apreciado e apreciável; constrói-se um ideal de corpo, um modelo, ao eleger de algumas características físicas que lhe ecoem como virtude no mesmo momento em que faz subsumir outras consideradas menos importantes, banais. O corpo aparece como critério, como referência capaz de dizer do ideal de parceiro, como aparece no campo “procuro por”, através de uma pequena narrativa *do outro* (e não *de si*) no perfil do usuário ‘Andrejr’:

O parceiro ideal: careca ou cabeça raspada, barba por fazer, saradão, tatuado, passivão e submisso.

O corpo narrado produz tanto aquele a ser encontrado quanto aquele que procura. Neste contexto, onde o corpo é o lugar primeiro de enunciação, os limites e fronteiras de sua viabilidade são bastante bem demarcados através de textos escritos com várias linhas, de álbuns bem preenchidos com milhares de fotos; detalhamentos textuais e enquadramentos de imagem capazes de fornecer a maior superfície possível de exposição dos corpos, tanto em sua narração quanto em sua exibição: texto e imagem atuando na produção de corpos em duas vias simultâneas. E nesse sentido a produção dos corpos não é apenas os dos próprios

internautas, mas sobretudo daqueles que eles dizem estar a procura, como são os casos dos três usuários trazidos até aqui. A centralidade dos corpos aparece na narração e produção daquilo que os internautas são e também daquilo que eles procuram: é no corpo e pelo corpo que se (con)formam características do “parceiro ideal”, como escreve ‘Andrejr’.

Mas alguns usuários do [disponível.com](http://disponivel.com) não se utilizam das mesmas estratégias de ‘20cmmachoativo’ e ‘Sexboyzs’ para construir e representar seus corpos *online*. Para outros, o corpo é ‘currículo’, constituindo-se num *curriculum vitae* de si mesmos, através da sua publicação e visibilidade. Ao propor que esses corpos são ‘currículos’, não quero levar a entender que os corpos são ‘auto-explicativos’, pois não há corpo que se explique sozinho, sem carregar significados culturais eminentemente relacionais. Quero dizer que estes corpos são tais que carregam marcas tão legíveis, que exibem significados tão visíveis em sua superfície ao ponto de prescindirem de modos de legenda mais extensos: eles ‘encarnam’ os sentidos culturais de seu tempo e são eles próprios, ao mesmo tempo, a forma e o conteúdo necessários para dizer quem ou o que são. Este corpo, tão potente em dizer de si, dispensa textos longos e faz da imagem – da sua própria imagem – tudo o que tem a dizer neste ambiente.

O “corpo hiperpotente e comercializável” ganhou, na nossa cultura, representações e nomenclaturas. Expressões como “malhado”, “definido”, “bombado” ou “sarado” remetem a representações de corpos que não são apenas “legais”, por exemplo: são corpos trabalhados, produzidos, lapidados mediante intensos exercícios físicos que buscam simultaneamente a maior hipertrofia do músculo e a máxima queima de gordura, acomodando em si discursos de posituação da saúde que versam sobre uma “valorização dos corpos enxutos e ‘em forma’ onde o excesso, mais que rejeitado, é visto por vezes como resultado de displicência e falta de cuidado” (GOELLNER, 2005, p. 38). O usuário do [disponível.com](http://disponivel.com) que criou sua vinheta pessoal como ‘Saradao25’ sabia deste jogo de representações que concorrem nesta nomeação ao eleger exatamente a palavra “saradão” para ser reconhecido *online*, e o aumentativo também funciona aí para ampliar ainda mais o significado cultural da expressão. A palavra “saradão” vem de “sarado”, e “sarado” vem do verbo “sara”. “Sara” significa convalescer de uma doença, significa curar-se de uma moléstia, significa restabelecer a saúde num corpo outrora enfermo. Podemos pensar, junto com Goellner e Sant’Anna, sobre que tipo de doença ou enfermidade um corpo “sarado” chegou a curar-se: será, nesse caso, a gordura? A gordura como doença, como enfermidade que deforma o corpo; convalescer da gordura seria o mesmo que sara dela e tornar-se, então, “sarado”. Por outro lado, também a magreza excessiva, a

flacidez dos músculos e sua hipotrofia caracterizam possibilidades de doença: fraqueza corpórea, debilidade física, falta de vigor e, em última instância, falta de virilidade, uma vez que a virilidade está intimamente ligada à força física do corpo do homem na nossa cultura. Sarar-se da magreza, ser “sarado” seria potencializar os músculos – em tamanho e em firmeza. Mais que isso, as palavras “sarado”, e especialmente o aumentativo “saradão”, significam que não existe uma simples recuperação do estado normal do corpo que esteve supostamente adoentado, ora pela gordura, ora pela magreza; esse corpo ganhou um acréscimo em sua qualidade, o corpo recuperou-se da doença, sarou e ficou “sarado”, mas ainda foi além: transformou-se em um corpo “saradão”, ganhou mais saúde que antes, distanciou-se ainda mais da possibilidade da doença ao turbinar-se, ao tornar-se mais e mais potente, ao ser mais forte, mais vigoroso: mais viril. O número ‘25’ aqui provavelmente se refere à idade do internauta.

Em seu perfil vemos um torso nu que deixa à mostra o abdome e o peitoral musculosos, e de forma coadjuvante, mas não menos importante, aparecem o braço, antebraço e ombros também trabalhados, publicados através de uma fotografia tirada da câmera digital de um celular. O jogo de sombra e luz produzem relevos no corpo, de modo a mostrar os músculos definidos. No lugar de suas pequenas narrativas de si, o internauta apenas publicou três asteriscos, sem inserir nenhum texto, de onde podemos interpretar que a foto ali publicada era o suficiente para dizer do usuário, junto com sua vinheta pessoal e seu único vídeo. Não há outros corpos senão um único; não há, aparentemente, outras pessoas na cena da fotografia. Existe aqui uma singularidade do corpo e uma individualização do sujeito retratado, que não está inserido em nenhuma cena com outras pessoas. De certa forma, a singularidade do corpo no perfil deste usuário funciona como se o corpo fosse ‘currículo’ por si só, de modo que seja dispensável quaisquer linguagens escritas – a não ser de sua vinheta pessoal – para que ele adquira sentido neste contexto. Também é válido pensar neste corpo como sendo, ele mesmo, um *curriculum vitae* do sujeito ali retratado: todo o saber necessário e possível, relevante e imprescindível sobre o próprio internauta está visível na exibição mesma do corpo.

As palavras de Sant’Anna fazem sentido para pensarmos a página pessoal deste usuário quando a autora diz o seguinte: “(...) com a valorização de imagens de corpos acelerados e performáticos emergiu a exaltação de uma espécie de ‘subjetividade turbinada’”, subjetividade essa que “(...) a publicidade encontrou nas imagens de homens e mulheres turbinados, completamente ligados aos seus telefones, computadores e aparelhos de ginástica, anti-depressivos e outros *gadgets* (...)” (*idem*). Junto com Fernanda Eugenio, ainda podemos

pensar que o corpo pode estar passando por um processo de “incremento (...) que envolve o uso das tecnologias (câmeras fotográficas digitais, internet e telefonia celular) como extensões corporais ativas, instâncias de tráfego informativo e de composição de si” (EUGENIO, 2006, p. 161), que funcionam para divulgar este corpo ‘currículo’. ‘Saradao25’ diz de si de modo ‘publicitário’, exibindo parte de seu corpo, individualizado e singularizado, seminu, para mostrar quem ele é. Um recurso semelhante de produção e publicação do corpo é usado pelo usuário ‘Moreno1010’ no seu perfil.

Na sua pequena narrativa de si, no campo “sobre mim”, o usuário ‘Moreno1010’ diz de maneira clara: “Sou o da foto”. Essa frase mostra, num primeiro momento, o que já havia sido discutido no caso do perfil do internauta ‘20cmmachoativo’ sobre as inter-relações entre texto-foto: aquele corpo que aparece na foto é também descrito e nomeado pelas pequenas narrativas de si; sua construção no espaço do perfil *online* se dá de maneira interdependente entre os textos e as imagens. ‘Moreno1010’ escreve que o corpo retratado na foto corresponde àquele quem ele é. Apesar de não mostrar o rosto, e de aparentemente não estar inserido numa cena em que apareçam outros corpos, deduz-se que é o seu torso nu, tal qual acontece em ‘Saradao25’, que diz sobre quem ele é neste ambiente.

Aqui mais uma vez aparece aquilo que chamo de ‘corpo currículo’ ou de corpo como *curriculum vitae*, no qual estão inscritos sob sua superfície e na sua exibição os saberes possíveis dos sujeitos. De modo sensivelmente diferente de ‘20cmmachoativo’ e de ‘Sexboyzs’, ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’ assumem que seus corpos, ou partes específicas de seus corpos, são suficientemente apropriados para representar quem eles são em seus perfis *online* do disponivel.com sem que seja necessária uma cena ou uma situação em que outros corpos apareçam, tampouco uma explicação textual mais extensa em suas pequenas narrativas de si. Ao passo que para ‘20cmmachoativo’ e ‘sexboyzs’ o corpo era narrado como estando engajado em *fazer ações* (*mijar, esporrar, beijar, levar, engolir e cuspir*), como estando *em relação* a outros corpos, constituindo-se como personagem *agente* nas suas pequenas narrativas *corpóreas* (pois nos textos e nas fotos o corpo era narrado e retratado em atividades sexuais com outros corpos), para ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’ o corpo existe num fim em si mesmo ao ser colocado como lugar de enunciação sobre quem esses usuários *são*. Entretanto, no dia 30 de junho de 2008, o perfil de ‘Saradao25’ já se mostrava de maneira diferente, similar ao de ‘Sexboyzs’.

O corpo do usuário já aparece em relação a outro e em atividade sexual, o que não faz com que seu corpo deixe de ser ‘currículo’ – pois na publicação das fotos há um

conhecimento importante a ser sabido: a atividade sexual –, mas incrementa qualitativamente esse corpo ao fazê-lo agente dentro de uma situação ou cena com outro corpo. Em suas pequenas narrativas de si, contudo, continuava não havendo nenhum texto. ‘Moreno1010’, em 30 de junho de 2008, seguia exibindo em seu perfil seu corpo ‘currículo’, e em suas pequenas narrativas de si não havia qualquer descrição relativa a seu corpo ou ao seu gênero.

Sequer descrições de gênero, tão abundantes no perfil de ‘20cmmachoativo’, aparecem nas pequenas narrativas de si: neste aspecto, ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’ se aproximam de ‘Sexboyzs’, uma vez que são os elementos imagéticos, ao exibirem seus corpos sexuados e generificados, que serão capazes de produzir seus sexos e seus gêneros. Mesmo assim, essa função performativa das fotografias em ‘Sexboyzs’ não significa que é absolutamente necessário que outros corpos precisem estar ali retratados para dar sentido ao sexo e aos gêneros dos usuários *online*. Em ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’ isso não acontece; não obstante, seus corpos aparecem marcados como sendo de “homens”. Esses são corpos ‘definidos’ em dois sentidos: são ‘definidos’ porque seu sexo e seu gênero aparecem inscritos legivelmente na superfície mesma dos corpos, de maneira a ‘defini-los’ como sendo de “homens”; e são corpos ‘definidos’ na medida em que exibem seus músculos talhados em renúncia à gordura e à magreza, deixando-os visivelmente aparentes. Definir-se, portanto, tem duplo interesse. ‘Definir-se’ enquanto homem, exibir suas marcas de homem, aniquilar quaisquer dúvidas sobre a ‘definição’ de seu sexo e de seu gênero, em primeiro lugar. Definir-se também enquanto corpo, secando-o de gordura e afastando-o da magreza para firmá-lo, afirmá-lo, exhibi-lo, em suma, para que o próprio corpo diga a ‘verdade’ do sujeito que nele está encerrado. Em ‘Moreno1010’, a frase “Sou o da foto” se constitui, efetivamente, como uma pequena narrativa *de si* em que o usuário refere-se às fotos publicadas em sua página pessoal no sentido de que elas são o bastante para dizer *dele mesmo*. Esta análise se aproxima da proposição de Goellner:

A individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada de imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro de identidade, o *locus* a partir do qual cada uma diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos. Num tempo onde a individualização do eu se faz premente, ser único é sustentar uma inconfundível visibilidade, um eu localizado no visível do corpo. Um eu construído a partir de referências inscritas e prescritas em diversas instâncias culturais, através das quais, a todo e qualquer momento, é possível mensurar o ineditismo de nós mesmos, da nossa singularidade e individualidade. (GOELLNER, 2005, p. 39)

Nos dois últimos perfis vemos que não apenas a linguagem escrita pode assumir um caráter performativo na produção dos corpos, mas também os elementos imagéticos são capazes de produzir aquilo que nomeiam, aquilo que publicam e aquilo que retratam. A centralidade do corpo, por isso, está intimamente ligada à intensa visibilidade do corpo: mostrar-se nu, seminú, em intercursos sexuais, inseridos em cenas grupais ou retratados em sua individualidade e singularidade. O que vale é ver o corpo, ser visto através do corpo, construir-se no olhar do outro através da publicação do corpo. O corpo precisa dizer algo, precisa fornecer informações legíveis aos demais usuários. Por isso que o corpo, nos perfis do disponível.com, é ferramenta de sociabilidade. Isso porque ele “sempre funcionou como uma mídia, mas, em nossos dias, essa condição parece ter merecido um destaque inusitado”, escreve Sant’Anna. A autora continua dizendo que a ênfase em tornar tudo comunicável “exprime a atual vontade de tornar objetos e corpos cada vez mais sensíveis” (SANT’ANNA, 2000, p. 56-57). Sensíveis e legíveis, individuais e coletivos, potentes e turbinados, mas de todo modo submetidos ao imperativo da visibilidade. É nessas condições que os corpos se tornam meio e ferramenta da sociabilidade no sítio de relacionamentos disponível.com.

A singularidade do corpo destes sujeitos, capazes de produzi-los como inéditos, precisa ainda ser declinada com o gênero (e outras múltiplas características) para sua melhor compreensão. Especialmente para os perfis mais “preferidos” do disponível.com, a inscrição do sexo (“homem”) vem fortemente marcada pela produção de seu gênero (“masculino”), como já podemos observar por alguns rastros deixados pelas análises recém feitas dos perfis de ‘20cmmachoativo’, ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’. As masculinidades publicadas nos perfis, então, passam a compor os corpos, e os corpos passam a compor as masculinidades. Como pretendo discutir na seção a seguir, não é qualquer parte do corpo que importa para a materialização do sexo e para a produção dos gêneros no ambiente do disponível.com. Não é qualquer corpo, nem quaisquer homens, que estão representados nos vinte perfis mais “preferidos”; os usuários constroem sentidos importantes às formas de ser homem neste contexto que aparecem diretamente associadas aos seus corpos.

Até aqui pude trazer à baila exemplos que introduzem a centralidade que o corpo sexuado e generificado adquire para a construção das páginas pessoais dos internautas neste sítio de relacionamento. Na próxima seção pretendo mostrar elementos importantes das trajetórias nas quais os corpos aqui publicados se engajam a percorrer.

3. 3. *Aquilo que sou é aquilo que tenho: o que pesa no corpo?*

A compreensão dos corpos entre os vinte perfis mais “preferidos” do disponível.com só se dá mediante a incorporação, acomodação e expressão de discursos produtores de sexo e gênero capazes de subscrever a excelência dos mesmos corpos – e dos sujeitos encerrados neles. O corpo diz do sujeito ao mesmo tempo que o sujeito diz do seu corpo: publicar partes específicas do corpo, referenciá-las nos textos escritos, fotografá-las e gravá-las são iniciativas que compõem as representações de masculinidade no sítio como forma de o internauta explicar seu corpo (descrever detalhadamente partes específicas, narrar viva e pormenorizadamente suas práticas sexuais, registrá-las e publicá-las), mas também como tentativa de fazer com que seu corpo transforme-se em seu currículo de masculinidade pessoal (ao descrever as partes de seus corpos e as práticas sexuais ligadas a elas, os internautas colocam seu sexo e seu gênero como conhecimentos possíveis e relevantes sobre si mesmo).

Por isso, aqui certas partes dos corpos dizem mais que outras. Neste contexto existe um processo bastante abrupto de hipervisibilidade, de reincidência e de prevalência de uma parte bastante particular do corpo que aparece narrada, registrada e publicada nos perfis. Comumente, a parte do corpo ligada de maneira mais íntima àquilo que somos, à nossa identidade e à nossa singularidade é o nosso rosto. Quando a autora Susan Sontag se refere às doenças tidas como as mais terríveis justamente por deformarem o rosto, ela diz o seguinte:

Os efeitos da poliomelite eram terríveis – o corpo definhava –, mas a carne não ficava marcada nem apodrecida: não era uma doença repulsiva. Além disso, atacava apenas o corpo, por pior que isso seja, mas não o rosto. A reação relativamente razoável, não metafórica, despertada pela poliomelite deve muito ao status privilegiado do rosto, tão importante para nossa avaliação da beleza ou ruína física. Pois, por mais que a filosofia e a ciência modernas tenham atacado a separação cartesiana entre *mente* e corpo, não foi nem um pouco afetada a convicção de nossa cultura referente à separação entre *rosto* e corpo, que influencia todos os aspectos dos costumes, modas, apreciação sexual, sensibilidade estética – praticamente todos os nossos conceitos do que é correto. (SONTAG, 2007, p. 108-109) [grifos da autora]

Essa separação a qual se refere Sontag, entre rosto e corpo, aparece de modo bastante intenso e paradoxal nos vinte perfis mais “preferidos”. Seria o rosto, essa parte mais visível de nós, aquela mais idiossincrática, aquela que nós mais *temos* e aquela que mais *diz* de nós; seria o rosto uma incidência contínua, um personagem recorrente nos perfis mais “preferidos” do disponível.com? Sim e não. Sim, porque ele é requisitado, apesar de não se fazer público,

como mostram trechos a seguir do perfil de ‘Sexboyzs’: “EXIJO TROCA DE FOTO DE ROSTO ANTES DO ENCONTRO”; do perfil de ‘duplazsul’: “SOMENTE FODEMOS DEPOIS DE VER FOTOS DE ROSTO... TEMOS FOTOS DE ROSTO NO MSN, SE NÃO POSSUI FOTO, NÃO INSISTA”. Sim, porque o rosto se insinua nas fotografias e nos vídeos, porque sobre ele são impostas tarjas pretas, porque se o rosto é alvo de disfarces e de intervenções, isso é sinal que ele importa, de fato. Sobre essa insinuação do rosto, vemos acontecer em ‘Ctfrj’ em 30 de junho de 2008; em ‘Andrejr’ em 31 de maio de 2008. Sobre as estratégias de dissimulação do rosto, em ‘Somos2safados’ em 30 de junho de 2008; em ‘2rj’ no dia 30 de junho de 2008; em ‘20cmmachoaativo’ no dia 31 de maio de 2008.

Sim, o rosto é um personagem recorrente porque se insinua, porque se espreita nos elementos imagéticos dos perfis como quase aparecendo, prestes a se fazer visível e reconhecível. Além disso, não obstante sua espreita e insinuação sem nunca mostrar-se por completo, ele é requisitado, exigido como condição para levar a feito um possível encontro *offline* entre os internautas. Escondendo-o, dissimulando-o, insinuando-o e, ao mesmo tempo, exigindo sua presença, os usuários do disponível.com constroem suas representações nas suas páginas pessoais.

E a resposta também pode ser não, porque ele é dissociado da maioria dos corpos retratados, porque ele é escondido e dissimulado mediante emprego de técnicas de edição de imagens, porque ele é como que pinçado e deletado dos corpos, de modo que dezessete dos vinte perfis mais “preferidos” prescindem de sua publicação: apenas três usuários fotografam e publicam seus rostos em seus perfis. Dos três, dois ainda fotografam-se nus, não obstante a presença do rosto. É o caso de ‘Turbinadodf’, em junho de 2008; ‘Serjao2’ em maio de 2008; e ‘Canadense’ em junho de 2008. Portanto, a separação entre rosto e corpo se faz possível mediante emprego de enquadramentos de câmera, edição de imagens e uso de peças de roupa, como vemos nos exemplos acima. Na mesma medida em que o corpo é socializado devido à sua hipervisibilidade, o rosto é sombreado, é escondido. O rosto está *indisponível*, mas mesmo assim ele é requisitado. Essa possibilidade técnica que as tecnologias digitais oferecem de socialização do corpo desacompanhado do rosto é uma característica marcante entre os usuários mais “preferidos” do disponível.com.

Então, o protagonismo do pênis é comum entre os vinte e dois perfis analisados. Mesmo para ‘Turbinadodf’ e ‘Serjao2’, que publicam seus rostos em suas fotos, o pênis ereto também aparece em seus álbuns como figura central. Apenas ‘canadense’ não exhibe esta parte específica do corpo entre os vinte mais “preferidos” do sítio. Na nossa cultura, o pênis está

diretamente associado à inscrição de um corpo no domínio sexuado de “homem” e, de forma compulsória, generificando o corpo como sendo “masculino”, o pênis ereto se torna o símbolo central dos atributos das masculinidades em torno do qual os demais convergem. É importante ressaltar que os pênis estão representados eretos, nunca flácidos: sua potência, sua extensão material são fundamentais para seu sexo e seu gênero serem definidos. Ser homem, para os vinte e dois perfis mais “preferidos” do disponivel.com, é saber manejar essa parte específica de seu corpo, é saber administrá-la, é saber gerenciá-la e saber construir em torno dela um aparato de outros sentidos que compõem as masculinidades. Mais uma vez, os usuários aparecem aqui como empresários de seus corpos, agora ocupados na gestão de seus pênis.

Essas múltiplas e sucessivas referências ao pênis como símbolo máximo das masculinidades faz com que as pequenas narrativas de si e os registros audiovisuais produzidos pelos usuários do disponivel.com sejam localizados, recortando os corpos e publicando uma parte específica que lhe dê sentido dentro daquele espaço. Para os internautas usuários dos serviços do sítio parece ser bastante diferente fotografar suas mãos ou gravar um vídeo mostrando suas pernas do que fazer o mesmo usando seu pênis como protagonista. Mais diferente ainda é mostrar o rosto, embora dois usuários o façam. O que quero sublinhar é que, para meu objeto de pesquisa, nenhuma outra parte do corpo é mais importante para a atribuição de sentido ao corpo e, por conseqüência, para a qualificação do seu sexo e seu gênero. E o sentido dado ao pênis não diz respeito apenas às masculinidades, mas vincula em si as ideias de um corpo legítimo de homem (o pênis cujas dimensões são grandes), de uma prática sexual legítima de homem (ativa ou penetrativa) para, articulando-se com estes pré-requisitos, caracterizar o ‘homem macho’.

(...) supomos que as marcas são dadas e que sua presença (ou ausência) indica a identidade. E, assim, deixamos de problematizar sua inscrição nos corpos, isto é, deixamos de problematizar, exatamente, as tais marcas. Esquecemos de indagar a respeito das razões por que certas características (um pênis ou uma vagina, a cor da pele, o formato dos olhos ou do nariz) são tão especiais; deixamos de perguntar por que esses e não outros elementos (as orelhas, o tamanho das mãos e dos braços, por exemplo) foram escolhidos como definidores de uma identidade sexual, se raça, étnica ou de gênero. Esquecemos (...) que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em “marcas” definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes. (LOURO, 2000, p. 62)

Dizer que o corpo, em sua integralidade, é um construto histórico, político e cultural significa também dizer que todas suas partes – e suas materialidades – podem ser interpretadas da mesma forma. Portanto, se parto do pressuposto de que sua materialidade e sua integralidade são construídas socialmente, de maneiras diferenciadas ao longo do tempo e em diferentes culturas, também assumo que cada uma de suas partes está inserida nesta historicização; o pênis inclusive. Nesse sentido é importante, como aponta Louro, fazer uma problematização desta parte específica do corpo como sendo uma marca importante, uma marca que importa ou uma parte que pesa para a compreensão dos corpos. Ao longo da história do corpo, nem sempre o pênis foi significado com relevância tão importante na definição do sexo dos corpos, nem sua visibilidade tão intensa esteve desde sempre a serviço da validação e consolidação dos sexos e dos gêneros quanto aparece nos perfis dos usuários do disponivel.com. A relevância e visibilidade do pênis como parte necessária para a inscrição do sexo no corpo, para a produção do gênero no corpo e para função de ‘base’ de identidade masculina não foram as mesmas em todos os períodos históricos. Thomas Laqueur, nesta direção, escreve o seguinte:

Para os médicos da Renascença havia um sexo único. Por outro lado, havia manifestadamente pelo menos dois sexos sociais com direitos e obrigações radicalmente distintas, de certa forma correspondendo aos graus, mais altos ou mais baixos, da escala corpórea do ser. Nenhum tipo de sexo – social ou biológico – podia ser considerado fundamental ou básico, embora as divisões de gênero – as categorias de sexo social – fossem certamente consideradas naturais. O mais importante é que o sexo biológico, que nós geralmente usamos como base do gênero, era tão existente no domínio da cultura e do significado quanto o gênero. O pênis era, portanto, um símbolo de *status* e não um sinal de alguma outra essência ontológica profundamente arraigada: o sexo *real*. Podia ser interpretado como um simples certificado, como o diploma de um médico ou advogado, cujo portador tinha certos direitos e privilégios. (LAQUEUR, 2001, p. 170) [grifos do autor]

O autor nos lembra que o corpo como ‘causa’ das diferenças sexuais, e os órgãos genitais como epicentro destas causas, só foi interpretado dessa forma mediante condições sociais, culturais e políticas que datam do Iluminismo. Anteriormente, pelo menos nas sociedades ocidentais, “acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – ‘a delas fica dentro do corpo e não fora’” (*idem*, p. 16). O médico e anatomista grego Galeno, ainda no século II d.C., “demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais a

falta de calor vital – e de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa”. Laqueur continua: “Nesse mundo, a vagina é vista como um pênis interno, os lábios como prepúcio, o útero como escroto e os ovários como testículos” (*idem*). Somente no final do século XVIII surgiu “um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica” dos sexos, período em que “a nova diferença [entre corpos de homem e mulher] podia ser demonstrada não apenas em corpos visíveis, mas também em seus blocos microscópicos”, momento a partir do qual “a diferença sexual em espécie, não em grau, parecia solidamente baseada na natureza” (*idem*, p. 17). Sobre esse novo modelo de compreensão dos corpos vou discorrer mais longamente no capítulo quatro.

Portanto, o significado dado à importância do pênis como parte do corpo capaz de explicá-lo não foi sempre o mesmo. Ele foi interpretado, de toda maneira, como algo importante – já que, dentro da lógica de Galeno, não apenas os homens o possuíam, mas também as mulheres –, mas essa importância foi ressignificada ao longo do tempo. Pois “ideais acerca do pênis variam de cultura para cultura e de época para época”, escreve David Friedman. “É possível identificar os momentos principais da história ocidental em que uma nova ideia de pênis tratou do mistério maior da sua relação com o homem e mudou para sempre a maneira com que esse órgão era concebido e usado” (FRIEDMAN, 2002, p. 13). E não foi apenas a biologia ou a medicina a significá-lo de diferentes formas, em diferentes culturas: se para os sumérios, “o pênis tanto simbolizava a natureza irracional quanto a inteligência divina”; durante a Idade Média o pênis “era a obsessão de todo inquisidor, o ‘astro’ de quase toda confissão de bruxas”, pois era visto como “o pênis do Diabo” ou a “vara do demônio” (*idem*, p. 10-11). Por isso, a religião também se ocupou em produzir sentido para o pênis: a circuncisão, que era motivo de escárnio entre os romanos e abominação para os gregos, era considerada pelos judeus de séculos atrás como uma maneira que os homens tinham de “colocar seu pênis a serviço de Deus”, enquanto que “outras culturas colocaram os pênis dos deuses a seu serviço” (*idem*, p. 20).

O pênis do deus hindu Shiva é um ator-chave em tantas obras dessa religião, que um livro sobre a estética hindu declara que Shiva montado em um touro deve ser retratado com uma ereção que atinja seu umbigo. Diziam que Buda tinha um membro que se retraía, assemelhando-se ao de um cavalo. Mas o Velho Testamento não discute o pênis de Deus porque o deus hebreu não tem corpo. Em vez disso, o foco é sobre o pênis humano (...). (*idem*, p. 20-21)

Discursos médicos, biológicos, religiosos concorreram na produção de significados para os corpos e suas partes. O pênis foi interpretado de várias maneiras, constituindo sua própria materialidade de formas distintas ora ao ser associado à força e potência de um deus, ora ao ser compreendido como expressão de todo mal diabólico. Essas diferentes formas de interpretação têm efeitos bastante reais, pois num caso o pênis seria cultuado, noutra seria perseguido. A exibição ou desnudamento do pênis tampouco são novidades recentes na história: “o pênis não foi simplesmente exaltado em Atenas – ele foi exposto. Os homens exercitavam-se nus na fábrica de virilidade, o ginásio, uma palavra derivada de *gymnos*, que significa ‘nu’” (*idem*, p. 23). Vemos, então, que a exibição do pênis e a importância dadas a ele são cambiantes, porém não são novos. Que outro processo, então, está em andamento em relação aos significados dados ao corpo e ao pênis nos usos dos usuários do disponivel.com?

Como recém mostrei, nem sempre partes específicas do corpo foram compreendidas como *locus* privilegiado de ancoragem ou explicação de uma identidade, tal qual o pênis está para a definição do que seja um homem atualmente. Essa função ‘de âncora’ que o pênis desempenha nos corpos só é possível, como nos diz Laqueur, quando há condições em que “não só os sexos são diferentes, como são diferentes em todo o aspecto concebível do corpo e da alma, em todo o aspecto físico e moral”, num sentido em que “a relação da mulher para o homem é ‘uma série de oposições e contrastes’” (LAQUEUR, 2001, p. 17). Esse é o primeiro ponto importante: o pênis, nessa lógica de compreensão dos corpos sexuados e generificados, opõe-se diametralmente ao órgão genital feminino, de modo que tudo que o pênis não é está em tudo aquilo que a vagina é. Nenhum *continuum* linear; total oposição binária. Tal como âncora, aqui o pênis fixa e essencializa o corpo, é tido como uma marca cultural de gênero fossilizada nos corpos. Exibi-lo e visibilizá-lo neste contexto, portanto, seria investir na afirmação identitária de um corpo sexuado – de ‘homem’ – e num corpo generificado – ‘ másculo’, ‘masculino’, ‘macho’. Ao mesmo tempo, seria construir um processo de diferença em relação ao outro corpo sexuado – de ‘mulher’ – e generificado – ‘feminino’, ‘feminilizado’, ‘afeminado’.

É por isso que as representações dos corpos nos vinte e dois perfis mais “preferidos” do disponivel.com estão calcadas na *decupagem dos corpos*. Do francês *decuper*, que significa “cortar fora” ou “recortar”, a expressão *decupagem dos corpos* remete à ideia de que os corpos ali representados estão ‘recortados’: partes específicas dos corpos dos usuários são publicadas através das fotografias, dos vídeos e dos textos ali colocados. O corpo apresentado nos perfis *online* quase nunca é o corpo integral; ele é sempre recortado em uma parte

específica cujo objetivo último é subscrever seu sexo e seu gênero, de modo que funcione como marca importante, sinal relevante, um saber a ser conhecido. Esta parte específica é o pênis. Vemos alguns exemplos do seu protagonismo nas fotos de alguns usuários, como em ‘MachoSaradoPraMachinhoMamador’ em maio de 2008; em ‘GrisalhoSacana45’ em maio de 2008; em ‘Turbinadodf’ em junho de 2008; em ‘Versatilkcetudo’ em junho de 2008; em ‘20cmmachoativo’ em junho de 2008.

Esses são apenas cinco dos dezenove perfis em que o pênis aparece como personagem central do corpo e dos elementos imagéticos dos perfis. Nas pequenas narrativas de si e nos elementos imagéticos colocados nas páginas pessoais dos usuários o que se vê é, então, uma decupagem do corpo através da qual sua integralidade dá lugar a uma parte específica. Esse recorte está a serviço de um processo de intensificação dos significados desta parte exata, processo no qual se conjugam de modo simultâneo a hiperexposição do recorte e o sombreamento daquilo que foi recortado. Na mesma medida em que o pênis é mostrado intensamente, sombreia-se o rosto. Internautas engajados neste projeto que chamo de ‘projeto mostrar-sombrear’⁷⁵ têm como um dos seus efeitos a *genitalização* das suas *representações online*, de modo que o pênis é capaz de dar-lhes nomes (‘20cmmachoativo’, ‘Versatilkcetudo’), ser o ator principal das pequenas narrativas de si (“ADORO ENTERRAR MINHA CACETA COM VONTADE”, em ‘20cmmachoativo’; “requisitos indispensáveis: saber engolir o pau do macho até a garganta”, em ‘AndreJr’; “tenho cacete médio-reto e sacão liso”, em ‘FelipeSafado’; “tenho traços marcantes: um pirocão maneiro, vinte cm, grossura legal e muito leite”, em ‘MachoSaradoPraMachinhoMamador’), e protagonizar as fotografias publicadas. Nesse sentido, há aqui “adensamentos corpóreos – fábrica de uma ‘hiperpresença’ acessada na confluência de estímulos múltiplos” (EUGENIO, 2006, p. 159) em torno do pênis, que dão condições para a genitalização das representações, produzidas pela decupagem corporal.

A hiperpresença do pênis e o adensamento corpóreo em torno desta parte do corpo são produtos parciais do projeto mostrar-sombrear no qual se engajam os internautas do disponível.com. Chamo aqui de ‘projeto’ exatamente porque ele se constitui como sendo um conjunto de estratégias de produção da intensa visibilidade do corpo e de partes do corpo nos registros imagéticos e nos textos das pequenas narrativas de si do sítio de relacionamentos, da qual fazem parte tanto *condições técnicas de registro e publicação* (posse de câmera digital, celulares com câmera, programas de edição de imagens e vídeos, computadores com acesso à

⁷⁵ A ideia desta denominação surgiu a partir da leitura do artigo “Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay”, de Fernanda Eugenio (2006), no qual a autora cria a expressão “projeto-borrar”.

internet banda larga), *condições sócio-econômicas dos internautas* (referindo-me ao fato de os internautas terem condições financeiras de adquirir tais equipamentos e prévio conhecimento técnico para manejá-los, e também por somente poderem publicar vídeos e mais de três fotografias em seus perfis aqueles internautas assinantes, pagantes dos serviços do sítio), *investimentos espaço-temporais* (referindo-me ao fato de os usuários possuírem locais para realizar os encontros aos quais se propõem, também por disponibilizarem tempo no seu cotidiano para tais encontros e, posteriormente, tempo para o tratamento e edição das imagens e dos vídeos), e *adoção de táticas de marketing corpóreo* em seus perfis (sobre este aspecto vou discutir no capítulo cinco, mas aqui posso antecipar que alguns internautas donos dos perfis mais “preferidos” anunciam novos vídeos e interpelam os demais usuários a ver fotos e vídeos recém colocados, de modo a transformar seus textos em demandas por audiência dos demais). Esses quatro aspectos associados caracterizam isso a que dou o nome aqui de projeto mostrar-sombrear, em que o pênis é hipervisibilizado em detrimento às outras partes do corpo.

Portanto, a genitalização das representações e a decupagem dos corpos nos perfis mais “preferidos” do disponivel.com busca o adensamento das representações de gênero. O pênis é um código, uma referência corpórea que faz sentido dentro da nossa cultura para a definição e demarcação do que seja o homem. É a parte do corpo que pesa, é a parte do corpo adensada para a compreensão dos limites entre o masculino e o feminino; para os usuários do sítio, é a parte do corpo *disponível* para a sociabilidade. É interessante de notar que, como discuti no capítulo anterior, mostrar – e mostrar muito, de vários ângulos e em várias situações, de preferência em atividade sexual – a parte *disponível* para a sociabilidade é também uma forma de dar rapidez e objetividade ao estabelecimento de vínculos entre os internautas. Além da linguagem digitada ser objetiva, no sentido de dar agilidade para a construção de vínculos entre os usuários e oferecer condições para, rapidamente, um encontro *offline*, também a publicação e exibição da parte *disponível* para a sociabilidade, para os vínculos e para os encontros contribuem nesta rapidez e agilidade. Exibir precisamente esta marca corpórea, que dá sentido aos corpos, também é uma forma de dar sentido às relações que no contexto do sítio se originam, é um *modus legendi* não só do corpo, mas como dos próprios vínculos que ali podem surgir. Não falando especificamente sobre o pênis, mas sobre uma marca qualquer capaz de dar sentido aos indivíduos, Louro diz que:

O que ela importa é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a uma determinada identidade; que seja incluído ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou excluído por

um grupo; que possa (ou não) fruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, 2004a, p. 83-84)

O rosto, na definição de Sontag já trazida aqui, se encaixa exatamente nesta brecha de reconhecimento de identidade e de importância simbólica, social e material dos sujeitos. Entretanto, o sombreamento do rosto nos perfis do disponível.com, não pode ser facilmente interpretado como sua negação ou inutilidade. Como já mostrei anteriormente, mesmo ele não sendo publicizado e exibido na mesma intensidade com que é o pênis, ele continua sendo requisitado, inclusive insinuando-se nas fotografias e nos vídeos. Mas há aqui uma outra construção de rosto, mais sutil, que significa os corpos dos usuários. O projeto mostrar-sombrear, que produz a decupagem corporal, a genitalização das representações e o adensamento corpóreo num movimento que procura significar o corpo como sendo ‘âncora’ da identidade masculina, pode também ser interpretado como um processo que produz um “rosto-conceito” neste ambiente. Sobre “rosto”, Gilles Deleuze e Felix Guattari dizem:

A cabeça está compreendida no corpo, mas não o rosto. O rosto é uma superfície: traços, linhas, rugas do rosto, rosto comprido, quadrado, triangular; o rosto é um mapa (...) O corpo só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando pára de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma pára de ter um código corporal polívoco multidimensional – quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra decodificado e deve ser *sobredecodificado* por algo que denominaremos Rosto. (...) A mão, o seio, o ventre, o pênis e a vagina, a coxa, a perna e o pé serão rostificados. (...) O poder maternal que passa pelo rosto durante o próprio aleitamento; o poder passional que passa pelo rosto do amado, mesmo nas carícias; o poder político que passa pelo rosto do chefe, bandeirolas, ícones e fotos, e mesmo nas ações de massa; o poder do cinema que passa pelo rosto da estrela e o close, o poder da televisão... O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade que haja rosto. (...) Introduzimo-nos em um rosto mais do que possuímos um. (...) Não é o sujeito que escolhe os rostos (...) são os rostos que escolhem seus sujeitos. (...) O rosto é uma política. (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p. 35-42-44-47-48-50)

O rosto, para Deleuze e Guattari, não é tão-somente ‘a parte da frente da cabeça’, mas é um lugar de captura, um nicho de acomodação gerado pela organização de discursos e poderes que tornam algo ou alguém viável; aqui o rosto é uma posição-de-sujeito. Em Francês, ‘rosto’ é *visage*, e *visage*, além de ser ‘rosto’, também se traduz por ‘paisagem’. O conceito de rosto ou de “rostidade” está bastante próximo à ideia de paisagem: a paisagem é

um mapa-superfície, é um contexto de significação, uma cena dentro de uma moldura. O rosto é também um “buraco negro” para os dois autores, exatamente pelo seu poder de captura, de interpelação, de fixação. As condições que produzem um rosto (ou o “muro branco” no qual aparecem os “buracos negros”) – o discurso do amor materno que produz a posição-de-sujeito mãe, o discurso do amor romântico que produz a posição-de-sujeito amado, o discurso político que produz a posição-de-sujeito chefe – criam uma paisagem na qual esses sujeitos podem emergir: a mãe, o amado, o chefe, pra usar os mesmos exemplos de Deleuze e Guattari. O rosto aqui não é um sistema fechado olhos-nariz-boca, ou ‘a parte da frente da cabeça’; o rosto é um lugar que surge a partir da acomodação de discursos, lugar que funciona como buraco negro de captura identitária, paisagem de significação que dá condições de tornar algo ou alguém viável e visível.

No caso dos usuários do disponivel.com, é a compreensão que hoje temos dos corpos como espaço primeiro e último de enunciação de quem nós somos, como nos dizem Goellner, Louro e Sant’Anna, a ideia de que o corpo é supostamente o local primeiro e último de fixação e causa das diferenças de sexo e de gênero, como nos dizem Butler e Laqueur, são as representações de sexo e gênero criadas em nossa cultura, geradas e mantidas através de identidades e diferenças, como nos dizem Woodward, Silva e Hall, que constroem um muro branco, que dão moldura à paisagem no qual os buracos negros de “homem”, “ másculo” e “macho” vão ser produzidos. São os discursos sobre corpo, sexo e gênero que dão condições para a significação de “homem”, “ másculo” e “macho”, cujo rosto – lugar de captura identitária, nicho de acomodação – não será apenas ‘a parte da frente da cabeça’, mas poderá estar distribuído por toda superfície dos corpos, que no caso dos usuários do sítio está visibilizado no pênis. O ‘projeto mostrar-sombrear’, simultaneamente, produz rostos e introduz os indivíduos nestes rostos.

Podemos ver em processo o seguinte: “aprofunda-se uma tendência existente na ordem político-jurídica que é a de transformar todas as partes do corpo em imagens de marca e num *marketing* privilegiado do eu”, escreve Sant’Anna. “Por conseguinte, o desejo de investir nas imagens corporais”, continua ela, “torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado”. A autora ainda sugere:

(...) há aqui uma espécie de *totalitarismo fotogênico* banalizado: exige-se que tudo no corpo seja preparado para ser visto, exposto, colocado em pose: até mesmo o que é considerado avesso à toda pose e à toda exposição começa a ser coagido *a aparecer* e a sofrer um

processo de “rostificação” acelerado. A imposição das imagens rostificadas, tal qual havia sublinhado Deleuze e Guattari, somada à banalização assustadora de imagens de corpos que aparecem impermeáveis às marcas do tempo e aos problemas cotidianos, pode transformar em certeza a impressão de que é impossível passar despercebido. (SANT’ANNA, 2005, p. 106-107) [grifos da autora]

Aqui o processo de rostificação está intimamente ligado a um processo de fazer aparecer, de fazer exhibir, requisitos disto que Sant’Anna chama de totalitarismo fotogênico: é a primeira via do projeto mostrar-sombrear, a hiperpresença, a hipervisibilidade. Não se trata, porém, de uma mera substituição do rosto, enquanto a ‘parte da frente da cabeça’, pelo pênis. Também não é o caso de fazer com que o pênis se assemelhe ao rosto. “Nenhum antropomorfismo. A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões” (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p. 35). Ou seja, o pênis só chega a tornar-se rosto porque há um “muro branco” de condições e de discursos sobre sexo e gênero que dão as possibilidades desta parte específica do corpo funcionar como buraco negro de significações. Os sujeitos, acomodados em seu nicho de significações de “homem”, “macho” e “ másculo” em que se transforma o pênis, visibilizam-no intensamente, fazem-no aparecer reincidentemente, querem seu pênis seja visto. Pois o rosto só funciona como buraco negro de captura e de interpelação quando é visível.

Obviamente, não é qualquer rosto – qualquer pênis – que é mostrado. Há vários significados concorrendo para dar sentido a esta parte do corpo, de modo que a mera posse desta marca corpórea importante não basta para os sujeitos serem reconhecidos enquanto homens. Pelo menos para os vinte perfis mais “preferidos” do disponivel.com, não basta. Não basta, em primeiro lugar, porque a presença desta parte específica do corpo funciona mais como um fator de diferenciação entre aqueles que a possuem e menos como o elemento básico para a produção e reconhecimento do seu sexo e de seu gênero. Ela é um fator de diferenciação porque ela própria não é a mesma em todos os corpos, ela própria não é homogênea em sua materialidade. Portanto, se ela se apresenta materialmente de maneiras distintas nos mais diferentes corpos, seus portadores compreendem essas materialidades diversas como fator de distinção entre os vários sujeitos que reivindicam pra si a identidade de homem. Em palavras claras, o tamanho é que importa. Um corpo que conta com um pênis, para ser considerado masculino, precisa compor-se de uma longa série de características culturais que vão muito além da sua simples presença. Num ambiente em que a integralidade corpórea é preterida em relação a uma parte específica, o tamanho do pênis de fato faz maior sentido para a constituição e afirmação das masculinidades ali representadas, bem como

funciona como endosso de qualidade dos corpos. O pênis se converte, mais uma vez, numa marca importante da subjetividade do internauta: no limite, o pênis é um buraco negro que captura o sentido dado aos sujeitos que o possuem – ou que são possuídos por ele – dependendo da sua extensão material. Um corpo cujo pênis (e não o pé, a mão, tampouco o nariz) é materialmente maior em relação aos demais já se coloca numa posição outra se comparado àquele corpo cujo pênis é materialmente menor em relação aos demais. Todavia, o “homem macho” não se constitui total e resolutivamente pela presença de um pênis grande em seu corpo, pois existem outros requisitos de ordem subjetiva que ele deve supostamente seguir a risca para que seja reconhecido como tal, requisitos estes que também constam nos perfis.

Quanto maior o órgão, mais viril, mais másculo, mais homem, mais ‘macho’. Então, a posse do pênis não basta para os internautas serem reconhecidos como homens porque existe um acréscimo adjetivo e simbólico bastante importante ao substantivo ‘homem’, e que é sucessivamente reiterado nos perfis em questão, que é a ideia do “homem másculo” e “homem macho”. Esse acréscimo, essa amplificação, esse adensamento do banal ‘homem’ e sua elevação ao status de “homem macho” está proximamente ligada às dimensões materiais do seu pênis, mas não só isso. Características pessoais, atitudes, comportamentos que servem de traço específico das masculinidades também são requisitados para que um homem seja ‘macho’.

Dessa forma, os corpos sexuais e generificados representados no ambiente do sítio, através das imagens e das pequenas narrativas de si, pretendem fazer aparecer uma ‘verdade’ dos sujeitos: sua intensa virilidade de “homens macho”, a intensidade de seu gozo. Para isso, produtos do ‘projeto mostrar-sombrear’, a *genitalização das representações* e a *decupagem dos corpos* contribuem para a publicação e observação preferencial de uma parte específica do corpo, parte essa que é gerada num processo de rostificação do pênis e que funciona na captura dos sujeitos. A parte é preferida ao todo porque a parte tem o poder de significar o todo, num recorte que se baseia no adensamento corpóreo e na hiperpresença do pênis. Esse poder dado à parte – sua rostificação – é própria do projeto ‘mostrar-sombrear’ ao qual os sujeitos aderem.

Sobre a ‘mancha semântica’ que se impõe sobre o corpo sexual e generificado dos sujeitos é que versa o próximo capítulo: não basta ser homem, tem que ser “macho”, e para ser “macho” há de ser “discreto”. É a homossexualidade que problematiza as masculinidades;

a segunda via do 'projeto mostrar-sombrear' (esconder, dissimular) é o tema do próximo capítulo.

4 *Homens, homens gays*

*Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que esse cabra fosse homem
Cabra macho pra danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou
(Antônio Barros)*

Se, no capítulo anterior, me ocupei em discutir a primeira via daquilo que chamei de ‘projeto mostrar-sombrear’, que se constitui como sendo um conjunto de estratégias de produção da intensa visibilidade do corpo e de partes do corpo nos registros imagéticos e nos textos das pequenas narrativas de si, agora me cabe a tarefa de problematizar a segunda via: como estão representados os sombreamentos nos perfis, que condições fazem com que eles surjam e quais seus efeitos dentro do ambiente do sítio?

Sombrear significa tirar da luz e pôr na sombra, significa mover para a sombra, ou ainda fazer mover a luz e fazer mover a sombra. Não significa esconder totalmente, nem fazer desaparecer, mas se pretende um jogo de nuances em que é possível insinuar algo sem mostrá-lo totalmente. Aqui, o mostrar e o sombrear não são opostos, mas compõem um exatamente isso: um jogo de mostrar, quase-mostrar e não-mostrar. Como já discuti, a hiperpresença do corpo nos vinte e dois perfis mais “preferidos” do sítio disponível.com é produzida a partir da decupagem corporal e subsequente genitalização das representações *online* dos usuários, o que supõe que certas partes dos corpos são preteridas em relação a outras. Para o caso do sítio, na mesma medida em que há a hipervisibilidade dos pênis eretos dos internautas, há o sombreamento dos seus rostos. Entretanto, esse sombreamento não pressupõe o eclipse total do rosto porque, em primeiro lugar, há um processo de rostificação do pênis (mediante condições discursivas, culturais e históricas, que explicam e produzem os corpos sexuados e generificados, o pênis aparece como rosto do corpo, como lugar de captura identitária do corpo); em segundo, porque o rosto se insinua em vários registros fotográficos presentes nos perfis (em que aparecem a ‘parte da frente da cabeça’ ou o rosto corpóreo, partes da boca, dos olhos, o queixo, ou mesmo aparecendo o rosto graficamente alterado com fumaças negras, tarjas pretas ou peças de roupa); e em terceiro porque alguns usuários do sítio

requisitam e demandam a troca de fotografias de rosto aos demais internautas. O rosto não desaparece; aqui ele se move, se desloca. A face, sim, é adiada, fica prometida para depois, mas o rosto vira nômade pelo corpo.

Por que motivo, então, esse deslocamento do rosto – rosto corpóreo, enquanto a ‘parte da frente da cabeça’? Tomo esta pergunta como ponto de partida da discussão mais aprofundada sobre masculinidades e sexualidades. Voltando às ideias de Sontag sobre o rosto, a autora diz o seguinte sobre as significações desta parte do corpo na cultura judaico-cristã ocidental, falando daquilo que ela chamou de frequente separação entre rosto e corpo na nossa sociedade:

Essa separação é um dos principais elementos de uma das tradições iconográficas fundamentais da Europa – a representação do martírio cristão, com um abismo surpreendente entre o que é expresso pelo rosto e o que está acontecendo com o corpo. As incontáveis imagens de são Sebastião, santa Ágata, são Lourenço (mas não a do próprio Cristo), em que o rosto demonstra sua superioridade tranqüila em relação às atrocidades sofridas pela parte inferior – lá embaixo, a ruína do corpo; no alto, a pessoa encarnada no rosto, geralmente voltado pra cima, sem exprimir nem dor nem medo; pois a pessoa já não está mais lá. (Só Cristo, ao mesmo tempo Filho do Homem e Filho de Deus, manifesta sofrimento no rosto: ele sofre sua Paixão). *O próprio conceito de pessoa, de dignidade, depende da separação entre o rosto e o corpo, da possibilidade de que o rosto esteja isento – ou ele próprio se isente – do que está acontecendo com o corpo.* (SONTAG, 2007, p. 109) [grifo meu]

Neste contexto, para Sontag, o rosto corpóreo precisa se dissociar do resto corpóreo (o resto do corpo, a face) para salvá-lo; o rosto corpóreo não pode se deixar contaminar pelo sofrimento ou pela ruína do resto corpóreo. A dissociação aqui tem a finalidade de exprimir a dignidade do sujeito, desde que ele tenha aprendendo a se desvincular do corpo e dos problemas que o corpo eventualmente pode trazer, de modo que isso represente sua elevação, sua superioridade em relação ao corpo e, ao mesmo tempo, o controle dele. Aqui vale lembrar que tanto para Sontag quanto para Deleuze e Guattari o rosto corpóreo é concebido como algo diferente do resto corpóreo, do resto do corpo. Enquanto que para esses o rosto-conceito é uma posição-de-sujeito, um lugar de captura identitária produzido por condições discursivas, históricas, políticas e culturais, para aquela o rosto é mesmo a ‘parte da frente da cabeça’, e por isso está diretamente associado àquilo que se passa no e pelo sujeito detentor do rosto (que aqui teria a função de exprimir com sinceridade a sua condição). Nenhum binarismo aqui, entretanto: tanto o rosto pode deslocar-se por todo o corpo (inclusive para qualquer coisa

além do próprio corpo) no processo de rostificação, quanto o resto corpóreo pode abrir-se para várias possibilidades de significação (inclusive o pênis, por exemplo, ou a própria ‘parte da frente da cabeça’). Ambos são caminhos de multiplicidade na produção de sentido do/no corpo.

Sobre essa dissociação entre rosto corpóreo e o resto do corpo, aqui talvez seja necessária uma primeira ponderação sobre o sombreamento do rosto no contexto dos perfis analisados. Isso porque, numa miríade de condições que fazem com que os internautas dissimulem ou prescindam da publicação da ‘parte da frente de suas cabeças’, uma delas possa ser, simplesmente, o fato de que o rosto identifica os sujeitos, o rosto codifica os sujeitos, o rosto diz *de quem é aquele corpo*. O deslocamento da publicação do rosto pela publicação de outras partes do corpo pode estar ligado a esse motivo bastante frugal, mas não menos importante, de estratégia de não-reconhecimento e não-identificação pelos demais internautas. Simplesmente para não haver uma ligação direta entre aquele sujeito *online*, portador de uma vinheta pessoal idiossincrática, personagem de fotos e vídeos particulares, e o sujeito *offline*, que circula em meios profissionais, familiares, entre amigos. Vale assinalar, portanto, que a não presença do rosto dos internautas seja em boa parte tributária do desejo de dissociação entre aqueles sujeitos nos quais eles se constituíram *offline* com aqueles outros sujeitos que eles produziram no contexto do sítio, *online*.

Essa primeira ponderação é válida e necessária, mas por si só não dá conta de toda a complexidade de condições que fazem com que o rosto seja sombreado. Isso porque não é apenas o rosto, sua publicação ou não, que estabelece uma ponte associativa entre quem são os sujeitos *online* e os sujeitos *offline*. Uso como exemplo bastante emblemático o perfil de ‘20cmmachoaativo’, no qual se pode assistir aos vídeos postos pelo usuário em sua página pessoal. É característica deste usuário falar muito – e bastante alto – durante as gravações, sem que haja uma edição do áudio dos registros audiovisuais. Parece-me pertinente dizer que, apesar de tal usuário não publicar seu rosto em nenhuma foto e nenhum vídeo (apenas, em alguns momentos, insinuando-o), seria perfeitamente possível identificá-lo em qualquer outro ambiente fora do sítio assim que esse sujeito articulasse algumas frases em voz alta, isso porque também a voz compõe nossas identidades e é capaz de dizer *a quem esse ou aquele corpo pertence*. Nessa perspectiva, não é apenas o rosto que deveria estar sombreado ou dissimulado nos perfis, mas também um conjunto de características, partes corpóreas e outros objetos que podem, igualmente, dizer quem somos: voz, tatuagens, marcas, sinais, cicatrizes, peças de roupa, mobília dos espaços retratados e filmados, e assim por diante. É exatamente aí

que o conceito de rostidade de Deleuze e Guattari se mostra potente, pois ele diz que qualquer parte do corpo e qualquer objeto pode ser rostificado. Portanto, não é apenas a ‘parte da frente da nossa cabeça’ que pode ‘denunciar’ quem os internautas *online* são nas suas vidas *offline*, e não seria apenas esse o motivo para sua não publicação. A voz, no caso de ‘20cmmachativo’, também passa por um processo de rostificação na medida em que se torna um local de captura identitária daquele sujeito, podendo ele ser ‘reconhecido’ *offline* por associação a ela.

De qualquer modo, a ‘parte da frente da cabeça’ permanece na sombra porque, de modo primeiro, está associada a quem nós somos (junto com outras características e objetos). Portanto, no caso dos usuários dos perfis mais “preferidos”, desvincular o rosto corpóreo do resto do corpo pode se traduzir em uma estratégia de isenção. Esta é uma das primeiras pistas significativas para compreendermos o sombreamento dos rostos nos perfis do disponível.com. A partir do momento em que é possível a separação entre rosto e corpo – através de enquadramentos de câmera ou edições de imagem – como peça de uma estratégia de isenção, e sendo que a parte hipervisível e superpublicada é o resto corpóreo e mais propriamente o pênis, pressupomos que a parte a ser isentada nos perfis do sítio é o rosto, desvinculada daquilo que está acontecendo com o corpo. Mas, nos exemplos trazidos por Sontag, ainda sim é necessário mostrar o rosto junto com o corpo: mostrar o “abismo” entre rosto e corpo, mostrar o descompasso entre o que um representa e o que o outro está passando. Mostrar que o rosto permanece tranqüilo a despeito do percalço do corpo, e mostrá-los os dois simultaneamente, é necessário para a construção da ideia de superioridade em relação à dor e ao sofrimento físicos. Nos vinte e dois perfis mais preferidos do disponível.com não existe dor ou sofrimento propriamente⁷⁶, e sim a publicação de atos e práticas sexuais que, *a priori*, seriam capazes de trazer prazer e gozo físicos. O resto corpóreo, aqui a parte mais visível, não exprime dor e sim (a promessa de) prazer. O corpo aqui não está acometido por doenças que o transfiguram... Pelo menos não num primeiro momento.

Para que os rostos estejam sombreados como parte de uma estratégia de isenção entre eles e aquilo que acontece com os corpos retratados, algumas passagens dos perfis podem indicar que existe aí, sim, uma outra ‘mancha semântica’ que se impõe aos rostos, uma mancha tida pelos internautas como de potencial virulento, mancha que durante algum tempo foi amplamente acreditada e representada como sendo ‘doença’. E essa ‘doença’ contribui

⁷⁶ O usuário ‘Andrejr’ é o único que escreve abertamente sobre sua preferência sadomasoquista, o que pode levar à interpretação de que existe, sim, dor e sofrimento físicos publicados nos perfis. Aqui é importante ressaltar que para os adeptos dos sadomasoquismo a própria dor é convertida em prazer.

para o sombreamento dos rostos, também pode ser uma das responsáveis por gerar sua isenção em relação ao resto dos corpos. Se a primeira via do projeto mostrar-sombrear vai investir fortemente na hipervisibilização do corpo sexuado e generificado, isso acontece para subscrever a adesão dos internautas a algumas representações de masculinidade postas na nossa cultura, ao passo que a segunda via do projeto vai procurar desvinculá-los e dissociá-los, como estratégia de isenção de um lugar de captura identitária, de certos modos possíveis de representar e viver a sexualidade atualmente. O projeto mostrar-sombrear, tão freqüente em relação ao corpo, pode agora também ser compreendido como ‘projeto aderir-isentar’, em relação às masculinidades e às sexualidades dos homens que fazem sexo com outros homens⁷⁷.

4. 1. Ativos, passivos, versáteis e o modelo de penetração: algo além do “prefiro não dizer”

Historicamente, as relações sexuais entre homens foram significadas de maneiras diferentes em diversas sociedades e em diferentes períodos históricos. Devemos talvez relativizar a própria expressão ‘relações sexuais’: aquilo que hoje concebemos como uma relação sexual não foi a mesma durante a história, para todas as sociedades⁷⁸. Tampouco as ideias hoje correntes de masculinidade, essa tida como um conjunto de características corpóreas e de comportamento que nos servem para reconhecer um ‘homem’, sempre estiveram aí⁷⁹. De qualquer forma, para as sociedades da cultura ocidental, as relações corpóreas entre homens foram problematizadas ao longo de muitos anos numa seqüência de

⁷⁷ Prefiro usar nesta altura do texto a expressão “homens que fazem sexo com outros homens”, e não “homossexuais”, porque neste capítulo vou fazer a historicização das práticas sexuais entre homens. Os conceitos de “sexualidade”, “homossexualidade” e “homossexual” são construções recentes na história, o que os impede de serem usados na discussão de outros tempos históricos que não o nosso. Além disso, tal expressão não se pretende uma categoria identitária.

⁷⁸ Jurandir Freire Costa, ao discutir a inviabilidade de uma definição estanque da categoria “sexo” diz que: “Aquilo que, entre nós, é o fator comum a todos os atos sexuais, ou seja, o que pensamos que uniformiza, unifica e identifica os atos sexuais como qualquer coisa da ordem do sexo pode inexistir em certas sociedades”. Aí o autor traz o exemplo dos Sambia, uma tribo de Nova Guiné, onde o sêmen – sua produção e distribuição – é a referência para a construção de regras e valoração moral entre os indivíduos. “Desta forma, as categorias de sexualidade na cultura Sambia nada têm a ver com as nossas. Não existe a ideia de sexo como alguma coisa que seja, ao mesmo tempo, comum e distinta de todas as práticas sexuais. Não existe palavra para denominar o que chamamos de sexo, entendendo por isso algo mais abstrato e mais global do que o conjunto de atos sexuais. O que ordena as práticas sexuais entre os sujeitos é o sêmen como princípio da vida, e não a ideia do sexo” (COSTA, 1996, p. 65).

⁷⁹ O conceito de masculinidade, como vou discutir mais adiante, é uma construção historicamente recente.

prevalências e rupturas no que diz respeito às significações que tais relações poderiam ser investidas, nas suas implicações sociais e seu papel político dentro de determinadas culturas.

Para o início desta discussão, tomemos como ponto de partida o instantâneo dos perfis dos usuários do [disponível.com](http://disponivel.com). Ali estão publicados registros imagéticos e audiovisuais daquilo que, em nossa sociedade, aprendemos a reconhecer como ‘relações sexuais’ entre ‘homens’. Nessas relações, existe um ponto-chave de interpretação de tais práticas e de suas significações culturais que pode aqui ser útil para uma discussão sobre a historicidade das relações entre homens: o *modelo de penetração* parece ser o modelo no qual os usuários se baseiam para significar suas práticas sexuais.

Há em todos os perfis um campo que denominei de “dados de si”⁸⁰. Ali aparece uma coluna de informações “eu sou”, e ao seu lado uma outra coluna de informações com “eu quero”. Essas duas colunas são atravessadas por linhas (“profissão”, “altura”, “peso”, “estado civil”, “peso”, “tipo físico”, “pele”, “cor do cabelo”, “cor dos olhos”, “estilo”, “pênis”, “seios”, “tipo de cabelo”, “orientação”, “sexualmente sou”, “sexo seguro”, “fuma”, “álcool” e “drogas”)⁸¹, cujas intersecções compõem uma parte disso que chamo de “dados de si”⁸². Uma das linhas dessas colunas de informações é “sexualmente sou”, informação que dezessete entre os vinte e dois perfis analisados informam claramente, posicionando-se em relação à sua preferência quanto ao modelo de penetração, usando para tanto as categorias “ativo” (preferência pela prática anal insertiva ou penetrativa), “passivo” (preferência pela prática anal receptiva ou passiva) ou “versátil” (preferência tanto pela prática anal penetrativa quanto passiva). Surpreendentemente, a parte do corpo paradigmática e que dá sentido às nomenclaturas no modelo de penetração é o ânus e não o pênis centralmente; sobre isso vou discorrer mais adiante. Dos dezessete, sete se dizem “ativo”; três se dizem “passivo”; oito se dizem “versátil”. Eis aqui um exemplo:

⁸⁰ Optei por usar a expressão “dados de si” para diferenciá-lo das “pequenas narrativas de si”, compostas pelos campos “sobre mim” e “procuro por”.

⁸¹ Neste campo dos perfis vemos a quantidade de possibilidades de caracterização de que usuários podem lançar mão na construção de seus próprios corpos e dos corpos buscados por eles. É interessante notar que existe a linha “seios”, isso porque o sítio também tem vários cadastros de travestis e transexuais. Desde que comecei a observação do sítio, em 2006, percebo de modo informal que o número de homens e mulheres que se dizem heterossexuais vem crescendo entre os usuários do [disponível.com](http://disponivel.com).

⁸² A outra parte é composta pelo campo “preferências”, cujos textos e informações, quando existirem no momento da observação dos perfis, são usados na análise.

	Eu sou	Eu quero
Profissão:	Engenheiro	
Altura:	170 cm	150 cm e 213
Peso:	63 kg	
Estado civil:	solteiro	
Pêlos:	pouco	
Tipo Físico:	definido	magro ou normal ou definido ou musculoso
Pele:	branca	branca ou morena ou negra
Cor do cabelo:	preto	
Cor dos olhos:	castanhos	;
Estilo:	casual	
Pênis:	normal	
seios:		
Tipo de Cabelo:	normal	
Orientação:	homossexual	
Sexualmente sou	passivo	ativo
Sexo seguro:	sempre	
Fuma:	não	indiferente
Alcool:	não	indiferente
Drogas:	nunca	nunca

Quatro perfis fornecem uma informação escrita na intersecção da coluna “eu sou” com a linha “sexualmente sou” em que aparece ‘prefiro não dizer’, o que acena para a existência de uma preferência na atividade sexual, mas que não está ali publicada. Entretanto, como vemos na figura, pode existir um jogo de lacunas e de preenchimentos de informações que podem igualmente dar significado aos perfis, isso em todos os demais aspectos das páginas pessoais. Se a intersecção da coluna “eu sou” com a linha “sexualmente sou” não estiver preenchida, ou conter a expressão ‘prefiro não dizer’, a intersecção da coluna “eu quero” com a linha “sexualmente sou” pode conter informações importantes que podem nos apontar para estratégias outras de construção de significado dentro do regime de informações oferecidas nas páginas pessoais. É o caso dos quatro perfis que publicam que ‘preferem não dizer’ sobre suas preferências por práticas sexuais. Vejamos os exemplos dos usuários ‘Canadense’:

	Eu sou	Eu quero
Profissão:	Comercio Exterior	
Altura:	175 cm	150 cm e 213
Peso:	73 kg	
Estado civil:	viuvo	
Pêlos:	prefiro não dizer	
Tipo Físico:	normal	
Pele:	branca	
Cor do cabelo:	preto	
Cor dos olhos:	pretos	;
Estilo:	esporte	
Pênis:	prefiro não dizer	
seios:		
Tipo de Cabelo:	curto	
Orientação:	homossexual	
Sexualmente sou	prefiro nao dizer	ativo ou versátil
Sexo seguro:	sempre	
Fuma:	não	não
Alcool:	socialmente	não
Drogas:	nunca	nunca

Do usuário ‘Flaric’:

	Eu sou	Eu quero
Profissão:	Bancario	
Altura:	170 cm	150 cm e 192
Peso:	73 kg	
Estado civil:	solteiro	solteiro ou casado ou separado ou namorando
Pêlos:	nenhum	nenhum ou poucos ou depilado
Tipo Físico:	normal	magro ou normal ou definido ou musculoso
Pele:	negra	morena ou negra
Cor do cabelo:	preto	preto ou castanho ou loiro ou grisalho ou raspado ou careca
Cor dos olhos:	castanhos	pretos ou castanhos ou azul ou verdes ou cinza ;
Estilo:	militar	casual ou formal ou alternativo ou leather ou militar ou na moda ou moderno
Pênis:	normal	pequeno ou normal ou grande ou muito grande
seios:		
Tipo de Cabelo:	curto	curto ou normal ou raspado
Orientação:	homossexual	
Sexualmente sou	prefiro nao dizer	ativo ou versátil
Sexo seguro:	sempre	
Fuma:	não	indiferente
Alcool:	socialmente	socialmente
Drogas:	nunca	indiferente

E ‘Parceirosvix’:

Estado civil:	solteiro	solteiro ou casado ou separado ou namorando ou viuvo ou enrolado
Pêlos:	prefiro não dizer	nenhum ou poucos ou muito ou depilado
Tipo Físico:	normal	magro ou normal ou definido ou musculoso ou gordinho
Pele:	branca	branca ou morena ou negra ou amarela ou vermelha
Cor do cabelo:	preto	preto ou castanho ou loiro ou vermelho ou grisalho ou branco ou colorido ou raspado ou careca
Cor dos olhos:	castanhos	pretos ou castanhos ou azul ou verdes ou cinza ou outra ;
Estilo:	casual	casual ou formal ou militar ou esporte ou na moda ou patricinha/mauricinho ou moderno
Pênis:		pequeno ou normal ou grande ou muito grande
seios:		
Tipo de Cabelo:	curto	nenhum ou pouco ou curto ou normal ou muitos ou raspado
Orientação:	homossexual	
Sexualmente sou	prefiro nao dizer	ativo ou passivo ou versátil
Sexo seguro:	sempre	
Fuma:	prefiro não dizer	indiferente
Alcool:	socialmente	indiferente
Drogas:	nunca	nunca

Dos, vinte e dois perfis, apenas o usuário ‘Somos2safados’ não preenche a coluna “eu quero”:

	Eu sou	Eu quero
Profissão:	são duas	
Altura:	prefiro não dizer	cm e
Peso:	prefiro não dizer	
Estado civil:	casado	
Pêlos:	pouco	
Tipo Físico:	definido	
Pele:	prefiro não dizer	
Cor do cabelo:	prefiro não dizer	
Cor dos olhos:	prefiro não dizer	;
Estilo:	prefiro não dizer	
Pênis:		
seios:		
Tipo de Cabelo:	prefiro não dizer	
Orientação:	homossexual	
Sexualmente sou	prefiro nao dizer	
Sexo seguro:	sempre	
Fuma:	não	
Alcool:	não	
Drogas:	nunca	

As lacunas de informações, ou as expressões ‘prefiro não dizer’ nesses campos dos perfis, não apontam necessariamente para uma ‘falta completa’ de informações. Antes pelo

contrário: é exatamente no jogo entre as lacunas e os preenchimento de informações – como é o caso de ‘Canadense’, ‘Flaric’ e ‘Parceirosvix’ – dentro do contexto mais amplo dos perfis é que vai construir ou ‘preencher’ uma informação que não está escrita nas páginas ou que os usuários ‘preferem não dizer’. Estes três internautas, ao darem informações na coluna “eu quero” sobre as preferências nas atividades sexuais de seus possíveis parceiros, estão no momento mesmo da qualificação dos parceiros que buscam produzindo algum tipo de informação sobre si. Como que num jogo labiríntico de complementaridades, ao qualificarem e informarem as características ou preferências dos parceiros que procuram, os usuários estão simultaneamente construindo a si próprios nas suas páginas pessoais. Nessa mesma perspectiva, o jogo labiríntico de complementaridades não pára no simples cruzamento entre as colunas “eu sou” e “eu quero” com suas respectivas linhas; o jogo está distribuído em todos os elementos que compõem os perfis dos usuários, de modo que tais colunas e linhas remetem à tríplice ordem narrativa das páginas, ao campo “favoritos”, aos títulos dados pelos internautas e, sem dúvida, às pequenas narrativas de si e às vinhetas pessoais criadas por eles para serem representados dentro deste contexto. Em outras palavras, todos os campos dos perfis se mantêm em vínculo no sentido de produzir saberes e informações pertinentes sobre os internautas *online*; é por isso que cabe aqui chamar as páginas pessoais dos usuários de *curriculum vitae* sobre seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades.

Mesmo nas páginas de usuários como ‘somos2safados’, em que aparecem muitos ‘prefiro não dizer’, e em que a coluna “eu quero” está totalmente vazia, este estado do perfil não será entendido de maneira fértil se pensarmos que ali há uma ‘pobreza’ de informações. Isso porque o usuário conta com um álbum de mais de seiscentas fotografias e outro álbum com trinta e três vídeos, o que em vez de ‘empobrecer’ as lacunas e as expressões ‘prefiro não dizer’, as potencializa: sem qualificar os parceiros que buscam ao não preencher a coluna “eu quero”, há aí mesmo a possibilidade de abertura de um novo jogo de complementaridade dentro do perfil. Isso porque, no campo “procuro por”, o usuário escreve:

Procuramos caras malhados que sejam descomplicados, sem frescuras e de preferência versáteis.

O jogo de complementaridade das informações postas no perfil desloca a importância dos “dados de si” para as “pequenas narrativas”, em que o internauta elenca cinco características daqueles parceiros que busca ali: *homens, malhados, descomplicados, sem*

frescuras, de preferência versáteis. As duas primeiras dizem respeito à centralidade do corpo para o ambiente do disponível.com, como mostrei no capítulo anterior; a terceira, sobre ‘descomplicação’, pode estar relacionada àquilo que discuti no capítulo dois sobre o uso da internet como rede de contatos e não como fim em si mesma, o que apontaria para a intenção de rapidamente tirar os contatos criados na *web* do ambiente *online* e trazê-los para o contexto *offline*; a quarta, ‘sem frescuras’, está relacionada a um tipo de masculinidade bastante referenciada pelos internautas, assunto que será discutido nas seções subseqüentes; e a quinta, a ‘versatilidade’, diz respeito às preferências nas atividades sexuais dos parceiros que o internauta busca – e também diz respeito às preferências que ele próprio tem.

O jogo de complementaridades, presente entre todos os elementos dos perfis, diz também da preferência pelas práticas sexuais dos internautas, sempre baseadas no modelo de penetração. As práticas sexuais estão presentes na caracterização das vinhetas pessoais, como são os casos de ‘20cmmachoativo’ e ‘Versatilkcetudo’; estão presentes nas elaborações das pequenas narrativas de si, como é o caso de ‘Somos2safados’ e outros internautas; nas informações dos dados de si e do campo “preferências” de alguns usuários. Existem desde descrições simples sobre as práticas sexuais a ponto de apenas existirem no campo dos dados de si (em ‘Canadense’, ‘Discovery5’, ‘Duplazsul’, ‘Flaric’, ‘Moreno1010’, ‘Parceirosvix’, ‘Saradao25’ e ‘Serjão2’); simples também na economia de termos usados para descrever tais preferências por práticas sexuais, como encontramos no campo “sobre mim” de ‘Somos2safados’ (“somos namorados, *um ativo e um passivo*”), ou em ‘Grisalhosacana45’ (“*ativo e muito sacana*”), em ‘Sexboyzs’ (“*sou o ativo que aparece na maioria das fotos*”); em ‘Ctfrj’ (“sou *PASSIVO*”) [grifos meus].

Há usuários que se detém e que se ocupam um pouco mais na qualificação e descrição de tais práticas sexuais, como ‘Versatilkcetudo’ no título de sua página pessoal:

QUERO CONHECER SÓ CARAS VERSÁTEIS E/OU ATIVOS! SOU (...) VERSÁTIL (ADORO UM TROCA TROCA ENTRE MACHOS: ... QUEM JÁ SAIU COMIGO SABE!!!)
--

Como ‘Felipesafado’ na sua pequena narrativa de si:

SOU SAFADO, SEM PUDORES, LIBERAL, VERSÁTIL – PORÉM TARADO EM CHUPAR E FODER UM CU LISO E MALHADO. GOSTO DE FUDER PELE COM PELE (BARE)⁸³.

No campo “sobre mim” do internauta ‘Semlimites_es’:

Garanto que você irá gozar com prazer, em uma trepada deliciosa.

Outros, como ‘Sexboyzs’, descrevem com maior riqueza as possibilidades de suas práticas, como vemos em sua pequena narrativa de si no campo “procuro por”:

[um cara] QUE TENHA UMA BUNDA BONITA E SAIBA ENGOLIR UMA ROLA INTEIRA. TEM QUE BEIJAR TAMBÉM (...) E QUANTO MAIS PUTO MELHOR. (...) PREFIRO RABO LISO DE MOÇO BONZINHO.

Outro usuário que investe de maneira mais minuciosa na descrição de suas práticas sexuais é ‘20cmmachoativo’, que no título de sua página pessoal publica:

LOGO MAIS VÍDEOS NOVOS FODENDO UM PUTO DO ABC/ NOVOS VIDEOS FODENDO O MINEIRINHO/ MUITA METEÇÃO...

No mesmo perfil, no campo “sobre mim”, o usuário escreve:

ADORO CHUPAR UM RABO E ENTERRAR MINHA CACETA COM VONTADE/ (...) ADORO QUE O CARA CHUPE MINHA CACETA COM MEL, VINHO.

Já no campo “procuro por” do mesmo internauta aparece o seguinte texto:

QUERO MACHO (...) QUE SEJA TARADO POR PICA/ POIS ADORO VER O CARA DANDO PRA MIM NO ESPELHO.

⁸³ A expressão “pele com pele” significa penetração sem o uso do preservativo. A expressão “bare” vem do termo *barebacking* que, segundo Luis Henrique Sacchi dos Santos, pode ser descrita como “*envolvimento intencional/deliberado/voluntário e consciente (dos riscos envolvidos) em práticas sexuais sem o uso do preservativo entre homens gays*” (SANTOS, 2004, p.70).

‘Andrejr’ é outro internauta que estende sua narrativa em torno de sua preferência pela prática anal insertiva, o que aparece no título de sua página pessoal:

HOJE É DIA DE FAZER JUDOCA MARRENTO GEMER NA VARA QUE NEM UMA CADELINHA. HEHEHEHEHE. AGUARDEM!!!!

No campo “sobre mim” da sua pequena narrativa ele escreve:

Tenho muito tesão em boquete demorado e sou tarado em chupar um cuzinho liso e cheiroso. Adoro meter a piroca (...). Tenho tesão em ver um passivo gozar apanhando, humilhado, tomando meu mijo e sendo arregaçado pela minha mão e minha piroca.

Podemos ver, até aqui, uma intensidade crescente nas descrições e caracterizações das práticas sexuais que os usuários publicam em seus perfis. Se alguns, como é o caso da maioria, preferem apenas indicar em um campo restrito de seus perfis as atividades sexuais de sua preferência (usando, para tanto, o campo “dados de si” e as colunas “eu sou” e “eu quero”), outros se restringem a usar uma das três palavras possíveis no modelo de penetração (ativo, passivo ou versátil) para qualificarem a si próprios e aos seus possíveis parceiros nas suas pequenas narrativas. Outros ainda dão um passo além em relação a essas maneiras de construir significados em torno das práticas sexuais entre homens, descrevendo de modo mais explícito a importância da preferência por esta ou aquela prática na sua experiência de prazer, na qualificação do próprio corpo e na atribuição condições para que um encontro chegue a ser levado a cabo (como fica claro em ‘versatilkcetudo’ quando o usuário diz que conhecer outros homens *somente* versáteis ou ativos, e ‘felipesafado’ que expõe sua preferência pela prática do sexo sem o uso de preservativos).

‘Sexboyzs’, ‘20cmmachoativo’ e ‘Andrejr’, cada qual a sua maneira, investem maiores recursos de linguagem para descrever suas atividades sexuais, no sentido de que acionam um maior número de representações culturalmente construídas que gravitam em torno dessas práticas. Em algumas das construções que os usuários do sítio fazem sobre suas práticas sexuais mais uma vez aparece a centralidade do corpo para a produção de significados que estão em negociação nos perfis mais “preferidos” do disponivel.com, como argumentei no capítulo anterior. Assim, essas construções não são apenas da ordem das

práticas sexuais, mas são também da ordem das práticas *corpóreo-sexuais*, a partir do momento em que produzem sentido, simultaneamente, às práticas sexuais e aos corpos envolvidos nelas. Coincidentemente – ou não – os três usuários que acionam um maior número de representações, um maior vocabulário, um maior número de cenas narradas para gerarem as imagens figurativas das suas preferências sexuais são todos “ativos” – e exclusivamente ativos. Os três têm preferência pela prática anal insertiva. São as ações que seus pênis serão capazes de realizar (*foder, meter, fazer gemer, mijar, enterrar, arregaçar*) nos corpos de seus parceiros passivos (na *bunda, na boca, no rabo*) e também as ações que poderão ser realizadas pelos e nos seus pênis (*engolir, levar, chupar, dar*) que constroem e investem de significado a prática anal insertiva.

Toda a atividade do sujeito “ativo”, sua energia e sua força, precisam de alegorias de linguagem para emergir. Aqui acontece algo que já foi mencionado a respeito da construção das representações de corpo nos perfis: texto escrito remete-se aos registros imagéticos e audiovisuais em que estão retratadas e filmadas as práticas sexuais dos internautas, numa multiplicidade de referências e associações que têm muito a ver com o jogo de complementaridades recém trazido. Além de produzirem um corpo, essas multiplicidades e jogos de complementaridade produzem também as preferências pelas práticas sexuais dos usuários, lhes dão sentido tanto no texto quanto no audiovisual, lhe constroem alegorias de intensidade, força e energia. Como mostra o usuário ‘20cmmachoativo’, que gosta de “enterrar” sua “caceta com vontade”, na publicação de vídeos de sexo com outros parceiros em que toda a “vontade” é produzida pela exibição mesma dos vídeos; ou ‘Andrejr’ que em seus vídeos mostra sua mão, seu punho e seu antebraço sendo introduzidos no ânus de seus parceiros ao som de frases de ordem do tipo “abre esse cuzão pro teu macho”.

Vídeos e fotos são registros importantes na construção de significados à ‘atividade’, à ‘passividade’ e à ‘versatilidade’ para aqueles usuários que, entre os vinte e dois perfis, publicam algum tipo de elemento imagético ou audiovisual. De vinte e dois perfis, todos publicavam algum tipo de registro fotográfico em seu perfil e apenas um não apresentava nenhuma fotografia em seu álbum (do usuário ‘Discovery5’, que mesmo assim mostrava uma foto principal que caracterizava a página). Da listagem dos vinte perfis mais preferidos do mês de maio de 2008, treze usuários publicavam vídeos em suas páginas pessoais, e na listagem do mês de junho do mesmo ano havia dezessete perfis com vídeos. Esse aumento quantitativo acontece porque alguns usuários que apareciam na listagem do mês de maio não apresentavam nenhum vídeo, mas já em junho era possível de assistir aos registros

audiovisuais publicados por eles (são eles ‘Turbinadodf’ e ‘Felipesafado’); e também porque dois novos usuários que passaram a figurar na listagem do mês de junho (‘Cachorraodoms’ e ‘Versatilkcetudo’) também traziam vídeos em suas páginas.

As construções de significado em torno das práticas sexuais dos internautas, através dos registros imagéticos e audiovisuais, opera segundo algumas características já discutidas até aqui: decupagem corporal, genitalização das representações e sombreamento dos rostos corpóreos. Nestes elementos visuais, o corpo é o personagem central das narrativas fotográficas, em que o pênis é freqüentemente fotografado durante as práticas sexuais ao penetrar outros corpos – através do sexo oral ou do sexo anal. Em muitos perfis, como são o caso de ‘Andrejr’, ‘GrisalhoSacana45’, ‘FelipeSafado’, ‘Sexboyzs’, ‘Somos2Safados’ e ‘Turbinadodf’, além de haver os registros das práticas penetrativas, existe também outras maneiras de construção das representações de ‘atividade’ e de ‘passividade’: há publicadas fotografias em seus álbuns em que seu pênis eretos aparecem em primeiro plano e, ao fundo ou ao lado, aparecem os glúteos ou os ânus de seus parceiros, sem haver a penetração. Especialmente em ‘20cmmachoativo’ e ‘AndreJr’, existe ainda a publicação de fotos em que aparecem pênis eretos em primeiro plano, indivíduos apoiado de quatro mostrando seus glúteos e seus ânus, e os pés dos internautas sobre o glúteo dos parceiros (em ‘20cmmachoativo’, o usuário usa botas, como que pisando sobre o glúteo do parceiro). Nesses casos, a penetração em si é importante – já que todos esses usuários também publicam elementos imagéticos e audiovisuais em que aparecem atividades sexuais explícitas –, mas também é importante o registro e a publicação deste ‘momento’ em que se produz essa interpenetração de significações tanto para o ‘pênis penetrante’ – ereto, potente, longo – quanto para o ‘ânus desejante’ – submetido, em espera, profundo. No ‘momento’ que tais fotografias registram, o binômio “pênis-ânus” se constrói em estreita interligação e forte dependência, pois é na fotografia em que não aparece exatamente a penetração que fica explícito o caráter ‘penetrante’ do pênis ereto, em primeiro plano, pronto para penetrar o ânus que está lá em segundo plano, desejante do pênis e da penetração⁸⁴. Para um pênis tão potente, somente um ânus suficientemente desejante para lhe servir de par.

É interessante, porém, perceber que existem modos distintos de produção de significados às noções de ‘atividade’ e ‘passividade’ nas fotografias e nos vídeos publicados. Ao passo que apenas um dos vinte e dois perfis exibia fotografias dos glúteos sozinhos, decupados e recortados dos corpos, muitos usuários (precisamente, dezessete perfis)

⁸⁴ Em nenhum dos registros deste tipo, nos perfis analisados, os pênis eretos usavam preservativo.

fotografavam e filmavam somente seus pênis eretos sozinhos, decupados de seus corpos, além de também publicar registros de práticas sexuais com outros indivíduos – aqui não havia registro específico de seus glúteos ou ânus, a menos que essas partes de seus corpos ‘se insinuassem’ nos registros. Especialmente nos casos de ‘Machosaradopramachinhomamador’, ‘Turbinadodf’ e ‘Moreno1010’, aparecem registros em que os pênis eretos estão retratados e/ou filmados sozinhos, durante práticas masturbatórias, sem estarem em relação com outros corpos. Coincidentemente ou não, é exatamente no perfil de ‘Machosaradopramachinhomamador’ que aparecem as únicas fotografias de glúteos sozinhos; o usuário não aparece mantendo relações sexuais com outros parceiros. ‘Machosaradopramachinhomamador’, através de cortes nas fotografias e nos vídeos (e também nas suas pequenas narrativas de si, como vou discutir em seguida), cinde seu corpo tanto no sentido horizontal – em que separa o seu rosto corpóreo do resto do seu corpo, pois em nenhum registro a ‘parte da frente de sua cabeça’ aparece – quanto também no sentido transversal – produzindo para seu corpo uma ‘frente’ e um ‘verso’ de acordo com sua disponibilidade para práticas sexuais ‘ativas’ ou ‘passivas’. Tanto seu pênis ereto é retratado e filmado sozinho, decupado de seu corpo e sem manter relações com outros corpos, quanto também seus glúteos são fotografados sozinhos – apenas fotografados e não filmados – separados da integralidade de seu corpo. Essa operação de separação transversal do corpo acontece apenas em seu perfil entre os vinte e dois analisados, e corresponde às representações construídas pelo internauta em sua página pessoal, como aparece no seu título:

O pauzão é pra machinho puto, o rabão e a boca gulosa são só pra roludos ⁸⁵ metedores ativos...
--

Como vemos nesse pequeno trecho, sobre o qual vou me deter mais longamente adiante, a publicação de imagens fotográficas e audiovisuais de partes distintas de seu corpo, separadas e decupadas da sua integralidade corpórea, serve para construir sentido às práticas sexuais a que se dispõe o internauta.

Aqui mais uma vez aparecem rastros dos ‘corpos currículo’, que precisam de pouco ou nenhum modo de legenda para investi-los de significados. Entretanto, diferentemente dos ‘corpos currículo’ de ‘Moreno1010’ e de ‘Saradao25’, discutidos no capítulo anterior, os

⁸⁵ A expressão “roludo” vem de “rola”, que é uma das palavras usadas para se referir ao pênis. Nesse caso, funciona como aumentativo.

‘corpos currículo’ de ‘Machosaradopramachinhomamador’ e de ‘Turbinadodf’ se inserem dentro da multiplicidade de correlações entre a tríplice narrativa de seus perfis. Em ‘Turbinadodf’, por exemplo, existem informações nos campos “eu sou” e “eu quero”, bem como álbuns com vinte fotografias e sessenta e cinco vídeos publicados em sua página pessoal, que garantem a construção de significados para seu pênis ereto fotografado sozinho ou filmado durante a masturbação individual através das múltiplas correlações entre texto-foto-vídeo. Em ‘Machosaradopramachinhomamador’, tanto seu pênis ereto aparece decupado do resto de seu corpo quanto também são produzidas pelo mesmo processo de recorte as representações imagéticas de seus glúteos. ‘Corpo currículo’ representado por este usuário por não se mostrar em relação a nenhum outro corpo, por remeter sempre a si próprio; não obstante, o usuário lança mão de longas narrativas de si para significar seu corpo, e tais narrativas o explicam, o descrevem, o legendam e o produzem – assim como descrevem e produzem os corpos de seus possíveis parceiros, como vou analisar em seguida.

Exceto por ‘Machosaradopramachinhomamador’, nenhum dos usuários dos vinte e dois perfis analisados publicava seus glúteos ou ânus sem que eles estivessem em relação a outros corpos ou em relação ao pênis dos parceiros sexuais. Entretanto, dezessete deles, além de publicar fotografias e vídeos em que apareciam relações sexuais explícitas, também aí seus pênis eretos apareciam decupados do resto de seus corpos através do processo de recorte da integralidade corpórea. A publicação de partes específicas do corpo – ou ainda, as estratégias de decupagem corporal e genitalização das representações – está ligada à construção de sentido das práticas sexuais ‘ativas’, ‘passivas’ ou ‘versáteis’, de modo que o número de perfis em que aparece apenas o pênis ereto recortado e decupado do corpo, quando comparado àquele único em que aparecem os glúteos ou o ânus recortados e decupados, mostra a importância do pênis nesse jogo de sentidos atribuídos às práticas sexuais entre homens para os vinte e dois internautas cujas páginas são as mais “preferidas” do [disponível.com](#). Os glúteos e os ânus não estão tão *disponíveis* quanto os pênis.

Também as maneiras encontradas pelos usuários em construir sentidos às práticas sexuais através dos elementos imagéticos e audiovisuais – ângulos de vídeo e foto, conteúdo imagético e audiovisual – mostram que até mesmo aqueles que se dizem abertamente ‘passivos’, como é o caso do usuário ‘ctfrj’, não prescindem do pênis em seus registros: em todas as fotografias do álbum deste internauta aparecem práticas sexuais explícitas – ora de sexo oral, ora de penetração anal – e também em todas elas aparecem os pênis eretos de seus parceiros. Na foto principal de sua página pessoal aparece um indivíduo ejaculando na boca

de outro, que está de joelhos em sua frente com o rosto dissimulado por uma edição de imagem, sobre o qual foi colocado um quadrado branco. À prática sexual ‘ativa’ é guardado um modo de significação em que o pênis é recortado tanto do resto do corpo quanto pode ser isento da relação com outros corpos: é o pênis em si mesmo – sua extensão material, suas medidas, sua potência enquanto membro ereto, como aparecem nos registros de práticas masturbatórias individuais. À prática sexual ‘passiva’ é guardado um modo diferenciado de significação, em que glúteos e ânus aparecem sempre em relação a outros corpos, ou a partes específicas dos corpos: os glúteos ou os ânus são sempre representados junto com os pênis que o penetram, sem serem dados em si mesmos. Ao passo que o pênis é capaz de adquirir todo seu significado ao ser representado recortado do corpo e isento de relações com outros corpos, como acontece na maioria dos vinte e dois perfis mais “preferidos”, os glúteos e os ânus estão necessariamente em relação com outros corpos, em relação aos pênis que o penetram.

O caráter relacional das construções de sentido às práticas sexuais ‘ativas’ e ‘passivas’ está adensado nos perfis de ‘Sexboyz’, ‘Andrejr’ e ‘20cmmachoativo’. Os três internautas descrevem a si próprios como ‘ativos’, e sua ‘atividade’ aparece nas suas fotografias e nos seus vídeos sempre através de atos sexuais explícitos publicados nas suas páginas pessoais. Entre os três, é ‘Andrejr’ que chega a escrever com tinta e caneta nos próprios corpos de seus parceiros, nos tórax de alguns deles em que se lêem as frases: “BRINQUEDO DE MACHO”; “ESCRAVO DO DOGÃO⁸⁶”; “FUTURO DEPÓSITO DE PORRA E MIJO DO DOGÃO”. Em outros de seus parceiros ele escreve nos glúteos deles as seguintes frases: “DOGÃO ESTEVE AQUI [com uma seta apontando para o ânus do parceiro]”; “FODE ESSE RABO [com uma seta apontando para o ânus do parceiro]”; “QUERO DAR O CU” no glúteo esquerdo e “VIADO DO DOGÃO” no glúteo direito; e “VIADINHO”. O usuário usa a superfície dos corpos dos parceiros para escrever nelas fragmentos de narrativas que, muito além de significar práticas ‘ativas’ e ‘passivas’, também significam os sujeitos de tais práticas.

Termos usados por esses três usuários, como “passivo”, “puto”, “cadelinha”, “viadinho” e “submisso” para qualificar seus parceiros sexuais trazem importantes ‘fios discursivos’ que, se seguidos e conectados uns aos outros, podem nos levar a discutir sobre a construção de significações dos próprios sujeitos engajados em certas práticas sexuais, significações derivadas do modelo de penetração e que têm uma complexa rede discursiva como condição de existência. Através das construções de sentido postas nos perfis sobre

⁸⁶ O usuário ‘Andrejr’ também intitula a si próprio como ‘Mestre Dogão’. ‘Mestre’ por tratar-se do único usuário que diz abertamente ser adepto do sadomasoquismo, em que a relação ‘mestre’ e ‘escravo’ se estabelece.

práticas anais ativas e práticas anais passivas, percebe-se que ambas têm valorações diferenciadas, muito embora estejam em forte relação de dependência. Além de serem representadas de modos diferenciados, e de também serem valoradas de maneiras distintas, essas práticas acabam por construir certos sentidos inclusive para os sujeitos que as praticam. A rede discursiva que produz o modelo de penetração de onde derivam ao ‘ativos’ e os ‘passivos’ tem uma longa data e não é simplesmente reduzida à dicotomia que a origina. A rede discursiva que produziu os “passivos”, os “putos”, as “cadelinhas”, os “viadinhos”, os “submissos” e os “brinquedos de macho” também produziu os “homossexuais” e os “afeminados”. Esses não são meros personagens nas narrativas do disponivel.com; eles funcionam como rostificações, buracos negros, lugares de captura identitária que têm uma história de continuidades e descontinuidades.

4. 2. Continuidades e descontinuidades nas significações das práticas sexuais entre homens

“A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral”, na sociedade grega do século IV a.C., “muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente” (FOUCAULT, 2006a, p. 167). A questão aí não era saber qual prazer era mais legítimo, mas fundamentalmente saber relacionar-se com o prazer sem se submeter a ele. “Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave do que o outro” (*idem*).

As relações entre homens, mais especialmente as relações entre homens mais velhos e rapazes mais novos, na Grécia clássica, serviam como trabalho de formação de caráter e virilidade em que os homens livres frequentadores da *polis* grega (excluindo daí mulheres, estrangeiros e escravos) se engajavam. Nesse trabalho também estavam incluídos aquilo que Foucault chamou de Econômica – a relação entre os homens casados e suas esposas, como chefes da casa e da família, no sentido de que a habilidade de governo do espaço doméstico e de seus bens seria similar ao exercício de dirigir a *polis* – e Dietética – a relação que um homem tem com seu próprio corpo e sua própria alma no sentido de tornar ambos belos (FOUCAULT, 2006a). Tanto a Econômica quanto a Dietética estavam também ligados à

Erótica, esta última que se constituía exatamente na problematização das relações de amor e de corpo entre dois homens livres na Grécia.

Para Foucault, foi exatamente na Erótica que se instauraram discussões mais sensíveis na sociedade grega, que demandavam mais apuro, na mesma medida em que havia uma certa preocupação de cuidado com a linguagem usada para referi-la. De modo mais específico, eram sobre as relações entre um homem mais velho e um rapaz mais jovem que se adensavam tais precauções. Isso porque, segundo Márcio Alves Fonseca

Somente aquelas [relações] que envolvem um homem mais velho, possuidor de um *status* definitivo e um jovem rapaz, que ainda não tem posição determinada na sociedade, é que foram objeto de problematização. Ou seja, estão implicados na problematização moral deste tipo de amor uma diferença de idade e outra de *status* ocupado pelas partes envolvidas. Às relações ocorridas com estas diferenças destina-se uma série de prescrições quanto aos comportamentos, estratégias e práticas que devem ser observadas para dar às mesmas um valor moral (FONSECA, 2003, p. 117).

As tensões geradas pelas relações entre um homem e um rapaz aconteciam porque, de um lado, tais relações eram necessárias para a formação dos homens livres na sociedade grega (enquanto relação pedagógica, de ensino-aprendizado da formação de si mesmo), e por outro, aconteciam num espaço em que coexistiam iguais (homens livres, “que possuem a mesma liberdade de recusas e de consentimentos”). Pois “experimentar a volúpia, ser sujeito de prazer com um rapaz não constitui problema para os gregos; em compensação, ser objeto de prazer e reconhecer-se como tal constitui, para o rapaz, uma dificuldade maior” (FOUCAULT, 2006a, p. 195). É no que tange as posições ocupadas pelos indivíduos nestas relações que se encontra o ponto de problematização para os gregos; é no diferente significado dado às práticas sexuais entre esses dois homens que emerge uma zona de tensão para esta sociedade.

Trata-se de um isomorfismo entre relação sexual e relação social. Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e é dominado, o que submete e é submetido, o que vence e é vencido. *As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e nas diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros.* E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel intrinsecamente

honroso e que é valorizado de pleno direito; é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, sua superioridade. (*idem*, p. 190) [grifo meu]

O que estava em jogo como zona de tensão nas relações entre um homem e um rapaz eram, sim, as práticas sexuais do modelo de penetração – ativo *versus* passivo. Mas não somente elas: o que investia de significado tais práticas, o que lhes dava sentido, os modos como eram entendidas pelos indivíduos e as correlações que tais práticas sexuais mantinham com o regime geral de funcionamento da sociedade grega é que produzia a necessidade de sua problematização social, cultural, política e filosófica. Todo o contexto social e político dentro do qual eram compreendidas as relações sexuais insertivas ou receptivas entre um homem e um rapaz é que as produzia como problema pertinente para essa sociedade. Sendo essas relações por um lado necessárias para a formação pedagógica do homem livre grego, e também necessárias para seu exercício de relação consigo mesmo enquanto modo de estilização da sua vida e de domínio de si, por outro essas relações entre homens traziam o desagradável imbróglio da definição: quem, afinal de contas, vai ‘*sub-meter-se*’?

Esse ponto de dificuldade, e é aí um dos motivos da minha digressão histórica para a época antiga, estava vinculado à valoração positiva, superior, honrosa e viril de um dos pólos – atividade – enquanto que para o outro está resguardado o valor negativo, inferior, vergonhoso e vil – passividade. Aqui ainda não havia chance de escapar do binarismo. Para os gregos, o problema que se colocava era de que “quando, no jogo das relações de prazer, desempenha-se o papel do dominado, não se poderia ocupar, de maneira válida, o lugar de dominante no jogo da atividade cívica e política” (FOUCAULT, 2006a, p. 194). O que provoca tensão, preocupação social e cultural

(...) é a dificuldade, nessa sociedade que admitia as relações sexuais entre homens, provocada pela justaposição entre uma ética de superioridade viril e uma concepção de qualquer relação sexual segundo o esquema da penetração e da dominação do macho; a consequência disso consiste, por um lado, em que o papel da atividade e da dominação é afetado por valores constantemente positivos mas, por outro, é necessário atribuir a um dos parceiros no ato sexual a posição passiva, dominada e inferior. (*ibidem*)

Não nego que esse esquema de atribuição de sentido às práticas sexuais entre homens, segundo o modelo de penetração, pode ser interpretado como uma continuidade no que diz respeito aos significados dados nas sociedades atuais para as relações entre homens. Como nos diz Richard Parker, a distinção básica entre atividade e passividade, no Brasil

contemporâneo, “estrutura mais claramente as noções brasileiras de masculinidade e feminilidade e que tem servido tradicionalmente como princípio organizador para um mundo muito mais amplo de classificação sexual na vida brasileira atual” (PARKER, 1991, p. 70).

A estrutura das relações macho e fêmea no Brasil serviu também (...) como modelo para interações do mesmo sexo. Uma distinção nítida entre parceiros culturalmente definidos como “ativo” e “passivo” no intercurso anal foi básica para o entendimento tradicional de relações sexuais entre homens. Enquanto o parceiro ativo nas relações do mesmo sexo dificilmente falaria publicamente sobre elas, por causa da condenação católica tanto da pederastia quanto da sodomia, ele é de qualquer forma capaz, devido à sua atividade sexual, de manter uma identidade essencialmente masculina. Por outro lado, o viado ou bicha, o parceiro “passivo” nessas relações, é inevitavelmente transformado, não apenas aos seus próprios olhos, mas também aos olhos de seu parceiro ou parceiros e aos de quaisquer outros indivíduos a sua volta que saibam de suas práticas sexuais. Ele é desvirilizado. Torna-se, através de sua atuação, uma fêmea simbólica (*idem*, p. 78).

É importante trazer essa perspectiva sobre as práticas sexuais brasileiras atuais que compõem o regime de organização dos gêneros e das relações corpóreas, uma vez que ela está, de certo modo, presente nos perfis aqui analisados em trechos de textos e nos registros imagéticos publicados pelos internautas. Um exemplo disso é a frase de ‘Andrejr’ no título de sua página pessoal, quando escreve no tórax de um de seus parceiros sexuais “brinquedo de macho”, como quando escreve nos glúteos de um terceiro “viadinho”, ou como quando se refere a outro como “cadelinha” declinando a palavra no gênero feminino – e mais ainda, no diminutivo. Entretanto, ao confrontar essa perspectiva contemporânea de significação das práticas sexuais entre homens com as noções com as quais se operava na antigüidade clássica, emergem pontos importantes que nos mostram que a construção de sentidos e condições culturais são absolutamente distintas entre as duas. O exercício de confronto entre as duas perspectivas me permite historicizar tais práticas e problematizar as condições nas quais elas surgiram e nas quais elas operam. Tal confrontação supõe não apenas que essas práticas sexuais estavam inseridas em dois contextos sociais diferentes; sobretudo, supõe que elas próprias não são as mesmas nos dois momentos históricos, nessas duas sociedades, para os indivíduos que delas fazem parte, isso porque as práticas de ‘atividade’ ou de ‘passividade’ produzem e são produzidas por significados bastante distintos. Elas, em si mesmas, são diferentes porque significadas de modos idiossincráticos.

Em primeiro lugar porque, para os gregos, as correlações que se estabeleciam entre prática anal insertiva e prática anal receptiva estavam intimamente ligadas à habilidade ou não

dos homens desempenharem suas funções na *polis*. “O que é difícil de ser aceito para um ateniense (...) não é que não pudesse ser governado por alguém que ama os rapazes ou que, quando jovem, foi amado por um homem”, escreve Foucault, “mas sim que não se pode aceitar a autoridade de um chefe que se identificou outrora com o papel de objeto de prazer para os outros” (FOUCAULT, 2006a, p. 193). Aqui fica clara a dimensão política do sentido dado aos usos dos prazeres nesta sociedade, usos que precisavam ser medidos e comedidos para a estilização da vida dos homens livres. Usar e abusar dos prazeres sexuais era um problema em si mesmo, e usar e abusar dos prazeres insertivos era problema mais grave ainda. Isso porque a impossibilidade de ser um homem comedido na sua relação com os prazeres, e ainda colocar-se numa posição compreendida como negativa e inferior, provocava dúvidas sobre sua habilidade de exercer alguma autoridade sobre os demais homens livres da *polis*.

Em segundo lugar, e o mais importante, é que as relações entre homens não apenas eram admitidas socialmente na cultura grega como também eram incentivadas como prática pedagógica de construção da virilidade, da autoridade, da temperança e da capacidade de dominar o uso dos prazeres. Da relação entre um homem mais velho e um jovem rapaz poderiam – deveriam – ser gerados benefícios para este último: “benefício honroso se o que está implicado for a aprendizagem do ofício de homem, apoios sociais para o futuro, ou uma amizade durável” (*idem*, p. 197). O caráter pedagógico das relações entre homens para os gregos estava exatamente na produção de um modo belo de ser homem; era no jogo que se estabelecia entre o mais velho e o mais jovem, no que diz respeito a quem cederia a quem nas práticas sexuais, que residia o exercício da temperança, do uso dos prazeres e, em última instância, da formação de um caráter viril. As relações entre homens e rapazes

(...) definem todo um conjunto de condutas oportunas e convenientes fazendo, assim, dessa[s] relação[ões] um domínio cultural e moralmente sobrecarregado; essas práticas (...) definem o comportamento mútuo e as respectivas estratégias que os dois parceiros devem observar para dar às suas relações uma forma “bela”, estética e moralmente válida. (...) Para obter dele [do rapaz] o que ele sempre tem o direito de não conceder é preciso ser capaz de convencê-lo (...) mas a decisão pertence sempre ao próprio rapaz: nessa partida em que se entra nunca se está certo de ganhar. Ora, é precisamente nisto que consiste seu interesse. (...) No caso da relação com rapazes, a ética dos prazeres terá de seguir, através de diferenças de idade, delicadas estratégias que devem levar em conta a liberdade do outro, sua capacidade de recusar e seu necessário consentimento. (FOUCAULT, 2006a, p. 174-176)

O mais interessante no movimento de aproximar duas pontas de fios discursivos tão distantes (sobre as relações entre homens na Grécia Antiga e sobre as relações entre homens no Brasil contemporâneo) é mostrar que as práticas sexuais que outrora foram significadas como peça importante na construção da virilidade, do caráter e do domínio de si para os homens gregos constituíram-se como cidadãos aptos a governarem outros homens livres, atualmente passam ao largo de tal valoração. Hoje a preferência por esta ou aquela prática não constitui um exercício capaz de problematizar a temperança no uso dos prazeres, antes pelo contrário: há de ser excessivamente ‘ativo’ e profundamente ‘passivo’ para sê-lo, de fato. As práticas sexuais entre homens, o modelo de penetração que as rege, hoje criam posições-de-sujeito para aqueles que a praticam. Se na Grécia clássica a possibilidade de experiências sexuais entre homens trazia a problemática social sobre qual dos parceiros – em que momento, em que circunstâncias, a que frequência – deixar-se-ia penetrar pelo outro, fazendo emergir daí todo um jogo de caráter pedagógico sobre o governo de si, atualmente as práticas sexuais entre homens, além de serem abertamente censuradas, não trazem elementos que as possam significar culturalmente como exercícios de temperança no uso dos prazeres do corpo. Antes disso, a ‘atividade’ e a ‘passividade’ passaram a ser posições fixas, identidades imutáveis, que capturam os sujeitos praticantes delas. Ser ‘ativo’ é sê-lo de todo modo, em todos os momentos e, no caso dos usuários do [disponível.com](http://disponivel.com), é sê-lo em todos os registros – imagéticos, audiovisuais e textuais. Ser ‘ativo’ é sê-lo sempre, desde a vinheta pessoal até a intersecção das colunas “eu quero” e “eu sou”; é sê-lo graças a um pênis e, em última instância, a um corpo que garantem ser causa e efeito de tal ‘atividade’, que a subscrevem e que a legitimam. Ser ‘passivo’, por sua vez, é também sê-lo de todos os modos, sê-lo sempre, em todas as posições e em todos os registros possíveis, desde que imperativamente apareça um pênis capaz de atestar a viabilidade – e a qualidade – de tal ânus ser desejante e penetrável. Ao dizerem-se ‘ativos’ ou ao dizerem-se ‘passivos’, parece que se esgota a possibilidade destes internautas de dizerem qualquer coisa a mais de si próprios, qualquer coisa que venha agregar algum outro valor a si próprios. A não ser que, independentemente da prática sexual de sua preferência, eles continuem afirmando ser “machos”.

Do confronto entre a experiência grega das práticas sexuais entre homens com a nossa, contemporânea, também emerge uma novidade. Para os clássicos, a categoria de ‘versátil’, além de ser ineficaz, seria também impensável. Ineficaz porque, para uma cultura que dá valor ao uso moderado dos prazeres como índice de caráter e de destreza no domínio de si, a ‘versatilidade’ suporia um excesso de energia gasta com as práticas sexuais, suporia um abuso

do corpo e de seus prazeres ao designar aqueles homens que sentiriam prazer com outros homens tanto através das práticas ‘ativas’ quanto das práticas ‘passivas’. Impensável porque era sobre a dicotomia ativo/passivo que se permitia haver o isomorfismo, as correlações entre práticas sexuais e posição social dentro daquela sociedade, daí derivando boa parte da compreensão de autoridade e virilidade dos homens livres gregos. Não havia condições sociais, culturais e políticas que tornassem viável a construção de uma categoria como ‘versatilidade’ para pensar as práticas sexuais entre homens na Grécia clássica, tendo em vista que o binômio ativo/passivo era necessário exatamente para haver entre os homens livres gregos um jogo de temperança e de domínio na relação consigo. Esse exercício, que só era possível porque não havia nenhuma categoria alternativa à ‘atividade’ e à ‘passividade’, e que por isso mesmo se colocava como zona de tensão, iria ser uma das peças na construção da virilidade e da autoridade dos futuros governantes da *polis* grega. O homem que soubesse governar a si próprio – temperante, que soubesse dominar e medir de maneira bela o uso de seus prazeres – seria apto a governar os demais.

Atualmente, entretanto, a categoria ‘versátil’ aparece como uma posição frente às práticas derivadas do modelo de penetração que cria uma triangulação do binômio. Ela é uma ‘alternativa’ aos dois pólos distintos, e justamente por ser alternativa ela pode funcionar como um escape, uma linha de fuga, um ponto de vazamento do esquema penetrativo. Eleita por um número considerável de usuários do disponivel.com para, numa primeira interpretação, posicionarem-se dentro do modelo de penetração que lhes serve de paradigma, dizer-se ‘versátil’ é também se colocar como uma ‘terceira via’, justamente ao triangular as possibilidades dicotômicas do ativo-passivo. A ‘versatilidade’ aqui pode ser traduzida como ora preferência pela prática anal insertiva, ora preferência pela prática anal receptiva, permitindo ao indivíduo se mover entre elas, transitar entre elas, se colocar numa ou noutra dependendo de suas contingências. Nessa perspectiva, ela deixa de funcionar exatamente como ‘alternativa’ à dicotomia ativo/passivo e passa a englobar essa dicotomia, passa a abarcá-la, de modo que um mesmo sujeito pode ser tanto ‘ativo’ quanto ‘passivo’ sem a necessidade de definir-se como um *ou* como outro. A posição ‘versátil’ indica o embaralho das duas possibilidades fixas de experimentação da prática sexual entre homens – ativo *ou* passivo –, indica o trânsito entre as duas, indica o ‘troca-troca’ referido no título da página pessoal do usuário ‘Versatilkcetudo’.

Numa segunda e mais desafiante interpretação, também pode indicar a recusa de alguns indivíduos que assim se definem em conformar-se com o próprio modelo de

penetração que dá sentido à categoria: posicionar-se como ‘versátil’ pode ser uma maneira encontrada de expressar a ideia de que talvez a penetração seja prescindível para aquilo que entendemos como sendo prática sexual, e também prescindível para determinar os sujeitos de tais práticas. Em outras palavras, a ideia de ‘versatilidade’ também interroga o modelo de penetração que a faz possível: prática sexual é sinônimo de penetração? Toda a prática sexual precisa estar baseada no modelo de penetração? Se tenho preferência por esta, aquela ou outra práticas, serei sempre identificado da mesma forma? Nesse sentido, além de ser uma posição triangular dentro do modelo de penetração, a ‘versatilidade’ é, ela mesma, uma não-posição e uma não-categoria, uma possibilidade de multiplicação das próprias noções do que seja a prática sexual.

De todo modo, as três possibilidades que atualmente são correntes para a significação das práticas sexuais entre homens baseadas no modelo de penetração são bastante diferentes do binômio ativo/passivo clássicos. Isso porque hoje elas servem como identidade imutável, como posição-de-sujeito fixa para qualificar experiências corpóreo-sexuais e para definir os sujeitos que as praticam. Até mesmo a categoria ‘versátil’, com todo seu potencial subversivo, pode adquirir conotações rígidas, como vou tentar mostrar em seguida ao examinar com mais apuro o perfil de um dos mais “preferidos”.

Também é válido perceber que, como vou discutir em seguida, nossas noções de “sexualidade”, “homossexualidade” e “masculinidade” são datadas bastante recentemente na história. Elas não operavam dentro da cultura grega porque havia outras maneiras de interpretar as relações com os prazeres dos corpos, as relações entre homens e mulheres, entre os próprios homens e, inclusive, os significados culturais que produziam indivíduos como masculinos e como femininos também eram diferentes dos nossos atualmente. Mais ainda, isso nos mostra que o desejo dirigido tanto para homens quanto para mulheres é também culturalmente construído, uma vez que para os gregos “essas duas inclinações eram ambas igualmente verossímeis, e que elas poderiam existir perfeitamente num mesmo indivíduo”. Isso porque aos olhos dos cidadãos gregos, “o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são ‘belos’, qualquer que seja o seu sexo” (*idem*, p. 168), ou ainda “pensavam que o mesmo desejo se dirigia a tudo que era desejável – rapaz ou moça – com a reserva de que era mais nobre o apetite que se inclinava ao que é mais belo e mais honrado” (p. 171). Nesse sentido, fica claro que as maneiras com que se produziram as significações para as práticas sexuais, para os corpos envolvidos nelas, suas correlações com o

regime em que funciona a sociedade e sua política e, sobretudo, sua função na construção de sentido dado aos indivíduos foram todas construídas historicamente dentro de campos de luta que concorrem pela atribuição de significado que faz as sociedades viáveis: a cultura.

Na perspectiva trazida por Parker, existe a ideia de que a prática sexual que um homem desempenha, ou o desejo que ele sente por outro homem, o reduz à própria prática ou ao próprio desejo. Ou, dito de outro modo, tal prática e tal desejo o recobre por completo, o açambarca e o define. O homem que mantém relação com outro homem, na qual ocupa a posição anal receptiva, na cultura do Brasil atual, “constitui uma anomalia perigosa e perturbadora”. Isso porque “genitalmente homem, mas tendo abandonado a verdadeira identidade de homem machão e pai por ter adotado um papel passivo”, nas palavras do autor, “a bicha se torna uma espécie de animal fêmea, não pertencendo nem a uma nem a outra categoria da vida humana normal” (PARKER, 1991, p. 78). Para os gregos, no sentido contrário, “os homens podiam se distinguir pelo prazer ao qual eram mais ligados” (FOUCAULT, 2006a, p. 170), sem que isso se tornasse algo centralmente importante para sua constituição. Pois para eles era “questão de gosto, que podia prestar-se a gracejos, mas não questão de tipologia implicando a própria natureza do indivíduo, a verdade de seu desejo ou a legitimidade natural de sua inclinação” (*idem*).

As práticas com rapazes e com mulheres não constituem categorias classificatórias entre as quais os indivíduos pudessem repartir-se; o homem que preferia os *paidika*⁸⁷ não se experimentava como “outro” face àqueles que buscavam as mulheres (*ibidem*).

Entre uma concepção, trazida por Foucault nos gregos, e outra, trazida por Parker nos brasileiros, cerca de dois mil e quatrocentos anos se passaram. O que justifica a localização e o diálogo entre essas duas pontas de redes discursivas sobre corpo, práticas sexuais e indivíduos neles encerrados e nelas engajados é, num primeiro momento, mostrar o caráter arbitrário e historicamente construído de tais instâncias. Num segundo momento, serve também para chamar a atenção para rastros contínuos e descontínuos de significado que foram sendo produzidos ao longo tempo sobre tais práticas. Nesses rastros, vê-se que as marcas que hoje em dia os corpos e os sujeitos carregam não são dadas naturalmente, nem foram compreendidas da mesma maneira. De modo que diferentes compreensões sobre práticas sexuais entre homens, nesse caso, acabam por significar de forma distinta tanto os próprios

⁸⁷ Jovens amantes homens.

corpos reconhecidos como sendo de homens, quanto os valores sociais atribuídos aos homens e as relações que são estabelecidas entre eles.

Para os vinte e dois perfis mais “preferidos” do disponível.com, entretanto, as práticas sexuais parecem estar baseadas fortemente no modelo de penetração, e a penetração parece ser entendida como a prática sexual ‘por excelência’. Justamente por basearem-se tão estreitamente no modelo de penetração é que faz com que nas páginas pessoais dos internautas o pênis seja rostificado e hipervisibilizado, que faz com que as representações sejam genitalizadas, que faz com que os corpos sejam decupados. Mas é importante ressaltar que as práticas sexuais levadas em conta para a caracterização da ‘atividade’ e da ‘passividade’ – e, por conseguinte, da própria ‘versatilidade’ – não se reduzem à penetração do pênis no ânus. Como escreve ‘Sexboyzs’ no campo “procuro por”:

[procuro] UM CARA QUE SEJA PASSIVO, QUE CURTA CHUPAR (...) E SAIBA ENGOLIR UMA ROLA INTEIRA.

Da mesma forma, ‘Andrejr’ escreve também no seu campo “procuro por”:

Requisitos indispensáveis: (...) saber engolir o pau do macho até a garganta.

Toda a atividade, para aqueles que se posicionam como ‘ativos’, gravita em torno dos usos do pênis, mas extrapola os “requisitos” demandados dos corpos dos parceiros para além do ânus. Também aqui, então, a prática do sexo oral, como penetração do pênis na boca, aparece como um produto do modelo de penetração. De maneira simultânea, as caracterizações de ‘passividade’ também não se limitam à penetração anal, compondo-se de mais práticas. ‘Andrejr’ escreve sobre isso em “sobre mim”:

(...) tenho tesão em boquete demorado (...)

E ‘20cmmachoativo’ também publica:

ADORO QUE O CARA CHUPE MINHA CACETA COM MEL, VINHO.

As características mais marcantes da ‘passividade’ aparecem novamente em ‘Andrejr’ quando o usuário escreve:

Tenho tesão em ver um passivo gozar apanhando, humilhado, tomando meu mijo e sendo arregaçado pela minha mão e minha piroca.

E também em ‘20cmmachoativo’ na sua pequena narrativa:

SE O CARA CURTIR MIJO ESTAREI PRONTO PARA ESQUINCHAR [sic] UMA FARTA MIJADA E ESPORRADA NA CARA E NO CORPO DO MACHO.

A ‘passividade’ está aqui diretamente ligada à humilhação, à dor física infligida a ela, e à posição inferior ao ser alvo da urina do parceiro ‘ativo’. Nestas últimas representações associadas à ‘passividade’ não aparece descrito nenhum tipo de penetração feita pelo pênis, mas mesmo assim essas representações são articuladas pelos usuários como estratégia de construção e reforço da dicotomia ativo/passivo. Se não há penetração corpórea e sexual, há uma relação de poder que submete a ‘passividade’ – e o sujeito passivo – à ‘atividade’ – e ao sujeito ativo.

O modelo de penetração, como binarismo que é, está baseado na interpenetração de significados culturais dados ao corpo em geral, mas especificamente ao pênis, à boca, e ao ânus. No modelo de penetração, o ânus também é um local do corpo paradigmático – adensado e hiperpresente – porque ele serve como referência para dizer sobre a ‘passividade’ ou ‘atividade’, para dizer sobre a ‘inserção’ ou ‘recepção’. Prática insertiva: insertiva do quê? Do pênis. Onde? No ânus. Prática receptiva: receptiva do quê? Do pênis. Onde? No ânus. O modelo de penetração está baseado, então, nessa interpenetração de significados dados ao pênis e ao ânus; se a boca surge como uma ‘alternativa’ ao ânus, vale sublinhar que ela é penetrada tal qual o ânus é. O sexo oral é um produto do modelo de penetração. E tal modelo não serve, por exemplo, como referência para as práticas sexuais entre homens e mulheres, como zona de tensão sobre quem vai penetrar quem, e em qual parte do corpo vai se dar essa penetração. O modelo de penetração só opera quando o ânus entra no jogo de significado dado às práticas sexuais, e não é qualquer ânus: é o ânus do homem. É quando os iguais precisam negociar sobre quem vai ceder de acordo com o modelo de penetração é que a

‘atividade’ e a ‘passividade’ se tornam – ou se tornavam – um problema, como era o caso dos gregos.

Entre os vinte e dois mais “preferidos” do sítio, sobressaem as pequenas narrativas de si e os dados de si do usuário ‘Machosaradopramachinhomamador’ sobre sua condição de ‘versátil’ – pois assim ele se define na intersecção entre as colunas “eu sou” e “eu quero” de seu perfil. A vinheta pessoal deste usuário já é emblemática, tendo aí representada uma conformação corpórea bastante marcada (“sarado”, corpo com músculos trabalhados através de exercícios físicos, geralmente sem gordura aparente); também se construindo sobre características do modelo de penetração (como a partícula “pra machinho mamador”, acionando a imagem da prática do sexo oral); além de investir no acréscimo adjetivo de masculinidade (“macho”). Desse ponto de vista, essa sua primeira apresentação feita pela sua vinheta pessoal indica para sua identificação como ‘ativo’: afinal, ele é um “macho” que disponibiliza uma parte específica do seu corpo para outro “machinho mamador”. No campo “sobre mim” do seu perfil ele escreve o seguinte:

Tenho traços marcantes: a) tenho um pirocão maneiro, vinte cm, grossura legal e muito leite, que adora uma boca gulosa e foder rabo liso de machinho, e b) um rabão que recebe elogios e que curte ser fodido firme por um rolão grande e grosso de outro macho metedor. (...) Sim, [eu] era só ativo. Mamei picão, dei o rabão, gostei dos [dois] e agora sou ATIVO e PASSIVO. Horizontes ampliados. E daí?!?

Sua descrição enquanto ‘ativo’, contida no item *a*, se desenvolve em torno de seu pênis, a parte que importa para sua caracterização, mas também em torno do corpo desejado (“boca gulosa” e “rabo liso”) dos sujeitos desejados (“de machinho”). Sua descrição enquanto ‘passivo’ está colocada no item *b*, que não se desenvolve exclusivamente sobre seu ânus ou sua ‘bunda’, mas também discorre sobre as características do perfil, por assim dizer, do pênis que o usuário procura (um “rolão grande e grosso”), do homem portador deste pênis (“de outro macho metedor”) e que, por conseguinte terá a ‘permissão’ de penetrá-lo. A forma com que esse usuário faz operar o modelo de penetração nas suas pequenas narrativas de si, também como fazem os demais internautas recém trazidos, trabalha no sentido de extrapolar as práticas sexuais associadas à dicotomia ativo/passivo ao explorar outras partes do corpo que não apenas o ânus e o pênis (como a boca e a ‘bunda’, por exemplo). Também produz sentidos para os sujeitos envolvidos em tais práticas sexuais, pois ao usar certas expressões

para se referir aos seus possíveis parceiros, como “machinho”, este usuário está acionando representações de virilidade da palavra “macho” e declinando esta palavra no diminutivo – talvez para associar ao aumentativo, que aparece em “pirocão”, que caracteriza seu pênis.

O mais interesse deste trecho, porém, está nas últimas frases. Quando o internauta diz que era só ativo, mas que “mamou picão” (praticou sexo oral), e “deu o rabão” (praticou sexo anal passivo) e gostou dos dois, ele classifica essa mudança de posição frente às preferências pelas práticas sexuais como “horizontes ampliados”. Esta pequena narrativa aponta para o trânsito entre as duas posições possíveis dentro do modelo de penetração, para a experiência de algo diferente que fez com que este usuário abrisse mão de uma preferência única pela mobilidade de ocupar ora uma, ora outra posição. Ele desafia: “E daí?!?”, expondo o potencial desafiador disto que classificariamos aqui como sendo sua ‘versatilidade’. Entretanto, é de um modo bastante particular de ‘versatilidade’ de que este usuário está falando exatamente, como vemos nos seguintes trechos do campo “procuro por” de sua página pessoal:

Sou ativo ou passivo (não curto foda versátil). Procuo: a) ou borthers MUITO machos, ATIVAÇOS, com pirocão igual ou maior que o meu (não curto pequeno), comedores com pegada forte (...) ou b) lekes⁸⁸ morenos (nem que seja de sol), mamadores que curtam pica de macho mandão (...) e com bunda LISINHA e arrebizada pra eu socar minha piroca com força.

Ao separar de modo bastante distinto aquele que ele próprio é e também aqueles que procura dentro do sítio de relacionamentos, como consta nas suas pequenas narrativas nas letras *a* e letras *b* dos campos “sobre mim” e “procuro por”, e também nos seus registros fotográficos e audiovisuais discutidos há pouco, o usuário ‘Machosaradopramachinhomamador’ cria uma cisão que reforça o binarismo do modelo de penetração. Essa cisão diz respeito, como argumentei, ao corte horizontal de seu corpo – em que o usuário separa seu rosto corpóreo do resto de sua integralidade – e também ao corte transversal de seu corpo – que produz a ‘frente’ de seu corpo, representada pelas fotos e vídeos de seu pênis ereto decupado do seu corpo, associada à sua preferência pela prática sexual ‘ativa’; e produz também o ‘verso’ de seu corpo, representada pelos seus glúteos e seu ânus também recortados de seu corpo, associados à sua preferência pela prática ‘passiva’. Essa dupla cisão, que esquadrinha seu corpo em quatro zonas distintas, também é construída

⁸⁸ A expressão ‘leke’ vem de “moleque”, é usada aqui para designar jovens rapazes.

pelas suas pequenas narrativas, em que o usuário separa o item letra *a* para falar de seu pênis penetrante e daqueles ‘ativos’ que poderão penetrá-lo, do item letra *b* para falar de seus glúteos e seu ânus e dos glúteos e ânus de seus possíveis parceiros ‘passivos’. Ao dizer “sou ativo *ou* passivo”, o internauta nega o trânsito sem regras entre uma prática sexual e outra, dizendo que “não curte foda versátil”. Ele fixa as práticas de ‘atividade’ e de ‘passividade’ do momento da relação sexual, negando que, numa mesma relação, possa assumir as duas. Assim, ele associa as práticas de ‘atividade’ ou de ‘passividade’ a características corpóreas distintas de seus possíveis parceiros, ao mesmo tempo em que elenca características distintas de si mesmo para as ‘atividades’ e ‘passividades’.

Se num momento, para que este usuário assuma a posição de ‘passivo’ numa prática sexual, ele demanda que seus parceiros sejam “muito machos” e “ativaços” – e ele reforça ambas as expressões usando letras maiúsculas –, cujo pênis iguale-se ou supere o seu próprio, narrando-os como “comedores com pegada forte”; num outro momento, para que este mesmo usuário assuma a posição de ‘ativo’, ele requisita que seus parceiros sejam “moleques”, “jovens rapazes”, com uma certa cor de pele, com “bunda lisinha” – quer dizer, sem pêlos, e aqui mais uma vez ele reforça esta expressão com letras maiúsculas –, na qual ele possa “socar sua piroca com força”. As construções aqui narradas não são exatamente da ordem da multiplicidade, da mobilidade ou do trânsito entre as posições ativo/passivo, mas sim de engessamento tanto do próprio usuário quanto dos seus possíveis parceiros. Isso porque ele narra detalhadamente aqueles com quem ele se permite ser *apenas* ‘passivo’, detalhando também suas próprias qualidades enquanto *apenas* ‘ativo’, e também dá características pormenorizadas daqueles com quem ele será *apenas* ‘ativo’, pormenorizando também suas próprias qualidades enquanto *apenas* ‘passivo’, de modo que acaba por produzir um modelo fechado de seus parceiros e daquilo que ele próprio está disposto a oferecer. As narrativas de ‘Machosaradoprachinhomamador’ mostram que a categoria de ‘versatilidade’ pode carregar em si mesma pontos de fixidez, sem que seja entendida como possibilidade de múltiplas práticas sexuais. Nem toda a ‘versatilidade’ é trânsito e fluidez, como vemos aqui. Muito embora o próprio internauta, no campo “dados de si”, diga ser “versátil”, sua versatilidade não é móvel em si mesma – o usuário é *ou* ‘ativo’ *ou* ‘passivo’ em uma relação sexual, pois ele “não curte foda versátil” – e, ao mesmo tempo, também não é estanque em si mesma – pois ele escreve que experimentou ser tanto ‘ativo’ quanto ‘passivo’, curtiu os dois e agora considera que seu “horizonte” sexual está “ampliado”. “E daí!?!”, ele pergunta, nos desafiando a tentar definir tal categoria.

No decorrer do tempo que separa as duas pontas de redes discursivas aqui trazidas sobre as significações das práticas sexuais entre homens, em muito mudaram as ideias sobre elas. Já na cultura helenística dos séculos I e II d.C. acontecem mudanças importantes na compreensão de tais práticas, pois essas mudanças “envolvem o significado e o valor atribuídos às relações conjugais, às formas institucionais por elas assumidas, à postura esperada dos cônjuges” (FONSECA, 2003, p. 125). Fonseca, baseado nas pesquisas feitas por Foucault em *O cuidado de si*, diz que na sociedade romana “o casamento sofre um processo de publicização”, na mesma medida em que a organização política do helenismo gera um declínio do modelo grego de administração (as *polis*, Cidades-estado) e vê em curva ascendente as monarquias características do Império Romano. De acordo com as novas regras do jogo político, cabe a elas definirem para seus cidadãos “uma relação consigo que possa dizer da possibilidade, de aceitabilidade e da necessidade das ações políticas que o indivíduo deve assumir, bem como suas participações no poder” (*idem*, p. 127), e essa nova configuração de vida pública afeta diretamente a maneira com que toda a tessitura da vida social se organiza, inclusive a forma de percepção do próprio indivíduo em sociedade.

Quanto aos prazeres sexuais, observa-se o crescimento de uma ambivalência no pensamento médico e filosófico. Se considerados do ponto de vista dos seus princípios, são válidos. Mas, quando tomados enquanto ações que se desenrolam, são envoltos numa valoração negativa, ligadas às ideias de desperdício e doença. Essa ambivalência é considerada intrínseca à própria atividade sexual que, por encerrar a função de manutenção da espécie, faz o indivíduo perder a substância de alto valor que é transmitida (*ibidem*, p. 130).

O vínculo matrimonial, passando a importar cada vez mais por adquirir caráter público, por fazer parte de estratégias de alianças políticas e uniões comerciais, acaba sendo pouco a pouco concebido como a configuração de dois objetivos que lhe servem de base: “a procriação e o compartilhar da vida do cônjuge”. O matrimônio, então, de forma gradual “passa a ser o único local onde o prazer sexual pode ocorrer. Ou seja, passa a deter o monopólio dos prazeres sexuais” (*ibidem*, p. 132). O aumento do valor simbólico do casamento acaba por fazer com que o amor pelas mulheres, possível somente dentro da esfera matrimonial, concorra com o amor pelos rapazes da Erótica clássica. Na ‘nova Erótica’ helenística, “seus principais temas fazem referência à relação entre o homem e a mulher, na simetria e na reciprocidade desta relação, ao alto valor do vínculo conjugal e ao aumento da austeridade na consideração da relação com os rapazes” (*ibidem*, p. 136). Se, como foi dito,

paulatinamente as atividades sexuais passam a ser entendidas como momentos de desperdício e causa de doenças, ‘desperdiçar’ energia com práticas não-procriativas, são as relações com rapazes que passam a ser cada vez mais alvo de atenção. Existe aí a acentuação “da fragilidade do indivíduo em relação aos males que os prazeres sexuais podem suscitar (...) e ainda a necessidade de submeter a atividade sexual a uma forma universal”, que valha para todos em qualquer tempo, “à qual todo o indivíduos esteja ligado, e que se fundamenta ao mesmo tempo na natureza e na razão” (*ibidem*, p. 137). Natureza, razão, casamento: aos poucos se conformam discursos que vão abandonando as formas gregas clássicas de conceber as práticas sexuais e suas correlações políticas e sociais, na medida em que dão condições para que outros discursos produzam sentido para as relações entre homens, para os próprios corpos e para os indivíduos.

4. 3. *Da sodomia à homossexualidade: novos modos de interpretação dos corpos e o surgimento do homossexual*

Aquilo que para os gregos era uma relação necessária, de caráter pedagógico, importante para a construção da virilidade e da autoridade do homem, espaço e tempo de experimentação do uso dos seus prazeres, foi sendo ressignificada ao longo da história. Como recém mostrado, a valorização paulatina das relações entre homens e mulheres, na mesma medida em que o casamento entre os dois ganhou legitimidade social e política, escamoteava as relações e práticas sexuais entre homens para uma certa beirada, limite externo, borda limítrofe. Não havia aqui um movimento extremo, mas um empurro delicado para uma borda de significações não tão ‘nobres’ quanto eram as da Grécia clássica. Se desde a sociedade romana, o casal – agora bem tipificado como a união entre homem e mulher pelo casamento, e casamento realizado pelo cristianismo – vai sendo privilegiado no seu *status* social, dando ao casal direitos e também deveres. “O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e de recomendações” (FOUCAULT, 2003, p. 38). Pelo menos até o início do século XVIII, em que os códigos de direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil concorriam para dizer das práticas sexuais que havia dentro das relações matrimoniais. “A relação matrimonial era o foco mais intenso das constringências” (*idem*), nos diz Foucault, e os códigos que a regiam estabeleciam a linha divisória entre o lícito e o ilícito no que concerne às práticas sexuais. “O

‘resto’ permanecia muito mais confuso: atenção para a incerta do *status* da ‘sodomia’” (*ibidem*).

Além disso, esses diferentes códigos não faziam distinção nítida entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a carícia recíproca. (FOUCAULT, 2003, p. 38-39)

Nesse sentido, o ‘sodomita’ poderia ser encarado como um reincidente no seu crime ou no seu pecado, mas jamais um sujeito de seu desejo. A sodomia figurou durante muito tempo, pelo menos até o século XVIII, segundo Foucault, como uma categoria jurídica, religiosa e civil bastante abrangente, difusa, que comportava sob seu guarda-chuva semântico práticas bastante heterogêneas que não eram tais a ponto de definir aqueles que dela lançavam mão. Entretanto, ainda segundo Foucault, foi entre os séculos XVIII e XIX que o movimento de fuga da atenção concentrada no núcleo matrimonial homem-mulher iria significar um interesse crescente naquilo que o autor chamou de “sexualidades periféricas”:

O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação, o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas essas figuras, outrora apenas entre-vistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas: e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo. (FOUCAULT, 2003, p. 39)

Então, através de uma explosão de discursos sobre o sexo, eis que se faz sobressair da borda confusa da ‘sodomia’ as práticas sexuais entre homens e, sem tirá-la de lá mas colocando sobre ela os holofotes discursivos que a caracterizariam ex-cêntrica, surgiu o ‘homossexual’⁸⁹. Agora as práticas sexuais passam a ser definidoras dos indivíduos que as praticam, passam a capturá-los e especificá-los, e sempre que se distanciam do centro gravitacional do casal legítimo, tais indivíduos serão sugados pela força do buraco negro do

⁸⁹ Quando aqui me refiro ao “homossexual”, estou me referindo às pessoas que mantêm práticas sexuais com outras pessoas do mesmo sexo, tanto homens quanto mulheres.

recém criado 'homossexual'. Esse que é um personagem do século XIX com “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida”, é também “morfologia com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 2003, p. 43).

Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas suas condutas, já que ela é princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. (...) A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma (*idem*).

É claro que esse personagem não foi criado à toa. O período histórico que compreende essa eclosão dos discursos sobre sexo na sociedade ocidental moderna, segundo Foucault, vai coincidir com o surgimento de um modelo científico, político e ideológico de compreensão dos corpos masculinos e femininos diferente daquele vigente desde os gregos até meados do século XVIII. Os homens e as mulheres, e suas sexualidades recém criadas, serão vistos sob um prisma essencialista, baseado na premissa de que ambos os sexos são natural e biologicamente diferentes. Faz parte da proliferação do falar/escutar o sexo, da negação de “hipótese repressiva” de Foucault, a postulação da teoria de uma bi-sexualidade em que o masculino se opõe ao feminino em toda sua extensão. Suas conseqüências serão importantes para a concepção do personagem homossexual na sociedade ocidental.

Segundo o autor Thomas Laqueur, até o início do século XVIII não havia uma postura científica que apontasse diferenças naturais e essenciais entre homens e mulheres. As ideias sobre a constituição anatômica dos corpos masculinos e femininos entendiam o homem como modelo de perfeição física e viam a mulher como um corpo masculino invertido. Desde os gregos até os médicos dos anos de 1700 acreditava-se que os órgãos sexuais femininos eram correspondentes aos masculinos, mas aqueles eram para dentro de seu corpo, enquanto que estes eram para fora, como discuti brevemente no capítulo anterior.

Até por volta do século XVIII, então, os modos de compreensão dos corpos masculinos e femininos estabeleciam uma hierarquia vertical entre ambos, de maneira que o homem era o *telos*, a *ponta* desta distribuição vertical. O homem ocupava a ponta da evolução física, e a mulher era vista como um homem ‘para dentro’, “invertido e inferior”, numa escala abaixo dele. Porém, o fato de a ‘fêmea’ ser vista como uma réplica do ‘macho’, com os mesmos órgãos dentro e não fora do corpo, não significava que a mulher era um outro

homem. A diferença entre os sexos e os gêneros era percebida, mas não era explicada por uma essência natural dos sexos. O conjunto de significações que definia um homem e o que definia uma mulher tinha uma base cultural, o que dispensava a necessidade de afirmar que os dois sexos eram diferentes em sua natureza.

Ser homem ou ser mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica. (LAQUEUR, 2001, p. 19)

Entretanto, esse modelo sofreu significativas mudanças no início dos anos 1700. Aí houve mudanças sociais, culturais e políticas que deram condições para que este modelo fosse reformulado e substituído por outras maneiras de entender os corpos e os sujeitos encerrados neles. A partir de condições científicas e filosóficas que produziam os – e também eram produzidas nos – ideais modernos da época, todo o corpo humano foi dimensionado, de forma que pudessem ser solucionados os problemas político-ideológicos colocados pelo surgimento de novos paradigmas sociais que emergiram entre os séculos XVII e XIX. Como propõe Laqueur, “só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes” (LAQUEUR, 2001, p. 21). Segundo o autor, essa divisão bipolar do sexo, que coloca homens de um lado e mulheres de outro, que pressupõe a descontinuidade dos corpos ao estabelecer que homens têm características físicas e comportamentais diametralmente opostas às das mulheres; essa divisão se estendeu para além do corpo e fixou uma oposição entre as virtudes da moral, da alma e da fisiologia femininas e masculinas. Da hierarquia de continuidade vertical, que antes vigorava para entender os sexos, partiu-se para a construção de uma descontinuidade entre homens e mulheres, pondo os dois em oposição e complementaridade.

Os órgãos que tinham nomes associados – ovários e testículos – passaram a ser distinguidos em termos lingüísticos. Os que não tinham nome específico – como a vagina – passaram a ter. As estruturas que eram consideradas comuns ao homem e à mulher – o esqueleto e o sistema nervoso – foram diferenciadas de modo que correspondessem ao homem e à mulher culturais. (...) Os dois sexos, em outras palavras, foram inventados como um novo fundamento para o gênero. (LAQUEUR, 2001, p. 189-190)

A necessidade de evidenciar com tal firmeza a diferença entre os sexos surgiu com a emergência das ideias iluministas modernas de racionalidade e igualdade do século XVIII, já que, a princípio, segundo essas ideias, a mulher se colocaria perante a lei e a política como alguém igual ao homem. A igualdade iluminista baseava-se na premissa de que todo indivíduo era dotado de uma mesma faculdade de razão. O que importava para o liberalismo político da época era o indivíduo em si, o cidadão, e não as peculiaridades do corpo.

Mas a epistemologia sozinha não produziu dois sexos opostos; isso ocorreu em certas circunstâncias políticas. A política, amplamente compreendida como competição de poder, criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia. Falar em tom sério sobre a sexualidade era, inevitavelmente, falar sobre a ordem social que ela representava e legitimava. (...) Porém, as mudanças sociais e políticas não foram, por si sós, explicação para a reinterpretação dos corpos. A ascensão da religião evangélica, a teoria política do Iluminismo, o desenvolvimento de novos espaços públicos no século XVIII, as ideias de Locke de casamento como um contrato, as possibilidades cataclísmicas de mudança social elaboradas pela Revolução Francesa, o conservadorismo pós-revolucionários, o feminismo pós-revolucionário, o sistema de fábricas com sua reestruturação da divisão sexual do trabalho, o surgimento de uma organização de livre mercado de serviços ou produtos, o nascimento das classes, separadamente ou em conjunto – nada disso *causou* a construção de um novo corpo sexuado. A reconstrução do corpo foi por si só intrínseca a cada um desses desenvolvimentos. (LAQUEUR, 2001. p. 22-23) [grifo do autor]

Para explicar e conservar o *locus* de privilégio social do masculino, as diferenças sociais, culturais entre os homens e as mulheres acabariam sendo interpretadas como efeitos das essências, das naturezas e das biologies de seus corpos. Foi a partir daí que o modelo da bi-sexualidade, ou seja, de dois sexos (o masculino e o feminino) opostos e descontínuos, desiguais e diferentes em toda sua extensão, se tornou mais adequado ao contexto da época. Desde imperativos políticos, ideológicos e filosóficos, as relações homem-mulher precisavam se colocar em duas linhas paralelas de uma série de oposições e contrastes, sem que jamais se cruzassem. Mais que isso, era necessário afirmar e comprovar que o homem e a mulher eram

diferentes não apenas em seus corpos, mas diferentes em quaisquer aspectos concebíveis, no que concerne a corpo e alma, em qualquer aspecto físico ou moral⁹⁰.

A figura do homossexual também será reinscrita dentro de toda essa lógica antagônica dos sexos. Se por um lado o homem era um ser naturalmente superior à mulher, e ambos eram opostos complementares neste sistema de compreensão dos sexos, o homossexual será classificado como uma inversão, como uma mulher dentro de um corpo masculino. Se havia duas linhas paralelas de oposições contínuas entre mulheres e homens, não havia lugar para posicionar os homossexuais neste discurso sobre os corpos e sobre os gêneros senão como sendo alguém deslocado – totalmente perdido – destes dois pólos possíveis. Se a mulher era o oposto complementar do homem, é na categoria de invertido na qual se colocou o então recém criado personagem ‘homossexual’.

(...) a nova imagem da inversão vai colar-se ao homem, porém com um adendo: o invertido será o homossexual e sua inversão será vista como perversão, porquanto antinatural. Diante da bi-sexualidade político-científica, a mulher persistia sendo inferior, mas sempre dentro na norma natural; o homossexual, não. Sua inversão será perversão porque seu corpo de homem será portador da sexualidade feminina que acabara de ser criada. O invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica. (COSTA, 1996, p.85)

Por ser antinatural, o homossexual passou a ser interpretado e categorizado como doente, e sua doença era sua (homo)sexualidade; ele passou a ser sujeito de suas práticas sexuais. Como já disse anteriormente, Foucault assinala que já no século XIX as ‘sexualidades periféricas’ sofreram uma investida por parte da ciência no sentido de conhecê-las, classificá-las e governá-las. O autor diz que “o século XIX e o nosso [século XX] foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço das formas absurdas, uma implantação múltipla das perversões. Nossa época foi a iniciadora de heterogeneidades sexuais” (FOUCAULT, 2003, p. 38). A partir da concepção do paradigma da bi-sexualidade dos corpos, a figura do ‘homossexual’ deixou de ser aquela cujas práticas sexuais eventual ou sucessivamente coincidiam com a prática da ‘sodomia’. Essa categoria difusa dos ‘sodomitas’ não era composta, antes do século XVIII, por aqueles que tinham uma inclinação natural ou um instinto para a ‘sodomia’; sequer a noção de instinto sexual havia

⁹⁰ Jurandir Freire Costa diz que “*marcar o corpo com a diferença de sexos significou instaurar a desigualdade, a descontinuidade a oposição e complementaridade naturais onde havia uma controversa e incômoda igualdade jurídico-política*” (COSTA, 1996, p. 75).

sido criada. Esses indivíduos eram definidos como tais pelos seus atos, seus comportamentos. A categoria era definida pelo ato, e não pelo indivíduo que a praticasse. Não havia nada no ‘sodomita’, em sua natureza, em fisiologia ou personalidade, que determinasse suas práticas sexuais, tampouco suas práticas sexuais determinavam quaisquer traços biológicos em si. O ‘homossexual’ do século XIX, ao contrário, vai ser perpassado pela sua sexualidade em toda a extensão de sua existência. A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, sem fins reprodutivos, passa a ser tida como uma degeneração.

Por isso a medicina, a então criada sexologia e em especial a psiquiatria, vão se ocupar em estudar o homossexual, sujeito daquilo que chamaram de ‘homossexualidade’. O ‘homossexual’ era um degenerado, intelectualmente degradado, já que a ideologia iluminista não podia aceitar que indivíduos racionais tivessem comportamentos, desejos e práticas que negassem ou inviabilizassem a capacidade de reprodução do corpo social. O ‘homossexual’, personagem criado pela ciência e pela política da modernidade, passa a ser objeto de pesquisa enquanto ‘coisa’ médica ou medicalizável. Sua sexualidade será a lesão, a disfunção ou o sintoma de qualquer comportamento anormal em sua história de vida, e ela será encontrada “no fundo de seu organismo ou sobre a superfície da pele, ou entre todos os signos de comportamento” (*idem*, p. 44). A ciência como um todo, e a medicina particularmente, vão se ocupar em classificar a sexualidade humana.

(...) a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais “incompletas”; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto; empreendeu a gestão de todos eles. (FOUCAULT, 2003. p. 41)

Se agora existe toda uma borda de sujeitos que ocupam a periferia, tal periferia só se constitui em relação a algum tipo de centro que funcione como sua referência. Como já foi dito, a relação conjugal entre um homem e uma mulher, sua sexualidade com fins reprodutivos, a família como ‘base’ da sociedade vão servir como condição cotidiana para que vários discursos vigorem a partir de então, versando sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades desde perspectivas políticas e culturais. Se agora os corpos de homens e de mulheres passam a ser concebidos como completamente distintos, se fazia possível construir um conjunto de comportamentos, de práticas, de características físicas e sociais bem determinadas que pudessem fazer com que tudo aquilo que é da ordem do feminino e tudo aquilo que é da ordem do masculino fossem inscritos nesses dois pólos opostos: noções de

masculinidade e de feminilidade vão se desenhando como formas possíveis de fazer-se homem ou mulher. Concepções de masculinidade e de feminilidade, tais quais hoje as conhecemos, são produtos históricos recentes que só tiveram condições de emergência depois que todo um conjunto de discursos sobre sua biologia, sobre sua história e sua viabilidade cultural lhe deram suporte para acontecer.

4. 4. *Ser macho é preciso: surgem as masculinidades*

As ideias de definições bem delimitadas de masculinidades e de feminilidades funcionando como referências para reconhecer-se ou ser reconhecido/a como homem ou como mulher são construídas a partir da mesma época histórica em que as formas de compreender os corpos mudam para o modelo da bi-sexualidade, como nos mostra Laqueur, na qual também a sexualidade será inventada como categoria médica cujos discursos vão produzir o personagem ‘homossexual’, como traz Foucault. Para R. W. Connell: “(...) nosso conceito de masculinidade parece ser um construto histórico bastante recente, quando muito com uns cento e cinquenta anos”, nos diz o autor. “Em consequência, quando falamos da masculinidade, estamos ‘construindo o gênero’ de uma forma cultural específica” (CONNELL, 2003, p. 104).

Para Connell, masculinidade significa “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188), e o autor salienta a expressão “prática” porque ele supõe não aquilo que devemos ou imaginamos fazer, mas aquilo que fazemos concretamente. Devemos lembrar, porém, que os próprios sujeitos reconhecidos como ‘homens’, ou seja, o próprio corpo nomeado e reconhecido como masculino também é produto de uma construção histórica. Por isso, o autor diz que:

No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) por tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar e assim por diante. (CONNELL, 1995, p. 189)

O que me interessa na discussão sobre masculinidades aqui é que, sendo construções temporais, históricas e culturais, elas dependem das relações entre os vários modos de ser homem para se constituírem e para constituírem os próprios sujeitos que neles se inscrevem. Também dependem de relações com as feminilidades para serem construídas, uma vez que o

conceito de gênero aqui adotado tem um caráter profundamente relacional e interdependente. É essa perspectiva que põe a construção das formas de ser homem hoje na nossa sociedade em contexto de dependência cultural, histórica e política em relação a outras maneiras de viver os gêneros (relação com as feminilidades e as múltiplas masculinidades) que evita seu essencialismo e reinscreve as masculinidades em campos de luta dentro da cultura. “Assim, os significados da masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso da vida”, escreve Michael Kimmel. O autor segue dizendo:

Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL, 1998, p. 106)

Por estes motivos em vários momentos do texto uso o termo masculinidade no plural, como ‘masculinidades’, porque quero sublinhar a (co)existência de mais de um tipo de masculinidade, de maneira que um mesmo sujeito pode pertencer simultaneamente a mais de uma modalidade de masculinidade. Sobre isso, Connell esclarece que “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, de marginalização e de cumplicidade” (CONNELL, 1995, p. 189). A ideia de múltiplas masculinidades sugere que suas produções demandam um esforço ao mesmo tempo individual e coletivo, reiterado ao longo do tempo. De fato, a masculinidade é um projeto que interpela os indivíduos, projeto no qual eles se inserem, para o qual são recrutados, que constrói posições-de-sujeito dentro de uma cultura. Este projeto pode ser caracterizado por um conjunto de regras, pelo encontro com forças culturais ou institucionais e, sem dúvida, pelas relações de poder que acabam por produzir os corpos e as subjetividades que entendemos como sendo ‘masculinos’ (CONNELL, 1995). As masculinidades podem ser tomadas aqui como um processo de rostificação dos indivíduos: um buraco negro que suga os indivíduos e os transforma em sujeitos das masculinidades, cria para eles um nicho de acomodação e se traduz como um local de captura identitária aparentemente inescapável.

Diferentes masculinidades produzem diferentes sujeitos, que ocupam lugares sociais diferenciados. Michael Kimmel aponta para o fato de que

Dentro da cultura dominante, a masculinidade que define os [homens] brancos, de classe média, adultos jovens heterossexuais, é o modelo que estabelece os *standards* para outros homens, a base a partir da qual se medem outros varões e aos que, mais comumente que se acredita, eles aspiram. [...] A definição hegemônica da virilidade é um homem *no* poder, um homem *com* o poder e um homem *de* poder. (KIMMEL, 1997, p.50-51) [grifos do autor]

Masculinidades roteirizadas pela cultura na qual se materializam, supostamente avessas às quebras e às rupturas, elas investem poderosamente numa matriz excludente e dependente que as diferencie das feminilidades. Essas masculinidades constroem por fronteiras e limites, produzem uma série de outras características que vai lhe servir como referência tanto para a afirmação de sua identidade, quanto para a clareza de suas diferenças. Nesse sentido, Kimmel escreve que “viemos a saber o que significa ser um homem na nossa cultura, assim, ao opormos as nossas definições a um conjunto de ‘outros’ – minorias raciais, minorias sexuais e, sobretudo, mulheres” (KIMMEL, 1998, p. 106). Fazer-se sujeito das masculinidades significa investir num longo e contínuo processo de não se fazer mulher e de não se confundir com formas “marginalizadas” ou “subalternas” de masculinidade, como sugere Connell. Nesse contexto profundamente relacional e interdependente em que se constroem representações sociais de diferentes modos de ser homem, é que a produção cultural e política das masculinidades se dá: “só um sistema de relações de gênero pode produzir alguma masculinidade” (CONNELL, 2003, p. 109). O autor ressalta a ligação estreita da construção dos gêneros masculinos e femininos ao dizer que “a masculinidade (...) é um lugar nas relações de gênero, nas práticas através das quais os homens e as mulheres ocupam esse espaço de gênero e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura” (*idem*).

Kimmel, na mesma direção, sublinha que dois elementos são importantes, e mantêm estreitas interrelações, para a construção das diferentes masculinidades: a relação dos homens com as mulheres – em que se produzem desigualdades de gênero, e as relações de homens com outros homens – em que se produzem desigualdades de classe, raça/etnia, geração, sexualidade e outras). O autor diz que “dois dos elementos constitutivos na construção social das masculinidades são o sexismo e a homofobia” (KIMMEL, 1998, p. 105). A produção e manutenção contínuas da identidade de gênero masculina dependem fortemente de

investimentos também contínuos nos processos de diferenciação em relação às mulheres, aos homens homossexuais, aos homens ‘velhos’, enfim, a todas e todos aqueles que não correspondem a uma certa conformação dita hegemônica da masculinidade. “A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez; [é] a busca pela prova constante, durável, inatingível (...)” (*idem*, p. 111).

Entre os perfis mais “preferidos” do disponível.com existe um modo bastante particular de masculinidade publicado nos vídeos, fotografado nas fotos e narrados nos textos. Esse modo particular pode ser aqui representado pela palavra “macho”. Não basta ser homem, há de ser “macho”; ora, se a masculinidade precisa de um adjetivo para qualificá-la, isso já é sinal de que existem outras masculinidades concorrendo pela disputa de significados dentro desse contexto. “Sou um cara másculo”, escreve o usuário ‘20cmmachoativo’: em sua vinheta pessoal a palavra “macho” já é usada para definir a si próprio, e na sua pequena narrativa de si ele reitera que é “másculo”. Essas duas palavras funcionam aqui para dizer de um certo tipo de masculinidade, e vão aparecer em outras páginas pessoais também. Ele continua dizendo “quero macho másculo”, agora sobrepondo uma à outra, potencializando-as; não basta ser homem, há de ser “macho” e há de ser “másculo”. Nos textos de seu perfil, tais palavras aparecem repetidas dez vezes. Junto com ele, ‘Andrejr’, ‘Versatilkcetudo’, ‘Machosaradopramachinhomamador’, ‘Grisalhosacana45’, ‘Ctfrj’, ‘Felipesafado’ também usam as palavras “macho” e “másculo” para definirem a si mesmos e àqueles que procuram.

“Macho” e “másculo” estão colocadas nas pequenas narrativas de si dos usuários e seus significados não estão descritos. A não ser em ‘20cmmachoativo’ e em ‘Grisalhosacana45’, que investem numa possível caracterização do que seja o “macho”, os demais usuários apenas usam essas palavras ora para descreverem a si próprios, ora para descreverem os parceiros que procuram, sem dizer o que um homem precisa ter ou ser para ser “másculo”. ‘Grisalhosacana45’ escreve que um “macho” é:

(...) cheio de tesão e com muita disposição. Descomplicado, objetivo, avesso a conversas virtuais.
--

E ‘20cmmachoativo’, que apresenta a si mesmo como “macho”, diz que ele é:

(...)ATIVO ADORO CHUPAR UM RABO E ENTERRAR MINHA CACETA COM VONTADE (...) MEU HOBBY PREFERIDO É METER EM RABO... SAIR METENDO PICA EM MACHO LISO E DEPILADO (...) GOSTO DE SOCAR FORTE E ARROMBAR.

Para ‘20cmmachoativo’, parece que a prática sexual ativa, e toda sua energia, é suficiente para qualificar um “macho”. Já ‘Grisalhosacana45’ investe de maneira diferente na descrição do seu “ másculo”, reiterando a disposição para a prática sexual, mas ressaltando a objetividade que um homem precisa ter: ele precisa saber exatamente o que quer. Se entre vinte e dois perfis, apenas dois dão algumas informações sobre como seria o homem “macho” ou o homem “ másculo”, talvez seja importante buscarmos em outras estratégias usadas pelos internautas em descrever as masculinidades postas nas páginas. E nesse exercício aparecem táticas que não são exatamente aquelas que investem fortemente naquilo que o homem “macho” *é*, mas sim operam por exclusão ao dizer o que o “ másculo” *não é*. Explícita aqui a forte relação interdependente, de identidade e diferença, na produção simultânea de diferentes masculinidades.

‘Morenodebh1972’ escreve no campo “procuro por” de sua pequena narrativa o seguinte:

Frescos em geral e só ativos nem precisam escrever. Gordos, mais de cinquenta anos e muito magros, só mesmo conhecendo... Temos preferência, o que não é exclusividade, por morenos (como eu) ou negros. Tb⁹¹ preferimos os lisos, mas rola com peludos tb.

Esse trecho é precioso porque, em primeiro lugar, admite-se a existência de mais de um modo de ser homem – modos declinados pelas práticas sexuais (“só ativos”), pela constituição corpórea (“gordos”, “muito magros”, “lisos” ou “peludos”), pela geração (“mais de cinquenta anos”), pela raça/etnia (“morenos” e “negros”) e pela proximidade com as características de feminilidade (“frescos em geral). Textos como este mostram que existem múltiplas masculinidades em múltiplos corpos, e que essa multiplicidade gera classificações. Pode haver homens que, dependendo de seu corpo, de sua idade, de sua preferência por certa prática sexual, de sua raça/etnia, vão ser representados como sujeitos de distintas masculinidades. Há *preferências* entre as várias formas de ser homem. Mas, sobretudo, *admite-se* que há vários homens dependendo de como são percebidas e significadas suas

⁹¹ A expressão “Tb” é uma abreviação da palavra “também”.

marcas. A passagem do perfil de ‘Morenodebh1972’ (o único dos usuários que cria sua vinheta pessoal usando para tanto a cor de sua pele, e não a extensão material de seu pênis, nem sua virtude de “ másculo”) é importante porque ela opera na produção dos *outros*: “precisamente, transformando outros em *os outros*, como um modo de limpar o espaço discursivo e prático” (KIMMEL, 1998, p. 116, grifo do autor) em que se constrói a masculinidade do internauta. Ironicamente, ao nomear *os outros*, ao nomear as diferenças, dá-se voz a elas e, simultaneamente, as faz existir neste ambiente.

Ser “macho”, entretanto, pode admitir que outras atribuições venham a se colar nessa maneira peculiar de ser homem. Como escreve ‘20cmmachoaativo’ no título de sua página pessoal:

SOU DOMINADOR/ CARINHOSO/ MIJADOR/ PUTO/ HARD/ VAI DEPENDER DO QUE VOCÊ DESEJAR DE UM MACHO...

O usuário, neste trecho do título de sua página pessoal, diz que ele próprio pode ser homem de várias maneiras, “dependendo do que desejar de um macho”. Dentre os vários modos de ser homem, entretanto, parece que de apenas um ele não prescinde: de ser “macho”, como se as demais características fossem ‘máscaras’ que o “macho” por detrás delas usa: “macho” é o denominador comum. Entretanto, podemos admitir que não há aqui sobreposições nas maneiras de ser homem, que não há uma masculinidade ‘de substrato’, que esteja colocada como ‘base’ das outras formas de masculinidade. Se todas as masculinidades estão em produção simultânea, se uma se constitui em alguma identidade e uma boa dose de diferença em relação às demais, podemos dizer que o “macho” não funciona como ‘substrato’ ou ‘base’, mas delimita um certo trânsito entre as possíveis masculinidades. O “macho” que é “carinhoso”, “dominador”, “mijador”, nas palavras do internauta, não é o mesmo sempre, estando ali mesmo detrás da ‘máscara’ ora de “carinhoso”, ora de “dominador”, ora de “mijador”; o movimento entre essas formas possíveis de ser homem, entre as possíveis posições de masculinidade, só é feita se a zona em que se dá esse trânsito ainda permitir ao sujeito dizer-se “macho”. Ele pode ser “carinhoso”, mas não demasiado, senão se feminiza; ele pode ser “puto”, mas não muito e não de alguns modos, senão pode ser confundido com um homossexual passivo.

Nessa mesma perspectiva, ‘Machosaradopramachinhomamador’ traz o seguinte texto em seu perfil:

(...) Ou seja, com homem ou com leke só curto parada com pegada e virilidade. NÃO curto beijo e carinho, só com mulher. Resumindo: curto TUDO, mas com públicos específicos.

Num primeiro momento, o usuário separa três “públicos específicos”: “homem” de um lado, “leke” ou “moleque” de outro, e ainda “mulheres” mais separadamente, usando para tal separação por especificidade ora o gênero, ora a geração (separando “homem” de “mulher” e separando “homem” de “moleque” – jovens homens). Para cada “público específico”, uma atividade sexual condizente, comportamentos e atitudes que correspondam àquilo que os diferentes corpos – e diferentes sujeitos – parecem requisitar. É importante sublinhar a divisão que o internauta faz operar entre “homem” e “moleque”: o peso da idade será medida tanto para as descrições de corpo de um e de outro, como já mostrei anteriormente, quanto para as atividades sexuais nas quais ‘Machosaradopramachinhomamador’ estará disposto a praticar com um ou com outro. Ao que parece, este usuário também mostra que a masculinidade é uma categoria múltipla, uma vez que um certo modo possível de seu parceiro ser homem (o que ele chama de “homem”, com um corpo e um comportamento específicos) faz com que o internauta ofereça também um jeito seu de viver sua masculinidade (preferência pela prática sexual passiva, com virilidade e “pegada forte”); ao passo que outro modo possível de seu parceiro ser homem (o que ele chama de “leke” ou “moleque”, com um corpo e um comportamento específicos) faz com que ele ofereça outro modo de experimentar sua masculinidade (preferência pela prática sexual ativa).

Mais que isso, ser homem, para este usuário, significa comportar “curtir tudo”. Entretanto, as zonas pelas quais seu trânsito se dá são definidas por “públicos específicos”: com mulheres, “beijo e carinho”, zona na qual sentimentos e práticas mais ‘ternas’ podem surgir; com homens, “pegada e virilidade”, sem espaço para afetos, mas terreno abundante de práticas sexuais intensas, como este internauta descreve longamente. Mais uma vez, ao mesmo tempo em que ‘Machosaradopramachinhomamador’ mistura em seu perfil modos fixos de cisão do corpo através de seus elementos imagéticos e audiovisuais, ele também fixa as zonas pelas quais sua masculinidade vai se movimentar, qualificando-a de maneiras distintas: com alguns homens ele prefere ser ‘passivo’ – com toda a ‘passividade’ da palavra, pelo que escreve nos seus textos –, com outros prefere ser ‘ativo’ – também com muitas alegorias do que vem a ser ‘ativo’ –, e nessa diferenciação ele toma seu corpo como referência para a

definição de um ou de outro (se os pênis dos parceiros forem iguais ou maiores que o seu, ele será passivo; se os parceiros forem “moleques” mais jovens, de corpo “liso”, ele será ativo). Já a diferença de sexo, entre homens e mulheres, estabelece outra referência para a diferenciação da sua masculinidade e da sua sexualidade, no momento em que admite que reserva somente às mulheres momentos de afeto – associado à feminilidade –, e separa momentos de virilidade para suas relações com outros homens – associada às masculinidades. Estando em sua pluralidade, mais uma vez o usuário admite tudo, mas separa de maneira cuidadosa, aparentemente sem fazer concessões, os modos de viver sua masculinidade e sua sexualidade.

Em relação a essas múltiplas formas de representar as masculinidades, existem também aquelas que são mais negadas, alvo de maior rechaço. ‘Ctfrj’ é bastante enfático nos seus textos:

Sou discreto e procuro por pessoas discretas Tb. Não curto afeminados, só MACHOS e ATIVOS.
[procuro por]: NÃO CURTO AFEMINADOS!!! TO FORA!!!

Aqui, a aproximação com quaisquer características femininas é veemente negada e rechaçada. O homem “afeminado”, então, surge como o antípoda simétrico do homem “macho”, surge como aquela abjeção contra a qual ele deve se colocar. As zonas da abjeção, “zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social (...) zona de instabilidade que constitui o limite definidor do sujeito; ela constitui o local de temida identificação” (BUTLER, 2007, p. 155), são produzidas pela nomeação daquilo que não se pode ser, daquilo que não se pode manter identificação, daquilo que não se pode aproximar. Dentro do espaço das masculinidades, então, há de um lado os “machos” e de outro diametralmente oposto os “afeminados”; e é exatamente na sua distância diametral e equidistante que reside o princípio de sua ruína. Porque ela denuncia a dependência de um pólo em relação ao outro e supõe, de maneira desafiadora, “um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (*idem*). Interessante perceber que a energia usada na expulsão desta abjeção (o uso de repetidos pontos de exclamação sugere a ideia de que o usuário esteja *gritando* aquilo que está digitado) se faz exatamente contra aqueles homens que se aproximam perigosamente das feminilidades. Parafraseando ‘ctfrj’: “Sim aos afeminados! Eles estão ‘dentro’!”. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva diz que

Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do “dentro”. A definição daquilo que é considerável aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. (SILVA, 2007, p. 84)

É por isso que ‘Morenodebh1972’ e ‘Ctfrj’, ao nomear as diferenças que funcionam como limites para suas identidades, ao apontar aqueles outros corpos ou outros modos possíveis de ser homem dos quais eles *não gostam e não querem*, acabam por trazer para dentro do contexto de seus perfis aqueles que supostamente estariam fora dele, sem nenhuma referência. ‘Machosaradopramachinhomamador’, igualmente, delimita suas fronteiras possíveis, dando voz de existência de maneira aberta ao exterior que ele nega, mas que o constitui: “TEM QUE SER SARADO, não curto magrelos demais e nem gordos”. Como nos diz Silva, “O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade” (*idem*, p. 97). Assim, a negação de todos os ‘tipos’ de homens que esses usuários nomeiam, como que produzindo para si próprios e para os demais internautas um mapa que aponta até onde seus desejos *podem* alcançar ou todos aqueles – e tudo aquilo – que seus desejos *não podem* suportar, reconhece a existência de múltiplas masculinidades: os afeminados, os frescos, os gordos, os velhos, todos são importantes para estes internautas, exatamente porque aparecem representados nas suas pequenas narrativas. A negação é, nesses casos, o próprio reconhecimento de existência das diferenças: as diferenças são aqui interpeladas. A sua negação é a brecha através da qual passam, um a um, todos os ‘tipos’ de masculinidades negadas para dentro dos perfis destes usuários; as masculinidades negadas, ao abandonarem a zona da ignorância, passam a compor os *curriculum vitae* de masculinidade destes internautas como conhecimentos pertinentes sobre si mesmos, deixando de ser ignoradas. Não há listagens dos perfis “menos visitados”, nem dos “menos preferidos” no disponível.com, somente dos “mais”; não obstante, os “menos” estão lá de alguma forma, os “menos” fazem parte dos “mais”, a listagem dos “menos preferidos” compõe a listagem dos “mais favoritos” ao ser nomeada e ao ser chamada a existir. E ao ser descrita, ela aparece posicionada como borda, narrada como fronteira, representada como limite.

‘Ctfrj’ associa de modo bastante explícito ser “macho” com ser “ativo”, o que sugere que uma das características para ser “macho” é ter preferência pela prática anal penetrativa. Este internauta, que se diz “passivo” em seu perfil, não usa tal palavra para definir a si próprio, mas traz outra expressão que pode se articular às demais na produção das diferentes

masculinidades nos perfis mais “preferidos”: a “discrição”. É interessante de perceber que ‘Ctfrj’ e ‘Machosaradopramachinhomamador’, um abertamente passivo e outro abertamente versátil, são os únicos que sublinham a necessidade da dita “discrição”: somente aqueles que podem ter suas masculinidades questionadas devido suas preferências pelas práticas sexuais passivas é que precisam informar os demais sobre sua “discrição”. A ‘discrição’, nesse contexto, significa exatamente o sombreamento de algumas características que podem indicar para os demais, aberta e claramente, uma identidade que capture os sujeitos a ponto de eles não conseguirem dela escapar. A ‘discrição’, então, está associada à segunda via do projeto mostrar-sombrear. ‘Sexboyzs’ escreve sobre seus possíveis parceiros no campo “procuro por”: “(...) SE FOR EFEMINADO, QUE SEJA DISCRETO”, colocando claramente a afeminação de um homem como necessária de ser dissimulada, de ser sombreada, de ser ‘discreta’. ‘Machosaradopramachinhomamador’ escreve no campo “sobre mim”: “(...) sou discreto e curto minhas paradas NA ENCOLHA!”. ‘Encolhido’, o usuário descreve a si próprio como alguém que investe na ‘discrição’, como se ela fosse uma qualidade de um homem. O jogo de significados que se dá entre as expressões “macho”, “afeminado” e “discreto” pode nos levar a indagar sobre o que, nesse contexto, os usuários estão dizendo sobre suas masculinidades e suas sexualidades? Pensemos sobre isso junto com Louro:

Pela lógica dicotômica, os discursos e as práticas que constituem o processo de masculinização implicam na negação de práticas ou características referidas ao gênero feminino e essa negação se expressa, muitas vezes, por uma intensa rejeição ou repulsa dessas práticas e marcas femininas (o que caracterizaria, no limite, a misoginia). É possível observar, ainda, que na construção da identidade de gênero masculina a centralidade da sexualidade tem sido mais reiterada, culturalmente, do que na construção da identidade feminina (pelo menos em sociedades como a nossa). [...] Podemos dizer que os discursos e as práticas envolvidas no processo de masculinização se vêm inundados pela preocupação em afastar ou negar qualquer vestígio de desejo que não corresponda à norma sancionada. (LOURO, 2005, p. 9)

A heterossexualidade, o desejo sexual dirigido ao sexo oposto, em nossa sociedade passou a ser uma característica constituinte, definidora e imprescindível de um certo tipo de masculinidade: a mais viril, a mais valorada, a mais aceita e a mais desejada socialmente. A heterossexualidade seria, então, umas das “normas sancionadas” que acaba por produzir a heteronormatividade. Espera-se que mulheres (corpos reconhecidos como sendo ‘naturalmente’ de mulheres) sintam-se sexualmente atraídas por homens (corpos reconhecidos

como sendo ‘naturalmente’ de homens) porque *apenas e tão somente* quando um corpo de mulher ‘encontra’ um corpo de homem a espécie humana pode se reproduzir. Esta ordem é tida como *natural* no percurso dos corpos. Por ser tomada como natural, essa ordem é invisível, é prevista, é esperada e não precisa ser enunciada. Entretanto, quando um homem sente-se sexualmente atraído por outro homem, ele deve pronunciar-se sobre isso, deve tomar a frente e dizer de si, caso contrário será tomado como um homem que gosta de mulheres. A heteronormatividade diz de uma coerência bastante clara: ela sincroniza os corpos, os gêneros e as sexualidades em torno da heterossexualidade e, numa espiral de silêncio, obriga aquelas e aqueles que tomam atalhos não previstos nesta sincronicidade a dizer de sua fuga. Todas e todos que de alguma maneira rompem com a sincronicidade do sexo (binômio macho/fêmea), gêneros (binômio masculino/feminino), e sexualidade (esta no singular, heterossexualidade), devem tomar a palavra para dizer de sua diferença.

Louro, entre outros autores, dá o nome de heteronormatividade “à produção e reiteração compulsória da norma heterossexual”, que supõe o alinhamento ideal entre o sexo (mulher, homem), gênero (feminino, masculino) e sexualidade (heterossexual) (LOURO, 2005, p. 7). A autora ainda afirma que “temos de reconhecer que sexualidade e gênero estão profundamente articulados, talvez mesmo, muito freqüentemente, se mostrem confundidos”, na medida em que “a transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas é, muitas vezes, representada como uma ‘perda’ do seu gênero ‘original’” (*idem*, p. 8). A heteronormatividade supõe, por exemplo, que no corpo de um homem está inscrita sua masculinidade e que a maneira de viver sua sexualidade é através das práticas heterossexuais. Se um homem não se reconhecer ou não ser reconhecido como heterossexual, ele enfrentará automaticamente questionamentos a respeito de seu gênero. O conceito de heteronormatividade diz respeito aos corpos, aos gêneros e às sexualidades simultaneamente. A heteronormatividade, então, não se iguala à heterossexualidade: ela vai além, ela organiza a norma e produz o centro no momento mesmo em que constrói os lugares do ex-cêntrico (fora do centro) e do a-normal (fora da norma)⁹².

⁹² Para alguns autores, como Stevi Jackson, a heteronormatividade caberia em ser pensada como um conceito que ordena, acomoda e prescreve todo o tecido social. Seria possível, então, ampliar o conceito de modo a mostrar que seu princípio organizador – a heterossexualidade – é, ele próprio, uma instituição. “*As an institution heterosexuality is, by definition, a gender relationship, governing relations between women and men, ordering not only sexual life but also domestic and extra-domestic divisions of labour and resources*” (JACKSON, 2005, p. 7). A heterossexualidade, segundo Jackson, é uma chave para entendermos as relações entre os gêneros e, sobretudo, para entendermos a própria construção das categorias de gênero. Ela constrói lugares sociais, posições-de-sujeitos, tanto para mulheres quanto para homens, tanto para homossexuais quanto para os próprios heterossexuais. Ela é uma matriz, uma pressuposição geral, algo que já não se limita apenas a relações sexuais

Enquanto constituinte da norma, a heterossexualidade também constitui a própria construção dos gêneros. À definição de masculinidade se articula uma determinada experiência sexual, experiência essa entendida como o modo com que um indivíduo experimenta prazer e usa seus prazeres em relação a outros indivíduos. Lembrando da importância crescente que as relações maritais entre homem e mulher ganharam ao longo da história, a heterossexualidade surge para representar o sexo procriativo, reprodutivo, feito dentro do casamento: inseparável da formação da família, da manutenção e crescimento da população. Todos *devem* ser heterossexuais, e se não o forem, que se levantem e digam de si mesmos, pois se calados ficarem serão tomados como heterossexuais: esta é a heterossexualidade compulsória. Assim sendo, assim como propõe Louro, os gêneros masculino e feminino, além de estarem em profunda relação entre si e de dependerem de desigualdades internas nas maneiras de ser homem ou mulher, também são declinados de acordo com as suas sexualidades. Nesse sentido, a construção das masculinidades e feminilidades depende da experiência da sexualidade para fazer-se, e a construção das sexualidades faz-se no momento mesmo das experiências de gênero que os sujeitos se colocam. Tanto os gêneros quanto as sexualidades produzem posições-de-sujeito possíveis, e ambos estão inter-relacionados, interdependentes.

A heterossexualidade articulada à masculinidade produz um certo lugar social dentro das relações de gênero. Robert Connell usa o termo “masculinidade hegemônica” para referir-se a essa masculinidade que responde mais prontamente às interpelações produzidas pela prova da legitimidade da virilidade. Mais que isso, o autor diz que o caráter hegemônico de uma masculinidade está fundamentalmente associado à heterossexualidade, pois “a heterossexualidade se converteu num requerimento para a virilidade” (CONNELL, 2003, p. 263). A masculinidade hegemônica será aquela que atende com êxito a reivindicação à autoridade sobre as feminilidades e as demais formas de ser homem em um contexto histórico, cultural e político. “A hegemonia só se estabelecerá se existir certa correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional, coletivo e individual”, nos diz o autor, sugerindo também que o caráter hegemônico da masculinidade “é uma relação historicamente móvel” (*idem*, p. 117-118).

Desse ponto de vista, poderíamos pensar que a masculinidade hegemônica, na concepção de Connell, poderia ser facilmente traduzida como sendo também uma “masculinidade heteronormativa” sem que os significados das duas expressões fossem

específicas, mas que guia e sinaliza, que baliza e hierarquiza significados, crenças, valores e assunções para todas as ações humanas (JACKSON, 2005, p. 9).

distintos. Se a heterossexualidade é um elemento *sine qua non* da hegemonia de uma certa masculinidade, logo esta masculinidade hegemônica seria também heteronormativa, uma vez que ela corresponderia à sincronicidade sexo-gênero-sexualidade demandada pela heteronormatividade. Entretanto, exatamente porque o caráter hegemônico da masculinidade é uma relação historicamente móvel, exatamente porque o caráter hegemônico da masculinidade depende de outras representações articuladas a ela para se construir e se impor, exatamente porque o caráter hegemônico da masculinidade precisa ser um ponto específico de entrecruzamento de várias significações culturais (desde constituição corpórea, nacionalidade, pertencimento racial/étnico, geracional, religioso e de classe social), nem toda masculinidade heteronormativa, por assim dizer, também é hegemônica num dado contexto social e cultural. Outras forças sociais vão concorrer e disputar, no campo da cultura, por representações que construam a hegemonia. Ser um homem de cinquenta anos, obeso, afrodescendente, imigrante, e heterossexual na Europa é fundamentalmente diferente de ser um homem de trinta anos, atleta, branco, estadunidense e heterossexual nos Estados Unidos. Portanto, a hegemonia só se constrói em articulação complexa com outras representações culturais que lhe dão condições de emergir; a heterossexualidade é uma delas. Neste sentido, Dagmar E. Meyer argumenta que:

Exatamente porque o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue os corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser, vividas e experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida. (MEYER, 2005, p. 17)

Essas distinções deixam claro que heteronormatividade é diferente de heterossexualidade. Como já disse anteriormente, a heterossexualidade é uma peça da estratégia de constituição da norma, inclusive sendo um produto da própria heteronormatividade. A heterossexualidade é o modo singular de experimentação da sexualidade, é o modo singular de vivência e uso dos prazeres sexuais, sempre entre um homem e uma mulher com potencial reprodutivo, biologicamente estrito. Já a heteronormatividade é um princípio organizador de posições-de-sujeito na nossa cultura, desde o reconhecimento dos corpos (sendo de homens *ou* de mulheres), até os modos de viver

os gêneros e a singularidade da experimentação da sexualidade. A heteronormatividade supõe apenas dois sexos, apenas dois gêneros que, no domínio da sexualidade, se encontram de apenas uma maneira – a maneira heterossexual. Essa pressuposição geral ou matriz compulsória que é a heteronormatividade produz identidades e diferenças, produz as zonas de norma e de abjeção, produz posições que os indivíduos são interpelados a ocupar; a matriz heteronormativa produz os sujeitos de sua ordem sincrônica sexo-gênero-sexualidade e, simultaneamente, para aqueles que rompem com ela, também constrói lugares limítrofes, na borda, na fronteira da nossa cultura.

Via de regra, nenhum homem que mantém relações sexuais com outro homem pode reivindicar para si o *status* da masculinidade hegemônica. Isso porque, segundo Connell, “os homens gays se encontram subordinados aos homens heterossexuais por toda uma série de práticas materiais” (*idem*, p. 118). Nessa perspectiva, a hegemonia da masculinidade aparece estreitamente ligada com a sexualidade, e de modo mais específico com a heterossexualidade. Esse modo de experimentar a sexualidade seria critério básico para dizer da hegemonia de um tipo de masculinidade, da mesma forma como outros modos de experimentação sexual seriam suficientes para pôr as demais masculinidades em posição de subordinação, de inferioridade. Não nego que a masculinidade hegemônica se articula com um modo específico de sexualidade – a heterossexualidade –, mas ressalto que a produção da hegemonia opera concomitantemente na produção da subordinação em determinados contextos, de modo que aí se constitui um campo de disputa contingente entre as representações de masculinidade hegemônica (*a priori* tida como heterossexual) e de masculinidade subordinada (*a priori* tida como homossexual).

Assim, procuro pensar que diferentes grupos sociais, como o grupo de usuários do disponível.com, elegem suas próprias demandas de masculinidade – lhe impõem desafios, lhe atribuem valorações, lhe atribuem significado – e aquela masculinidade que responder mais habilmente a tais problemáticas será a hegemônica *para aquela grupo*. Dessa forma, tento não assumir o pressuposto de que todos os homens que fazem sexo com outros homens estão, desde já e para sempre, destituídos ou impossibilitados da hegemonia e presos à subordinação. A disputa pela produção da hegemonia e da subordinação das masculinidades vai se dar aí mesmo entre este grupo de homens homossexuais que, *a priori* e por causa de sua sexualidade, são tidos como subalternos em relação aos homens heterossexuais. Além disso, acredito que a sexualidade só funciona como um elemento importante na produção da hegemonia em certas circunstâncias e sob certos aspectos. Sem dúvida, ela é uma peça

problematizadora tanto da masculinidade hegemônica quanto da masculinidade subalterna, para usar as expressões propostas por Connell, mas acredito que as próprias noções de hegemonia e subordinação são contingentes: um homem gay pode ocupar um lugar de hegemonia em relação a outros homens heterossexuais a despeito de sua sexualidade, isso se em certos contextos as referências para a construção da hegemonia não levarem estritamente em conta a sexualidade dos sujeitos.

A sexualidade não é, para mim e para esta pesquisa, um elemento *isolado* de configuração da hegemonia, tampouco da subordinação. Justamente porque é impossível e indesejável separar os domínios do gênero (masculinidade) e da sexualidade (homossexualidade e heterossexualidade), porque um influencia o outro, um constitui o outro, um ricocheteia continuamente no outro para construir seus sentidos. Para pensar a produção das hegemonias e das subordinações das masculinidades, a sexualidade não pode ser encarada como elemento insularizado, mas deve ser analisada de maneira sincrônica com os modos de representar o gênero masculino. Dessa forma, existe um nó de problemáticas sociais, culturais e políticas que os sujeitos das masculinidades vão se confrontar, e dependendo da sua prontidão e habilidade em se colocar perante tais problemáticas, eles serão sujeitos da masculinidade hegemônica ou não. Dependendo de como respondem às sanções culturais e aos desafios dos modos de ser homem, eles serão os “preferidos” ou não.

E se é no domínio da sexualidade – enquanto homossexualidade – que os internautas do disponivel.com parecem estar subordinados, vai ser no domínio do gênero – enquanto “machos”, “ másculos” ou “discretos” – que eles vão produzir sua hegemonia dentro deste contexto. Mais que isso, será na ordem do gênero – enquanto “machos”, “ másculos” ou “discretos” – que esses homens vão concorrer e desafiar a hegemonia heterossexual ao construir para si mesmos representações que os coloquem ‘em pé de igualdade’ com a norma heterossexual. A produção de uma masculinidade gay hegemônica concorre exatamente com a hegemonia da masculinidade heterossexual, e é por isso que abundam nos perfis palavras como “macho” e “ másculo”. Já os homens que qualificam a si mesmos como “discretos” vão construir aqui uma masculinidade cúmplice do projeto hegemônico da masculinidade gay. A masculinidade cúmplice, para Connell, se configura porque “a quantidade de homens que praticam rigorosamente o padrão hegemônico em sua totalidade pode ser muito pequena” (CONNELL, 2003, p. 119). Dizer-se “discreto” e não “macho” pode encaixar-se exatamente nesta brecha de não assumir ser hegemonicamente homem no

contexto dos perfis do sítio, e não obstante estar conforme às aspirações do projeto hegemônico de mimetização com a masculinidade heterossexual.

Outro elemento que compõe a construção da hegemonia entre os perfis é a prática sexual que os internautas dizem ser de sua preferência. As noções de atividade e de passividade – quem é o penetrado analmente e quem é o penetrante – vão também emergir como elementos importantes nesse nó de problemáticas que os sujeitos são confrontados ao construir e reivindicarem para si a hegemonia. Ser “macho”, para os usuários do sítio, é a tentativa de se inserir com êxito nos modos mais aceitos socialmente de ser homem: é a própria vinheta pessoal da masculinidade hegemônica entre os internautas do disponível.com. Ser “macho” é mimetizar-se com o ideal da heterossexualidade, *apesar* de manter relações sexuais com outros homens. Ser “macho” é, *apesar* de admitir-se homossexual, também conseguir se manter bastante próximo da masculinidade hegemônica heterossexual: somente os usuários que dizem abertamente – e celebram abertamente – sua preferência pela prática sexual ‘ativa’ é que se definem como “machos”, como se eles fossem ‘heterossexuais possíveis’ ou ‘heterossexuais recuperáveis’, usando seus pênis para penetrar corpos que não são os de mulheres, mas que mesmo assim poderiam fazê-lo perfeitamente. Os “machos” do sítio são aqueles que, não obstante suas práticas sexuais com outros homens, não obstante sua sexualidade ser historicamente censurada, repreendida, valorada negativamente; enfim, apesar dos reveses eles tentam energicamente provar que suas experimentações sexuais não os fazem perder ou diminuir seu gênero. Aqui os “machos” serão aqueles que, no projeto aderir-isentar, investem na adesão firme à masculinidade hegemônica de nossa época: a mais heterossexual possível. Sobre o que é ser ‘o mais heterossexual possível’ vou discorrer em seguida.

Uma objeção poderá se levantar nesse aspecto: como apontar a preferência pela prática ‘ativa’ como constituinte da hegemonia se o maior número de usuários se diz ‘versátil’? Não seria, então, a ‘versatilidade’ a ordem hegemônica destas masculinidades? Pois o conceito de hegemonia nunca foi idêntico ao conceito de maioria, apesar de poder sê-lo em algumas situações. Sobre isso, ao introduzir o conceito de subordinação, Connell já deixa claro que a masculinidade hegemônica, tal qual ela é pensada atualmente, é ocupada por poucos e durante pouco tempo. Além disso, a hegemonia está construída sobre um jogo intenso de negociações de atributos das masculinidades no sentido de criar uma posição-de-sujeito que permita àqueles (poucos) que a ocuparem certos privilégios em relação aos demais. A hegemonia, portanto, está fortemente associada ao exercício de poder sobre os demais. A hegemonia surge, por exemplo, quando este ou aquele perfil aparece como sendo o

“mais preferido” entre os internautas do sítio. Se, por um lado, essa hegemonia está assentada sobre um aspecto de maioria (ser o “mais preferido” por um número X de internautas), isso não significa que aquela representação de masculinidade, ou que aquele modo de ser homem publicado no perfil “mais preferido” seja o mesmo daquele que maior parte dos homens gays constrói e vive a sua masculinidade. Ele é o “mais preferido”, o mais desejável, o que mais seduz os demais: é aí que se produz sua hegemonia. E sendo o “mais preferido”, isso pode significar que há naquele perfil representações de masculinidade que, por consequência, são as mais desejáveis.

É nesse sentido que procuro identificar e examinar aqui para que sentido tais masculinidades apontam e em que pontos elas divergem. Também procuro apontar sobre suas adesões, seus investimentos identitários. A adesão aqui discutida, contudo, não diz respeito exclusivamente à mimetização das masculinidades gays com a masculinidade heterossexual, o que suporia um apagamento ou sombreamento de certas maneiras de experimentar a homossexualidade – como, por exemplo, dizer-se exclusivamente ‘ativo’. A constituição da hegemonia, para as masculinidades do disponível.com, está também atrelada de um modo profundo ao corpo e às maneiras de representá-lo. A hegemonia aqui não significa apenas que este ou aquele sujeito possa ser tão “macho” que passaria por heterossexual *se quisesse*. A hegemonia aqui também se relaciona com a constituição corpórea dos internautas e com os modos como tal constituição está narrada e publicada, tanto nos textos das pequenas narrativas de si quanto nas fotografias e nos vídeos. Corpos “sarados”, corpos “malhados”, como os de ‘Saradao25’ e ‘Machosaradopramachinhomamador’ fazem parte da problemática do corpo que se impõe atualmente sobre a hegemonia da masculinidade. Como escreve o usuário ‘Morenhodebh1972’, homens “gordos” ou “muito magros” estão sob suspeita, sob suspensão, sob dúvida a respeito da sua adesão ou não à masculinidade hegemônica. Também os que têm um pênis pequeno não podem reivindicar sua adesão à hegemonia, pois, segundo ‘Machosaradopramachinhomamador’: “[procuro por] caras com pirocão igual ou maior que o meu (não curto pequenos)”. A extensão material do pênis, seu poder de penetração, seu volume impressionante e sua ereção prolongada também são credenciais necessárias para a hegemonia. A constituição material do pênis compõe o nó de problemáticas a serem enfrentadas pelos homens para serem reconhecidos como pertencentes à ou portadores da masculinidade hegemônica. Não pára por aqui as condições para a hegemonia: seus limites também são ditados pela geração, pela idade. ‘Sexboyzs’ diz que procura por homens “de dezoito a trinta e cinco anos”, e ‘Morenodebh1972’ diz que homens “com mais de cinquenta

anos” precisam ser vistos pessoalmente, fora do ambiente do sítio. E mais: nenhum dos vinte e dois usuários donos dos perfis se diz negro; ou são ‘morenos’ ou são ‘brancos’. A hegemonia, ao que parece, também tem cor.

A condição de existência dessa disputa tão acirrada pela hegemonia pode estar na significação histórica dada à homossexualidade, como já discuti nas páginas anteriores. Essa é uma história que compila ora crime, ora pecado, ora perversão, que acaba produzindo uma noção bastante particular da homossexualidade como algo ‘intrinsecamente ruim’ perante à heterossexualidade ‘intrinsecamente boa’, já que esta última vem ligada à legitimidade conjugal e ao sucesso – ou pelo menos a possibilidade – da reprodução da espécie. Também é importante de assinalar que os modos de significação das práticas sexuais entre homens têm uma história, o que contribui para que um certo tipo de masculinidade reivindique para si o *status* da hegemonia (os ‘ativos’) ao passo que outras masculinidades se coloquem como suas cúmplices (os ‘passivos’ e os ‘versáteis’). Na medida em que se problematizam algumas maneiras de viver a homossexualidade, emerge uma maneira hegemônica de ser homem gay: o “macho” que faz sexo com outros “machos”. Não se trata aqui de uma recusa generalizada pela homossexualidade, mas sim da recusa de um jeito particular de viver a homossexualidade, em que pese a necessidade de não se confundir com as mulheres (não ser afeminado) e, ao mesmo tempo, aderir aos modos associados à masculinidade heterossexual. Da necessidade de não se confundir com as mulheres surge uma certa precaução em dizer-se ‘passivo’, e se disser surge a necessidade de narrar-se como sendo “discreto” ou “na encolha”. Da necessidade da adesão aos modos associados à masculinidade heterossexual, surge a hiperexposição do pênis, grande em relação aos demais, penetrante em relação aos ânus; surge maneiras de publicar os corpos como sendo “sarados” ou “malhados”, corpos fortes, superpotentes; surge a necessidade de dizer-se ‘ativo’, viril, dominador.

Percebida como um desvio de rota, a homossexualidade já surgiu como um problema de ordem médica, como nos mostra Foucault. Mas ele próprio também nos mostra que, devido à história dos modos de significação das práticas sexuais ao longo do tempo, a sexualidade não deve ser encarada como uma essência sob pena de fazê-la reinar por toda a superfície daqueles que têm preferência por esta ou aquela prática sexual, sob o perigo de fazê-la impregnar-se por toda a integralidade daqueles que produzem e vivem seu prazer com este ou aquele corpo (FOUCAULT, 2003)⁹³. Aquilo que criamos como sendo a sexualidade, exatamente por ser criada, pode ser concebida como cultural e politicamente constituída.

⁹³ O conceito de sexualidade para Foucault já foi introduzido aqui no capítulo 1.

Justamente porque “a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres” (LOURO, 2007a, p. 210). Entender a sexualidade não como algo que se tenha ou que se detenha, mas como algo que se exerce e se constrói, é uma forma viável de negar sua rostificação: é uma maneira de impedir que ela se torne um rosto, um buraco negro, um nicho de captura identitária capaz de definir o que somos em nossa totalidade. Conceber a sexualidade como socialmente construída nos permite discutir em que contexto, em que relações e sob quais regras ela está sendo criada, produzida por nós e para nós.

“Tais indicações fazem-nos reafirmar, portanto, que, tal como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um construto histórico”, não para negar a materialidade dos corpos envolvidos nela, mas para ressaltar a sexualidade “como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada de possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (*idem*).

Por outro lado, o conceito de sexualidade é utilizado, nesse contexto, para se referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais. (LOURO, 2000, p. 64)

No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. (...) As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2007a, p. 11)

Nas formas de representar suas sexualidades, os “machos” vão se ocupar muito intensamente em aderir à hegemonia, em construí-la para si e imediatamente ocupar seu lugar. A adesão aqui diz respeito à mimetização com a masculinidade heterossexual hegemônica: eles aderem fortemente às representações associadas a tal masculinidade na nossa cultura, procurando se mostrar como os mais heterossexuais possíveis. Se concordarmos que tanto os gêneros quanto as sexualidades e a própria hegemonia são algo construído mediante significados culturalmente produzidos, vamos admitir também que a masculinidade heterossexual hegemônica se vale de tais significados para, ao *incorporá-los* e *vivê-los*

socialmente ela se faz possível de ser reconhecida. A hegemonia da masculinidade heterossexual não para de ser reiterada, de ser vivida, de ser encenada e performativizada, ora por construções e contrações musculares (os corpos “sarados” e “malhados”), ora pela exibição ou não de marcas corpóreas específicas (a presença de pêlos – os peludos – e a ausência de pêlos – os lisos; exibição e celebração da extensão material do pênis como marca importante; cor da pele), ora pela adoção de um jargão típico (palavras como “brother”, “cara”, “leke”; frases telegráficas e objetivas sobre práticas sexuais e descrição do corpo, avessas a textos longos que versem sobre sentimentos ou estados de humor), ora pela variedade de termos usados para se referir à centralidade do pênis para a constituição da masculinidade (“rola”, “roludo”, “pau”, “pauzudo”, “pica”, “piroca”, “vara”).

Essas são marcas presentes nos perfis que dizem de uma adesão às representações postas na nossa cultura que estão associadas às maneiras de viver, de dizer e de incorporar a masculinidade heterossexual hegemônica: fazê-la presente no cotidiano, fazê-la presente nos atos da fala, nos modos como se fala, no tom da voz, nas palavras que são ditas de modo que ela se torne um refrão de reivindicação à hegemonia; fazê-la materializar-se no corpo, nos gestos bruscos, produzir uma materialidade corpórea que mostre (que não sombreie) a adesão (e não a isenção) à masculinidade heterossexual hegemônica, que a ostente no corpo e através do corpo como emblema e como estandarte na disputa entre a hegemonia heterossexual e a hegemonia gay. Nessa perspectiva, eis que aqui emerge o caráter profundamente cúmplice da masculinidade gay hegemônica representada nos perfis do disponível.com: além de haver uma disputa entre as duas hegemônias em sua legitimidade (que se dá no domínio do gênero na medida em que os usuários afirmam que não deixam de ser homens – e de ser “machos” e “ másculos” – por ser homossexuais), existe uma cumplicidade latente entre as duas. Porque uma serve de modelo paradigmático à outra: mesmo que a masculinidade gay hegemônica não queira ‘tomar o lugar’ da masculinidade heterossexual hegemônica, a primeira quer também se beneficiar da hegemonia da primeira, a primeira quer dividir os ‘dividendos’ sociais que a aceitação ampla e irrestrita proporciona, a primeira quer experimentar as vantagens políticas que o habitar da norma oferece.

O que dizer, então, dos “afeminados”? Nenhum dos internautas representados nos vinte e dois perfis mais “favoritos” descrevia a si próprio como “afeminado”. Entretanto, de modo muito emblemático, esse personagem foi evocado nas pequenas narrativas de alguns usuários como sendo tudo aquilo que não seria permitido, tudo aquilo que é negado, execrado e rechaçado. Enquanto homens que carregam traços das feminilidades, acredito que aqui eles

se constituem como sujeitos de uma masculinidade marginal ou marginalizada⁹⁴. Uso os termos “marginal” ou “marginalizada” porque, advindos da palavra “margem”, eles supõem que esta masculinidade carrega traços ostensivos das feminilidades a ponto de fazer borrar as fronteiras dos gêneros e, então, é posta exatamente “na margem” das demais, é expulsa num movimento centrífugo para as bordas. São, portanto, “marginalizadas” através de um movimento que as coloca nas margens da hegemonia e da cumplicidade, ficando-as lá mesmo onde se constroem as zonas inóspitas e o lugar das abjeções para as masculinidades hegemônicas e as cúmplices do projeto hegemônico. Este movimento centrífugo de colocar à margem, de produção da marginalização, é que dá condições para que os homens afeminados sejam evocados e narrados nas páginas pessoais sem que nenhum dos internautas descreva a si mesmo como sendo um. Os homens afeminados estão lá presentes de alguma forma, mesmo não tendo nenhum perfil mais “preferido”. Através da nomeação explícita da diferença, quando um “macho” diz que não quer conhecer um homem “afeminado”, é que fica escancarado o caráter relacional da hegemonia com a marginalização. A hegemonia, além de produzir-se simultaneamente com a subordinação, também precisa construir lugares da margem. Sua borda limítrofe, os “homens afeminados”, lhe serão tão imprescindíveis quanto os “homens discretos”, e funcionarão como seu exterior constitutivo, local da temida identificação. E as mulheres estariam também presentes de alguma maneira aqui? Apenas em um perfil, de ‘FelipeSafado’, em que o usuário escreve: “mulheres são bem-vindas, mas apenas para amizades”: seu lugar para estar suficientemente fixo e bem demarcado, inscrito e delimitado num tipo de relação que não suponha algum contato sexual.

As masculinidades hegemônicas, cúmplices e marginais são representadas graças à articulação entre construção dos gêneros masculinos e construção das sexualidades, de modo que um domínio implica diretamente no outro. Como escreve Louro: “Experimentações empreendidas no ‘território’ da sexualidade acabam por ter efeitos no âmbito do gênero” (pode um gay continuar sendo homem?). “Basta lembrar quão freqüentemente se atribui a um homem homossexual a qualificação de ‘mulherzinha’ ou se supõe que uma mulher lésbica seja uma mulher-macho” (LOURO, 2005, p. 8). Então, os homens “discretos” do [disponível.com](#) serão aqueles que, no perigo constante da confusão das fronteiras entre masculino e feminino devido às suas experimentações no campo da sexualidade, têm a

⁹⁴ Connell reserva a expressão “marginação” para masculinidades que são produzidas por entrecruzamentos de raça/etnia, nacionalidade, classe social, sem que a heterossexualidade destes homens seja um problema relevante. Aqui, entretanto, não sigo fielmente o esquema proposto pelo autor, de modo que procuro redimensioná-lo para melhor analisar meus dados.

capacidade de fazer sombrear ou dissimular tal confusão. Por estarem atentos às sanções sociais e aos sentidos atribuídos atualmente às práticas sexuais entre homens, os “discretos” serão aqueles homens que vão se empenhar em jogar para a sombra qualquer característica que possa denunciar sua homossexualidade – ou que possa fazer com que se associem a um determinado tipo de homem gay, o “afeminado”. O grande desafio dos “discretos” é continuarem sendo homens mesmo fazendo sexo com outros homens. No projeto aderir-isentar, os “discretos” vão investir mais pesadamente na sua isenção de qualquer maneira de viver sua sexualidade que a denuncie, que a explicita ou que faça com que ela seja facilmente reconhecida socialmente através de gestos, expressões de linguagem ou maneiras de experimentar o corpo. Isso porque

(...) a homossexualidade é o depósito de tudo aquilo que a masculinidade hegemônica execra simbolicamente, incluindo desde o gosto delicado ao decorar a casa até o prazer anal receptivo. Portanto, desde o ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade se assimila com facilidade à feminilidade. (CONNELL, 2003, p. 119)

Ser um homem “afeminado” é isso: é carregar traços femininos num corpo de homem: uma voz ‘fina’, um corpo demasiado esguio, demasiado fraco, um pênis relativamente pequeno, ter preferência exclusiva pela prática anal receptiva. É vestir-se como uma mulher – roupas justas, muitos acessórios – é falar como mulher – com muitas gírias, muitos risos – é comportar-se como mulher – fazer gestos circulares, preocupar-se com o cabelo. Em suma, é provocar a ordem da heteronormatividade de modo ostensivo e “indiscreto”. Se as masculinidades têm caráter relacional, os “afeminados” surgem como os correspondentes aos “machos”, que em tudo diferem dos “machos”. Diferentemente do que acontece com a relação de interdependência heteronormativa entre o gênero masculino e o gênero feminino, em que os dois pólos precisam convergir em algum momento, aqui a relação de interdependência entre tais masculinidades tem de seguir em fuga uma da outra. Em nenhum momento devem se cruzar, pois os “machos” deixam claro que querem outros “ másculos”. Como diz o usuário ‘Cachorraodoms’:

(...) EU DIGO QUE OS OPOSTOS SE REPELEM (...)

Essa frase, se pensada junto com outras já trazidas até aqui, também nos leva a considerar que a construção da hegemonia no ambiente do disponivel.com produz também a

tiranía da identidade pela negação da diferença. Na medida em que, como dizem os usuários, “sou cara macho e quero cara másculo”, ou “sou discreto e procuro por pessoas discretas também”, ou “sou descomplicado e objetivo e procuro por caras semelhantes”, produz-se um ideal hegemônico inclusive no desejo pela identidade, pelo par idêntico, ao restringir as sujeitos possíveis somente àqueles que se parecerem com as descrição dos próprios internautas. A negação da diferença, o rechaço pelos “afeminados”, pelos “gordos”, pelos “velhos”, pelos “magros”, pelos “peludos” ou pelos “lisos” produz a zona inóspita habitada por eles, rota pela qual não transita o desejo e o prazer dos usuários que os nomeiam. Entretanto, tal tirania da identidade só é fissurada quando entra em jogo a tirania pela diferença: os ‘exclusivamente ativos’ só procuram pelos ‘passivos’ – sem que sejam ‘exclusivamente’, mas pelo menos ‘momentaneamente’. Nessa negociação de atributos em que se constroem as masculinidades gays do sítio, diferentes referências funcionam sob diferentes aspectos para tornar viável a representação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades. Ora o corpo vai operar na procura pelo idêntico, ora a prática sexual vai desempenhar funções de estabelecimento de diferenças. Ora tais práticas sexuais vão compor a hegemonia, ora a hegemonia vai tratar de opor-se a um determinado modo de viver a homossexualidade.

As disputas que se dão, então, estabelecem uma nova relação entre as masculinidades: a masculinidade gay hegemônica será cúmplice da masculinidade heterossexual porque faz desta seu modelo paradigmático, ao mesmo tempo em que produz masculinidades gays marginalizadas e subordinadas. O modelo paradigmático que está em disputa é a possibilidade de habitar a norma em seu conforto e com o uso de seus lucros culturais e políticos, garantidos pela sincronicidade heteronormativa. A norma não precisa dizer de si, ela é invisível.

Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados. A invisibilidade é um privilégio em dois sentidos – tanto descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo. (KIMMEL, 1998, p. 106)

Apesar de ensejar o conforto da norma de que goza a masculinidade heterossexual, por estar conforme à sincronicidade sexo-gênero-sexualidade, a masculinidade gay hegemônica segue sendo *gay*, segue sendo *homossexual*, suas experimentações no domínio da sexualidade

continuam em desacordo com a heteronormatividade. Nesse sentido, a intensa visibilidade – e também a intensa visualidade – de que lançam mão os usuários do sítio para constituírem-se como hegemônicos os colocam numa zona de luz que problematiza os anseios pela mimetização ou pela correspondência com a hegemonia heterossexual. Estar muito visível, ou ainda, investir demasiadamente no projeto mostrar ou no projeto aderir tem seus preços. Um deles é exatamente a criação de um rosto específico, de uma masculinidade capturante, que suga os sujeitos para seu nicho de acomodação ao mesmo tempo em que delata aqueles que desviam dela. O projeto sombrear, neste sentido, funciona como uma estratégia de cumplicidade à masculinidade hegemônica posta nos perfis do sítio: ao sombrear seus rostos corpóreos, os usuários significam o ser “discreto”, procurando dissociar-se de um determinado modo de experimentar a homossexualidade que, ao mesmo tempo, os desviaria da hegemonia e os capturaria logo em seguida, nas margens, nas marginalizações. Simbolicamente, o rosto sombreado é o rosto do “afeminado”, que aqui também funciona como buraco negro.

As mudanças nas maneiras de significar as práticas sexuais entre homens, a própria mudança na concepção dos corpos, a invenção das sexualidades e das masculinidades como identidades capazes de abreviar seus sujeitos criam condições para uma discussão sobre a visibilidade dos corpos, dos gêneros e das sexualidades que aparecem colocados nos perfis do sítio. É importante ressaltar que somente historicizando os homens, seus corpos e seus prazeres é que podemos dar conta de analisar como as representações de masculinidade gay se colocam no disponível.com. A pornografia e o erotismo poderão ser metáforas possíveis para pensarmos as (in)viabilidades da cumplicidade à masculinidade heterossexual hegemônica, conforme procuro discutir no capítulo a seguir.

5 *Notas pornográficas*

*Moreno alto, bonito e sensual
Talvez eu seja a solução do seu
problema
Sem compromisso emocional
Só financeiro
E o endereço prá comunicação
Pra caixa postal
Do amante profissional
Amor [com] preconceito
Sigilo total
Sexo total
Do amante profissional!
(Roberto Lly)*

Tendo feito considerações e análises sobre as representações dos corpos, das masculinidades e das sexualidades, agora me ocupo da problemática que se constrói a partir dos conceitos de erotismo, obscenidade e pornografia entre os vinte e dois perfis mais “preferidos” do disponível. Em que medida estes conceitos permeiam a produção de sentidos dados aos corpos, aos gêneros e às sexualidades neste contexto? Para quais direções aponta e quais possíveis efeitos que traz a intensa visualidade da qual lançam mão os usuários do sítio?

Em primeiro lugar, penso ser pertinente discutir as seguintes questões: podemos qualificar, categorizar ou classificar os conteúdos dos perfis aqui analisados como sendo pornográficos? O conceito de pornografia é suficiente para dizer do conjunto de páginas pessoais que trago nesta análise, ou devo também recorrer aos conceitos de erotismo e de obscenidade para analisá-los? Essas colocações são pertinentes porque, como já explicitiei no capítulo um, a visão e a visualidade são peças importantes para compreender as representações produzidas e publicadas pelos usuários donos dos perfis. *Ler* os textos e *ver* as imagens ali publicadas são atividades imprescindíveis para a atribuição de sentido às páginas pessoais; em algumas delas, inclusive *ouvir* os sons também ajuda na construção dos significados, uma vez que alguns vídeos publicados também carregam materiais de áudio junto às imagens. Aqui vou privilegiar a visão em relação à audição para a discussão sobre pornografia, erotismo e obscenidade, uma vez que nem todos os perfis contêm vídeos com áudio, e inclusive nem todos os perfis publicam filmes. Qualifico a visão como atividade, e não apenas como mera função fisiológica, porque parto do pressuposto de que ela é culturalmente construída e que sempre se constrói numa relação entre aquele que vê e aquele ou aquilo que é visto. A visão não é algo dado *a priori*, mas sim algo produzido mediante tais

relações cujos significados são histórica e culturalmente localizados, dependente inclusive de uma ética das imagens.

Tentando responder às perguntas recém lançadas, e já percorrendo um caminho que me ajudará a discutir as questões colocadas no início deste capítulo, acredito que o conceito de pornografia possa ser importante para a análise das condições de publicação das representações dos corpos, das masculinidades e das sexualidades nos perfis mais “preferidos” do disponível.com. Por outro lado, não aposto que este conceito, por si só, dê conta de qualificar os modos com que as representações estão colocadas nas páginas pessoais: a análise da multiplicidade das representações ali postas torna-se mais interessante ao articular pornografia, erotismo e obscenidade num exercício que aponte para o borramento das suas fronteiras através do que eu chamo de uma (des)ordem da visão, como explicarei a seguir.

5. 1. Pornografando os perfis: mapeando os relevos da pornografia, do erotismo e da obscenidade

E etimologia da palavra “pornografia” vem do grego que significa literalmente “escrito ou representação sobre prostitutas”: *πόρνη* (*pórne*), “prostituta”, *γραφή* (*grafé*), “representação” (SOUZA, 2007). Para Nuno César Abreu, o termo também pode significar a expressão ou sugestão de assuntos “capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo” (ABREU, 1996, p. 15). Parte desta definição é datada historicamente, pois o que hoje entendemos por ‘lado sexual do indivíduo’ é uma construção derivada da emergência do conceito de sexualidade, como discuti no capítulo anterior. Assim, a ideia da pornografia – ‘contida’ em algum tipo de representação, de artefato cultural, ou de objeto – como algo que estimule a sexualidade dos indivíduos também se dá somente depois que a própria sexualidade é inventada. Mais que isso, a pornografia não está propriamente ‘contida’ em objetos ou representações, mas é inscrita e ‘colada’ neles: o pornográfico é antes uma atribuição cultural historicamente recente que ‘colamos’ nas representações do que algo que esteja ‘retido’ nelas como sua imanência.

Esta inscrição, de todo modo, é feita com vistas a estimular isso que chamamos de “lado sexual” ou de sexualidade dos indivíduos: e aqui o conceito de pornografia se avizinha ao conceito de erotismo. Derivado do nome do deus grego Eros – do amor e do desejo nesta mitologia –, conceito amplamente explorado pelas teorizações freudianas, o erotismo “expressaria ‘o desejo (...) de união com os objetos do mundo’” (FREUD *apud* ABREU,

1996, p. 15). Erotismo seria o próprio estímulo, mediante a sugestão e a insinuação, que tem por objetivo produzir o desejo. “De qualquer modo, a característica essencial aos dois conceitos é a sexualidade”, escreve Abreu, dizendo que se para o erotismo ainda é guardado o direito da insinuação, para a pornografia é guardado o privilégio da renúncia a qualquer metáfora (*idem*, p. 18). Para a pornografia parece “restar somente a denotação pura. Uma vez que ela se evidencia pelo excesso, é uma construção reiteradamente superlativa do objeto [que é mostrado], talvez possa ser tomada pela figura da hipérbole” (*ibidem*), ao passo que o erotismo pode tomar como empréstimo a figura da metonímia – que designa o todo por um de seus elementos – como produtora da insinuação e da sugestão erótica.

Na literatura a respeito de erotismo e pornografia, um conteúdo aparece com recorrência em autores diversos: segredo. E seu correlato, secreto. O erótico e o pornográfico são percebidos como uma espécie de revelação de alguma coisa que não deve ser exposta. Ao prazer do mistério (...) eles opõem o prazer do desvendamento. (*idem*, p. 16)

Prazer em desvendar, em publicar, em tornar visível. Como diz Abreu, os conceitos de pornografia e de erotismo estão fortemente associados, na nossa cultura ocidental atual, às sexualidades e aos corpos. Muito embora possam ser usados em outros contextos⁹⁵, para sua operacionalização nesta análise é interessante pensar nas suas articulações bastante próximas às representações de corpo, masculinidade e sexualidade nos perfis do sítio. O que está subjacente aos conceitos de erotismo e de pornografia, que venho sugerindo desde o capítulo um e que indica caminhos férteis de discussão teórico-metodológica do meu objeto de pesquisa, é o intenso e sedutor jogo entre o mostrar e o sombrear – aqui a face pornográfica e erótica do projeto mostrar-sombrear. Isso porque o erótico e o pornográfico não existiriam sem a obscenidade: quando relacionados aos corpos e às sexualidades, os conceitos de erotismo e de pornografia são, de todo modo, obscenos.

“Ob-sceno”, em que a partícula “ob” se associa à palavra “scena” para produzir o significado de “fora da cena”. Uma representação “ob-scena” é uma que não se apresenta – e que não se representa – usualmente, ou que *não deveria* se apresentar usualmente. “Isto é, obsceno é aquilo que se mostra, que se põe ‘em cena’. Cometer uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar fora dela. É transgredir”, escreve Abreu (*idem*, p. 18).

⁹⁵ Para o professor da Universidade de Nova York, Mark Dery, a morte pode ser tão pornográfica quanto o sexo. Em uma palestra na cidade de Porto Alegre no dia 26 de junho de 2007, o professor apresentou para a platéia uma série de imagens que alternavam cenas de sexo com registros de mortes na guerra do Iraque. “As fotos do Iraque são tão pornográficas quanto [as cenas de sexo], pois são procuradas com o mesmo espírito de voyeurismo”. Fonte: *Jornal Zero Hora*, dia 27 de junho de 2007, p. 35.

Obsceno, então, é algo que não deveria estar à vista, que não deveria compor os limites da visão, que não deveria estar visível, mas que em determinadas condições se coloca aos nossos olhos. Obsceno é algo que deveria estar sombreado, mas que por alguma razão e em algumas condições se mostra. Não quero supor, contudo, que as obscenidades são somente reconhecidas através da visão: uma frase dita aos sussurros pode também ser perfeitamente obscena, da mesma forma com que um roçar de pele pode igualmente ser considerado do domínio do obsceno. De todo modo, a parte fundamental do conceito de obscenidade é que quando algo se expõe, de qualquer maneira possível mesmo ‘devendo’ permanecer sombreado, esse algo pode ser considerado obsceno.

Neste sentido, contudo, no que diz respeito à visualidade, a obscenidade é ela própria um modo de olhar, uma produção do olhar: é um jeito de ver que deveria estar invisível, é uma forma de trazer para a visão o que não deveria ser passível de ser visto (ou de mover a visão em direção àquilo que não deveria ser visto). Ao ressaltar que o obsceno é algo que *não deveria* estar em cena, que *não deveria* ser visto, enfatizo que o conceito de obscenidade depende da moral. Pois é a moral que dá os limites do ‘dever’: do que deve e do que não deve ser visto, neste caso. Especialmente no que diz respeito aos corpos e às sexualidades, a moral incide com bastante ardor ao dizer daquilo que deve ser sombreado e daquilo que não deve se mostrar. A moral, nesse sentido, julga os limites e legisla sobre as fronteiras entre a “cena” e a “ob-scena”, também sobre os modos de mostrar e os modos de sombrear. Sobre os corpos, então, a moral produz zonas aceitáveis de serem mostradas – a face, as mãos, algumas partes dos braços, algumas partes das pernas – isso, sem dúvida, se tomarmos como referência a cultura ocidental.

Essas zonas do corpo moralmente aceitáveis de serem mostradas, entretanto, problematizam-se dependendo do contexto em que se colocam, do momento em que se fazem aparecer, do indivíduo que as mostra e, é claro, dos demais que as vêem. Poderíamos dizer que para a cultura ocidental contemporânea, a face (a parte da frente da cabeça) é uma zona do corpo moralmente aceitável de ser mostrada, ao passo que ‘a região genital’ exige maior atenção e cuidado em relação aos modos, às circunstâncias, aos momentos em que se mostra e também àqueles que mostram e para quem mostram. Teríamos aí dois pólos corpóreos, um do mostrar moralmente aceito (a face) e outro do sombrear moralmente exigido (a região genital), em torno dos quais se ordenariam o mostrar e o sombrear dos corpos.

É claro que estes dois pólos não constituem uma identidade pura, ou seja, não remetem a si próprios sem estabelecer conexões entre si ou com outras partes do corpo. Muito pelo

contrário, eles são interdependentes, mantêm uma relação estreita um com o outro. Na medida em que uma face de “homem” só é “de homem” porque há a suposição de que este corpo tem um pênis, ‘a parte da frente da cabeça’ (a face) está em profunda relação com isto que chamo aqui de resto corpóreo ou, mais especificamente, com a região genital. Quando olhamos para alguém, para a face de alguém, imediatamente inscrevemos esse alguém na díade masculino-feminino (e aqui os gêneros funcionam como rostos, lugares de captura dos sujeitos), e tal inscrição no terreno dos sexos se faz pela suposição de uma definição da materialidade genital (esta também suposta). Sobre isso Judith Butler assinala que “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2007, p. 153). Na cultura ocidental contemporânea, geralmente uma face com pêlos cerrados produz a suposição de um pênis, e uma face com batom e rímel produz a suposição de uma vagina (salvo em alguns casos, sem dúvida): estas são marcas arbitrariamente produzidas pela nossa cultura, associadas aos gêneros masculino e feminino. É claro que outras características do corpo também concorrem para isto que chamo aqui de suposição genital, ou suposição sexual dos sujeitos, mas o que é importante dizer a esta altura, e que tentei argumentar nos capítulos anteriores, é que a própria materialidade do rosto (com Gilles Deleuze e Felix Guattari) ou a própria materialidade dos genitais (com Judith Butler e Guacira Lopes Louro) são construídas discursivamente, em contextos históricos, políticos e culturais, mediante relações de poder eminentemente plurais e conflituosas. Assim, é importante sublinhar que a região genital faz os corpos e os indivíduos passarem por um processo de rostificação; que a suposição da região genital codifica tanto o corpo quanto o indivíduo, isso porque aquilo que concebemos como ‘região genital’ é produzida por discursos que explicam o corpo, que materializam o sexo no corpo e que geram o gênero do corpo, tornando-o viável em nossa cultura, como discuti nos capítulos dois e três.

Por não se constituírem, dessa forma, em uma dicotomia cujas extremidades estão isoladas e exatamente por estarem em profunda relação, mostrar-sombrear a face ou a região genital têm suas matizes e suas intensidades no que diz respeito às obscenidades do corpo para os perfis do sítio disponivel.com. O mostrar-sombrear desloca-se pelo corpo, pelas partes que compõem a integralidade do corpo, podendo ser este deslocamento obsceno ou não. Aí pergunto: a publicação de fotografias e vídeos ou de narrativas sobre o pênis, por exemplo, podem ser consideradas obscenas para o conjunto de perfis aqui analisados? Nesse sentido, para o contexto dos perfis do disponivel.com, poder-se-ia dizer que os registros publicados

dos pênis eretos da maioria dos usuários não são exatamente o que se pode chamar de “obsceno”, estando “fora da cena” deste ambiente. Antes, tais registros compõem a própria cena deste ambiente. Sendo o sítio um espaço de sociabilidade que desenvolve uma moral própria (constituindo-se numa zona moral regida por um certo conjunto de recomendações, permissões e proibições na sua dinâmica social), como argumentei no capítulo dois, pode-se dizer que é moralmente aceito, inclusive recomendável (se o internauta quiser obter sucesso na criação de vínculos com outros internautas), que a região genital seja publicada em detrimento da face do corpo. Em uma zona moral em que o corpo aparece como ferramenta para a sociabilidade, e em que a comunicação entre os indivíduos que a compõem parece estar fortemente norteadada pela consecução de atividades sexuais, é moralmente viável que certas partes do corpo sejam mostradas e publicadas sem maiores problematizações neste contexto⁹⁶, ao passo que em outros espaços (em outras zonas morais) seriam alvo de rígida censura.

Dessa forma, a face ou ‘a parte da frente da cabeça’, quando mostrada, é que surge ali como uma obscenidade; no contexto dos perfis mais “preferidos” do sítio mostrar a face – e não sombreá-la, insinuá-la ou ocultá-la – é que se traduz em uma desafiadora atitude de publicização de uma parte específica do corpo. Mais que isso, no ambiente do disponivel.com a face pode se constituir em uma poderosa parte erótica do corpo, na medida em que aparece ali como uma peça na produção do desejo sobre este corpo. Nesse mesmo sentido, a face pode também representar uma forte pornografia, a partir do momento em que o rosto corpóreo acaba por destruir qualquer possibilidade de construção de metonímias do corpo (o pênis, o abdome, o peitoral representando a integralidade do corpo) ao propor o desvendamento total da identidade “oficial” e *offline* do internauta. O nosso rosto, a nossa, face, a ‘parte da frente das nossas cabeças’ são nossas próprias metonímias.

Entretanto, tratar apenas dos pólos face-genital obriga a produção de um binarismo de análise dos elementos dos perfis. E o conceito de obscenidade – também o de erotismo e o de pornografia, como tentarei argumentar – pode ser potente na direção de implodir com este binarismo porque tal conceito permite mostrar que há outras partes dos corpos em situação de “ob-scena” nas páginas: entre os dois pólos se produzem múltiplas zonas corpóreas que podem ser entendidas como obscenas – ou eróticas e talvez pornográficas – e que igualmente

⁹⁶ Dois exemplos radicais disto, mais óbvios que o disponivel.com, são os sítios www.avaliemeupinto.com.br e www.avalieminhabunda.com.br, em que os usuários cadastrados criam perfis com as fotos das respectivas partes de seus corpos para serem avaliadas pelos demais, criando um *ranking* dos mais bem avaliados internautas – ou dos mais bem avaliados “pintos” e das mais bem avaliadas “bundas”. Nestes dois sítios, ao contrário do disponivel.com, há também a divulgação dos perfis *menos* visitados e *menos* bem avaliados, além de prover espaços para comentários públicos dos internautas sobre as fotografias publicadas.

fazem parte disto que chamei de projeto mostrar-sombrear. Se, como argumentei nos capítulos anteriores, para o contexto dos perfis do disponivel.com, a primeira via do projeto (mostrar) está relacionada ao pênis do corpo e a segunda via do projeto (sombrear) está relacionada à face do corpo; e se, como argumentei ainda há pouco, tanto a região genital quanto a face estão em profunda relação de interdependência, tal dependência fica explícita pelo deslocamento do projeto mostrar-sombrear pelo corpo dos próprios usuários. Isso fica evidente na análise dos elementos imagéticos, audiovisuais e textuais dos perfis. Esse trânsito corpóreo do projeto mostrar-sombrear continua supondo que seus pólos são prevalentes (pois mostra-se excessivamente uma parte do corpo ao escamotear outra parte do corpo na mesma proporção), mas ao sublinhar a existência de tal trânsito admite-se que existe um entre-lugar nos corpos, há um interstício corpóreo que compõe o binômio face-genital, há resquícius de partes dos corpos que escapam da decupagem corporal e que vazam na genitalização das representações.

Esse escape ou vazamento de interstícios ou resquícius corpóreos se mostra em registros imagéticos como os de ‘Saradao25’, ‘Moreno1010’ e ‘Discovery5’. No caso do primeiro, sua única foto publicada em seu perfil no mês de maio de 2008 mostra seu torso nu. Retratando desde seu pescoço, seu ombros, seu braço e antebraços esquerdos, seu braço direito erguido à altura do ombro direito, mão segurando um telefone celular (equipamento que parece produzir a fotografia), seu colo, seu peito e seu abdome despídos, *nem a face e nem o pênis* são mostrados. Não obstante, o reconhecimento do seu pertencimento ao gênero masculino é praticamente instantâneo. Sua masculinidade está inscrita no seu apelido, ao criar uma vinheta pessoal que o faz reconhecido neste ambiente como “saradão”, e está inscrita aí mesmo nestas partes mostradas nesta única fotografia publicada em sua página. Tais partes, antes de reivindicar tão obscena e pornograficamente sua condição de “homem”, procuram evidenciar para aqueles que as vêem seu “corpo hiperpotente”, como diz Denise Sant’Anna, seu corpo “saradão”: as partes importantes de serem mostradas, neste contexto, são os músculos fortes dos ombros, dos braços e do seu abdome em que é inexistente a gordura.

A estratégia é semelhante em ‘Discovery5’: o usuário exhibe uma única fotografia em seu perfil e nenhum vídeo, tanto no mês de maio quanto no mês de junho. A fotografia ali mostrada só faz aparecer a região genital, em que o personagem da foto usa uma sunga. ‘Moreno1010’ vai na mesma direção, mas investe numa maior variedade de registros. Nos meses de maio e de junho, o usuário publica fotografias nas quais *em nenhum momento* o pênis é personagem central. Sua face vaza na sua fotografia principal do mês de maio, e sua

região genital é fotografada em outros três registros imagéticos do mesmo mês, mas o pênis não se mostra: tal qual sua face, o pênis se insinua, ele é sugerido, pois ora o usuário usa uma toalha para cobrir-se, ora aparece usando sungas. Aqui também a inscrição do sexo e do gênero nos corpos não lança mão da publicação dos pênis eretos: o corpo retratado é um corpo cujos músculos são “definidos” e há o privilégio da publicação do abdome e do peito nas fotografias, tal qual ‘Saradao25’. Abdome e peito são, nesses casos, partes corporais que importam. Obscenos fotografias as destes dois usuários? Talvez. Mas elas são, sobretudo, eróticas. Eróticas porque, como o próprio conceito diz, elas operam pela insinuação e pela sugestão de partes do corpo que em outros perfis aparecem escancaradas, em *close*. Então, por comparação, tais elementos habitam muito mais habilmente o domínio do erotismo que propriamente o domínio da pornografia. Os corpos ali mostrados, também engajados no projeto mostrar-sombrear, fazem este projeto viajar e se deslocar por eles, por partes outras que não apenas o pênis ou a região genital que sejam capazes de dar-lhes sentidos. Eróticos registros destes dois usuários que procuram estimular o desejo dos/pelos corpos mostrados àqueles internautas que os vêem, seja pela insinuação do pênis ou pela sugestão da face.

Por outro lado, não podemos supor que a publicação da face elimine a possibilidade de publicação do pênis. Para ‘Turbinadodf’, ambas as partes aparecem embaralhadas nos seus registros imagéticos e audiovisuais: há fotos em que o usuário mostra seu rosto, há fotos em que ele mostra seu pênis ereto e vídeos em que ele aparece se masturbando, há fotos e vídeos em que ele aparece mantendo relações sexuais com outros homens. Digamos que o pênis não anula a face neste caso. Mas em ‘Turbinadodf’ o pênis nunca aparece no mesmo registro em que está a face. O pênis ereto é sempre fotografado ou filmado à parte da face, e a face nunca se mistura ao pênis (em nenhum momento de seus vídeos o internauta desloca o foco da câmera para sua face, sempre o mantém em seu pênis, o que também acontece em relação às suas fotografias). Em ‘Turbinadodf’, é propriamente a face sendo recortada do corpo, pois a montagem ou a associação do corpo com a face deste internauta é sempre suposta.

O que não acontece, por exemplo, no perfil de ‘Serjao2’. Nas únicas três fotografias que o usuário publica em seu perfil, nelas aparecem tanto o corpo quanto a face do corpo no mesmo registro. Um homem aparece nú em uma cozinha, sentado à frente de uma pia com louças pra lavar. Em uma foto ele aparece sentado, segurando seu pênis e olhando para a câmera; nas outras duas ele aparece de pé, também com o pênis ereto. Aqui não existe exatamente uma decupagem corporal que produza uma genitalização da representação (isto

porque as únicas partes do corpo que não aparecem nas fotografias são partes das pernas e os dois pés). Face e pênis vêm junto com todo o corpo.

Operação inversa faz o usuário ‘Canadense’: na página deste internauta, ele aparece vestido em todas as suas fotografias, tanto do mês de maio quanto do mês de junho. Essa já é uma diferença bastante marcante em relação aos demais perfis, uma vez que ‘Canadense’ é o único entre os vinte e dois que não aparece totalmente nu nem usando trajes de banho, como ‘Moreno1010’ e ‘Discovery5’. Também este é o único em cujas fotos seu pênis não é sequer insinuado, nem sugerido. Sequer nas suas pequenas narrativas ou nos dados de si o usuário menciona qualquer informação sobre seu pênis. Em ‘Canadense’, a face parece eclipsar o resto corpóreo, estando em situação de profunda obscenidade e pornografia para o contexto do disponivel.com.

As fotografias de cunho erótico não anulam registros que poderíamos chamar de pornográficos nestes perfis: o vídeo oferecido por ‘Saradao25’ no mês de maio e os vídeos publicados por ‘Moreno1010’ no mês de junho apresentam cenas de masturbação explícitas. Mas isto serve para reforçar aqui o borramento das fronteiras entre o erótico e o pornográfico, debaixo do guarda-chuva do obsceno, de modo que um não anule o outro, porque um está contido no outro. O limite é exatamente este: não apenas o de borramento de fronteiras e dissolução das tênues linhas que instituem a divisão e a diferença entre os dois conceitos (talvez dos três, se considerarmos a obscenidade), mas da produção de uma outra ideia, de um outro tipo de representação, como sendo um híbrido ou um mestiço que surge do entrecruzamento e da justaposição do obsceno, do erótico e do pornográfico no contexto dos perfis.

Um outro exemplo deste borramento, desta justaposição ou deste híbrido de elementos eróticos e pornográficos é o perfil de ‘Parceirosvix’. No perfil deste usuário, cujo apelido remete ao fato de esta ser a página de um grupo de homens (um grupo de “parceiros”) que residem em Vitória (“vix” é a expressão que se refere à capital do estado do Espírito Santo), existe a construção de um pornoerotismo. O pornoerotismo aqui seria algo como o híbrido ou a mestiçagem tanto do erotismo quanto da pornografia, que funcionando pela lógica do *e* (pornografia *e* erotismo) e não pela lógica do *ou* (pornografia *ou* erotismo). O pornoerotismo, nesse contexto, procura estabelecer uma relação de sedução entre o que é mostrado com aquele que vê através da volúpia e da sensualidade, trabalhando exatamente na tênue linha que divide o pornográfico do erótico.

‘Parceirosvix’, então, é um destes perfis que considero pornoeróticos – não absolutamente pornográficos, nem tão insinuantemente eróticos. Uma vez que não dispensam os excessos da pornografia, no sentido de publicarem fotografias e vídeos de sexo explícito (ou, mais que isso, de sexo grupal), tais perfis também investem em descrições postas nas suas pequenas narrativas que provocam um deslizamento do desvendamento explícito da pornografia para a volúpia e sensualidade do erotismo. Aliás, palavras como “volúpia” e “sensualidade” casam muito bem com esta ideia de pornoerotismo porque estão simultaneamente inscritas no domínio da sugestão e da insinuação (próprios do erotismo) quanto no domínio do explícito e da revelação total (próprios da pornografia). Vejamos trechos das pequenas narrativas de si de ‘Parceirosvix’:

NOSSO OBJETIVO AQUI É SIMPLES E DIRETO... O NOSSO PRAZER É SIMPLEMENTE REALIZAR TODAS AS FANTASIAS DAQUELES QUE QUEIRAM DESNUDAR , SE ARRISCAR, QUE TENHAM A CORAGEM E A FORÇA DE BUSCAR O PRAZER EM SUSA [sic, provavelmente “sua”] FORMA MAIS PURA, O PRAZER DESPOJADO DE MEDOS, PROCONCEITOS E TEMORES... ESTAMOS AQUI, EXISTIMOS APENAS COM UM OBJETIVO... SER A MÃO AMIGA QUE ALÉM DE OFERECER SEGURANÇA, DISCRICÃO E AMIZADE.... PODEMOS E QUEREMOS ACIMA DE TUDO O MAIS... APENAS REALIZAR O SEU PRAZER....

Num primeiro momento, é importante assinalar que esta narrativa desvia sensivelmente da maioria das estratégias de construção de significado às representações postas nos demais perfis do sítio. Se em ‘20cmmachoativo’, ‘Sexboyzs’, ‘Andrejr’, ‘Versatilkcetudo’, ‘Machosaradopramachinhomamador’, ‘Morenodebh1972’, ‘FelipeSafado’, ‘2rj’, ‘Duplazzul’, ‘Grisalhosacana45’ e ‘Somos2safados’ existem descrições, narrações, especificações, condições, permissões, proibições e interpelações explícitas no que diz respeito aos corpos e às atividades sexuais que estes usuários dispõem aos demais. Aqui, se por um lado também existe no texto um tom de permissão e interpelação, o modo com que ele está escrito é distinto dos outros recém citados. Isso porque aqui há o privilégio do uso de expressões como “prazer”, “forma mais pura de prazer”, “prazer despojado”, “realização de todas as fantasias”, “mão amiga”, que remetem muito mais à insinuação de “prazer”, à sugestão de “fantasias”, do que propriamente à descrição pormenorizada das atividades sexuais, como fazem ‘Andrejr’, ‘Machosaradopramachinhomamador’ e ‘20cmmachoativo’,

por exemplo. Não obstante as fotografias e os vídeos explícitos publicados no perfil de ‘Parceirosvix’ (em que aparece um indivíduo praticando sexo oral em outros três homens *ao mesmo tempo*, ou em um dos vídeos aparece um indivíduo sendo penetrado por dois homens também *ao mesmo tempo*), existe nestas expressões textuais um ideal de prazer, de “despojamento” e de “pureza”, que servem muito mais para sugerir, tal qual metáfora, o conteúdo imagético e audiovisual que o internauta oferece à sua audiência do que propriamente para narrá-lo ou descrevê-lo através de hipérboles.

O “objetivo simples e direto” do perfil (ou do grupo de “parceiros”) parece não ser nada prosaico: é “realizar todas as fantasias” dos indivíduos que queiram “arriscar, que tenham a coragem e a força de buscar o prazer”. O objetivo direto, mas nenhum pouco simples, é o próprio prazer representado pelas fantasias daqueles corajosos e fortes que não tenham medo de se arriscar nessa busca. A objetividade se alia à dimensão totalizante do prazer (realizar *todas* as fantasias), que está oferecida unicamente aos corajosos e fortes (virtudes inscritas no domínio das representações de masculinidade) que se arriscam nessa cruzada de volúpia. O “prazer na sua forma mais pura, o prazer despojado de medos, preconceitos e temores” estaria ligado a quê, então, neste contexto? Talvez a este prazer totalizante, *todo* o prazer possível a ser experimentado na realização de *todas* as fantasias. Mas também poderia estar relacionado a um outro prazer, este descrito aqui como “puro”, “despojado de medos, preconceitos e temores”. Este prazer está descrito, de maneira bem menos metafórica, em ‘FelipeSafado’ quando este usuário diz que procura por homens “que curtam uma boa foda pele com pele”, ou seja, a prática de *barebacking* ou a penetração anal intencionalmente sem preservativo. O que me permite sugerir esta possibilidade na interpretação desta forma de “prazer” descrita no texto é exatamente o acompanhamento próximo e diário que faço dos perfis aqui analisados desde agosto de 2006, quando elegi o disponível.com e seus perfis mais “preferidos” como objetos de pesquisa. Nesses mais de dois anos que os acompanho, pude ver fotografias, assistir vídeos e ler textos que me ajudaram na compreensão da dinâmica própria de cada perfil, ou seja, no conjunto geral de significados que cada internauta constrói a partir dos elementos ali publicados. Nessa observação, foram várias as vezes em que pude ver e assistir registros em que o usuário ‘Parceirosvix’ publicava fotografias e vídeos de práticas sexuais sem preservativo⁹⁷.

Nos dois momentos da observação que compõem esta pesquisa, nos últimos dias dos meses de maio e de junho de 2008, pude conferir que ainda existiam registros imagéticos e

⁹⁷ Faço uma alusão a tais registros no Projeto de Pesquisa desta dissertação.

audiovisuais publicados no perfil de ‘Parceirosvix’ que mostravam relações sexuais sem preservativos. Existia, inclusive, uma fotografia bastante explícita nesse sentido, que mostrava esperma escorrendo do ânus de um dos indivíduos, fotografia tirada em *close* e que compunha o álbum desta página. Aqui é importante assinalar que ‘Parceirosvix’ não é o único perfil a publicar registros de práticas sexuais sem uso de preservativo: como já aponte, também o faz ‘FelipeSafado’ e ‘Morenodebh1972’.

“A mão amiga” que oferece “segurança, discrição e amizade” também é uma figura de linguagem pontual nos perfis mais “favoritos”. A ideia da amizade aparece em poucas páginas: em ‘Semlimites_es’, que diz que “a amizade (...) é muito bem-vinda também”; em ‘Ctfrj’, que diz “adorar fazer novas amizades”; em ‘Moreno1010’, que diz que “se for pra ser amigo (...) tá valendo!”; e em ‘FelipeSafado’, que escreve que “mulheres são bem-vindas, mas apenas para amizades”. A “discrição” não se constitui exatamente como uma ideia nova nestas análises, mas a “segurança” de certa maneira se faz possível neste contexto uma vez que, sendo este o perfil de um grupo de indivíduos, talvez seja importante avisar – precaver, prevenir – os demais internautas que este grupo não oferece perigos (em que um dos perigos pode ser propriamente a “indiscrição” sobre as práticas nas quais os sujeitos ali se engajam). Neste aspecto, “segurança” e “discrição” estão intimamente relacionados. Tais práticas, resguardadas pela amizade, pela segurança e pela discrição, parecem fazer coro em uníssono com apenas um tom: o de “apenas realizar o seu prazer”, uma interpelação altamente pornoerótica (erótica e, *ao mesmo tempo*, pornográfica) no contexto desta página pessoal, pois a promessa da realização totalizante do prazer e das fantasias está sugerida na pequena narrativa de ‘Parceirosvix’, mas também está explicitamente publicada nas suas fotografias e seus vídeos.

O perfil de ‘Parceirosvix’, a seu modo, destoa de algumas outras páginas na sua maneira de narrar a si próprio e de construir sentido dentro do ambiente do sítio. O caráter pornoerótico deste perfil reside exatamente no fato de não haver uma homogeneidade dos modos de dizer de si: se altamente erótico como no caso de ‘Discovery5’, ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’, ou se completa e altamente pornográfico no caso de ‘20cmmachoativo’ e ‘Andrejr’, por exemplo. ‘Parceirosvix’, talvez pelo caráter coletivo da página, condensa em suas representações conteúdos que poderíamos chamar de pornográficos, mas também flerta com o erotismo nas pequenas narrativas de si. De certa forma, isso faz com que as fronteiras entre o pornográfico e o erótico não apenas experimentem um certo borramento ou deslizamento, mas permite que se construa algo no limite mesmo entre os dois conceitos,

permite que o sentido atribuído ao perfil possa emergir na fronteira mesma entre os dois conceitos. Por isso propus que tal página evocasse um caráter pornoerótico como sinalizador da situação deste perfil em relação aos demais. O pornoerotismo surge aqui como uma ideia de mestiçagem, e não propriamente como um conceito.

O usuário 'Flaric' também poderia apresentar para os internautas cadastrados no disponivel.com algo a ser chamado de perfil pornoerótico. De um modo ainda mais radical que em 'Saradao25' ou 'Moreno1010', 'Flaric' desloca o projeto mostrar-sombrear por todo seu corpo: na foto principal de seu perfil no mês de maio de 2008, o internauta publica um registro em que aparece enconstado numa cômoda com a perna direita suspensa sobre o móvel, sendo possível vê-lo usando uma corrente em torno do pescoço que desce até sua mão direita. O corpo retratado está seminú, e o indivíduo que ali está usa apenas um relógio no pulso esquerdo, uma cueca bastante pequena, meias brancas até a metade das pernas e um par de coturnos pretos. Sua face não aparece nesta imagem. Já no mês de junho de 2008, sua foto principal mostra um homem vestindo uma regata, calças ou talvez bermudas com estampa militar, corrente em torno do pescoço e óculos escuros. Não há nenhuma alusão à nudez aqui. Nos demais registros imagéticos do internauta, tanto no mês de maio quanto no mês de junho, as partes do corpo retratadas variam enormemente: o projeto mostrar-sombrear desloca-se desde a face do seu corpo completamente vestido (mostrado na foto principal) até registros de seus pés descalços (esses literalmente decupados do resto do corpo, pois aparecem sozinhos), incluindo aí fotografias em que o usuário aparece de sunga preta, sem camisa, com luvas e máscara de couro negro e algumas plumas dentro da sunga. Existem também registros de práticas de sexo anal e oral explícitas ao lado de registros de beijos entre dois homens sem camisa, imagens de tatuagens tribais no ombro esquerdo do usuário e outras ainda em que ele aparece saindo de uma piscina com o corpo molhado e usando uma sunga azul. Em seus registros audiovisuais, só constavam práticas sexuais explícitas.

'Flaric' é outro exemplo de perfil que se situa nisto que chamei de situação pornoerótica, junto com 'Parceirosvix', porque também opera na mestiçagem e no hibridismo das representações pornográficas e das representações eróticas. Ao passo que 'Parceirosvix' ainda investe de modo mais específico em fotografias e vídeos de atividades sexuais explícitas, deixando para o domínio de suas pequenas narrativas o borramento erótico da página, 'Flaric' desmonta quaisquer limites entre erotismo e pornografia em suas fotos, por exemplo, fotografando seu corpo e de seus parceiros em situações outras que não apenas as da hipóbole pornográfica, nem apenas as da metáfora erótica. O usuário sincroniza os dois

conceitos e radicaliza seu projeto mostrar-sombrear, ao fotografar todas as partes de seu corpo, desde os pés até a face, frente e verso, no seu álbum de imagens – e nessa radicalização, em alguns registros ele acaba por sombrear exatamente sua região genital, o que não acontece em outros perfis (a não ser em ‘Canadense’). Às vezes nu, às vezes completamente vestido, às vezes de sunga e às vezes de cueca, ‘Flaric’ não se atém a um só modo de representar seu corpo através de suas imagens; em vez disso, ele multiplica as possibilidades de mostrar-se em seu perfil. Quando lemos os textos da sua pequena narrativa de si, vemos que ali não há elementos que possam ser conectados diretamente às representações de corpo, masculinidade e sexualidade postas nos seus registros imagéticos e audiovisuais, o que acentua o caráter mestiço da página deste usuário:

[Sobre mim]: Quando olho pro céu, e imagino a dimensão infinita do universo, com vários planetas, galáxias etc., tenho a constatação de que todos nós, aqui na Terra, não somos praticamente nada comparados a esta imensidão (somos minúsculos grãos de areia brigando entre si num planetinha que, também, é um grão de areia.

[Procuro por]: “As pessoas acham difícil fazer a coisa certa... Não é difícil fazer o certo. Mas quando se sabe o certo, fica difícil não fazê-lo.”

O tom poético e reflexivo dos textos que compõem suas pequenas narrativas distancia-se do tom obscuro das fotografias e dos vídeos publicados em sua página. Ao contrário do que acontece na maioria dos outros perfis, aqui as pequenas narrativas não servem como legenda direta das fotografias e dos vídeos que ali também constam. O tom poético dos textos não se traduz em uma objetividade sobre as descrições ou narrações corpóreas e/ou sexuais que trazem os outros elementos que compõem sua página: pode-se dizer que aqui há uma descontinuidade entre imagem e texto, mas também se pode dizer que aqui há uma multiplicidade na composição do perfil. Se os demais internautas elegem o espaço das pequenas narrativas de si para descrever e narrar mais pormenorizadamente seus corpos, suas masculinidades e suas sexualidades, construindo pontes de sentido objetivas na tríplice narrativa dos seus perfis de modo a aparentar um estado de homogeneidade erótica e pornográfica, ‘Flaric’ quebra essa objetividade no momento em que cria textos que não versam sobre nenhum destes três temas, pelo menos não aparentemente: ele escolhe frases “para pensar”, com tom reflexivo, que pouco ou nada têm a ver com suas fotos ou com seus vídeos. Algumas de suas próprias fotografias, como mostrei há pouco, já inserem fissuras

nesse aparente estado homogêneo de pornografia da sua página, pois nem todas suas fotos seriam facilmente reconhecidas como sendo pornográficas. O caráter pornoerótico deste perfil está em justamente radicalizar na ruptura da tríplice narrativa da página: texto não remete às fotografias e aos vídeos; as próprias fotografias não são em sua totalidade nem eróticas e nem pornográficas; os vídeos aparecem como insularizações de pornografia no perfil. O pornoerotismo aqui aparece na miscigenação do tom reflexivo dos textos com heterogeneidade das imagens, sem que um se relacione direta e objetivamente com o outro.

Vê-se, portanto, que as considerações sobre o que vem a ser obscenidade, pornografia e erotismo nos perfis podem abrir caminhos de interpretações múltiplas em vez de fechar ainda mais os modos como vemos e olhamos os registros publicados pelos usuários em suas páginas. O próprio projeto mostrar-sombrear desprende-se dos pólos face-pênis e transita por todo o corpo retratado ou filmado, o que sugere que mais partes dos corpos podem ser consideradas obscenas no contexto dos mais “favoritos” do disponivel.com. Não se pode crer apressadamente que todos os registros aqui publicados são da ordem do pornográfico, tampouco é frutífero o exercício de tentar classificar as páginas ou seus registros como sendo obscenos, eróticos ou pornográficos, sem levar em consideração que os limites entre os três conceitos são eminentemente móveis e deslizantes.

E é nesta mobilidade e neste deslizamento que situo a produção de uma certa (des)ordem da visão ou (des)ordem do olhar ao analisar os perfis. Ao mesmo tempo em que existem usuários que criam ordenamentos para as trípliques narrativas de suas páginas, no sentido de ordenarem texto-foto-vídeo para que estes, conjunta e homogeneamente, produzam sentido sobre seus corpos, suas masculinidades e suas sexualidades no contexto do sítio, há outros como ‘Canadense’, ‘Turbinadodf’, ‘Parceirosvix’ e ‘Flaric’ que desordenam esta tríplice ordem, cada um à sua maneira. Se, por um lado, nos perfis de ‘Sexboyzs’, ‘Andrejr’ e ‘20cmmachoativo’ o ordenamento da tríplice narrativa se dá em torno de seus pênis, produzindo sentido para seus corpos, suas masculinidades e suas sexualidades exatamente por fazerem orbitar em torno desta parte específica de seus corpos as demais representações de si e de seus parceiros (aderindo com firmeza ao projeto mostrar-sombrear numa dimensão que opõe pênis-face e que é, portanto, pornográfica e obscena no sentido estrito), por outro lado temos ‘Canadense’ e ‘Flaric’ que causam uma ruptura neste modo de representar seus corpos. Estes últimos internautas, como recém mostrei, deslocam o foco *exclusivo* do olhar e da visão dos seus pênis ou das suas regiões genitais para outras partes de seus corpos, dando outras significações possíveis para o projeto mostrar-sombrear e para o que pode ser considerado

obsceno e erótico no contexto do disponivel.com. ‘Saradao25’ e ‘Moreno1010’ também contribuem para esta ruptura, na medida em que não expõem nem exclusivamente o pênis, nem exclusivamente a face, mas algo *entre os dois*, seus tóraxes nus, “malhados” e “definidos”, que além de “definirem” seus músculos também “definem” seu gênero masculino.

Por estes motivos, os borramentos entre pornografia, erotismo e obscenidade nas representações publicadas nas páginas pessoais ora provocam a ordem da visão – mostram intensamente uma parte específica do corpo, salientam esta parte em detrimento de outras para dar sentido às masculinidades e às sexualidades ali narradas –, ora produzem uma desordem do olhar – na medida em que desvinculam a masculinidade e a sexualidade da publicação exclusiva de imagens do pênis ereto. É neste jogo de muitas facetas, de muitas leituras possíveis que se fazem o ver e o olhar nas análises das páginas pessoais do sítio.

5. 2. Chamar para ver: só é pornográfico se alguém olhar!

Neste ponto, acredito já ter sido claro: a pornografia e o erotismo constroem-se fortemente na relação ver/ser visto; olhar/ser olhado. Pois é também referente a esta relação que se produzem os parâmetros para tudo aquilo que é da ordem do obsceno: o que está em cena, mas não deveria, só existe se há referências que digam *o que é* a própria cena (os modos de olhar) e *o que não* deveria estar em cena (o que não deve ser visto ou ser mostrado). O erotismo, enquanto efeito produtivo do desejo na representação do pornográfico e do obsceno, também supõe algo ou alguém estimulante em relação a algo ou alguém estimulável. Nenhum dos três conceitos dispensa a relação ver/ser visto: nesse sentido, a audiência dos perfis do disponivel.com, as visitas às páginas pessoais, a publicação de fotos e vídeos e a interpelação dos demais usuários através das representações veiculadas neste ambiente são centrais para suas definições. Somente há pornografia, erotismo e, sem dúvida, obscenidades nos perfis se há publicação – no sentido de ‘ter público’, no sentido de ‘tornar público’. Os visitantes dos perfis, usuários que compõem o ambiente do disponivel.com e que selecionam suas páginas “favoritas”, são imprescindíveis para tornar viável a aplicação destes três conceitos à análise. Por isso que para a qualificação pornográfica e obscena dos elementos dos perfis é necessária sua veiculação pública, sua publicização, a interpelação de uma audiência para vê-los e consumi-los. No tocante à pornografia e à obscenidade, seu aspecto público chega a ser mais

importante que seu aspecto sexual, inclusive. Isso porque muitas situações, muitos assuntos podem ser considerados obscenos ou pornográficos sem terem obrigatoriamente um conteúdo dito sexual.

Por exemplo, aparecem nos perfis de ‘Moreno1010’, ‘Saradao25’ ‘Machosaradopramachinhomamador’ e ‘Turbinadodf’ vídeos de práticas masturbatórias. A masturbação, por si só, não pode ser adequadamente considerada obscena, erótica ou pornográfica. Ela se torna pornográfica ao ser filmada e publicada nestes respectivos perfis, ela se torna obscena ao ser vista pela audiência destes perfis. O erotismo só existe numa relação entre quem produz e estimula o desejo e aquele cujo desejo é produzido e estimulado. A chave para a análise da pornografia nas páginas pessoais dos usuários do disponível.com está exatamente na publicação dos seus elementos e no recrutamento, no chamamento que os internautas donos dos perfis fazem aos demais para que componham sua audiência. O erotismo e a obscenidade dos textos, das fotografias dos vídeos de cada perfil só se constroem a partir do momento em que são produzidos e endereçados para um público. Os quatro usuários recém citados, portanto, produzem suas práticas masturbatórias enquanto pornográficas, obscenas e eróticas ao fotografá-las, narrá-las, filmá-las, editá-las (mediante enquadramento de câmera e posterior tratamento de imagens com softwares específicos), publicá-las e ao interpelar os outros internautas a assisti-las.

Isso que acontece em alguns perfis é a instauração de uma interlocução, às vezes de uma interpelação, que se dá entre o “eu” (dos donos dos perfis) e o “tu” (da audiência dos perfis), na medida em que as fotografias, os vídeos e os textos publicados interpelam os demais usuários através da construção de uma relação de interlocução que recruta, de alguma maneira, o olhar do leitor para o corpo fotografado, narrado e filmado, como se o chamasse a participar das cenas ali mostradas. No perfil de ‘2rj’ aparece escrito sobre a foto principal: “NOVOS VÍDEOS”, informando os visitantes sobre a atualização dos registros audiovisuais, convidando-os a assistirem. A mesma estratégia de publicação de vídeos está posta nos perfis de ‘Duplazzul’, ‘Morenodebh1972’, ‘Parceirosvix’, ‘Semlimites_es’ e ‘Sexboyzs’, que também inserem graficamente letras sobre as fotografias principais de seus perfis com a chamada “novos vídeos”. Particularmente, ‘Morenodebh1972’, ‘Parceirosvix’ e ‘Semlimites_es’ descrevem inclusive a quantidade de vídeos oferecidos em cada perfil: o primeiro escreve no título de sua página pessoal “os filmes já passam de seiscentos e trinta”; o segundo estampa na foto principal de seu perfil “mais de 100 vídeos”; o terceiro também publica junto de sua foto principal “assista aqui mais de 50 vídeos”. A oferta dos vídeos e

aviso sobre a publicação de novos registros funciona como forma de estabelecer uma interlocução com os usuários visitantes das páginas com base numa interpelação imperativa, como aparece em ‘Semlimites_es’: “assista aqui mais de 50 vídeos”.

Na edição das imagens dos vídeos, é comum assistir uma tela inicial em que os internautas produzem pequenos textos de introdução em que se lê, em ‘20cmmachoativo’: “SEJA O PRÓXIMO”; ou em ‘Andrejr’: “seja a próxima vítima do dogão”. Tais quais créditos iniciais, esses textos servem igualmente para chamar os demais internautas a compor a audiência dos perfis e a estabelecerem contato com os donos dos perfis. Também ao final dos vídeos aparecem outros textos interpelativos, como em “Parceirosvix’: “ALISTE-SE”. Há um chamamento ao qual os demais internautas podem responder, um recrutamento de audiência para os registros publicados nos perfis.

No perfil de ‘Turbinadodf’ aparece o seguinte texto no campo “sobre mim”:

BREVE VÍDEOS E MAIS FOTOS. DEIXA EU FICAR MAIS RICO. TO QUEBRADO ESSES DIAS.

Num primeiro momento, esse trecho evidencia a satisfação que este usuário dá aos outros internautas sobre a publicação de fotografias e vídeos em seu perfil. Ao público é necessário ‘prestar contas’ de tais registros, oferecendo os motivos pelos quais não era possível, naquele momento, a publicação de fotos e vídeos: a falta de dinheiro. Isso porque para publicar mais de três fotografias e para poder publicar vídeos em seus perfis, os internautas precisam pagar pelos serviços do sítio. Esse é um recorte importante entre os vinte e dois mais “favoritos”, uma vez que boa parte deles é claramente pagante do disponivel.com. Porém, ‘Turbinadodf’ diz que em “breve” haverá novos elementos imagéticos e audiovisuais em seu perfil, pedindo que seus visitantes fiquem à espera destes novos registros. De modo menos sugestivo, o internauta diz claramente a condição de publicação dos vídeos e qual a função deles em sua página, como aparece no título:

BREVE VOLTO A SER GOLD, AÍ VAI TER VÍDEO PRA MATAR A GALERA DE TESÃO.

Da mesma maneira faz ‘Andrejr’: “AGUARDEM!!!”, ele escreve sobre sua fotografia principal em que se vê um rapaz nú de quatro sobre uma cama, avisando os visitantes de seu

perfil que novos vídeos de sexo explícito estarão ali publicados a qualquer momento. ‘Turbinadodf’ e ‘AndreJr’ criam uma interlocução com os visitantes de suas páginas, um canal de comunicação com os outros internautas aberto pela ‘prestação de contas’ sobre os elementos audiovisuais do perfil e pela interpelação explícita dos visitantes a esperar para consumir seus novos registros. A ‘prestação de contas’ e a interpelação explícita vêm associadas à intensa publicidade de seus corpos: ‘Turbinadodf’ e ‘AndreJr’ chamam os visitantes das páginas a participarem das cenas que constroem com suas fotos e seus vídeos no mesmo momento em que investem na primeira via do projeto mostrar-sombrear. Mostrar o corpo nu, e mostrá-lo de quatro sobre uma cama, é torná-lo público, obsceno, consumível e socializável neste ambiente. Mostrar o corpo, ‘prestar contas’ dele e prometé-lo para breve é uma maneira de sugeri-lo, de torná-lo erotizável, desejável. A promessa dos corpos (como diz ‘Turbinadodf’, “em breve mais fotos e vídeos”, e como diz “AndreJr”, “AGUARDEM!!!”) se pretende pornográfica neste contexto, reserva para logo mais o desvendamento total de zonas corpóreas não visíveis, propõe a acontecer em seguida a máxima visualização de tudo aquilo que é sombreado nos corpos que em outros ambientes. Aqui, a promessa de publicação total de certas partes – não quaisquer partes – dos corpos é altamente erótica. No limite, como diz ‘Turbinadodf’, a promessa cumprida com a publicação de algumas zonas corpóreas através das fotografias e dos vídeos será capaz de levar o erótico e o obsceno a tal ponto que “matem de tesão” a “galera” que os consome. “Matar de tesão” é saciar a fome estimulada pela insinuação erótica, e saciá-la intensamente através da pornografia que tudo – ou quase tudo – mostra, para, logo depois, fazer novamente mais uma promessa: “em breve mais fotos”, “aguardem mais vídeos”, na tentativa de uma produção incessante de desejo e “tesão”.

Em ‘Semlimites_es’, com a frase “assista aqui”, se estabelece uma interlocução no jogo eu/tu, como há pouco sugeri. Em ‘AndreJr’ a interlocução se dá no jogo eu/vocês com “AGUARDEM”. Nos dois casos, é sempre uma relação entre o produtor dos registros – o usuário dono do perfil – e os seus visitantes – os demais internautas. Quem produz os registros pede, chama e interpela os outros para compor seu público, para serem espectadores de seus textos, de suas fotografias e de seus vídeos. A relação de interlocução, baseada na interpelação, vai além disto. ‘Moreno1010’ escreve:

Se mesmo assim restou interesse... manda ver! Manda o contato!
--

Este internauta pede que, se houver interesse dos outros internautas a partir das informações textuais e fotografias publicadas em seu perfil (do seu ‘corpo didático’, como apresentei no capítulo dois), que “mandem ver! Mandem o contato!”. “Mandar ver” é uma expressão que tem conotação de objetividade e rapidez, características bastante recorrente nos modos de escrita e de narração de si entre os usuários. Mas também é uma expressão que recruta os internautas, por usar o verbo na sua forma imperativa, e lhes diz o que fazer se caso houver interesse nas informações ali publicadas: “entre em contato!”. Não podemos esquecer que o corpo é o catalisador da sociabilidade neste ambiente, portanto a interpelação vem acompanhada da possibilidade de estabelecimento de vínculos entre os usuários. ‘Parceirosvix’ utiliza as seguintes frases no título da página:

ESTAMOS COM DOIS VÍDEOS NOVOS. TEMOS MAIS DE CEM CLIPES NESTE PERFIL. VEJA, COMPROVE E SE DELICIE. VAI CLICANDO EM VER + PARA IR VENDO DE QUINZE EM QUINZE OS VÍDEOS

Assim como ‘Moreno1010’, ‘Parceirosvix’ também “manda ver” (VEJA), e manda comprovar (COMPROVE) para se deliciar (SE DELICIE). Os verbos no imperativo denotam a interpelação erótica dos visitantes do seu perfil. Além disso, fica bastante clara a maneira pedagógica, por assim dizer, com que este usuário conduz os visitantes de sua página aos vídeos ali publicados. Existe, tal qual em ‘Turbinadodf’, uma “prestação de contas” para a audiência sobre a quantidade de vídeos oferecidos, assim como há a indicação cuidadosa sobre onde (“vai clicando em ver mais”) e como (“para ir vendo de quinze em quinze”) assistí-los. Ao que parece, os visitantes das páginas são chamados a compor a audiência dos perfis, e a esse chamamento eles respondem afirmativamente, uma vez que existe o estabelecimento de uma interlocução entre os internautas donos dos perfis com seu público através de suas pequenas narrativas.

Se concordarmos que a visão e a visualidade são importantes para a análise dos perfis mais “favoritos” do disponivel.com, enquanto atividades culturalmente construídas lançadas sobre os corpos, as masculinidades e as sexualidades publicadas nos textos e nos registros visuais das páginas pessoais, entenderemos também a pertinência de articular os conceitos de pornografia, erotismo e obscenidade como veículos que dão condições para tais publicações. Obscenos fotografias, obscenos vídeos e obscenos textos que expõem ao olhar partes dos

corpos que estão escondidas em outros contextos; pornográficas representações que têm como efeito a interpelação erótica dos demais usuários.

Nesse sentido, a pornografia é exatamente obscena porque carrega consigo todos esses atributos. Ela é uma efusão e uma provocação, ela diz a sedução e (...) trai todas as regras porque quer penetrar nos segredos. Transgressiva por definição, sua força mobilizadora, no universo das representações, é a revelação: *trazer para a máxima visibilidade tudo que puder encontrar*. Operando na ambigüidade fora de cena/dentro da cena, a pornografia possa ser entendida como um discurso veiculador do obsceno: exhibe o que deveria estar oculto. (...) *A sexualidade fora de lugar*. (*idem*, p. 19) [grifos meus]

Mas qual seria o “lugar” da sexualidade?

5. 3. O “lugar” da sexualidade: ordenando o caos?

Nuno César Abreu, citando Linda Williams, escreve que para reconhecermos um artefato pornográfico, ele deve ter duas características marcantes: a primeira seria “uma certa função ou intenção de despertar sexualmente sua audiência” combinada com “um certo conteúdo, *representações explícitas* de material sexual (órgãos, posturas, atividade etc.)” (grifo meu). A autora então diz que “um trabalho tem de ter ambos, esta função e este conteúdo, para ser uma peça de pornografia” (WILLIAMS *apud* ABREU, 1996, p. 32-33)⁹⁸. Mais uma vez, expressões como “representações explícitas” apontam para a qualidade eminentemente obscena da pornografia que des-venda (tira a venda) e des-cobre (tira o que cobre) tudo quanto possível (dos corpos, das falas, das escritas) no sentido de produzir o desejo (erotizar) na sua audiência. Nesse sentido, Abreu faz uma contextualização histórica da problematização das representações pornográficas na sociedade ocidental: segundo ele, foi sobretudo à época da expansão da produção industrial da mercadoria pornográfica – com filmes e revistas, principalmente, entre as décadas de 1960 e 1970 – que se deram as condições de discussão social sobre o que viria a ser o conceito de “pornografia”. O autor salienta a dificuldade de achar uma definição precisa do termo, e tentativas no sentido de fixá-lo sempre acabam recorrendo à metáforas, adiando sua significação. Como escreveu um juiz da Suprema Corte estadunidense em 1954: “Eu não sei o que ela é, mas reconheço quando

⁹⁸ Aqui, Abreu cita a obra de Linda Williams (1989), que por sua vez resume o conteúdo do *Report of the Comitee on Obscenity and Film Censorship*, relatório produzido por uma comissão inglesa que se ocupou sobre o tema da pornografia em filmes no final da década de 70 do século passado.

vejo uma” (*idem*). “Com o desenvolvimento da indústria cultural, a pornografia se traduz em produtos de acordo com os princípios de produção em massa”, escreve Abreu. (*idem*, p. 39). Esses produtos são basicamente imagens – fotografias e filmes, mas também textos presentes em livros e revistas – que versam sobre as sexualidades e sobre os corpos de maneira explícita, obscena, ao relatar e mostrar para o público cenas sexuais entre os indivíduos. “De qualquer maneira”, propõe Abreu, “a emergência da representação pornográfica como um ‘problema’ social contemporâneo e sem precedentes diz respeito à cultura de massa”. O autor localiza por volta da década de 1960 o surgimento e a organização da “produção massiva de publicações, filmes e vídeos dirigidos a um público amplo e (in)discriminado, ‘democratizando’ o obsceno” (*idem*, p. 40-41).

A sexualidade encontra na pornografia um veículo para se expor publicamente e uma indústria se desenvolve para produzir e comercializar as representações interditas, assegurando sua circulação no espaço permissivo instituído na encruzilhada das incertezas, do moralismo, da liberação dos costumes e de seus amparos legais. (*idem*, p. 38)

Nesse sentido, a pornografia talvez exista para “ordenar esta desordem (...) como uma forma de transgressão organizada” (*apud* Moraes e Lapeiz). (...) A pornografia (...) faz aparecer aquilo que se tem vergonha (...). (ABREU, 1996, p. 25-26)

Termos usados pelo autor como “interditas”, “espaço permissivo” e “transgressão” nos fazem pensar, então, se seria a pornografia o lugar e o modo explícitos de publicação da sexualidade. Seria a sexualidade “interdita” em todo o resto da sociedade de tal modo que encontrasse seu “espaço permissivo” apenas nos artefatos pornográficos? Seria a pornografia o ponto de escape das ‘repressões morais’ acerca da sexualidade?

Para aqueles que concordam com essa perspectiva, em primeiro lugar caberia aceitar a ideia de que a sexualidade – enquanto o modo de experimentar prazer através dos corpos por meio de relações sexuais – é alvo de um conjunto de interdições sociais, e assim estaria também correto afirmar que há repressões constantes ao seu respeito. A produção da pornografia, nessa perspectiva, situar-se-ia de modo mais ou menos confortável como uma zona de permissividade, como uma região de tolerância, constituindo-se como uma estratégia escapista às interdições e às proibições sexuais da nossa sociedade. Assim, diz Abreu, “a exposição do obsceno seria uma verdadeira celebração do prazer (...) que, preso nas armadilhas das interdições, e liberta na forma de transgressão” (*idem*, p. 25).

Como já discuti no capítulo anterior, Michel Foucault questiona esta proposição, a que ele deu o nome de “hipótese repressiva”, e argumenta a favor de uma explosão discursiva acerca do sexo e da sexualidade na sociedade ocidental desde um determinado período histórico. “As dúvidas que gostaria de opor à hipótese repressiva têm por objetivo muito menos mostrar que essa hipótese é falsa”, e como alternativa ele propõe “recolocá-la numa economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVII” (FOUCAULT, 2003, p. 16). A partir disto, soçobra a ideia de que a pornografia possa meramente funcionar como lugar de escape às proibições do sexo. Pois ao problematizar exatamente estas tais “proibições”, se lançam dúvidas sobre o caráter “permissivo” daquilo que Abreu chamou de produção industrial em massa de artefatos pornográficos. Mesmo sem negar que, de fato, possa existir um certo conjunto de proibições e repressões sobre a sexualidade e tudo mais o que ela envolve dentro de cada sociedade, Foucault propõe ir além desta ideia “repressiva” ao formular a ideia de “explosão discursiva” sobre o sexo nas sociedades ocidentais modernas. Então, seria possível redimensionar a pergunta: não questionar se a pornografia é o lugar ‘permissivo’ da sexualidade, de sua publicação e de sua veiculação – de seu escape, de seu desvendamento e de sua transgressão –, mas perguntar se é a própria sexualidade e os discursos a ela associados que dão condições para a emergência da pornografia; se é a própria sexualidade e os discursos a seu respeito que produzem aquilo que reconhecemos – mesmo sem saber exatamente o que é – como sendo da ordem do pornográfico; se é a própria sexualidade e todo seu arcabouço discursivo que instituem a pornografia como um de seus lugares de publicação e veiculação.

Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos em primeira instância) (...) [é] levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas também de incitação, de intensificação, em suma, as “técnicas polimorfias do poder”. Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos do poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, as mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a “vontade de saber” que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento. (*idem*, p. 16-17)

Como Foucault propõe, indagar-se sobre as relações entre pornografia e sexualidade na sociedade contemporânea tem um caminho fértil quando as perguntas não são formuladas apenas com base nas proibições, interdições e repressões morais, mas sim procurando questionar as condições gerais em que se dão tais relações, em que momentos são construídas tais relações, quem as constrói e a partir de que perspectiva o faz. Desse modo, a produção de artefatos pornográficos não se traduziria como estratégia de transgressão às proibições de ordem sexual, constituindo por excelência o “espaço permissivo” da sexualidade. Pelo contrário, os materiais pornográficos responderiam à incitação e ao estímulo do sexo; a pornografia seria um efeito produtivo da sexualidade enquanto maneira de publicizá-la e de colocá-la em evidência; os artefatos pornográficos seriam modos de veiculação pública da sexualidade, em certos contextos e sob determinadas condições, com vistas a torná-la explícita e visível.

Nesse sentido, o poder atua constantemente na regulação da sexualidade que é mostrada de maneira intensa – através de fotos, vídeos, escrita – e aqui cabe perguntar-se sobre como acontece a publicação da sexualidade, através de quais materiais pornográficos ela é publicada, como a sexualidade é representada nestes artefatos, como ela é produzida, quem participa da sua produção e a quem esses artefatos são endereçados. Isso porque, se concordarmos que a pornografia é também obscena, os modos pelos quais a sexualidade é representada através da pornografia colocam a sexualidade – e tudo mais que a compõe: os corpos, os gêneros, os espaços em que ela circula, os sujeitos aos quais fala, que interpela – numa zona de constante visibilidade. Aqui visibilidade não se traduz tão-somente como sinônimo de visualidade (daquilo que pode ser visto pelos olhos), mas adquire outras significações a mais. Aquilo ou aquele que é visível nem sempre é visibilizado, isso porque “a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas”, nos diz Gilles Deleuze (DELEUZE, 2008, p. 120). A visibilidade, neste sentido, relaciona-se com o poder: é a relação do poder com algo ou com alguém que faz com que este algo ou este alguém *surja, levante-se, torne-se visibilizado*. O poder é, para Foucault, aquilo que Deleuze chamou neste trecho de “regime de luz”. É a partir de um atravessamento sofrido por algo ou por alguém do/no poder que produz a sua visibilidade.

Para analisar os perfis mais “favoritos” do disponivel.com, é importante propor que os elementos publicados pelos usuários em suas páginas pessoais são pornográficos – enquanto

veiculação de certos elementos textuais, imagéticos e audiovisuais que publicam cenas de sexualidade com vistas a erotizar seus corpos. Mas a esta definição de pornografia se faz necessária a articulação de outros conceitos, como o de erotismo e, sobretudo, o de obscenidade, isso porque os limites entre eles aparecem confundidos e porque eles são importantes para a operacionalização do próprio conceito de pornografia. Pensar a pornografia como modo de “ob-scenização”, ao colocar em cena algo que não deveria ali estar, possibilita a problematização das próprias condições daquilo que está na cena e daquilo que não está na cena – uma discussão moral, mas também ética, como expus no capítulo um e no início deste capítulo. É nessa perspectiva que venho problematizando as partes do corpo mais mostradas em detrimento daquelas que estão sombreadas nas páginas pessoais do sítio, procurando estabelecer vínculos entre elas e procurando mapear as condições históricas e sociais que as fazem estar inseridas nisto que chamei de projeto mostrar-sombrear.

Mais ainda, relacionando a pornografia com a sexualidade, tomando a pornografia como efeito do caráter produtivo do poder que perpassa os discursos sobre sexo, é possível instaurar uma discussão política sobre aquilo que é mostrado (visualizado, chamado a ser visto, olhado e consumido pelo olhar do público) como pornográfico nos perfis. Pois, se pensarmos a partir das proposições de Foucault no sentido de superarmos a “hipótese repressiva”, poderíamos questionar exatamente a pornografia como o ‘lugar por excelência’ das transgressões da sexualidade, em que esta última supostamente gozaria da suspensão de quaisquer normas proibitivas e que aí pudesse mostrar-se sem cerimônias ou sem regras. Assim, cabe perguntar-nos, num primeiro momento, se a pornografia (nunca esquecendo que a reboque vêm o erotismo e a obscenidade) seria o ‘lugar’ somente da sexualidade, e não do gênero ou dos corpos. Uma vez que a pornografia investe na publicização intensa dos corpos generificados em atividades sexuais com vistas a produzir o desejo naqueles que vêem e assistem – tomando o conceito pela sua definição mais comum –, ela não seria apenas o ‘lugar’ da sexualidade, mas também seria o ‘lugar’ onde o gênero dos corpos estaria em situação “ob-scena”, exposto à visualidade e à visibilidade. O ‘lugar pornográfico’ seria aquele em que o gênero dos corpos pudesse ser lido de modo imediato exatamente por estar todo ele “dentro da cena”, constituindo-se como seu personagem principal. Da mesma forma, os corpos habitariam este ‘lugar pornográfico’ estando completamente nus, despindo-se de qualquer vestimenta e colocando-se neste ‘lugar’ de intensa visibilidade: os corpos vestiriam apenas seus próprios gêneros e seus próprios sexos, como se suas materialidades lhes fossem suficientes. Aceitar que a pornografia se constitui num “espaço permissivo” da sexualidade,

significa também aceitar que ela é um ‘lugar’ para os corpos vestidos apenas com seus gêneros e seus sexos, o que supõe uma essencialização dos corpos.

Se, como diz Dagmar Meyer, o “gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres” (MEYER, 2005, p. 16), assumindo que o feminino, o masculino e seus corpos são construídos socialmente “num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca [estão] finalizado[s] ou completo[s]” (*idem*), a ideia de que os corpos, os gêneros, os corpos e as sexualidades teriam seus “lugares permissivos” nos intensos apelos da pornografia não se sustenta. Porque, ao acentuar o caráter construído dos corpos generificados, “inscreve-se nesse pressuposto uma articulação intrínseca entre gênero e educação”, uma vez que

(...) educar engloba um complexo de forças e de processos (que inclui, na contemporaneidade, instâncias como os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música) no interior dos quais indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres, no âmbito das sociedades e dos grupos a que pertencem. (*idem*, p. 17)

O ‘lugar’ dos gêneros está pulverizado em todo o tecido social, multiplicado em uma série de instâncias, de instituições, de artefatos culturais e de representações sociais, e não apenas naquilo que reconhecemos como sendo pornográfico. Daí a importante implicação de que não há *um* lugar, permitido e permissivo, onde a publicação dos corpos, gêneros e sexualidades é tolerada, pois “as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade” também participam da sua construção ao estarem “constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação” (*idem*, p. 18). São inúmeras e contínuas as zonas sociais em que os corpos, os gêneros e as sexualidades encontram seu ‘lugar’. Pois se temos um corpo generificado e se nos reconhecemos como sujeitos de uma sexualidade, e se concordamos que corpo, gênero e sexualidade são construções sociais, seus “espaços permissivos” serão também eminentemente públicos. Ao contrário do que propõe Abreu e do que trazem os autores nos quais ele se apóia, a pornografia não é exatamente esse ‘lugar’ que ordena o ‘caos’ da sexualidade: a pornografia é uma linguagem, um modo de ver e um modo de mostrar os corpos, os gêneros e as sexualidades que foram produzidos como tais pelo

caráter produtivo do poder que os atravessa. A pornografia pode ser, talvez, uma paisagem (*visage*, um rosto) que emoldura os corpos, os gêneros e as sexualidades de um modo peculiar, mas isso não significa assumir que ela se constitui num escapismo às interdições e proibições sociais. Os corpos são marcados socialmente pelo gênero, e gênero e sexualidade dependem um do outro mutuamente, marcam-se e implicam-se nos corpos de modo simultâneo.

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada (...). Se múltiplas instâncias sociais (...) exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e de autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. (...) há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2007a, p. 25-26)

Tomando a pornografia como uma paisagem na qual aparecem publicados os perfis, tomando-a como um modo – entre vários outros – de representar o corpo e um modo de ver o corpo, esta paisagem provavelmente se constitui numa zona de luz, se não num ‘espaço permissivo’. É um *spotlight*, o lugar para onde se voltam a luz e os olhares de uma maneira específica, é o lugar onde se fala intensamente dos corpos e das habilidades sexuais desses corpos. A pornografia, nesse sentido, é uma das muitas instâncias sociais que investem nos corpos, nos gêneros e nas sexualidades. E a pornografia o faz usando a hipérbole: a *intensidade*, a *extensão* e a *profundidade* dos corpos. Nesses três aspectos que se apóia o caráter pornográfico dos registros dos perfis do [disponível.com](http://disponivel.com): na intensidade das práticas sexuais, na alta quantidade de vídeos e de fotografias publicadas (465 vídeos de sexo explícito em ‘Flaric’ e mais de 3.000 fotografias em ‘Andrejr’), no gozo farto prometido pelos ‘ativos’, na “boa trepada” procurada pelos internautas; na extensão dos corpos, na materialidade dos pênis (“roludos”, “pauzudos”, “picudos”, “cacetudos”), nas suas dimensões (vinte centímetros, vinte e dois centímetros, vinte e três centímetros), na superfície sem gordura dos corpos “malhados”, “sarados” e “definidos”; na profundidade dos ânus que se associam à extensão dos pênis, no profundo desejo de ser penetrado, na essencialização dos gêneros e na

fixidez das sexualidades, fazendo do sexo (do sexo do corpo e do sexo praticado) ‘a verdade’ mais profunda dos internautas que ali publicam suas informações.

5. 4. *Leia o texto, veja a foto e assista ao vídeo: o preço da visibilidade*

Os usuários do sítio, como mostrei ainda há pouco, interpelam os outros internautas a ver e a consumir os materiais pornográficos publicados em seus perfis. Para isso, recrutam a força da visão e do olhar e, desse modo, colocam-se numa zona de intensa visualidade e também de intensa visibilidade. Mas a visibilidade cobra um preço, segundo nos diz Foucault, e esse preço é o controle. Estar muito visível, no caso dos usuários do sítio, é também estar muito visibilizado: pela intensa publicação de materiais pornográficos, os internautas mais “favoritos” colocam-se como sujeitos do poder, sujeitos de discursos relacionados à produção dos corpos, das masculinidades e das sexualidades de maneira que sejam os “preferidos” neste contexto. Os “machos”, “sarados” e “discretos” são interpelados, e a isto respondem afirmativamente, pelos regimes de poder que produzem seus corpos de homem. O recorrente apelo à publicação de imagens, e sua audiência pelos demais internautas, os colocam em uma região de excesso de luz em que cintilam os corpos, em que há clarões de masculinidade, para usar as expressões de Deleuze. Há muitos olhares, muitos modos de olhar, que convergem para os perfis mais “favoritos” do disponível.com.

É paradoxal, nesse sentido, que os “machos discretos”, com toda sua pudicícia discrição, se coloquem nessa zona de intensa visibilidade. Tal visibilidade traz consigo armadilhas que desafiam seu forte investimento na adesão a uma determinada masculinidade. O caráter produtivo do poder que faz possível com que uma certa masculinidade e um certo corpo sejam os mais desejados, os mais almejados dentro deste contexto se expressa no constante estímulo do qual a linguagem usada pelos internautas se faz presente nos perfis. Os verbos no imperativo, as frases telegráficas e panfletárias, e até mesmo a inexistência de textos escritos coexistindo com um grande número de fotografias e vídeos de práticas sexuais explícitas funcionam como uma estratégia de incitação, de estímulo, de revelação da “vontade de saber” do sexo e também da “vontade de mostrar e de dizer” sobre o sexo. Como se, neste ambiente e para estes sujeitos, o sexo – a posse de corpos generificados e sexuados, o pertencimento à masculinidade hegemônica e o exercício da sexualidade discreta – guardasse toda a “verdade” sobre eles.

Por outro lado, tal incitação e estímulo também trabalham no sentido de ocultar e de sombrear algumas partes dos corpos (a relação entre a ‘parte da frente da cabeça’ e o rosto produzido pela decupagem corporal e pela genitalização das representações), encobrendo algumas formas dos usuários dizerem da sua identidade (o dizer de si) no momento mesmo em que privilegiam algumas formas de dizerem das suas diferenças (o dizer dos outros). A incitação e o estímulo, o caráter produtivo do poder que cria condições para a intensa visibilidade dos corpos, das masculinidades e das sexualidades nas páginas pessoais do disponível.com também tem este outro efeito: no jogo de cintilações, no jogo entre as duas vias dos projetos mostrar-sombrear e aderir-isentar, é o próprio poder que se desloca pelos corpos, rostificando algumas de suas partes ao passo que sombreia outras; é o próprio poder que produz e reitera a hegemonia de uma certa masculinidade no momento em que constrói lugares de abjeção para outras; é o próprio poder que ressalta as conexões entre homossexualidade e feminilidade para privilegiar a virilidade do sexo entre homens.

Na elaboração do conceito de panoptismo Foucault já aponta para os perigos da intensa visibilidade – e do excesso de visualidade: “A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda a parte” (FOUCAULT, 2006b, p. 162). O panóptico é um modelo arquitetural do qual deriva este conceito. Ele se caracteriza por ser uma construção em forma de anel, periférica em relação a uma torre central. O anel seria composto por celas, dividido em compartimentos que atravessariam o comprimento da construção. Compartimentos esses que teriam duas janelas: uma exterior ao anel, por onde entraria a luz que perpassaria toda a cela; outra que daria para o interior do anel, voltada diretamente para a torre central. Já a torre central, ponto em torno do qual o anel se distribuiria, seria composta de grandes janelas de onde se veria todo o lado interno do anel periférico.

Para Foucault, o panóptico é mais do que uma figura ou um modelo arquitetônico. Ele é um conceito de controle, um instrumento de vigilância, uma ferramenta de regulação e, sobretudo, um modo de ver e de ser visto. “Tantas jaulas, tantos pequenos teatros em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.” (*idem*, p. 166). No caso do panóptico, é o modo de ver de alguém posicionado na torre central que vai produzir o sujeito habitante do anel periférico: “um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (*idem*, p. 166). Ao mesmo tempo, esse modo de ver produz também aquele mesmo sujeito da torre central: esta é a posição ocupada por aquele que olha, que observa e que controla.

Nicholas Mirzoeff fala indiretamente sobre o panoptismo foucaultiano quando afirma que “agora a experiência humana é mais visual e está mais visualizada que antes: dispomos de imagens via satélite e também de imagens médicas do interior do corpo humano” (MIRZOEFF, 2003, p. 17). O dito campo de visibilidade hoje abarca desde o mais minúsculo componente de uma célula do corpo humano como também está alargado para além do horizonte – a visão está ampliada e potente o bastante para lançar-se para fora do planeta. O olhar parece estar em todo lugar. O olhar parece não ter limites para ver. E é exatamente deste princípio do panóptico do qual nos fala Foucault: é necessário o efeito de constante e sucessiva vigilância por parte de uma torre central para que os habitantes do anel periférico inscrevam e façam funcionar em si o poder que os controla (FOUCAULT, 2006b). O panoptismo produz e fabrica modos de ver e de ser visto, da mesma forma com que produz modos de ser e posições-de-sujeito.

O que nos diz, então, a articulação entre pornografia, obscenidade, sexualidade e poder com o dispositivo panóptico? Ela nos oferece uma problematização interessante na compreensão das imagens publicadas pelos usuários do sítio disponivel.com. O que quero assinalar é que os indivíduos que ocupam, metaforicamente falando, a ‘torre central’ nesta página de relacionamento são os milhares de internautas visitantes dos vinte e dois perfis mais “preferidos” do sítio. E, por isso, aqueles que habitam o anel periférico são os próprios perfis mais “preferidos” ao oferecerem aos demais suas fotos, seus vídeos e seus textos para serem vistos. As posições ‘controladoras’ e ‘vigilantes’ sugeridas pela torre central do panoptismo são ocupadas pelos visitantes dos perfis, enquanto que os sujeitos ‘controlados’ e ‘vigiados’ do anel periférico estão representados naqueles perfis mais “preferidos”. É paradoxal pensar que a periferia panóptica, no caso do disponivel.com, seja habitada pelos mais “preferidos”: como mostrei nos capítulos anteriores, há certas prevalências nas representações de corpo, masculinidades e sexualidades nos perfis mais acessados, o que nos indica modelos construídos e desejados de ser homem gay. Esses modelos desejados e desejáveis de ser homem, ou essa rede de atributos dos corpos e das masculinidades gays, quando pensamos sobre os modos de ver como modalidades de produção de posições-de-sujeito, são colocados numa periferia controlada e vigiada – e também produzida – por aqueles que visitam os perfis aqui analisados. Os visitantes dos perfis mais “preferidos” produzem essa prevalência ou recorrência de representações, ao mesmo tempo em que se colocam, de forma metafórica, na torre central como observadores – e também produtores – dos corpos e das masculinidades mais “preferidas” que compõem o sítio de relacionamentos. Esclareço: ao eleger este ou

aquele perfil como “preferido”, constrói-se simultaneamente uma normalização das representações de corpo, masculinidade e sexualidade ali publicadas no momento mesmo em que se produz uma zona de visibilidade para a página mais “favorita”. O “favoritismo” dos perfis, se por um lado mapeia e põe em relevo uma série de atributos acerca dos corpos e das sexualidades masculinas, também os coloca num metafórico anel periférico do panóptico, efeito da intensa visibilidade pedida pelos usuários.

Mas, é claro, há descontinuidades nesse adensamento de atributos publicados nos perfis. Como procurei mostrar neste capítulo, aqueles que são constantemente observados – os mais “preferidos” – também têm momentos de deslizamento, momentos de ruptura com a tal prevalência ou recorrência de atributos mais desejados. A “obscenização” dos corpos, ou o engajamento no projeto mostrar-sombrear não se dá de maneira homogênea em todas as páginas pessoais: ao contrário de haver um modo único de representar o corpo neste espaço, há diversas maneiras de significar o gênero masculino, seja através do erotismo insinuante das fotografias e dos textos (como em ‘Moreno1010’ e ‘Flaric’), seja pela publicação obscena da face e do corpo vestido (como em ‘Turbinadodf’ e ‘Canadense’). Contínuas ou descontínuas, se as imagens dizem sobre os corpos, sobre as masculinidades e sobre as sexualidades dos internautas que as publicam, e se esses internautas ocupam metaforicamente o anel periférico do panóptico, a todo instante observado, vale refletir sobre os efeitos em habitar tal anel:

Induzir [naquele é visto] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. (...) Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam [para quem é visto] o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. (...) Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente dos dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. (FOUCAULT, 2006b, p.166-167)

Se a permanente visibilidade é capaz de produzir as posições daquele que vê e daquele é visto, além de posicionar numa relação de poder os sujeitos que vêem e que são vistos, daí decorre o efeito mais importante da articulação do dispositivo panóptico com a análise da pornografia e obscenidade das imagens e textos dos perfis mais “preferidos” do disponível.com: o assujeitamento aos discursos que produzem certos modos de ser homem gays (um certo conjunto de normas de conformação do corpo, regras e comportamentos

masculinos e padrões de práticas sexuais) pode ser visto nesses perfis. Os sujeitos assujeitados que se encaixam nos padrões das masculinidades gays apresentadas neste sítio de relacionamento, são também os vinte e dois mais “preferidos”, pois eles fazem funcionar em si as técnicas que produzem tais masculinidades a partir do momento em que sabem – e querem – ser observados, querem se colocar num amplo campo de visão para os demais usuários do sítio, de modo a constituírem-se supostamente como os mais desejados. Ao inscreverem-se neste campo de visibilidade para os demais internautas, da mesma forma com que aderem à hegemonia das masculinidades através das representações publicadas em suas páginas pessoais, os usuários donos de tais perfis conferem poder às centenas de milhares de outros sujeitos que, ao acessá-los, os tornam os mais “favoritos”⁹⁹. É essa relação de poder (entre a ‘audiência’ e os mais “favoritos”, entre os que vêm e os que são vistos), produzida mediante uma intensa negociação das representações de masculinidade, que vai caracterizar uma topografia das significações de corpo, masculinidade e sexualidade dentro deste sítio de relacionamento.

É na obscenidade das imagens ou no erotismo dos textos em que os usuários se descrevem e se produzem como “homens”: “machos”, “discretos”, “ativos”, “passivos”, “versáteis”, “tímidos”, “dominadores”. Há todo um léxico de palavras que funcionam nestas descrições e nestas produções de corpo, masculinidade e sexualidade; há toda uma gramática ligada às representações do masculino hegemônico (ou do masculino “normal”, enquanto identidade normalizada e normalizadora) de que se valem os internautas para dizer de si. Ao produzirem-se como homens, os usuários do sítio posicionam-se num campo de intensa visualidade e também de intensa visibilidade: desnudam o corpo e o filmam em ação; essencializam o sexo e o gênero dos corpos, gerando a ilusão de uma masculinidade naturalmente dada e profundamente ‘verdadeira’. Esta masculinidade tão ‘verdadeira’, no entanto, não está tão profunda e tão secreta em seus corpos de modo que seja necessário um certo exercício de ‘desvendamento’ ou de ‘descoberta’ dela. Pelo contrário, a masculinidade ‘verdadeira’ dos internautas mais “preferidos” está na superfície mesma de suas peles, apesar de adensada em seus pênis, mas espalhada por todos seus corpos de maneira que ela seja imediatamente reconhecível por quem vê, sem que paire quaisquer dúvidas sobre sua legitimidade. A ‘verdade’ de suas masculinidades – de seus corpos, de suas sexualidades –

⁹⁹ Um exemplo, em números, da audiência dos perfis é de ‘20cmmachoativo’. Além de compor a lista dos perfis mais “favoritos” do sítio, ocupando a terceira posição na listagem de 20 colocações (com mais de dez mil e trezentos votos como “preferido” entre os usuários), esta é a página mais visitada de todo o espaço do disponivel.com com mais de dois milhões de visitas até a última semana de outubro de 2008.

está publicada nos perfis de maneira intensiva, extensiva e profunda. Para isso os internautas se utilizam de elementos obscenos, eróticos e pornográficos que fazem o olhar mover-se para todas essas partes que ‘escondem’ a ‘verdade’ de seus corpos, a ‘verdade’ de suas masculinidades, a ‘verdade’ de suas sexualidades. Isso porque estamos inseridos numa sociedade que concebe o sexo e a sexualidade como dimensões que encerram a ‘verdade’ sobre os indivíduos. Nesse sentido, Foucault diz:

E depois se pode também admitir que é no sexo que se devem procurar as verdades mais secretas e mais profundas do indivíduo; que é nele que se pode melhor descobrir quem ele é, e aquilo que o determina; e se, durante séculos, se acreditou que era preciso esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabe-se agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com a realidade. No fundo do sexo, a verdade (FOUCAULT, 2006c, p. 85).

Neste sentido, os usuários do [disponível.com](http://disponivel.com) recusam o “limbo da não-identidade” ao aderirem à suposição de que “no fundo do seu sexo” habitaria “a verdade de seu ser”. E tal ‘verdade’ não está apenas publicada em fotografias dos pênis eretos, ou nos filmes em que os usuários aparecem fazendo sexo com seus parceiros. Esta suposta ‘verdade’ está nas repetidas vezes em que os internautas dizem-se “machos”, “ativos” e “discretos”. A suposta ‘verdade’ está no engajamento no projeto mostrar-sombrear, ou no projeto aderir-isentar: aderem intensivamente à masculinidade hegemônica, normalizada e normalizadora no momento mesmo em que mostram extensivamente certas partes de seus corpos que teriam o poder de determiná-los. Neste sentido, pênis com grandes extensões materiais estaria intimamente ligado à uma certa masculinidade. Simultaneamente, os internautas isentam-se de outros modos de ser homem (as “bichas”, os “afeminados”, os “velhos”, os “gordos”, os “magrelos”) e sombreiam algumas zonas do corpo que não estariam a serviço da construção dessa tal ‘verdade’ das masculinidades. Por outro lado, é interessante pensar que a construção da ‘verdade’ nos perfis mais “preferidos” do [disponível.com](http://disponivel.com) se dá exatamente neste jogo entre o mostrar e o sombrear, entre o aderir e o isentar. A ‘verdade’, sua construção e sua representação, depende do jogo entre o mostrar (o que mostrar, como mostrar, quantas vezes mostrar) e o sombrear (o que sombrear, como sombrear e por que sombrear), da mesma forma com que depende do aderir e do isentar.

5. 5. *‘Verdades’ disponíveis: parodiando o gênero*

Para falar sobre a ‘verdade’ das masculinidades no sítio, trago a esta altura uma frase que escutei ao assistir a um vídeo do usuário ‘Turbinadodf’ já no final do mês de outubro de 2008. Esta frase, segundo rigor científico de método, não consta no *corpus* da minha análise. Entretanto, acredito que vale a pena inseri-la no desenvolvimento da minha argumentação não para efeitos de análise propriamente, mas para efeitos de sugestão ou de insinuação de que as ideias discutidas ao longo desta pesquisa não estão fixas, não são estáveis nem podem funcionar como ‘verdade’. Trago a frase que escutei porque acredito que ela pode apontar para caminhos interessantes em outras pesquisas, além de poder pôr em xeque o movimento intenso e repetido de essencialização dos corpos, das masculinidades e das sexualidades do qual lançam mão os usuários do sítio. Acredito ser importante trazer esta frase não porque ela vá contradizer toda a análise que empreendi até aqui, mas porque creio que ela pode suspender o efeito de ‘verdade’ e de homogeneidade que os internautas parecem buscar na publicação de certas representações de corpo, masculinidade e sexualidade em suas páginas pessoais.

No vídeo, ‘Turbinadodf’ aparece praticando sexo com outro homem de pé em um banheiro. Depois de mais de um minuto de atividade, um dos homens diz ao outro: “Chega de fazer filme? Vamos fuder de verdade?”. Esta frase pode ser emblemática no contexto mais amplo dos perfis porque fratura com a ideia de que todos os elementos publicados nas páginas pessoais são o que há de mais ‘verdadeiro’ sobre os indivíduos que ali estão. É claro que aqui não cabe fazer uma discussão se são mesmo os próprios usuários os protagonistas dos vídeos e das fotos publicadas, tampouco cabe argumentar que tudo o que escrevem sobre si próprios é ‘mentira’. O que a frase sugere, por sua vez, é que há *verdades disponíveis* neste contexto, para estes sujeitos, nas condições do sítio de relacionamento. Como argumentei no capítulo dois, a internet enquanto espaço de sociabilidade se constitui numa zona moral que, para o contexto do sítio disponivel.com e para os usuários mais “preferidos”, serve de meio para possibilitar a criação de vínculos entre os internautas com vistas a conseguir parceiros para atividades sexuais. Nesse sentido, tirar fotos de certas partes do corpo (e decupar outras) e em determinadas posições, ou descrever a si próprio usando uma certa gramática pornoerótica ou, como foi o caso de ‘Turbinadodf’, fazer filme de sexo com uma câmera digital em um banheiro, podem se constituir em estratégias apropriadas para estas condições, para estes usuários, neste ambiente específico. A frase que escutei não levanta dúvidas sobre a

‘verdadeira’ masculinidade, sobre os ‘verdadeiros’ corpos ou sobre as ‘verdadeiras’ sexualidades dos internautas donos de perfis no sítio, como poderiam objetar alguns. Muito pelo contrário, a frase sugere que há verdades possíveis neste contexto, ou que há verdades disponíveis nestas condições. Mais que isso, esta frase insinua que os modos pornoeróticos e obscenos de construção e de representação das masculinidades no ambiente do sítio são encenações de masculinidade, funcionando quase como esquetes teatrais do gênero masculino. Isso não significa, de modo algum, que se há uma encenação é porque tal encenação é uma mentira e, logo, que exista uma ‘verdade’ por detrás da cena, ou que uma ‘verdade’ surja logo após desligar a câmera. Prefiro pensar, junto com Guacira Louro, que tal encenação de masculinidade é uma paródia de gênero.

Na pós-modernidade, a paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas na forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica, paradoxalmente, a identificação e o distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado. (...) Para exercer a paródia, parece necessário, pois, certa “afiliação” ou alguma intimidade com aquilo que se vai parodiar e criticar. (...) Isso pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los. Por tudo isso, a paródia pode nos fazer repensar ou problematizar a ideia de originalidade ou de autenticidade – em muitos terrenos (LOURO, 2004a, p. 85-86).

A partir da frase publicada no vídeo de ‘Turbinadodf’, podemos pensar numa paródia do masculino posta nos perfis do disponivel.com. Uma paródia que não está ali posta pelos internautas com o objetivo racional de engendrar uma crítica ao masculino e às representações de masculinidade da nossa cultura, mas que mesmo assim pode ser tomada como uma situação em que fica escancarado o caráter arbitrário da eleição de certas marcas do corpo como sendo capazes de definir os sujeitos. Podemos pensar que, ao desligar a câmera digital para “fuder de verdade”, o usuário talvez desenvolva mais uma estratégia de interpelação aos demais internautas, na medida em que o ‘bom sexo’ não pode ser ali mostrado, e só pode ser experimentado ao vivo e *offline*. Podemos pensar também, por outro lado, que as atividades sexuais filmadas pelos indivíduos, que as partes do corpo fotografadas e publicadas por eles em suas páginas são posadas, por assim dizer. São *feitas* e *produzidas* para este ambiente, e talvez *somente* para este ambiente. No *fazer* e no *produzir* as fotografias, os vídeos e os textos, talvez se encontre rastros desta paródia do masculino: a paródia está no exagero dos “machos”, na intensidade dos “ativos”, na repetição dos “discretos”. É na reiterada referência

à masculinidade hegemônica e normalizada, na intensificação e no adensamento de seus atributos que se encontra o caráter paródico do masculino. Podemos dizer que a paródia ao masculino está subjacente inclusive na escolha criteriosa de quais partes do corpo mostrar e quais não mostrar (neste sentido, o próprio engajamento no projeto mostrar-sombrear exige traços paródicos), na produção da cena fotografada ou filmada, ou até mesmo na produção do próprio corpo publicado: este é um corpo que sofre intervenções, que está agregado de sentido em determinadas zonas, que está exposto de um certo modo, de certos ângulos, numa explosiva quantidade de fotos e vídeos. A paródia, nestes casos, está em exorbitar as características culturalmente instituídas como sendo a do gênero masculino: exorbita-se o pênis, exorbita-se o “macho”, exorbita-se o “ativo” na mesma medida em que os “passivos” precisam exorbitar na sua “discrição” para não serem confundidos com os “afeminados”. A paródia, enquanto exagero das características daquele com quem se quer parecer, pode funcionar para legitimação do objeto copiado. Mas também pode contribuir para subvertê-lo (*idem*).

Essa paródia, entretanto, não está posta nos perfis com o explícito intuito, por parte dos usuários, de fazer uma crítica à masculinidade hegemônica. Mas ela deixa aberto o precedente para uma reflexão sobre a própria arbitrariedade desta hegemonia: que hegemonia é essa que pode ser tão fácil e repetidamente copiada? Que hegemonia é essa que permite sua reprodutibilidade por aqueles que, *a priori*, não a podem ter nem dela fazer parte? Pensar que as representações de masculinidade dos perfis do sítio investem numa certa dimensão de paródia ao masculino hegemônico pressupõe também pensarmos que o próprio masculino hegemônico não é natural – tampouco ‘normal’. Pois podemos interpretar esse exagero do masculino nas páginas pessoais do [disponível.com](http://disponivel.com) como uma maneira de lembrar-nos

(...) que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos. Os corpos considerados “normais” e “comuns” são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos. Nós também nos valemos de artifícios e de signos para nos apresentarmos, para dizer quem somos e dizer quem são os outros (*idem*, p. 86-87).

É nessa perspectiva, então, que podemos pensar a frase de ‘Turbinadodf’: ela é emblemática porque suspende a ‘veracidade’ da atividade sexual filmada no momento em que um dos indivíduos pergunta “vamos fuder de verdade?”. Ou, por outro lado, podemos pensar

que ela serve como uma provocação àqueles que assistem ao vídeo, como que guardando o ‘melhor’ do sexo para onde o olho da câmera digital não pode chegar – movendo a ‘melhor’ parte do sexo para onde a visualidade não chega. Mas ainda sim, essa frase sugere um adiamento importante: ela adia o significado de ‘verdade’ do sexo, adia a fixação de sentido de ‘veracidade’ aos elementos publicados naquele perfil. Essa frase sugere uma fissura, uma fratura, ou pelo menos um desafio na análise ao apontar que nem tudo que compõe os perfis está açambarcado pelo olhar, pela visualidade e, em última instância, pela visibilidade.

Isso acontece porque aqueles registros todos que são mostrados nas páginas dos usuários – e intensamente mostrados, intensamente publicados e propagandeados – podem ser considerados apenas uma via de algo que também é um projeto mostrar-sombrear, mas que atua numa outra ordem. Considerar que os textos, as fotos e os vídeos apresentam *verdades disponíveis* que os próprios internautas selecionam para dizer de si supõe também admitir que existe uma série de outras informações sobre eles que estão sombreadas no perfil. Nesse sentido, a construção e manutenção dos significados atribuídos aos registros textuais, imagéticos e audiovisuais de cada perfil se apresentam como partes integrantes de um projeto mostrar-sombrear sobre o próprio indivíduo dono da página, e não apenas sobre seu corpo, sobre sua masculinidade ou sexualidade. Ao redigir pequenas narrativas de si mostrando algumas informações, ao registrar fotografias de seu corpo mostrando algumas de suas partes e ao filmar vídeos mostrando algumas de suas atividades sexuais, simultaneamente cada usuário sombreia outras informações sobre si, que ali não constam. As *verdades disponíveis* em cada perfil supõem a existência de ‘outras verdades’ – outras dimensões de suas vidas que não só a sexual, outras possibilidades de relações com seus parceiros que não só a sexual, outros significados dados aos seus corpos e às suas masculinidades que não só a sexual – que estão sombreadas.

5. 6. ‘Verdades’ indisponíveis: muito além do que pode ser visto ou mostrado

Devido a uma escolha de método, em que me dispus a contemplar o instantâneo ou o estado momentâneo da listagem dos vinte perfis mais “preferidos” do sítio, eu não pude detectar com mais profundidade os posicionamentos dos demais usuários frente às interpelações publicadas nos perfis que aqui analisei. As mensagens trocadas entre os usuários do disponível.com não são públicas, tampouco há serviço no sítio que possibilite a publicação de opiniões sobre os perfis. O único meio de medir a ‘aprovação’ deste ou daquele perfil está

exatamente na sua eleição como “favorito”, motivo principal da minha escolha por esta listagem. Entretanto, no mês de junho de 2008, o usuário ‘Moreno1010’ publicou o seguinte texto nas suas pequenas narrativas de si:

[Procuro por] Engraçado como são as coisas! Depois de um tempo, principalmente aqui, descobri que as pessoas, antes de qualquer coisa, te declaram réu, te julgam e te condenam sem ao menos te conhecer! Já fui taxado de arrogante, de metido, de babaca e até de puta de plantão, além de ser confundido com outras criaturas aqui do site. É o preço que se paga por se expor. Adoro sexo, homem (de verdade) e a possibilidade de um dia encontrar um cara gente boa e ter algo que seja bom para os II [para os dois]. Não sei mais se esse seria o lugar para isso, mas dos poucos que conheci tive a sorte de fazer bons amigos. Por que escrevi isso tudo?

[Sobre mim] Não sei! Talvez pra dizer a quem chegar a ler que não sou somente o cara dessas fotos e o cara que curte muito esses vídeos, mas sim alguém que pensa e tem o direito a ser ao menos ouvido antes de ser julgado. Não procuro nada, não. Se for pra ser amigo, desconhecido, um cara de uma transa que tenha sido bom para os II ou até mesmo para um relacionamento, ta valendo! Se você chegou a ler até aqui, obrigado. E agora vai ver os vídeos, abração.

Nestas pequenas narrativas de si, ‘Moreno1010’ traz uma resposta àqueles usuários que, de alguma forma, sentiram-se interpelados pelos elementos que compõem seu perfil ao posicionarem-se recusando seus significados e engendrando críticas a tudo ali mostrado. Como diz o internauta, principalmente no ambiente do disponível.com acontece o que ele sugere ser um julgamento: “as pessoas te julgam”, diz ‘Moreno1010’, “te declaram réu” ou ainda “te condenam”. Isso mostra que, apesar de ser este um dos perfis mais “favoritos” do sítio, não significa que todos os demais internautas apreciem, aprovem, atribuam sentido positivo aos elementos e às representações ali publicadas. Mais ainda, esse trecho sugere que existe efetivamente uma situação de extrema visibilidade que pode ter como efeito a interpelação negativa do público que lê os textos, vê as fotos e assiste aos vídeos, pois o uso de expressões como “réu” e “condenação” aponta para o fato de que essa intensa visibilidade dos perfis mais “favoritos” pode ter o preço da recusa, da desaprovação e da não concordância dos demais. Como escreve o internauta: “é o preço que se paga por se expor”, ou, nas palavras

de Foucault, toda a visibilidade tem seus preços, seja da aprovação, seja da desaprovação, seja do controle contínuo através do olhar do outro.

O internauta continua dizendo que já foi taxado de “arrogante, de metido, de babaca e até de puta de plantão”, o que mostra o público que vê seu perfil investe contra as representações de corpo, masculinidade e sexualidade que ‘Moreno1010’ apresenta em sua página. Ou seja, os demais usuários não são receptores passivos do conteúdo dos *curriculum vitae* de cada perfil; eles não são uma audiência homogênea que não assume uma posição em relação àquilo que está mostrado nas páginas do sítio, tampouco aprovam tudo que é mostrado. Os demais usuários do sítio têm suas possibilidades de resistir, por assim dizer, a certas interpelações construídas pelos mais “favoritos” (ou a qualquer outro), e essa resistência pode assumir ares de rotulação do internauta alvo dos ‘ataques’, como aparece nas palavras “arrogante”, “metido” e “babaca” usadas para taxar ‘Moreno1010’. “Putas de plantão” sugere um ataque cujo significado principal apela a um forte sexismo, no momento em que o substantivo “puta” aparece declinado no feminino para referir-se ao usuário que através de seu perfil procura se afirmar como “homem”. Nesse sentido, podemos pensar que a qualificação feminina de um indivíduo que procura construir solidamente sua masculinidade em sua página pessoal é uma estratégia de depreciação deste indivíduo, na mesma medida em que deixa explícita a ideia de que ser mulher – e não qualquer mulher, mas uma “puta”, uma “prostituta” – é algo ruim, menor, e, no limite, abjeto.

Rastros do amor romântico aparecem em frases como “adoro (...) a possibilidade de um dia encontrar um cara gente boa e ter algo que seja bom para os II [para os dois]”, sugerindo que o disponível.com, enquanto espaço de sociabilidade, possibilita que as relações que ali surjam apontem para outros caminhos que não estritamente a “foda”, a “trepada” ou o “sexo”. Encontrar “um cara gente boa” para “ter algo que seja bom para os dois” é uma ideia que, se não explicita o objetivo de ‘Moreno1010’ em achar um possível relacionamento estável com outro homem através do sítio e através de seu perfil, pelo menos problematiza a noção de que todos os internautas, invariavelmente, procuram *apenas* por sexo neste ambiente. Em seguida ele escreve que não sabe se o contexto do sítio seria o melhor espaço para a consecução disto que ele diz também procurar – esse relacionamento com “um cara gente boa” –, mas afirma que os poucos parceiros que achou através do disponível.com, por sorte, acabaram por se transformar em bons amigos.

Mais uma vez, a possibilidade da construção de vínculos de amizade dentro e a partir do ambiente do sítio se coloca como um caminho para a multiplicidade dos laços que podem

vir a surgir entre os internautas que fazem parte deste contexto. ‘Moreno1010’ investe nesta multiplicidade no trecho em que diz que “se for pra ser amigo, desconhecido, um cara de uma transa que tenha sido bom para os II [dois] ou até mesmo para um relacionamento, ta valendo!”. A publicação de seu perfil no sítio de relacionamentos, sua exposição através de texto, fotos e vídeos pode lhe trazer múltiplas formas de vínculos com outros internautas, de maneira que a expressão “sítio de relacionamentos” adquire toda sua pluralidade: este seria o ambiente em que relacionamentos sexuais, relacionamentos afetivos, relacionamentos de amizade estão *disponíveis* para seus usuários. Aqui se insere uma importante fratura na primeira impressão aligeirada sobre o caráter obsceno, erótico e pornográfico dos perfis do disponível.com, no momento em que não se pode assumir como certeza a premissa que, estrita e exclusivamente, os usuários dos serviços do sítio fazem de seus corpos, seus gêneros e das suas experiências de sexualidade os temas centrais e irredutíveis da sua adesão a esse ambiente. Diversas e insondáveis são as condições que fazem com que ali estejam estes internautas, de modo que o fechamento e a fixação da pressuposição de que aqui só existe ‘sexo e nada mais’ se converte numa posição simplista e reducionista sobre os sentidos dados pelos usuários ao sítio e aos usos da internet como espaço de sociabilidade.

As sugestões de pluralidade e multiplicidade ainda estão no seguinte trecho da pequena narrativa de ‘Moreno1010’: “(...) [quero] dizer a quem chegar a ler que não sou somente o cara dessas fotos e o cara que curte muito esses vídeos, mas sim alguém que pensa e tem o direito a ser ao menos ouvido antes de ser julgado”. Mais uma vez retomando a metáfora do julgamento a que se expõe pela publicação de sua página, ‘Moreno1010’ reivindica para si o direito de mostrar-se de uma maneira distinta daquela que alguns outros usuários o vêem, como um “arrogante”, “metido”, “babaca” e “puta de plantão”. Interessante assinalar que, ao contrário do que o usuário escreve no seu perfil no mês de maio de 2008 como analisei no capítulo três (ele diz naquele mês “sou o da foto”), agora ele escreve que não é “somente o cara dessas fotos” publicadas em sua página. Essa mudança de posição, de uma que supõe um certo reducionismo (“sou o da foto”, do mês de maio) para outra que supõe uma certa multiplicidade (“não sou somente o cara dessas fotos”, do mês de junho) tem em muito a ver com a frase do vídeo de ‘Turbinadodf’: neste, ao dizer que era necessário desligar a gravação para “fuder de verdade”, apontava-se para um adiamento da ‘verdade’ do sexo.

Em ‘Moreno1010’, tal frase sugere, também, um adiamento, mas aqui sugere um adiamento de *quem é* o internauta. Ele diz que não é apenas aquele corpo que aparece nas

fotografias, nem é apenas o internauta que aprecia bastante os vídeos que compõem seu perfil – e podemos aqui pensar que este usuário também não é apenas aquele que escreve os textos de suas pequenas narrativas –, e assim insinua que sua identidade (aquele que ele *é*) não está toda definida ou fixada por aquilo que ele mostra em seu perfil do [disponível.com](http://disponivel.com). O internauta adia e desloca o ponto e o momento de fixação de sua identidade ao afirmar que não ele é apenas o que conta em seu perfil, ou que não está representado integralmente pelos registros que o compõem. A partir disso podemos pensar que sua página pode, sim, ser um aspecto ou uma dimensão daquele quem o usuário é, mas esse trecho em especial nos aponta para a possibilidade de que há uma segunda mão na via do projeto ‘mostrar’: exatamente a via ‘sombrear’, ou a via ‘adiar’, ou a via ‘isentar’. Nestes perfis mostram-se muito alguns aspectos ou algumas dimensões das identidades dos internautas, na mesma medida em que ‘sombreiam-se’ outros aspectos, ‘isentam-se’ outras dimensões ou ‘adiam-se’ as possíveis respostas à pergunta: *afinal, quem são estes indivíduos?*

Os aspectos obscenos, eróticos ou pornográficos dos perfis aqui analisados não se restringem unicamente às suas dimensões sexuais, como procurei mostrar ao longo da minha argumentação. Esses três conceitos podem operar com outras potencialidades na análise, sobretudo para apontar e sublinhar a multiplicidade de possíveis leituras e de possíveis significados para as representações de corpo, masculinidade e sexualidade apresentadas pelos usuários cujas páginas são as mais “favoritas” do [disponível.com](http://disponivel.com). Mais que isso, ao levar os três conceitos ao limite, podemos pensar nos efeitos da intensa exposição na qual apostam os internautas, além de explorar as discontinuidades dos sentidos dados ao corpo neste contexto, por exemplo. Pensar na face, na ‘parte da frente da cabeça’ como sendo uma parte obscena para este ambiente é uma maneira de procurar compreender quais os significados dados a ela, quais os significados dados aos corpos decupados e quais os significados dados para as próprias masculinidades, uma vez que o gênero masculino aqui representado parece estar fortemente baseado na exposição do pênis, e do pênis em atividade sexual.

Por um lado, é exatamente o forte investimento na publicação do pênis como âncora da masculinidade em que repousa o caráter pornográfico das páginas do sítio. A sexualidade, ou o ato do sexo, toma ares de ‘verdade’ sobre os indivíduos ali narrados, retratados e filmados. A pornografia pode ser interpretada como um modo de olhar os corpos, um modo de vê-los, de ‘des-vendá-los’ e de ‘des-cobri-los’, supondo que eles estejam, em alguma medida e em algumas situações, ‘vendados’ – com ‘vendas’ – ou ‘cobertos’ – com ‘coberturas’, ‘en-cobertos’. Por outro lado, o conceito de obscenidade e de erotismo, quando

articulados a essa primeira leitura do conceito de pornografia, podem nos fazer problematizar exatamente esse caráter de permissiva transgressão ou de ordenação do caos da sexualidade que comumente se atribui à pornografia. Dizer que a publicação de fotografias e vídeos de práticas sexuais e masturbatórias explícitas são pornográficas porque nelas o pênis aparece intensa e extensivamente (muitas vezes associado ao ânus profundo e desejante) é uma maneira rasteira de entender a pornografia neste ambiente.

Se entendermos e aceitarmos as proposições de que toda materialidade corpórea é, sempre, marcada e produzida discursivamente (como argumenta Butler), podemos problematizar essas partes dos corpos que são mostradas de maneira tão intensa ao refletirmos sobre os significados atribuídos a elas, ao resgatarmos os discursos a elas associados e que lhes dão condições de emergência como ‘partes que pesam’ ou ‘partes que importam’ para a compreensão e viabilidade dos corpos na nossa cultura. Se assim fizermos, e foi esse o exercício que procurei fazer ao longo destes capítulos, é necessário problematizar os gêneros e os modos de construção do masculino que estão associados e articulados à produção e nomeação dos corpos dentro da nossa cultura. Além disso, pensar sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades sob a ótica da obscenidade, do erotismo e da pornografia tem caminhos férteis se a sexualidade passar a ser entendida como algo construído culturalmente mediante relações produtivas de poder que, ao invés de reprimi-la, incita e estimula sua construção e sua exposição na sociedade (como argumenta Foucault).

E, o mais importante, para recusar a hipótese de que o que há de mais verdadeiro naqueles/as que somos é o nosso sexo (tanto o sexo que praticamos quanto o sexo que inscrevemos nos nossos corpos), procurei tensionar o primado da sexualidade nas atribuições de sentido aos perfis do disponível.com. Muito embora o método por mim utilizado para observar as páginas e produzir os dados não tenha me dado plenas condições de localizar as resistências às interpelações publicadas nos perfis mais “favoritos”, ainda assim procurei trazer excertos que de certa forma implodem com a ideia de que o ambiente do sítio é zona em que o sexo é rei: o “sexo-rei” não reina aqui, pelo menos não homogênea e totalmente a ponto de eclipsar ou subsumir outras formas que os usuários possam ter de dizer de si e de posicionarem-se frente às representações de corpo e masculinidade dos mais “preferidos”.

Contudo, ainda resta refletir de maneira mais aprofundada sobre os sentidos atribuídos aos usuários da rede mundial de computadores como espaço de sociabilidade. Se, como procurei discutir no capítulo dois, a internet pode ser entendida como mais um destes espaços, constituindo-se como uma zona moral para aqueles que a ela recorrem como ambiente para

criação de vínculos com outros indivíduos, seria interessante examinar com mais afinco as possibilidades e os limites com que se deparam os indivíduos que se tornam internautas na sociabilidade *online*. A penetração capilar da *web* atualmente, ainda mais se considerarmos o barateamento dos custos dos microcomputadores, *notebooks* e dos serviços que oferecem conexões com a rede nas grandes cidades brasileiras, dá condições para que outras (novas?) formas de experimentação da sociabilidade sejam produzidas. No que diz respeito aos homens gays, como foi objeto deste estudo, ainda cabe perguntar-nos sobre os modos com que os corpos, as masculinidades e as sexualidades estão implicadas neste processo de atribuição de significado à sociabilidade através da internet. Isso se faz importante porque, como argumentei ao longo destes capítulos, as maneiras de representar os corpos, o(s) gênero(s) masculino(s) e a (homo)sexualidade apontam para sua centralidade no estabelecimento de vínculos entre os internautas. Corpos, masculinidades e sexualidades são significados e representados de maneiras radicais neste espaço, se não criando novas experiências, pelo menos problematizando as formas com que tradicionalmente eles eram vividos socialmente.

Assim, esta pesquisa se propôs como um instantâneo, como um retrato momentâneo porque também é um primeiro movimento de compreensão e de análise desta zona (a internet enquanto espaço de sociabilidade) na qual convergem os discursos sobre corpos, sobre gêneros (com ênfase nas masculinidades) e sobre sexualidades (em especial as homossexualidades). Justamente por isso, estas análises trazem em si, de modo seminal, questionamentos e perguntas a serem esgotados em outras pesquisas.

6 O princípio da ruína: considerações finais

*“O mais importante e bonito do mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
mas elas vão sempre mudando”
(Trecho do perfil de ‘VersatilKcetudo’)*

De onde saí, como me movimentei e onde cheguei? Na construção desta pesquisa muitas foram as relações que estabeleci com os sujeitos que dela fazem parte. Precisei afastar-me deles em muitos momentos, esquecer o texto e esquecer os conceitos, precisei ‘deixar o mato crescer’: deixar as ideias surgirem, deixar o susto se multiplicar, deixar a excitação dar lugar à indignação. Sexo é chato, muito chato, e para me desfazer da sua chatice precisei indignar-me com ele. Precisei ver os corpos retratados e filmados nos perfis de outro modo, com outros olhos, isso para me desviar do ‘buraco negro’ em que se constitui a exposição recorrente dos pênis, ânus, peitorais e abdomens no disponível.com. Excitavam-me as narrativas, as fotografias e os vídeos, o que significa que eu estava implicado no meu objeto, significa que eu tinha uma relação de desejo com aquilo que pesquiso. Essa implicação e esse desejo, contudo, me impediam de ver e de pensar coisas outras que pudessem alargar um pouco mais, sempre mais e mais, as análises que eu me propunha a fazer. A implicação e o desejo em relação ao meu objeto, aos sujeitos da minha pesquisa, eram demasiadamente familiares para mim. Precisei apartar-me desta família, desfazer-me desta família. Precisei exilar-me do desejo.

Para isso, procurei deixar de ver e de pensar para, no lugar deles, tentar *sentir*. Quando desloquei o modo com que eu interpretava as representações de corpo, masculinidade e sexualidade postas nos perfis mais “favoritos”, tentando mover-me do concreto (ver) e do racional (pensar) para o fluxo e para a intensidade (sentir) – exatamente como sugere o velho filósofo francófono –, se produziu em mim um susto, seguido de uma profunda indignação. Observando a dinâmica das páginas dia após dia, com uma paciência monástica ao passar em revista às dezenas de milhares de fotografias publicadas em alguns perfis, me assustei ao ver cenas em que um punho fechado e o antebraço de um indivíduo simplesmente desapareciam ao ser introduzido no ânus de um outro. Assustei-me ao ver um homem usando uma coleira de cachorro, latindo como um cachorro, andando de quatro, tomando a urina de outro homem colocada numa tigela ao chão... como um cachorro. Indignei-me ao ler frases como “TEM QUE SER SARADO, não curto magrelos demais e nem gordos”, pois, ora, eu sou um

magrelo! Com isso dei-me por conta de que eu não poderia deixar de me sentir implicado na pesquisa, pois me indignei ao me reconhecer como um ‘magrelo’ nesta pequena narrativa. Mas, por outro lado, isso me indicou que de certa maneira eu havia rompido com a familiaridade e me exilado do desejo: a indignação e o susto foram primeiros movimentos de estranhamento, de dúvida, de inquietação. “Ser homem gay”, eu me perguntava, “*tem* de ser assim, e *só* assim?”

Foi somente depois de sentir o susto e a indignação que pude operar com os conceitos que me guiaram ao longo das análises. Depois do susto e da indignação tornou-se mais clara a empreitada de reconhecer os conceitos que poderiam potencializar a produção de conhecimento sobre meu objeto: corpo, gênero e sexualidade deixaram de ser familiares, como obviedades que estavam postas nos perfis, e passaram a ser efetivamente conceitos teóricos que me serviram de ferramenta de análise. Eles são a ‘parte do meio’ desta pesquisa, a zona por onde todos os demais conceitos passam, a região em que todos os demais conceitos se articulam. Corpo, gênero e sexualidade foram o caminho por onde eu entrei na pesquisa e eles me levaram a saídas – ou me conduziram para outros caminhos – que outrora era impensáveis. Ao ver repetidas vezes publicadas nas páginas pessoais dos usuários do sítio a palavra “macho”, lembro de um dia eu ter exclamado “mas isso é o fim da política!”. Pois ao operar com os conceitos de corpo, gênero e sexualidade, tentei pensar os “machos” não como o fim de uma política, mas como a sinalização para uma *outra* política.

Para que política, então, sinalizam os “machos” disponíveis? Num primeiro momento, talvez seja importante dizer que esta é uma política de afirmação de identidade: “sou macho”. Política de afirmação, de fixação, de essencialização que diz respeito não só às masculinidades, mas também aos corpos de “macho” e às sexualidades de “macho”. Corpos sarados e pênis imensos: constituem a masculinidade dos “machos” na mesma medida em que dão condições para que eles cheguem a dizer de si, para que se levantem e tomem a palavra, para que se definam. Havia aí uma circularidade, algo como “sou macho porque tenho pênis grande; tenho pênis grande porque sou macho”, que se traduzia em “sou o mais ‘favorito’ porque sou macho; sou macho porque sou o mais ‘favorito’”, circularidade que eu procurei implodir ou interromper. Não cabe perguntar qual veio primeiro, se a ideia de “macho” ou se a conformação dos corpos; cabe perguntar, e foi esse meu exercício ao longo dos capítulos, sobre quais as possibilidades que produziram os “machos” e seus corpos da maneira com que aqui eles se apresentam. Não cabe perguntar o que está por trás dos textos, fotografias e vídeos, se os perfis são falsos ou verdadeiros; cabe perguntar, e assim tentei trabalhar nesta

pesquisa, sobre quais as suas correlações, quais suas conexões, em quais condições um corpo sarado e um pênis imenso chegam a se articular à ideia de “macho”.

Num segundo momento, tal política de afirmação de identidade opera pela exclusão, pelo movimento centrífugo, pela criação de zonas inabitáveis para os “machos”. Gordos, magrelos, muito novos, muito velhos, afeminados, peludos, lisos e depilados, passivos e versáteis: todos são posicionados como o ‘outro’, como o exterior constitutivo dos “machos”, como a diferença da sua identidade. Constrói-se o lugar da diferença (a zona inabitável, aqueles que o “macho” não pode ser, aqueles que o “macho” quer longe dele) pela tirania da identidade. O “macho” procura outro “macho” que dele em nada difere: em tudo é semelhante, ponto a ponto, uma correspondência total entre um “macho” e outro. O único momento em que a identidade se encontra com a diferença, em que o “macho” se encontra com aquilo que ele não é, é na relação ativo/passivo. Mas esse encontro, longe de abrir-se para múltiplas possibilidades, só reforça o “macho”: tão homem, tão homem que chega a penetrar outro homem. Para o “macho”, tudo continua bem, sua identidade ainda não se vê abalada pela diferença, levando ainda desta relação um acréscimo na sua masculinidade. O dilema da masculinidade fica lá com os passivos, mais ainda para os versáteis, que terão de descrever-se continuamente como sendo “discretos”, sempre de modo repetitivo para deixar bastante clara sua “discrição”. Na gramática desta política de afirmação da identidade, a “discrição” é uma palavra pobre, porém indispensável para equacionar a incongruência que se cria quando um homem deixa-se penetrar no ânus (e também pela boca) por outro homem “macho”. Assim sendo, como continuar sendo homem? Não esqueçamos que se há o “macho” ativo, cujo pênis tem grandes dimensões, haverá também o homem passivo, cujo ânus (e também a garganta) será desejante e profundo. Dupla significação, interpenetração dos sentidos dados aos corpos de homem e às sexualidades de homem. Um reforça o outro, sendo que um se põe superior ao outro, um está sobre o outro, um submete o outro. Nesta terra de Marlboro, será que ninguém tem perdão?

E aqui começava o princípio da ruína deste que parecia um bloco coeso, homogêneo e monolítico da identidade “macho”. O sexo dos corpos e os corpos fazendo sexo tornaram-se, a uma certa altura das observações, muito chatos. Mais dos mesmos textos, produção em série de fotografias, tudo se repetia a cada perfil que eu visitasse: os mesmos pênis – que para mim já não pareciam tão imensos –, os mesmos abdomens, as mesmas palavras sussurradas, os corpos nas mesmas posições sexuais; em suma, os mesmos “machos” de sempre. E os mesmos discretos. A repetição das representações de corpo, gênero e sexualidade acabavam

se transformando em obviedades, o que poderia me reconduzir a uma familiaridade cega com meu objeto. Nada pior para uma análise cultural que só ver obviedades sem estranhamentos. Entretanto, voltei a empregar a minha estratégia de outrora: o que eu *sentia* ao ler os textos e ver as fotos e vídeos? Sentia falta de alguma coisa, pois aquela repetição exacerbada, ao mesmo tempo em que enchia a tela do meu computador também o esvaziava de algo que eu não sabia muito bem o que era. A repetição carregava em si um vazio. E justamente ao ler autoras e autores da perspectiva que eu adotei aqui, e ao acreditar nesta perspectiva, foi então que reconheci a importância da valorização das descontinuidades e das rupturas, dos deslizos e dos vazamentos, dos adiamentos, das quebras e das fraturas. O esvaziamento da repetição dos corpos, o vazio da repetição das masculinidades, a falta que se criava pelos modos repetitivos das representações de sexualidade eram preciosos instantes de dúvida, de estranhamento, que poderiam apontar para férteis análises. Então, do que eu sentia falta nos perfis?

Ao me perguntar sobre isso, fui construindo um repertório de conceitos que poderiam se atravessar aos de corpo, gênero e sexualidade para que eu, nessa articulação, pudesse descrever tanto as continuidades das representações das páginas do [disponível.com](http://disponivel.com) quanto seus desvios, incoerências e rupturas. E esse repertório incluía o conceito de rostidade, pois era do rosto que eu sentia falta ali. Esse conceito me ajudou a compreender qual o rosto deste ambiente, ou o que poderia ser significado como rosto neste ambiente – e também me ajudou a pensar que condições fazem com que a face deixe de ser rosto, e que condições fazem com que o pênis seja rostificado. Identidade e diferença foram extremamente úteis como ferramentas teóricas que me fizeram entender o vazio, o adiamento das repetições e das afirmações de identidade que eu lia nos textos e que eu via nas fotografias. O próprio conceito de masculinidade, não como algo separado do de gênero, mas como algo associado e acoplado a ele, pôde me auxiliar a entender as correlações entre as várias maneiras de ser homem, as relações de interdependência entre elas e a importância de pensar também as feminilidades como um exterior constitutivo das masculinidades. O contexto profundamente relacional no qual o objeto se inseria estava para mim oculto por causa de tanta familiaridade, tanta obviedade e tanta repetição. Aliás, essa é uma efetiva estratégia do poder, que invisibiliza as condições no sentido de naturalizar o que se vê. Ao operar com estes conceitos, eu consegui adensar, ‘engrossar o caldo’ das análises. Ver o invisível.

E neste adensamento, ruiu a ideia de que entre os vinte e dois perfis que compunham meu *corpus* a tal política de afirmação da identidade do “macho” era homogênea e coesa.

Não: ela apontava para várias direções. Parti para a contagem numérica daqueles que se diziam ativos, dos passivos e dos versáteis; dos que se diziam homossexuais, bissexuais e curiosos; dos que mostravam exclusivamente o pênis, dos que não mostravam nem o pênis e nem a face, dos que somente mostravam a face. Descobri um certo padrão, é bem verdade, mas também descobri que este padrão era muito mais efeito da força e do peso das representações que uns poucos publicavam em suas páginas do que uma maioria numérica. Masculinidade hegemônica para poucos, então. Mas, como hegemonia nunca foi o mesmo que maioria numérica, passei a investir na compreensão das condições que fizeram com que tais indivíduos pudessem chegar a dizer de si da maneira com que fazem, no ambiente com que fazem. Historicizar a internet, o corpo, as masculinidades e as sexualidades, sempre entendendo-os em um contexto profundamente relacional, possibilitaria visibilizar as correlações que dão sustentação para esta política de afirmação do “macho” e todos seus efeitos. Obscenidade, erotismo e pornografia me ajudaram muito a problematizar a centralidade das representações sobre sexualidade, explicitando de modo bastante claro os perigos da intensa visibilidade a que todos os internautas se candidatavam a ocupar. No ambiente do sítio, assumir a sexualidade como causa e justificativa de tantos textos, de tantas fotografias, de tantos vídeos e de tantas visitas aos perfis traz consigo um nó de problematizações que nem sempre são as mais “preferidas”.

E daí veio a construção disto que chamei de projeto mostrar-sombrear, que em alguns momentos pode ser pensado como projeto aderir-isentar. Um projeto no qual se engajam os internautas mais “preferidos” deste sítio de relacionamentos, que tem toda uma série de condições para acontecer, que produz todo um conjunto de efeitos. Mostrar uma parte do corpo, rostificá-la, recortá-la do resto do corpo, significaria aderir firmemente a um modo bastante específico de ser homem. A sombra significaria a isenção, não como consequência natural e linear, mas como efeito possível, um entre vários, um entre múltiplos. Baseei a construção do projeto mostrar, e de seu correlato projeto aderir, muito por aquilo que eu via, por aquilo que eu enxergava, por aquilo que se expunha obscenamente aos meus olhos. Também usei para sua formulação muitas experiências pessoais sobre internet como espaço de sociabilidade, muitas observações-participantes que integrei sobre a dinâmica social na rede mundial de computadores, assim como pesquisas previamente desenvolvidas por mim sobre comunicação entre indivíduos na *web*. Pensei nestas primeiras vias, a do mostrar e a do aderir, bastante enredado no que eu poderia ver, crente nas experiências que tive. E, como tudo que está eclipsado é incerto e movediço, todas as minhas apostas nas segundas vias, a do

sombrear e do isentar, se basearam naquilo que eu sentia em relação a isto que pesquisava. Pensei nestas segundas vias de um jeito temeroso e inseguro exatamente porque elas não se mostram, exatamente porque elas estão sombreadas e isentadas. Não sei delas, pra onde elas apontam, que transformações elas são capazes de engendrar nos sujeitos desta pesquisa. Cadê o resto dos corpos? Onde estão as outras masculinidades? Se aqui há poder, onde estão as resistências?

Procurei começar a responder a essas perguntas ao salientar que nem todos os internautas mostravam pornograficamente seus corpos, nem todos narravam obscenamente suas masculinidades e suas sexualidades. Há faces além de pênis, e para alguns não há nem um e nem outro! Ao pontuar que nem todos os perfis são pornográficos, e que nem tudo que acreditamos ser pornográfico tem a ver com sexo, tentei tensionar o projeto mostrar-sombrear ao explicar que ele poderia assumir muitos sentidos nas páginas pessoais. Ao falar sobre identidade e diferença, salientando que a diferença constitui a identidade, procurei mostrar que todos os ‘outros’ ganhavam voz ao serem nomeados: os menos “preferidos” são imprescindíveis para os mais “favoritos”.

Mas a pesquisa precisa parar, a escrita precisa contar com um certo número de páginas, as leituras precisam respeitar o tempo da compreensão do leitor. E chegando o momento da interrupção desta pesquisa, não posso deixar de dizer que eu mesmo, enquanto pesquisador, me engajei num projeto mostrar-sombrear, ou aderir-isentar. As análises que eu trouxe ao longo destes capítulos, as discussões sobre ética, internet, corpo, gênero, masculinidades e sexualidades, foram o que eu pude mostrar, discussões às quais eu pude aderir. Há ainda um sem-número de perguntas, de análises e de discussões que aqui estão sombreadas, ou correlações que estão aqui isentadas do texto. Isso em muito se deve ao método de observação dos perfis, um método contemplativo ou uma observação bastante pouco participativa. Eu espiava os perfis, quase que os espionava, eu fui um *voyeur*, um *flaneur*. Um turista. Não interagi com meus sujeitos de pesquisa, apenas observei as dinâmicas que eles produziam em suas páginas pessoais. Não questionei os internautas, apenas anotava as mudanças e as constâncias publicadas em seus perfis. Analisei o que os sujeitos de pesquisa mostravam, o que tornavam público. Tomei-os ‘pela frente’. Depois destes capítulos, então, não seria interessante manter uma interlocução direta com os indivíduos que gerenciam estes perfis? Depois destas análises, não seria interessante interagir com eles, perguntar-lhes sobre os sombreamentos, entender como se constroem e como se

produzem *offline* os modos com que experimentam suas masculinidades gays? Enfim, não seria promissor tomá-los ‘por trás’?

Talvez. Para outros momentos fica a ideia da reformulação metodológica. Por agora fica um exercício de exame e descrição das maneiras pelas quais os internautas representam seus corpos, masculinidades e sexualidades na internet. Mais que isso: fica o exercício de explorar as fugas, os deslizos e as incoerências destes mais “preferidos”. Como recém coloquei, destes exercícios saem os sinais de uma política de afirmação de identidade que desloca sensivelmente o foco da sexualidade para o gênero. O que eu encontrei nos mais “favoritos” foi uma política de afirmação de identidade que desloca o acento na homossexualidade, ou das práticas homoeróticas, e o arrasta para a construção e manutenção das masculinidades. Como defendi ao longo do texto, com isso não suponho que a sexualidade perca sua importância enquanto experiência relevante para estes – ou quaisquer outros – indivíduos, pois reforço a ideia de que para nossa cultura atual a construção das masculinidades está inseparável das experiências das sexualidades. Mas com este trabalho aceno para a possibilidade de que, dentro do campo de disputas políticas na produção e atribuição de significados no qual se traduz a cultura, o pertencimento ao gênero masculino é algo que se quer preservado e garantido. Há indícios, rastros e sinais que sugerem que para alguns sujeitos dizer-se homem é mais importante que dizer-se gay. Ou, de maneira mais clara, é mais significativo dizer-se homem gay que dizer-se um homossexual masculino. Para alguns, faz mais sentido investir na substantivação da masculinidade do que reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade.

A substantivação da masculinidade desempenha uma importante função dentro do contexto pornográfico, obsceno e erótico dos perfis do disponível.com. Uma indicação de que o gênero dá condições para a experiência da sexualidade é o fato de que a forte adesão a uma política de afirmação da masculinidade se cola à ideia da hipersexualização do homem gay: é comum a concepção de que o ‘bicho-homem’ é dominado pelos seus ‘instintos’ e seus ‘hormônios’ quando o assunto é sexo, de modo que quando dois deles se encontram não há empecilho possível para esta sexualidade tida como irrefreável. A imagem de homem gay dos perfis mais “favoritos” do sítio, a paisagem da masculinidade homossexual mais preferida entre os usuários, o rosto que se produz para esta figura conceitual parece estático, sempre idêntico a si próprio. É apenas uma primeira impressão mais aligeirada. Mostrar suas dobras foi meu exercício ao longo das análises, e acredito que também é isto que o internauta ‘VersátilKcetudo’ diz no trecho de seu perfil que serve de epígrafe para este capítulo.

Bibliografia

ABREU, Nuno César. *O Olhar Pornô, Representação do Obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo, o desejo – Uma leitura comprada de Puig, Abreu e Bayly*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2007.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, In: O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.153-172.

BUTLER, Judith. *Performative acts and gender constitutions: an essay in phenomenology and feminist theory*. In: BIAL, Henry. *The performance Studies Reader*. London: Routledge, 2004. p. 154-165.

BUTLER, Judith. *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP. 2003. p. 219-260.

CONNELL, Robert W. *Masculinidades*. Cidade do México: Universidade Nacional Autônoma do México. 2003.

CONNELL, Robert W. *Políticas de Masculinidade*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p. 185-206.

CONQUERGOOD, Dwight. *Performance Studies: Interventions and Radical research*. In: BIAL, Henry. *The performance Studies Reader*. London: Routledge, 2004. p. 311-322.

COSTA, Jurandir Freire. *O referente da identidade homossexual*. In: *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 63-89.

DE LARGY HEALY, Jessica. *Do trabalho de campo ao arquivo digital: performance, interação e terra de Arnhem, Austrália*. In: *Horizontes Antropológicos* nº 21, *Antropologi@web*. UFRGS. 2004. p. 67-96.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 2008.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Mil platôs – volume 3*. São Paulo: Editora 34. 2007.

DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”*. In: *Horizontes Antropológicos* nº 21, *Antropologi@web*. UFRGS. 2004. p. 241-272.

- EUGENIO, Fernanda. *Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay*. In: Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006. p. 158-176.
- FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a Constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC. 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal. 2006a.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes. 2006b.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. São Paulo: Forense Universitária. 2006c.
- FOUCAULT, Michel. *A história da Sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- FRIEDMAN, David. *Uma mente própria – a história cultural do pênis*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.
- GESTALDO, Denise. McKEEVER, Patrícia. *Investigación cualitativa, intrínsecamente ética?* In: Investigación cualitativa en salud en Iberoamérica – Métodos, análisis y ética. Universidad de Guadalajara, Universidad Autónoma de San Luis Potosí, Universidad Autónoma de Nuevo León: 2002. p. 475-480.
- GOELLNER, Silva Vilodre. *A produção cultural do corpo*. In: Corpo, Gênero e Sexualidade – Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 28-40.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura – notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: Educação & Realidade v. 22, nº 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Jul-Dez 1997. p. 15-47.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T. Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais. Belo Horizonte: Vozes. 2007. p. 103-133.
- JACKSON, Stevi. *The Social Complexity Of Heteronormativity: Gender, Sexuality & Heterosexuality*. Palestra dada na Conferência Internacional “Is Heteronormativity a fruitful concept?”. Trondheim, 2005.
- KIMMEL, Michael. *Homofobia, temor vergüenza y silencio em la identidad masculina*. In: Isis Internacional Ediciones de las mujeres nº 24.1997. p. 49-62.

- KNAUTH, Daniela. FACHEL, O., VICTORA, C. *A banalização da aids*. In: Horizontes Antropológicos nº 9. Porto Alegre: UFRGS. 1998. p. 171-202.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 2005a.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: 34. 2005b.
- LOURO, Guacira Lopes. *Conhecer, pesquisar, escrever...* Texto apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2004a. Mimeo.
- LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. In: Educação & Realidade, v. 25, nº2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Julho/dezembro 2000. p. 59-76.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes. 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. In: Educação em Revista. Nº 46. Belo Horizonte: UFMG. Dezembro de 2007b. p. 201-218.
- LOURO, Guacira Lopes. *Heteronormatividade e homofobia*. Notas para a conferência de abertura do I Simpósio Paraná - São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual. 2005. Mimeo.
- LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: O corpo Educado – Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2007a.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004b.
- LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes – e outros ensaios*. Aeroplano: Rio de Janeiro. 2002.
- MEYER, Dagmar Estermann. *As mamas como instituintes da maternidade: uma história do passado?* In: Paradigmas y diseños de La investigación cualitativa em salud – Una antropologia iberoamericana. Universidad de Guadalajara, Universidad Autónoma de Nuevo León, 2002a. p. 375-401.
- MEYER, Dagmar Estermann. *Das impossibilidades de se ver como anjo...* In: Experiências étnico-Culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b. p. 51-70.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e Educação: teoria e política*. In: FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e Sexualidade – Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 9-27.

MEYER, Dagmar Estermann. SOARES, Rosângela de Fátima. *Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme*. In: Caminhos Investigativos III – Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A. 2005. p. 23-44.

MILLE, Daniel. SLATER, Don. *Etnografia on e offline: cibercafês em Trinidad*. In: CARVALHO DA ROCHA, Ana Luiza. ECKERT, Cornélia. *Horizontes Antropológicos* nº 21, Antropologi@web. UFRGS. 2004. p. 41-66.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. In: *Revistas de Estudos Feministas*. Vol. 2000.

NOVAES, Adauto. *O Homem-Máquina – A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

PARKER, Richard Guy. *Corpos, prazeres e paixões – a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller. 1991.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo* [dissertação de mestrado]. Campinas: UNICAMP. 1986.

RIOS, Luis Felipe. *Corpos e Prazeres no circuito da homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro*. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, volº 13, nº 2. Rio de Janeiro. 2008. p. 465-475.

RITMEIJER, Cornelis A. BULL, Sheana S. McFARLANE, Mary. *Sex and the internet – editorial comment*. *Official Journal of the International AIDS Society*, nº 15, 2001. p. 1433-1434.

ROSS, Micheal W. TIKKANEN, Rony. MANSSON, Sven-Axel. *Differences between Internet samples of men who have sex with men: implications for research and HIV interventions*. *Social Science & Medicine*, nº 51. 2000. p. 749-758.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Descobrir o corpo – uma história sem fim*. In: *Educação & Realidade*, v. 25, nº2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Julho/dezembro 2000. p. 49-58.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In: *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A. 2005. p. 99-110.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. *Educação e Pesquisa de práticas sexuais de risco (barebacking)*. In: Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA. 2004. p. 69-82.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. *Heteronormatividade & Educação*. Palestra, Brasília. Novembro de 2007. Mimeo.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. *Pra onde foi a aids? A (in)visibilidade da epidemia*. (mimeo). Palestra de abertura do Seminário Pra Onde foi a Aids. Porto Alegre. 2007.

SEFFNER, Fernando. *O jeito de levar a vida: trajetórias de soropositivos enfrentando a morte anunciada*. Dissertação de Mestrado. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre. 1995.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC. 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais. Belo Horizonte: Vozes. 2007. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade – uma introdução às teorias críticas do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999b.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999a.

SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade. *Vulnerabilidades juvenis à infecção pelo HIV*. 2008.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS como metáfora*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2007.

SOUZA, Jane Felipe de. *O que é pornografia*. Material para a disciplina de Sedução, Pornografia, Pedofilização e Poder. Mimeo. 2007.

TERTO JR, Veriano. *Homossexualidade e Saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/aids*. In: Horizontes Antropológicos nº 17. Porto Alegre: UFRGS. 2002. p.147-158.

TERTO JR., Veriano. *Homossexuais soropositivos, soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS*. In: Sexualidades Brasileiras. Relume Dumará: Rio De Janeiro. 1996. p. 90-105.

TERTO JR., Veriano. *Soropositividade e políticas de identidades no Brasil*. In: Sexualidade pelo avesso – direitos, identidades e poder. São Paulo: 34. 1999.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Record: Rio de Janeiro. 2000.

TRINDADE, José Ronaldo. *Construção de identidades homossexuais na era da AIDS*. In: *Construções de Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempo de AIDS*. Pallas. 2004.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. *Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Vozes. 2007. p. 7-72.

ZAGO, Luiz Felipe. *Codinome Beija-Flor – Um estudo sobre a comunicação interpessoal nas salas de bate-papo sobre sexo entre homens homoeroticamente inclinados do portal Terra Networks Brasil*. 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – FABICO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

Sites consultados:

FOLHA DE SÃO PAULO. *Dez anos de internet na Brasil*. 2005. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/10anosdeinternet/>. Acessado em 21 de julho de 2008.

ANEXOS

Anexo A

Termos e condições para usuários

Os presentes termos e condições de utilização são aplicáveis quando se decide registrar no site na Web (o "Site") Disponível.com é oferecido a você pela Infonet Business Ltda.

Leia atentamente os presentes Termos e condições para usuários antes de iniciar o cadastro no Site. Se você não concordar com os presentes termos e condições para usuários, não deverá efetuar ou manter o cadastro.

1. Aceitação dos Termos e condições para usuários

1.1 Ao clicar em 'Aceito' para registrar ou manter cadastro no site considera-se que aceitou estes Termos e condições para usuário e que você é maior de 18 anos.

1.2 Reservamo-nos o direito de alterar e atualizar ocasionalmente os presentes Termos e condições para usuários. Qualquer revisão dos presentes Termos e condições para usuários serão comunicadas na próxima vez que iniciar uma sessão no Site.

2. Descrição do estado de usuário e de assinante

2.1 Como Usuário, pode usufruir de muitos serviços no Site gratuitamente. No entanto, outras áreas do site exigem o pagamento de uma assinatura de usuário. Para uma descrição completa dos serviços oferecidos neste Site e as opções de assinatura para usuários, clique em no link assinatura do menu superior.

3. Idade para o consentimento

3.1 Tem de ter 18 anos ou mais para se registrar. Se descobirmos ou tivermos motivos para suspeitar que Você não tenha mais de 18 anos de idade, reservamo-nos o direito de suspender ou terminar imediatamente e sem aviso prévio o seu cadastro deste site.

4. Senha, Apelido e Segurança.

4.1 Será responsável por manter a sua senha e o apelido confidenciais e é responsável por todas as atividades que ocorrerão através deles. Não dispomos de meios para verificar a identidade das pessoas que utilizam à área dos usuários e não podemos ser responsabilizados se a sua senha ou apelido forem utilizados por outras pessoas.

4.2 Concorda em alterar sua senha imediatamente após qualquer utilização não autorizada da sua senha ou do apelido ou sobre qualquer outra falha de segurança que possa verificar.

5. As suas garantias

5.1 Você assegura que:

5.1.1 Tem mais de 18 anos de idade;

5.1.2 todas as informações e detalhes disponibilizados por você para nós (incluindo o cadastro como usuário) são verdadeiros, precisos e atualizados em todos os sentidos e em todos os níveis;

5.1.3 Está de acordo com os termos e condições para usuários, incluindo, sem limitações, as restrições relacionadas com a utilização aceitável referidas no parágrafo 6.

5.2 Concorda em nos indenizar e de não nos responsabilizar por quaisquer reclamações ou danos (incluindo quaisquer custos judiciais relacionados) causadas por terceiros em relação a qualquer assunto relacionado ou derivado da Sua utilização do Site ou da Sua assinatura por qualquer infração ou suspeita de infração dos presentes termos e condições para usuários cometidos por você, ou sua violação de qualquer lei ou direitos de terceiros.

5.3 Alertamos que não existe recurso que impeça copia de imagem na internet. Por tal razão, o associado deve estar ciente de que, uma vez inserida na rede virtual qualquer imagem, seja fotografia, figura ou reprodução, é possível sua copia, reprodução ou impressão por terceiros que acessem o site, para inibir imprimiremos o endereço de seu website neste site em seu foto.

5.4 Não nos responsabilizamos por encontros ou relacionamentos travados entre os usuários originados através do site

6. Utilização aceitável

6.1 Apoiamos o fluxo livre das informações e ideias através da Internet, e, sob condições normais, não monitorizamos de forma ativa a utilização do site, incluindo a área de usuários. Tentamos equilibrar este objetivo com as nossas obrigações perante os outros usuários e da própria lei. Por isso, fazemos uma revisão de todos os perfis cadastrados no site pelos usuários, verificamos mensagens instantâneas que contêm certas palavras-chave e registramos a troca de mensagens nas salas de bate papo, para assegurar a conformidade com os presentes termos, e para responder a ou investigar qualquer autoridade ou força policial ou queixa. Também requeremos que Você não:

6.1.1 diga ou faça seja o que for que possa causar indignação, inconveniência, assédio ou ansiedade desnecessária a outras pessoas.

6.1.2 divulgue ou promova produtos e serviços próprios ou de terceiros incluindo a distribuição de mensagens não solicitadas (spam);

6.1.3 utilize uma linguagem desagradável, ameaçadora ou ofensiva, incluindo, sem restrições, uma linguagem racista, sexista, homofóbica ou explicitamente sexual (dependendo no contexto da área do site em que você estiver).

6.1.4 profira comentários insultuosos para ou sobre outros Usuários;

6.1.5 distribua material ilegal, que viole os direitos de autor ou ofensivo, ou quaisquer mensagens ou conteúdos que possam provocar tumultos ou encorajar atividades ilegais ou causar danos em menores.

6.1.6 personalize uma outra pessoa ou usuário;

6.1.7 transfira arquivos contendo vírus, troianos ou outros programas ofensivos.

6.1.8 utilize o site para efetuar qualquer atividade fraudulenta incluindo qualquer "esquema de pirâmide".

6.1.9 acessar ou tente acessar as contas de outros usuários ou penetre ou tente penetrar nas medidas de segurança do Site.

6.1.10 é vedada a inclusão de dados de contato pessoal no perfil do usuário, tais como nome completo, número de telefone, e-mail, icq, endereço, URL, linguagem ofensiva ou que faça apologia a práticas ilegais, qualquer conteúdo que traga informação em que se identifica o titular ou que atentem contra a lei.

6.1.11 não é permitido troca de mensagens contendo links de websites como fotologs, perfis em outros sites e etc. A mensagem poderá ser modificada ou cancelada. Este é um procedimento para impedir que o site seja usado como veículo de SPAM.

6.1.12 não é permitida a utilização do site para prostituição.

6.2 Podemos tomar qualquer uma ou todas as medidas seguintes à nossa discricção:

6.2.1 remover qualquer perfil de usuário (incluindo fotografias) ou qualquer material que, do nosso ponto de vista, pode ser inapropriado ou que pensamos ser ilegal, nos pode colocar numa posição de responsabilidade ou que possa violar os presentes termos e condições para usuários ou onde a lei assim o exige.

6.2.2 emitir aos usuários avisos escritos e/ou quaisquer outras ações suplementares que julgamos serem apropriadas em concordância com este parágrafo 6.2, se tais avisos não forem atendidos.

6.2.3 suspender ou terminar em qualquer altura e sem qualquer notificação o acesso de usuário à área de usuários do site ou à conta do usuário.

6.2.4 informar as autoridades competentes e proporcionar-lhes a informação referente a qualquer atividade suspeita de ser ilegal, ou.

6.2.5 tomar medidas legais contra um Usuário ou outro utilizador do site em relação a qualquer não cumprimento dos Termos e Condições para Usuários ou qualquer atividade ilegal ou suspeita de ser ilegal. Determinar, caso a caso, qual a ação apropriada para ser tomada contra um Usuário.

6.3 Reconhece que podemos estar obrigados por lei ou regulamentação a acessar, monitorizar ou copiar material enviado por ou para usuários sem qualquer notificação para você.

7. Terminar a sua assinatura Gold

7.1 Nenhum reembolso será por nós efetuado quando a sua assinatura Gold for terminada por nós em consequência de uma infração dos presentes termos e condições para usuários.

8. Direitos de autor e outros direitos de propriedade intelectual

8.1 A utilização do site não lhe confere direitos em relação a direitos de autor, marcas comerciais ou outros dos nossos direitos de propriedade intelectual ou dos direitos de propriedade intelectual de terceiros.

8.2 Em caso algum pode, sem limitação, copiar, reproduzir, publicar, transferir, colocar, difundir, gravar, transmitir, explorar comercialmente, comunicar ao público ou utilizar de outra forma o conteúdo incluído ou disponibilizado no site, exceto para o seu uso pessoal e não comercial.

Condicionado pelo supra dito, pode transferir partes não substanciais desse conteúdo para o disco rígido do seu computador com a finalidade da sua visualização, desde que não seja feita mais do que uma cópia dessa informação.

9. Limitações da responsabilidade

9.1 Embora tomemos todas as medidas para corrigir quaisquer erros ou omissões o mais breve possível, logo que somos chamados à atenção, não podemos garantir que o Site esteja ininterruptamente disponível e em condições de plena operacionalidade, nem que a informação no ou disponibilizada pelo site esteja livre de erros e omissões.

9.2 O acesso a este site e ao seu conteúdo pode ser suspenso temporariamente e sem qualquer aviso em caso de uma falha do sistema, da necessidade de manutenção ou reparação ou por motivos fora do nosso controle.

9.3 Salvo que nenhuma informação do presente parágrafo 10 restringe os seus Direitos previstos na lei (incluindo o seu direito de receber um serviço de qualidade aceitável), todos os conteúdos e serviços neste site são disponibilizados "como estão" e "conforme disponível". Não apresentamos nem damos quaisquer garantias em relação ao site ou o seu conteúdo, incluindo, sem limitação, informações disponibilizadas por ou a respeito de outros usuários. Não podemos examinar todos os perfis e entradas dos usuários para assegurar que são adequados e corretos. Qualquer decisão ou ação tomada por você com base nas informações disponibilizadas no ou através do Site é da sua própria conta e do seu próprio risco.

9.4 Devido ao fato de muitos aspectos tecnológicos do Site e do conteúdo nele representado ser disponibilizado por ou, de outra forma, dependente de terceiros, não podemos garantir a exatidão, adequação, plenitude, funcionalidade, qualidade satisfatória, adequação para determinada finalidade, ou ausência de vírus ou de outros programas ofensivos seja no conteúdo, ou acessível através deste Site.

10. Geral

10.1 Não podemos ser responsabilizados por quaisquer falhas por suspensão ou conclusão do acesso ao site ou qualquer conteúdo devido a situações de força maior. Uma situação de força maior inclui, sem limitação, falhas da infra-estrutura, intervenção do governo, guerras, tumultos civis, seqüestro, fogo, inundação, acidente, tempestade, relâmpagos, black-out, ataques terrorista, ou ação industrial que nos afete ou aos nossos fornecedores.

10.2 No caso de qualquer um dos presentes termos e condições para usuários forem considerados ilegal, inválido ou de outra forma não aplicável por força da lei, este, no seio e no âmbito da respectiva jurisdição em que o termo for ilegal, inválido ou não aplicável, será considerado nulo e eliminado dos presentes termos e condições, e os restantes termos serão mantidos em vigor e válidos e continuarão obrigatórios e aplicáveis.

10.3 Os presentes Termos e condições para usuários são regidos e interpretados ao abrigo das leis do Brasil. Disputas que surjam em função dos presentes termos serão sujeitas a jurisdição exclusiva dos tribunais do Brasil.

11. Reclamações e comunicações

11.1 Se tiver qualquer reclamação sobre outro usuário ou qualquer outro aspecto do Site, ou se tiver

qualquer questão ou pretende efetuar qualquer outro tipo de comunicação, pode nos contatar pelo site <http://disponivel.com/suporte>.

ACEITO TODOS OS TERMOS E CONDIÇÕES DE USO E CERTIFICO QUE SOU MAIOR DE 18 ANOS.

Anexo B

Entrevista com Sérgio Di Pietro – idealizador e administrador do sítio (dia 03/12/2007)

1-Quando o disponivel foi publicado na internet?

Nosso primeiro cadastrado data de 12/01/2003 e é de um usuário ainda ativos. Mas já trabalhávamos no site desde novembro de 2002.

2-Como surgiu a ideia de produzir um site de relacionamentos voltado especificamente para o público gay? Houve inspiração em algum outro site já existente, em alguma experiência que viram em outro lugar ou outro país ou algo parecido?

Existia vários sites de relacionamento, porém nenhum com listagem de usuários *online*. A inspiração veio do pioneiro *gaydar* também.

3-Quantas pessoas integram a equipe do disponivel?

Estamos em 12 pessoas trabalhando diretamente no escritório.

4-Em números aproximados, qual o número total de usuários do site?

Estamos beirando os 400 mil.

5-Como foi a evolução desse número, ela experimentou momentos de grande expansão?

Nossa trajetória sempre foi bem estável, os números que recebemos hoje de cadastro são bem superiores aos do começo, porém como já formamos uma grande comunidade não causa o mesmo impacto.

6-De que forma o site cresce, que tipo de propaganda é feita?

Temos diversos tipos de propaganda, o principal é o boca a boca, mas temos ações em clubes, anúncios em outros *websites* e revistas e distribuição de *flyers*.

7-O disponivel publica em sua página uma campanha de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/hiv/aids feita junto com o Grupo Estruturação, integrante do movimento GLBT do Brasil. Existe a preocupação de manter parcerias entre o site e outras ONG do movimento gay? Por quê?

Sim nos estamos sempre engajados no ativismo, na luta contra homofobia, na luta contra a Aids. Acreditamos na responsabilidade social da empresa.

8-O disponível põe trios elétricos nas maiores paradas gays do Brasil. Qual a importância da participação do site em manifestações políticas ligadas à afirmação da identidade gay?

Além do interesse comercial em divulgar nosso produto, como disse, faz parte da responsabilidade social da empresa ajudar no combate a homofobia e na aprovação de leis que garantam direitos aos homossexuais.

9-A receita gerada pela venda de espaços publicitários na página do disponível, bem como pelo pagamento dos serviços do site pelos assinantes, é investida no patrocínio dos trios elétricos postos nas paradas gays, por exemplo?

Sim, exatamente.

10-O disponível diferencia-se de outros sites de relacionamento voltados para o público gay porque dá a chance da publicação de vídeos produzidos pelos próprios assinantes. Como surgiu a ideia de oferecer esse recurso aos usuários? Esse serviço foi demandado pelos próprios usuários?

Temos no suporte, um filtro de dicas e sugestões, grandes mudanças no site vêm desse canal. O vídeo é a nova ferramenta da internet e fotos estão ficando atrasadas.

11-Nos últimos meses, o site passou por várias modificações e ampliações nas suas áreas de atuação (campanhas de prevenção, criação do blog, publicação de notícias da revista A Capa). Essas modificações e ampliações fazem parte de uma política interna deliberadamente planejada de contribuição para a afirmação da identidade gay?

Sim, exatamente. Estamos em mudança permanente, temos diversas páginas sendo refeitas por nosso designer e também pelo programador. A ideia é sempre levar aos nossos usuários mais conteúdo e cada vez melhor.

12- Há novos projetos sendo pensados pela equipe? Se sim, vão versar sobre que temas específicos? Quais as áreas a que esses novos projetos vão se destinar?

Estamos inclinados ao turismo e a ampliação da revista A Capa.

Anexo C

Texto de apresentação do projeto Meta na Sua Cabeça

O Projeto

O Projeto “Meta na sua cabeça: prevenção e tesão devem andar juntos” é fruto de uma parceria entre o site de relacionamentos Disponível.com e a organização não-governamental Estruturação – Grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

(LGBT) de Brasília selada em dezembro de 2006 e lançada ao público em 5 de fevereiro de 2007.

O Projeto tem como locus principal seção permanente no site www.disponivel.com.

Seu objetivo é contribuir para a diminuição dos casos de infecção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre gays e homens bissexuais por meio da informação aos usuários do site a respeito de formas de prevenção dessas enfermidades e da trabalho para a conscientização desse público sobre a importância de fazer sexo mais seguro.

A campanha quer mostrar que todos podem ter vivências sexuais e obterem prazer sem se vulnerabilizarem a doenças. E que, enfim, é alto o preço a se pagar por abrir mão do sexo mais seguro, o qual pode ter como consequência a infecção por diversas doenças, algumas graves como a aids e a hepatites.

Tal foco da campanha tenta dar conta de um grande desafio enfrentado por entidades do governo e da sociedade civil de aumentar o uso de preservativos e de gel lubrificante íntimo nas práticas sexuais. A resposta dada pela campanha é a erotização do preservativo e do gel lubrificante íntimo, o que é feito com a inserção desses produtos na relação sexual de forma natural e estimulante.

Anexo D

Decisão do Superior Tribunal de Justiça

Quebra do sigilo de conversa em sala de bate-papo da internet não é considerada interceptação ilícita

Conversas realizadas em salas de bate-papo da internet não estão amparadas pelo sigilo das comunicações, tendo em vista que o ambiente virtual é de acesso irrestrito e destinado a conversas informais. Com esse entendimento, a Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) negou recurso em habeas-corpus interposto por P. R. de A. Acusado por crime previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (artigo 241), P. R. de A. requeria o trancamento do inquérito policial sob o fundamento de que estaria viciada a prova que deu origem à investigação.

Consta dos autos que a Interpol interceptou uma conversa de P. R. de A. em sala de bate-papo na internet no momento em que foi noticiada a transmissão de imagens pornográficas envolvendo crianças e adolescentes. Tal conduta funcionou como elemento condutor da instauração do referido inquérito policial. A investigação, no entanto, não conseguiu obter provas quanto à autoria do crime.

O Ministério Público pediu novas investigações no material apreendido e, em julho de 2003, os computadores de P. R. de A. foram enviados à perícia. Diante disso, a defesa entrou no Tribunal Regional Federal da 3ª Região, alegando violação do sigilo das comunicações, constrangimento ilegal e abuso na realização da busca e apreensão.

O TRF da 3ª Região negou o pedido de P. R. de A., afirmando que a Justiça Federal é competente para processar e julgar o delito de divulgação de imagens pornográficas de crianças e adolescentes pela internet, nos casos em que, iniciada sua execução no País, o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou reciprocamente, nos termos do artigo 109, inciso V, da Constituição da República. O

Tribunal afirmou que a alegação da atipicidade dos fatos imputados a P. R. de A. não ficou comprovada nos autos.

De acordo com o TRF da 3ª Região, a quebra do sigilo dos dados cadastrais do acusado junto à provedora de acesso à internet não configura constrangimento ilegal, uma vez que determinada por autoridade judicial com base na necessidade de apuração da autoria dos fatos investigados em inquérito policial.

P. R. de A. interpôs, então, recurso no STJ. Ao julgar o caso, o relator do processo, ministro Hélio Quaglia Barbosa, argumentou que o trancamento do inquérito policial em sede de recurso em habeas-corpus é medida excepcional, somente admitida quando constatada a atipicidade da conduta ou a negativa da autoria.

Além de concordar com a decisão do TRF da 3ª Região e negar o pedido do acusado, o ministro recomendou a realização imediata da perícia requerida pelo Ministério Público ao Juízo da 4ª Vara Criminal Federal de São Paulo, sob pena de trancamento da ação penal. Andréia Castro (61) 3319-8256

Coordenadoria de Editoria e Imprensa

Fonte:

http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=368&tmp.texto=80767&tmp.area_anterior=44&tmp.argumento_pesquisa=bate-papo